

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA

A SINTAXE DOS ADJETIVOS ATRIBUTIVOS

CURITIBA

2015

THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA

A SINTAXE DOS ADJETIVOS ATRIBUTIVOS

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José G. D. Foltran

CURITIBA

2015





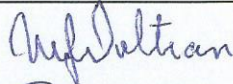
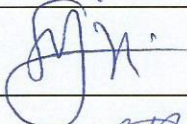

Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

## PARECER

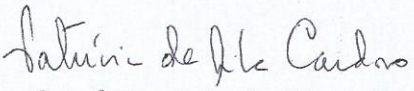
Defesa de dissertação de mestrado de **THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Maria José Foltran, Sérgio de Moura Menuzzi e Marcos Barbosa Carreira arguiram, nesta data, a candidata, que apresentou a dissertação “**A SINTAXE DOS ADJETIVOS ATRIBUTIVOS**”.

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
Dr. <sup>a</sup> Maria José Foltran		APROVADA
Dr. Sérgio de Moura Menuzzi		APROVADA.
Dr. Marcos Barbosa Carreira		APROVADA

Curitiba, 18 de novembro de 2015.

  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia da Silva Cardoso  
Coordenadora



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septuagésima décima segunda, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA**. No dia dezoito de novembro de dois mil e quinze, às quatorze horas, na sala 1020, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Maria José Foltran, Presidente, Sérgio de Moura Menuzzi e Marcos Barbosa Carreira designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada “**A SINTAXE DOS ADJETIVOS ATRIBUTIVOS**”, apresentada por **THAIS LUISA DESCHAMPS MOREIRA**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Maria José Foltran retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração Estudos Linguísticos. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia dezoito de novembro de dois mil e quinze.

Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran

Dr. Sérgio de Moura Menuzzi

Dr. Marcos Barbosa Carreira

Thais Luisa Deschamps Moreira

## Agradecimentos

Como todo trabalho, este também só foi possível graças a muitas pessoas.

Agradeço primeiro à minha família, sem cujo suporte eu não teria conseguido desenvolver esse texto. Obrigada por aceitarem minhas esquisitices, por respeitarem minha autonomia e minhas decisões — em última instância, por acreditarem em mim! — e por me proporcionarem uma vida sempre recheada de alegria.

Aos amigos (não cito nomes, com medo de esquecer algum!), tanto os que me acompanham desde o ensino médio quanto aos que conheci na universidade, aos que estão pertinho e aqueles que estão mais longe, muito obrigada pelo apoio, pelas palavras de incentivo nos momentos de desespero, e por todas as risadas, sempre tão essenciais para que eu pudesse preservar minha sanidade (exagero! Mas é verdade).

À minha banca de qualificação, os professores Maximiliano Guimarães e a professora Maria Cristina Figueiredo Silva, obrigada pelo incentivo, pelos comentários e sugestões (ainda que muitas delas tenham que ficar para trabalhos futuros). Aos dois, ainda, e também à professora Patrícia Rodrigues e aos demais professores do departamento de Linguística da UFPR, devo agradecer pelo papel que tiveram na minha formação. Não é nem um pouco equivocado dizer que eu não estaria onde estou agora sem vocês. Muito obrigada.

Ao Marcos Carreira e ao professor Sérgio Menuzzi, agradeço por terem aceitado fazer parte da minha banca de defesa e por terem aceitado me dar um pouco mais de tempo para concluir o trabalho. Obrigada!

À Mazé, palavras são pouco para expressar a minha gratidão. Sei que não fui a mais fácil das orientandas e espero não ter te causado dores de cabeça demais. Por ter sido sempre uma orientadora interessada e presente, pelas leituras atentas, pelas conversas reconfortantes e por ter sempre se preocupado comigo e com o meu futuro, os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao CNPQ e a CAPES, agradeço pelo apoio financeiro, imprescindível para o desenvolvimento desse trabalho.

Último, mas nem de longe menos importante, ao Vitor. Na falta de uma palavra que expresse o oceano de coisas que devo a você, te agradeço sinceramente *por tudo*. Sem você, nada disso, desde o comezinho lá atrás, teria sido possível.

*“O caos é uma ordem por decifrar”*

JOSÉ SARAMAGO

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo delinear o panorama translinguístico quanto ao comportamento e demais fenômenos que envolvem adjetivos em posição atributiva. Argumentamos que adjetivos nessa posição apresentam particularidades em relação a suas contrapartes predicativas, nomeadamente duas leituras possíveis e restrições de ordenamento não vislumbradas naquela posição (AOR), além de apresentarem duas formas de modificar o nome, hierarquicamente ou em paralelo. Considerando que os dados colhidos de diversas línguas com ordem dos adjetivos preferencial ou rígida atestam sempre o mesmo ordenamento, defendemos que há uma ordem subjacente universal. Seguimos Sproat & Shih (1991) e Cinque (2010) em assumir que as duas leituras possíveis são derivadas de duas formas de inserção de adjetivos no DP: por modificação direta ou por modificação indireta (caso em que os adjetivos seriam, na realidade, orações relativas reduzidas). Quanto ao PB, retomamos os trabalhos de Borges Neto (1979), Boff (1991), Menuzzi (1992), Nunes-Pemberton (2000) e Müller, Negrão & Nunes-Pemberton (2002) para apontarmos as propriedades da posição pré-nominal, as restrições de alguns itens na posposição e questionarmos o estatuto de “adjetivos” de certos itens lexicais. Levando em conta o conjunto dos dados expostos, adotamos a análise de Cinque (2010) para a estrutura dos adjetivos atributivos, contra Dirven (1999), Rosato (2013), Prim (2015) e propostas que tentam derivar os fenômenos expostos a partir de uma abordagem simétrica. Propomos ainda que algumas das críticas feitas à Hipótese do Movimento de Constituintes, como a natureza axiomática das projeções funcionais e a ausência de motivação para o movimento, poderiam ser reparadas se adotássemos hipóteses como as apresentadas por Svenonius (2008) e Panayidou (2013); ressaltamos, entretanto, que esse modelo ainda precisa ser enriquecido para dar conta do comportamento dos adjetivos em PB, especialmente na anteposição, que evidenciam a necessidade de projeções relacionadas à intensificação, avaliação, e possivelmente posições para hospedar adjetivos oriundos de movimento.

*Palavras-chave:* adjetivos, ordem adjetival, sintaxe, Português Brasileiro



## **Abstract**

This work aims to outline a cross-linguistic overview of attributive adjectives, their behavior and additional phenomena related to them. We argue that adnominal adjectives show some singularities when compared to their predicative counterparts, namely exhibiting two different readings and ordering restrictions (AOR), besides being able to modify the name in two different ways, hierarchically or in parallel. Considering that the collected data from several languages that display either preferential or rigid ordering restrictions attest always the same order, we claim there is an underlying universal order. We follow Sproat & Shih (1991) and Cinque (2010) in that the two possible adjectival readings in attributive position are the result of two different ways of inserting adjectives in the DP, by direct or indirect modification (in the latter case, adjectives being actually reduced relative clauses). As for Brazilian Portuguese, we survey the works of Borges Neto (1979), Boff (1991), Menuzzi (1992), Nunes-Pemberton (2000) and Müller, Negrão & Nunes-Pemberton (2002) to indicate the properties of the attributive position, the restrictions affecting postnominal adjectives and also to call into question the adequacy of the label “adjective” for certain lexical items. Taking into account the set of collected data, we assume Cinque (2010)’s analysis for the structure of attributive adjectives, against Dirven (1999), Rosato (2013), Prim (2015) and other proposals that try to derive these phenomena from a symmetric approach. We also suggest that some of the criticisms faced by the Constituent Movement Hypothesis, as the axiomatic nature of the functional projections in the absence of motivation for the movement itself, could be remedied by adopting hypotheses as the ones put forward by Svenonius (2008) and Panayidou (2013). We stress, however, that this model still demands some enrichment to be able to account for the behaviour of adjectives in Brazilian Portuguese, particularly adjectives that appear before the noun, which present evidence towards the need of assuming new projections related to intensification, evaluation and possibly positions that could host moved adjectives.

*Keywords:* adjectives, ordering restrictions, syntax, Brazilian Portuguese

## Abreviaturas

<b>AOR</b>	“Adjective Ordering Restrictions”, ou Restrições de Ordenamento de Adjetivos
<b>CL</b>	Classificador
<b>CMA</b>	Árabe Maronita Cipriota
<b>DEF</b>	Definido
<b>PB</b>	Português Brasileiro
<b>AP</b>	“Adjective Phrase”, ou Sintagma Adjetival
<b>DP</b>	“Determiner Phrase”, ou Sintagma Determinante
<b>IP</b>	“Inflectional Phrase”, ou Sintagma Flexional/de Flexão
<b>NP</b>	“Noun Phrase”, ou Sintagma Nominal

# Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	v
<b>Resumo</b> .....	vii
<b>Abstract</b> .....	viii
<b>Abreviaturas</b> .....	ix
<b>Introdução</b> .....	12
<b>1 Adjetivos e a posição adnominal</b> .....	17
1.1. Propriedades da posição adnominal .....	23
1.1.1. POSSIBILIDADES DE LEITURA PARA ADJETIVOS ADNOMINAIS.....	23
1.1.2. RESTRIÇÕES DE ORDENAMENTO ENTRE ADJETIVOS .....	33
1.1.2.1. Argumentos contra a ordem hierárquica em inglês.....	40
1.1.2.2. Evidência translinguística .....	51
1.1.2.3. “Fugas” à Ordem Universal .....	61
1.1.2.3.1. Foco .....	62
1.1.2.3.2. “Operadores”?.....	65
1.1.2.3.3. Superlativos .....	69
1.1.3. MODIFICAÇÃO PARALELA E MODIFICAÇÃO HIERÁRQUICA .....	73
1.1.4. RELAÇÃO ENTRE POSIÇÃO DO ADJETIVO E SUA LEITURA.....	76
1.2. Síntese do capítulo.....	78
<b>2 Características dos adjetivos em PB</b> .....	82
2.1. Estudos anteriores acerca de adjetivos em PB.....	82
2.1.1. BORGES NETO (1979): (SIN)CATEGOREMATICIDADE E (IN)EXTENSÃO .....	82
2.1.2. BOFF (1991): ADJETIVOS AVALIATIVOS E NÃO AVALIATIVOS .....	87
2.1.3. MENUZZI (1992): ESTRUTURAS ARGUMENTAIS .....	91
2.1.4. NUNES-PEMBERTON (2000): ADJETIVOS, QUANTIFICADORES, DÊITICOS E INTENSIFICADORES .....	96

2.1.5. MÜLLER, NEGRÃO & NUNES-PEMBERTON (2002): ADJETIVOS PREDICADOS, ARGUMENTOS OU QUANTIFICADORES .....	111
2.2. Sintaxe dos adjetivos em PB .....	119
<b>3 Ordem universal como um fenômeno (parcialmente?) sintático .....</b>	<b>136</b>
3.1. Cinque (2010): a Hipótese do Movimento de Constituintes .....	136
3.2. Propostas fundamentadas na semântica.....	141
3.3. Prim (2015): interação entre adjetivos e determinantes .....	146
3.4. A favor de uma base sintática.....	156
3.5. Questões residuais .....	159
<b>4 Percursos de análise .....</b>	<b>162</b>
4.1. Svenonius (2008): núcleos independentemente motivados.....	162
4.2. Panayidou (2013): adjetivos como núcleos ou especificadores .....	169
4.2.1. MODIFICAÇÃO PARALELA E MODIFICAÇÃO HIERÁRQUICA .....	169
4.2.2. MOTIVAÇÃO PARA O MOVIMENTO DE CONSTITUINTES .....	174
4.3. A alternativa simétrica.....	182
4.4. A estrutura adjetival em PB.....	185
4.5. Alguns últimos dados potencialmente problemáticos .....	200
<b>Considerações finais .....</b>	<b>202</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>206</b>
<b>Glossário .....</b>	<b>210</b>

## Introdução

A noção de “adjetivo” enquanto classe de palavras pode ser definida tanto em termos de suas propriedades sintáticas quanto morfológicas ou semânticas. A adoção de um critério puramente sintático, morfológico ou semântico, entretanto, assim como para outras categorias, também não se mostra produtiva no caso dessa classe, mas de forma especialmente acentuada, uma vez que ela apresenta uma uniformidade muito menor em seu comportamento entre as línguas que nomes ou verbos.

Na tradição greco-romana, adjetivos são associados a substantivos devido às propriedades morfossintáticas compartilhadas por essas classes na maioria das línguas da família indo-europeia. Como define Perini (2009), o adjetivo é tipicamente entendido como um modificador do nome, seja em posição atributiva (modificando diretamente o nome-núcleo) ou predicativa (ligado ao nome por verbos de ligação ou em *Small Clauses*), e assume uma morfologia similar à dele — em português, por exemplo, o adjetivo se flexiona tanto em número quanto em gênero (quando possível), concordando com o nome-núcleo ao qual se junta.

Entretanto, como aponta Dixon (2004), os conceitos semânticos vinculados ao que se costuma chamar de “adjetivo” nessa tradição — como, entre outras, as noções de *dimensão* (e.g. “grande”/“pequeno”), *idade* (e.g. “novo”/“velho”), *cor* (e.g. “vermelho”/“verde”), *valor* (e.g. “bom”/“ruim”) — podem se manifestar também (e frequentemente o fazem) em formas verbais em outras línguas (comumente, por exemplo, como predicados intransitivos); em formas que se identificam *tanto* com nomes *quanto* com verbos; ou em formas que não se identificam com nenhuma dessas classes. Assim, que palavras constituem a classe dos adjetivos em cada língua, ou mesmo a possibilidade de aferir a existência dessa classe em todas as línguas, depende em grande medida de uma avaliação particular do léxico de cada uma e de uma análise cuidadosa das diferenças de comportamento que potenciais adjetivos podem apresentar em relação a nomes e a verbos.

Independentemente dessas propriedades, porém, em várias línguas é possível que adjetivos (tendo eles características mais verbais ou mais nominais) possam modificar nomes dentro de sintagmas determinantes (doravante DPs), seja somente com a aposição do adjetivo ao nome-núcleo ou inseridos em uma oração relativa (ou construção similar<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> Não nos referimos aqui somente a orações relativas “completas” (pelo menos nos moldes do PB), mas também a formas reduzidas ou que possivelmente possuem alguma semelhança estrutural com relativas. Em mandarim,

Nessa posição, é frequente que mais de um adjetivo possa ocorrer, como podemos ver, por exemplo, em português brasileiro (doravante PB):

- (1) o carro *vermelho novo*
- (2) a mesa *chinesa redonda*
- (3) o *suposto violento* assassino
- (4) a *adorável bela* bailarina

Esse tipo de construção, tanto em PB quanto em outras línguas, é frequentemente sujeito a restrições semânticas/sintáticas/morfológicas que diferem daquelas que operam sobre a posição do adjetivo como predicado em uma estrutura copular ou em uma oração relativa, o que leva a crer que uma análise que derive todos os adjetivos adnominais de construções como essas não seria adequada (isso será tratado com mais detalhe ao longo do trabalho).

Ainda que a maioria das gramáticas simplesmente aponte que adjetivos, como adjuntos, podem ser acrescentados livremente e sem particulares limitações entre si no PB, essa não parece ser uma descrição adequada da realidade da língua. A maioria dos estudos sobre adjetivos em português dos quais temos conhecimento se focou sobre a distinção entre as posições pré e pós-nominal, considerando-se na maior parte das vezes dados com apenas um adjetivo por vez; as regras que operam sobre a inserção de mais de um adjetivo ao mesmo tempo no DP, entretanto, apesar de também oferecerem pistas potenciais acerca da estrutura subjacente às posições pré e pós-nominal, foram pouco exploradas, de modo que tanto as generalizações passíveis de serem feitas quanto as restrições que atuam nessa construção são pouco conhecidas.

Nessa estrutura, emerge ainda um fenômeno de especial interesse para este trabalho: as Restrições de Ordenamento de Adjetivos — em inglês, AOR (*Adjective Ordering Restrictions*). Ainda que a existência dessas restrições em PB tal como descritas na literatura não seja clara, elas estão presentes em várias línguas do mundo, sendo o caso mais conhecido, sem dúvida, o do inglês:

---

por exemplo, muitos adjetivos assumem a forma de predicados intransitivos, mas podem ser modificadores nominais se seguidos, dentro do DP, da partícula ‘*de*’. A mesma partícula aparece junto a orações relativas completas dentro do DP nessa língua, o que aponta para a possibilidade de os “adjetivos”, se não forem eles próprios sentenças relativas, ao menos exibirem alguma similaridade com essas construções. Isso será mencionado ao longo do trabalho.

- (5) a *big red* balloon
- (6) \*a *red big* balloon

Em inglês, a sequência em (5) pode ser dita em qualquer contexto e é não marcada; a sequência linear em (6), entretanto, é geralmente agramatical, exceto se acrescida de uma entoação específica ou em um contexto informacional que a favoreça. As restrições de ordem afetam a todos os adjetivos pré-nominais concatenados nessa língua, e também podem ser encontradas em outras, como o grego ou galês; o mais curioso e instigante, porém, é que a ordem rígida ou preferencial encontrada entre as línguas é aparentemente sempre a mesma<sup>2</sup>.

Dois ou mais adjetivos também podem modificar o nome-núcleo ao mesmo tempo em coordenações:

- (7) o brinquedo *pequeno e leve*
- (8) o *leve e pequeno* brinquedo
- (9) the *light and small* toy
- (10) the *light, small* toy

Quando coordenados, os adjetivos não parecem estar sujeitos às mesmas restrições de ordem do encaixamento direto. Entretanto, essa estrutura apresenta outras possibilidades e limitações que merecem ser investigadas e que potencialmente podem ajudar a esclarecer outros aspectos das construções adjetivais.

Buscaremos investigar neste trabalho, portanto, que tipos de relações se estabelecem entre adjetivos coocorrentes no DP e entre eles e o nome-núcleo, tanto em coordenações quanto em construções de encaixamento direto, procurando compreender tanto a posição que o PB ocupa no panorama translíngüístico em termos das propriedades sintáticas e semânticas de seus adjetivos quanto que generalizações mais abrangentes são passíveis de serem feitas acerca dessa classe. Na medida do possível, tentaremos também apontar, dentre as análises disponíveis, qual seria a mais adequada para dar conta dos fenômenos apresentados, que tipo de modificações poderiam (ou precisariam) ser implementadas, e os problemas remanescentes que demandam futuros esforços de investigação.

---

<sup>2</sup> Não nos referimos necessariamente à ordem superficial, e sim à ordem subjacente. Tal distinção, assim como as ordens em si, será abordada na seção 1.1.2.

Devido a percalços que se impuseram no percurso desse trabalho, os dados utilizados sobre o PB foram majoritariamente de introspecção. Ainda que tal método apresente limites potenciais, especialmente ao tratarmos de fenômenos mais nebulosos como os dados em questão, consideramos que esse é um método aceitável para uma primeira aproximação dos fenômenos em questão. Sentenças ou sequências com gramaticalidade mais questionável foram conferidas com outros falantes para evitar vieses individuais da autora. Também trazemos dados, de passagem (como ilustração) ou com maior profundidade, do coreano, japonês, mandarim, inglês, espanhol, catalão, galês, finlandês, malaiala, servo-croata, russo, hebraico, árabe moderno, árabe maronita cipriota, grego, barese e indonésio, relacionados eventualmente ao fenômeno maior em discussão ou apenas a um ponto específico em análise.

Esse trabalho se situa dentro o quadro teórico gerativo-transformacional e da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1965, 1981, 1986), tomando como base seus pressupostos. Não temos a intenção de nos vincularmos a um desdobramento específico dessa perspectiva; entretanto, em alguns momentos do texto, os autores citados lidam com algumas propostas específicas, que serão então colocadas em discussão conforme a necessidade.

A dissertação está organizada da seguinte maneira: no capítulo 01, descrevemos o comportamento de adjetivos adnominais em diversas línguas — sua distribuição sintática, suas leituras, e mecanismos de natureza morfológica e fonológica que podem interferir em uma ou na outra —, com especial atenção ao fenômeno das AOR. No capítulo 02, abordamos trabalhos que se debruçaram especificamente sobre os adjetivos em PB, buscando conciliar as observações feitas acerca dessa língua com os dados translinguísticos apresentados no capítulo anterior. No capítulo 03, revisamos a hipótese de Cinque (2010) sobre as duas formas de inserção de adjetivos no DP e subsequente possibilidade de Movimentos de Constituintes (contendo o N), que consideramos a mais próxima de representar adequadamente os dados expostos, assim como algumas das críticas e contrapropostas já feitas a ela, como Dirven (1999) ou Prim (2015), e nossas razões para continuarmos a assumi-la como modelo mais viável para retratar as estruturas descritas, apesar de suas deficiências. No capítulo 04, apresentamos tentativamente algumas alterações no modelo assumido que poderiam dar conta, ainda que parcialmente, de algumas das falhas previamente apontadas, assim como virtuais caminhos que poderiam ser perseguidos em termos de análise. Nas considerações finais, resumimos as



principais conclusões do trabalho, assim como indicamos as lacunas e perguntas residuais que demandam futuros estudos.

Ao final do texto, listamos um pequeno glossário com alguns dos conceitos citados ou frequentemente utilizados no decorrer da dissertação a que o leitor não tão familiarizado pode recorrer caso alguma definição lhe escape em algum momento.

## 1 Adjetivos e a posição adnominal

Como já apresentado na introdução, a categoria dos adjetivos não é de fácil identificação ou delimitação entre as línguas. Há algumas, como o coreano ou o mandarim, em que noções como cor, propriedades físicas ou mesmo julgamentos de valor aparecem em formas verbais:

(11) *Coreano*

a. VERBO

<i>alh</i>	<i>-usi</i>	<i>-ess</i>	<i>-keyss</i>	<i>-sup</i>	<i>-ni</i>	<i>-ta</i>
estar.doente	- HON SUJ	- FL	- MODAL	- HON INT	- MODO	- DEC <sup>3</sup>

“(alguém mais velho) deve ter adoecido”

b. ADJETIVO

<i>coh</i>	<i>-us</i>	<i>i-ess</i>	<i>-keyss</i>	<i>-sup</i>	<i>-ni</i>	<i>-ta</i>
feliz	-HON SUJ	-FL	-MODAL	-HON INT	-MODO	-DEC

“(alguém mais velho) deve ter estado feliz”

(SOHN 2004:228)

(12) *Mandarim (Chinês)*

a. ADJETIVO

Léiléi bù ěi  
 Leilei não baixo  
 “Leilei não (é) baixa”

b. NOME

\*tā bù xuésheng  
 3<sub>SG,F</sub> not student  
 “\*Ela não (é) estudante”

(ARCODIA 2014:100-101)

Em mandarim, a partícula de negação ‘*bù*’ é usada só para verbos, não para nomes. Dessa forma, a possibilidade de adjetivos serem negados com ‘*bù*’, como em (12a), coloca-os em paralelo com os verbos<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Em ordem da esquerda para a direita: honorífico direcionado ao sujeito, flexão, partícula modal, honorífico direcionado ao interlocutor, modo (indicativo) e tipo de sentença (declarativa, nesse caso). Verbos e adjetivos compartilham quase todas as mesmas partículas.

Todavia, em outras línguas, como o PB, é a distinção entre adjetivos e substantivos que nem sempre é clara:

- (13) a. Um pintor cego  
b. Um cego pintor
- (14) a. O velho chato  
b. O velho homem

Em (13), o item lexical “cego”, que funciona como adjetivo em (13a), ao ser reordenado em (13b) passa a exercer a função de núcleo nominal; já em (14), ainda que “velho” aparentemente possa ser um substantivo (como em (14a)), em (14b), a interpretação preferencial (se não única) é considerá-lo como um modificador do nome-núcleo, “homem”, mesmo que isso signifique interpretá-lo na posição pré-nominal, não canônica. A identificação de um item lexical como adjetivo ou como substantivo em PB, quando coocorrendo com outros virtuais candidatos, parece depender, dentre outros fatores, da carga referencial que cada item potencialmente exerce.

Dixon (2004) aponta ainda a existência de línguas em que adjetivos apresentam características tanto de nomes quanto de verbos, e línguas em que eles constituem uma classe com propriedades total ou parcialmente distintas de ambos. No primeiro caso estariam línguas, por exemplo, como *tariana*<sup>5</sup> ou *nunggubuyu*<sup>6</sup>, em que o adjetivo apresenta um comportamento nominal (e.g. concordância de número, classificadores, prefixos específicos, etc.) quando modificando o nome dentro do DP, e se flexiona como um verbo quando preenchendo a posição de núcleo de predicado. Esse tipo de comportamento da classe dos adjetivos aparentemente não é comum, e são poucas as línguas conhecidas que o possuem. O segundo caso, por sua vez, englobaria línguas como o Inglês, em que o adjetivo apresenta algumas marcações morfológicas exclusivas à classe (e.g. o comparativo ou o superlativo), não pode aparecer nem como núcleo nominal e nem como núcleo verbal, mas em contrapartida é o único que pode figurar sozinho como complemento de uma cópula (substantivos precisam ser acompanhados de algum tipo de determinante):

---

<sup>4</sup> Diferentemente do coreano, no entanto, em mandarim nem todos os adjetivos podem aparecer sozinhos como predicados. Os chamados “adjetivos não predicativos” (como, por exemplo, “falso”) precisam primeiro ser nominalizados com a partícula ‘*de*’ para então aparecerem acompanhados da cópula ‘*shi*’ (assim, mais próximos de uma estrutura de *Small Clause*).

<sup>5</sup> Língua aruaque da região do Amazonas.

<sup>6</sup> Língua aborígine do norte da Austrália.

- (15) a. *smartest* / \**personest* / \**eatest*  
b. \**the smart* / *the person*  
c. \**she smart(s)* / *she eats*  
d. *she is smart* / \**she is person* / \**she is eat*

Todos esses itens lexicais nessas diversas línguas e nesses variados contextos poderem de fato ser considerados da mesma forma “adjetivos” é uma questão que, por si só, já exigiria uma longa e aprofundada discussão. Ainda que as suas características morfológicas muitas vezes não sejam suficientes para determinar se eles fazem ou não parte de uma classe separada dos nomes/verbos em cada língua, no entanto, há, conforme afirma Dixon (2004), uma propriedade que é geralmente apontada como prototípica dessa categoria, manifestando-se tanto em línguas cujos adjetivos têm um comportamento mais nominal quanto naquelas em que se aproximam de verbos: a modificação do nome-núcleo dentro do DP/NP. Em PB, aparentemente todos os adjetivos podem figurar em posição adnominal, enquanto não é frequente que nomes o façam (a não ser por intermédio de uma preposição ou em uma sentença relativa):

- (16) a. Uma análise *textual*  
b. Uma análise *do texto*  
c. \*Uma análise *texto*

Em inglês, é possível encontrarmos nomes funcionando como modificadores do nome-núcleo; no entanto, diferentemente dos adjetivos (exceto em certos casos lexicalizados), os modificadores nominais formam compostos com o nome que acompanham, como é possível ver, por exemplo, pela impossibilidade de aparecerem em construções de cópula:

- (17) a. *the red hat*  
b. *the hat is red*
- (18) a. *the door bell*  
b. \**the bell is door*

O teste de utilizar o adjetivo junto de um verbo copular, entretanto, não é completamente eficaz, uma vez que nem todos os adjetivos são predicativos (isto é, podem aparecer ligados ao nome por um verbo de ligação ou em uma *Small Clause*). Entre aqueles

que não podem aparecer em construções de cópula estão os chamados adjetivos não intersectivos (assim chamados por, em termos da teoria de conjuntos, não serem capazes de delimitar um conjunto próprio, como “suposto” e “próximo”) e os classificativos (como “nuclear” em *físico nuclear*). Os não intersectivos, ainda que não possam aparecer em posição predicativa, podem ser separados do nome-núcleo por outras palavras, um teste comum para discernir compostos de NPs:

- (19) a. the *alleged* killer  
       b. the *alleged cruel* killer
- (20) a. the *door* bell  
       b. \*the *door golden* bell

Para os classificativos, no entanto, a tese de que formariam compostos com os nomes é frequentemente advogada. Além de não poderem aparecer em posição predicativa, diferentemente dos não intersectivos, eles também precisam aparecer diretamente adjacentes ao nome-núcleo:

- (21) a. the *nuclear* physicist  
       b. \*the physicist is *nuclear*  
       c. \*the *nuclear American* physicist
- (22) a. o engenheiro *nuclear*  
       b. \*o engenheiro é *nuclear*  
       c. \*o engenheiro *americano nuclear*

Adjetivos classificativos, como apontam Alexiadou, Haegeman & Stavrou (2007), subcategorizam ou classificam o nome que modificam, construindo taxonomias; em muitos casos, eles denotam propriedades concretas que tornam o referente cognitivamente saliente, e por isso “*nós podemos quase dizer que a combinação adjetivo+nome identifica uma ‘classe natural’*” (p.318)<sup>7</sup>. Assim sendo, não é surpreendente que muitas vezes a combinação de nome e adjetivo classificativo se aproxime da leitura de um composto. Entretanto, como

---

<sup>7</sup> Certos autores propõem que adjetivos classificativos (e étnicos/referenciais; em outros termos, “adjetivos relacionais”, como será desenvolvido ao longo do capítulo 02) selecionam *kinds*. Não iremos contemplar essa hipótese. A quem possa interessar, isso será novamente mencionado com um pouco mais de detalhe na nota 24.

alguns autores já defenderam, há algumas diferenças entre compostos como em (20) e a modificação adjetival em (21) e (22).

Bosque & Picallo (1996), ao tratarem do assunto, apontam alguns critérios para distinguir adjetivos em função classificativa de verdadeiros compostos. Em primeiro lugar, adjetivos classificativos (em espanhol, mas também em PB) se flexionam em número e gênero, enquanto compostos frequentemente não apresentariam flexão interna (e.g. “\*taxi drivers”). Como em PB, porém, alguns compostos se flexionam (e.g. “amor-perfeito”, “amores-perfeitos”) e, em inglês, a flexão de número também não se apresenta nos adjetivos (“\*beautiful girls”), esse não parece ser um bom critério para discernir entre as duas construções, ao menos nessas línguas. Um segundo meio de distinguir compostos de adjetivos classificativos é submetê-los a certos processos sintáticos que não seriam comuns a compostos. Por exemplo, adjetivos classificativos podem aparecer com o nome elíptico em espanhol — e também em PB, como também já apontou Prim (2015) —, enquanto compostos não podem aparecer com tal construção:

- (23) las incursiones aéreas y las [e] terrestres  
 “as incursões aéreas e as terrestres”  
 (BOSQUE&PICALLO, 1996:364)

(24) os engenheiros mecânicos e os [e] civis

(25) \*o guarda-roupa e o [e] -chuva

Além disso, em Catalão, nomes acompanhados por adjetivos classificativos podem ser submetidos à pronominalização por *en/ne*, enquanto os núcleos de compostos, não:

(26) (D’incursions) **n**’he vist d’aèries i de terrestres.

“(Quanto às incursões) eu já as vi áreas e terrestres.”

(27) a. \*(D’homes) **n**’he vist de bala i d’objecte.

(Quanto aos homens) eu já vi homens-bala e homens-objeto.

b. \*I met taxi drivers but not truck **ones**.

(BOSQUE&PICALLO, 1996:365)

Outra pista empírica proviria de coordenações: um adjetivo pode modificar ao mesmo tempo dois nomes (ou dois compostos), mas não duas sequências [N A].

- (28) a. \*[fonética experimental] y [fonología teórica] francesas  
 “fonética experimental e fonologia teórica francesas”  
 b. \*[industria marisquera] y [producción algodonera] europeas<sup>8</sup>  
 “indústria de mariscos e produção de algodão europeias”  
 (BOSQUE&PICALLO, 1996:365)
- (29) Vendemos carne-seca e cachorro-quente caseiros.  
 (PRIM, 2015:50)

De acordo com os autores, esses fatos constituem evidência de que adjetivos classificativos, assim como quaisquer outros, projetam projeções máximas, diferenciando-se desse modo de verdadeiros compostos.

Dessa forma, mesmo que outros itens lexicais possam aparecer modificando o nome-núcleo dentro do DP em inglês, o tipo de relação que eles estabelecem com o núcleo é diferente daquele instituído pelos adjetivos. Além disso, o fato de que há adjetivos exclusivamente adnominais em PB (isto é, que não podem aparecer em construções de cópula ou em *Small Clauses*) também parece apontar para a presença de uma relação particular entre a posição adnominal e essa classe. De fato, Dixon (2004) menciona a existência de algumas línguas em que adjetivos funcionam exclusivamente como modificadores do nome dentro do DP, o que parece reforçar essa hipótese<sup>9</sup>. Porém, se assumimos que a posição adnominal realmente tem uma ligação mais estreita com a classe dos adjetivos que a posição predicativa, esperamos encontrar nela algum tipo de particularidade em relação ao comportamento adjetival que não poderia ser visto na outra.

Com efeito, isso se encontra. A despeito da morfologia com a qual a classe dos adjetivos se manifesta, encontramos entre as línguas dois fenômenos amplamente disseminados que estão intrinsecamente ligados à posição adnominal: restrições quanto ao posicionamento de adjetivos adnominais — em contraste com a ordem livre entre orações relativas (ou, ao menos, independentemente motivada, e.g. por questões de escopo); e a diferença entre as leituras possíveis nessa posição e em função predicativa. Ainda que essas

<sup>8</sup> Os exemplos em (28) seriam potencialmente melhores em PB se os nomes estivessem acompanhados de artigos (i.e. “a fonética experimental e a fonologia teórica francesas”, “a indústria pesqueira e a produção industrial europeias”). Entretanto, note-se que o exemplo em (29) é bom mesmo sem esse artifício.

<sup>9</sup> O autor menciona ainda a existência de algumas línguas em que a potencial classe de “adjetivos” não pode figurar em posição adnominal, ao invés disso aparecendo unicamente como complemento em construções de cópula (p.28). Entretanto, nessas línguas, a suposta classe de “adjetivos” também apresenta função adverbial e engloba itens referentes a tempo e espaço (e.g. “hoje”, “agora”, “atrás”, etc.), de modo que não é claro se tratar da mesma categoria.

duas propriedades estejam intimamente ligadas, vejamos primeiro cada uma delas separadamente; trataremos desta na seção 1.1.1, e daquela na 1.1.2.

## 1.1. Propriedades da posição adnominal

### 1.1.1. POSSIBILIDADES DE LEITURA PARA ADJETIVOS ADNOMINAIS

Para o PB, a possibilidade de adjetivos adnominais apresentarem mais de uma leitura foi razoavelmente explorada devido ao foco que muito frequentemente se deu nos estudos nessa língua à diferença entre as posições pré e pós-nominal. Adjetivos que aparecem exclusivamente em uma ou na outra posição naturalmente apresentam limitações quanto às pistas que podem oferecer acerca das divergências interpretativas entre elas; no entanto, há uma quantidade razoável de adjetivos que podem ser inseridos tanto pré quanto pós-nominalmente, assim possibilitando uma comparação mais direta.

Para alguns adjetivos, o contraste entre as interpretações em cada uma das posições é evidente:

- (30) a. um *novo* professor  
b. um professor *novo*  
c. o professor é *novo*
- (31) a. uma *bela* dançarina  
b. uma dançarina *bela*  
c. a dançarina é *bela*

Em (30a), o adjetivo “novo” é exclusivamente interpretado como “novo enquanto professor”; não é possível interpretar esse adjetivo como fazendo referência à idade do indivíduo. Em (30b), no entanto, a leitura é ambígua entre essas duas possibilidades (ainda que, a depender do contexto, possa haver uma interpretação preferencial). Em (30c), podemos ver que a posição predicativa apresenta o mesmo comportamento que o adjetivo pós-nominal. Em (31), temos razoavelmente as mesmas circunstâncias, com a diferença de que não há ambiguidade na leitura pós-nominal, e sim na posição pré-nominal. Em (31a), pode-se interpretar “bela” como fazendo referência tanto à beleza física da dançarina quanto à sua forma de dançar (em uma função quase adverbial); em (31b), no entanto, diferentemente de (30b), não temos a possibilidade de ambas as leituras, e sim apenas da primeira. Ainda assim,



em posição predicativa, o adjetivo novamente apresenta o mesmo comportamento do adjetivo posposto.

Além dos casos em que há essa clara diferença de sentido, há outros em que a distância entre as leituras em cada posição não é tão clara:

- (32) a. um *habilidoso* jogador  
 b. um jogador *habilidoso*
- (33) a. as *violentas* manobras  
 b. as manobras *violentas*

Em tais exemplos, diferentemente de (30)-(31), a distinção (se é que há) parece ser mais sutil. A tradição gramatical costuma citar como uma possível análise a oposição entre adjetivos restritivos e explicativos. Segundo essa hipótese, adjetivos pré-nominais teriam uma leitura explicativa (isto é, que especifica/explica o referente, mas não altera a extensão designada pelo nome-núcleo), enquanto os adjetivos pós-nominais restringiriam o conjunto delimitado pelo núcleo. Assim, em (33a), todas as manobras ao qual o falante faz referência são entendidas como *violentas*, enquanto, em (33b), o adjetivo estabelece o subconjunto das *manobras violentas* dentro daquele já pré-delimitado das *manobras*.

A possibilidade de adjetivos apresentarem leitura restritiva/explicativa e a ligação de cada uma delas a uma determinada posição sintática (quando possível) são fenômenos que já foram apontados para várias línguas. De fato, Cinque (2010) assinala que não apenas essa dicotomia, como também uma série de outras, parece estar frequentemente correlacionada às posições pré e pós-nominal nas línguas românicas e germânicas — com a importante diferença de que a ambiguidade se encontra espelhada: enquanto em PB, por exemplo, a posição pós-nominal apresenta ambiguidade e a posição pré-nominal é especializada para a leitura explicativa, em inglês é a posição pré-nominal que é ambígua, tendo a pós-nominal leitura exclusivamente restritiva:

- (34) All of his *unsuitable* acts were condemned.<sup>10</sup>
- a. Todas as suas atitudes foram inadequadas e foram condenadas. (não restritiva)
- b. Todas (mas apenas) as suas atitudes que foram inadequadas foram condenadas. (restritiva)

<sup>10</sup> Todos os exemplos desse segmento são de Cinque (2010), com as traduções para o PB sendo minhas, a menos que apontado o contrário.

- (35) Every word *unsuitable* was deleted.
- a. #Todas as palavras foram deletadas, eram inadequadas. (não restritiva)
  - b. Todas as palavras que eram inadequadas foram deletadas. (restritiva)

De acordo com o autor, esse padrão se repete para uma série de outras propriedades:

1) *Leitura individual-level vs. stage-level*

A distinção entre as leituras individual-level e stage-level é bastante conhecida na literatura: a primeira denota uma propriedade tomada como inerente ou permanente, enquanto a segunda, uma propriedade temporária (temporalmente dependente). Segundo Cinque (2010), nas línguas românicas, a posição pré-nominal se especializa na leitura individual-level, sendo as duas leituras possíveis pós-nominalmente; já em inglês, a ambiguidade se encontra pré-nominalmente, e a posição pós-nominal mais frequentemente veicula a leitura stage-level:

- (36) The *visible* stars include Aldebaran and Sirius.
- a. As estrelas geralmente visíveis incluem Aldebaran e Sirius. (individual-level)
  - b. As estrelas visíveis agora incluem Aldebaran e Sirius. (stage-level)
- (37) The (only) stars *visible* include Aldebaran and Sirius.
- a. #As (únicas) estrelas geralmente visíveis incluem Aldebaran e Sirius. (individual-level)
  - b. As (únicas) estrelas visíveis agora incluem Aldebaran e Sirius. (stage-level)
- (38) As estrelas invisíveis da constelação de Andrômeda estão exercendo um grande fascínio.
- a. As estrelas da constelação de Andrômeda, que são invisíveis, estão exercendo um grande fascínio. (individual-level)
  - b. As estrelas da constelação de Andrômeda, geralmente visíveis, mas que estão invisíveis agora, exercem um grande fascínio. (stage-level)<sup>11</sup>
- (39) As invisíveis estrelas da constelação de Andrômeda exercem um grande fascínio.
- a. As estrelas da constelação de Andrômeda, que são invisíveis, estão exercendo um grande fascínio. (individual-level)
  - b. #As estrelas da constelação de Andrômeda, geralmente visíveis, mas que estão invisíveis agora, exercem um grande fascínio. (stage-level)

<sup>11</sup> Minha impressão é que, nesse contexto, a leitura stage-level é mais difícil de se obter em PB que em Inglês; entretanto, note-se que o que importa é a sua possibilidade, mesmo que marginal, na posição pós-nominal, em contraste com sua impossibilidade na posição pré-nominal.

## 2) *Leitura modal vs. de oração relativa implícita*

Essa diferença diz respeito especialmente a adjetivos como “possível”: apresentam uma leitura modal e uma que poderia ser descrita como a de uma oração relativa implícita com o apagamento do antecedente. Novamente, línguas românicas e germânicas apresentam comportamento oposto:

- (40) Mary interviewed every *possible* candidate.
- a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (leitura modal)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (leitura de relativa implícita)
- (41) Mary interviewed every candidate *possible*.
- a. #Maria entrevistou todo candidato em potencial. (leitura modal)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (leitura de relativa implícita)
- (42) Maria entrevistou todos os *possíveis* candidatos.
- a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (leitura modal)
  - b. #Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (leitura de relativa implícita)
- (43) Maria entrevistou todos os candidatos *possíveis*.
- a. Maria entrevistou todo candidato em potencial. (leitura modal)
  - b. Maria entrevistou todo candidato que foi possível de ela entrevistar. (leitura de relativa implícita)

## 3) *Leitura intersectiva vs. não intersectiva*

A leitura não intersectiva foi rapidamente mencionada anteriormente, no exemplo (19). Como dito, a distinção intersectivo/não intersectivo se dá com base na teoria dos conjuntos: adjetivos intersectivos são aqueles capazes de delimitar um conjunto (que é então interseccionado com o conjunto delimitado pelo nome-núcleo), enquanto adjetivos não intersectivos modificam o nome-núcleo de outra forma. Em inglês, a posição pré-nominal é ambígua, enquanto a pós-nominal se limita à leitura intersectiva:

- (44) Olga is a more *beautiful* dancer than her instructor.
- a. Olga é uma dançarina e também é mais bonita que seu instrutor. (intersectivo)
  - b. Olga dança mais belamente que seu instrutor. (não intersectivo)

- (45) Olga is a dancer more *beautiful* than her instructor.
- a. Olga é uma dançarina e também é mais bonita que seu instrutor. (intersectivo)
  - b. #Olga dança mais belamente que seu instrutor. (não intersectivo)

Para o italiano (língua original de seus exemplos para as línguas românicas), Cinque descreve que o comportamento diferiria seguindo o padrão já descrito (leitura ambígua na posição pós-nominal, somente leitura não intersectiva na posição pré-nominal). Porém, não é absolutamente claro que essa seja a situação para o PB, ao menos para o equivalente aos exemplos em (44) e (45), descrito em (31). O novo exemplo dado pelo autor, no entanto, parece mais bem comportado:

- (46) Um *bom* atacante não faria uma coisa do gênero.
- a. #Um atacante de bom coração não faria uma coisa do gênero. (intersectivo)
  - b. Um atacante que joga bem não faria uma coisa do gênero. (não intersectivo)
- (47) Um atacante *bom* não faria uma coisa do gênero.
- a. Um atacante de bom coração não faria uma coisa do gênero. (intersectivo)
  - b. Um atacante que joga bem não faria uma coisa do gênero. (não intersectivo)

#### 4) *Leitura relativa (a uma classe de comparação) vs. absoluta*

Adjetivos escalares (como “grande”, “pequeno”, etc) podem ser interpretados de maneira absoluta ou em relação a uma classe de comparação (geralmente aquela delimitada pelo nome-núcleo). Segundo Cinque, na posição pré-nominal em italiano, tais adjetivos só podem ser interpretados no sentido absoluto (sendo ambíguos na posição pós-nominal). Em inglês, a posição pré-nominal é ambígua — a posição pós-nominal não pode ser testada pela impossibilidade desses adjetivos de figurarem pós-nominalmente.

- (48) The New York’s very *tall* buildings impress everybody.
- a. Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos. (absoluta)
  - b. Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos. (relativa)

- (49) Gli *altissimi* edifici di New York colpiscono tutti.<sup>12</sup>  
 “os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam (a) todos”  
 a. ‘Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos.’  
 (absoluta)  
 b. #‘Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos.’ (relativa)
- (50) Gli edifici *altissimi* di New York colpiscono tutti.  
 “os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam (a) todos”  
 a. Os prédios de Nova Iorque, que são objetos muito altos, impressionam a todos.  
 (absoluta)  
 b. Os prédios de Nova Iorque, que são muito altos para prédios, impressionam a todos. (relativa)

### 5) *Leitura comparativa vs. absoluta dos Superlativos*

Similar ao caso anterior, Cinque identifica duas possibilidades de leituras dos superlativos: serem interpretados comparativamente ou de maneira absoluta. Em inglês, seriam ambíguos na posição pré-nominal (não sendo possível testá-los pós-nominalmente), enquanto em italiano seriam ambíguos pós-nominalmente e só admitiriam a leitura absoluta na posição pré-nominal<sup>13</sup>:

- (51) Who climbed the *highest* snowy mountain?  
 a. ‘Quem escalou o Monte Everest?’ (absoluta)  
 b. ‘Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram?’  
 (comparativa)
- (52) Quem escalou a mais alta montanha nevada?  
 a. ‘Quem escalou o Monte Everest?’ (absoluta)  
 b. #‘Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram?’  
 (comparativa)
- (53) Quem escalou a montanha nevada mais alta?  
 a. ‘Quem escalou o Monte Everest?’ (absoluta)  
 b. ‘Quem escalou a montanha mais alta entre as pessoas que escalaram?’  
 (comparativa)

<sup>12</sup> Mantivemos os exemplos no original em italiano porque, nesse caso, também não é claro que essa descrição possa ser generalizada para o PB. Como veremos adiante, Menuzzi (1992) descreveu para o PB exatamente o comportamento contrário: a posição pré-nominal estaria limitada à leitura relativa a uma classe de comparação.

<sup>13</sup> Esse tópico será discutido com um pouco mais de profundidade no final da seção 1.1.2. Podem adiantar, porém, que tal generalização também para se manter para o PB.

### 6) *Leitura indutora de especificidade vs. não indutora de especificidade*

Cinque observa, com base em outros autores, que a posição pré-nominal nas línguas românicas (em contexto *realis*) faz com que DPs indefinidos tenham leitura específica. O contraste não é perceptível em inglês.

- (54) John will burn a *nearby* house.  
 a. ‘John vai botar fogo em uma casa específica perto da dele.’ (específica)  
 b. ‘John vai botar fogo em alguma casa perto da dele.’ (não específica)
- (55) John will burn a house *nearby*.  
 a. ‘John vai botar fogo em uma casa específica perto da dele.’ (específica)  
 b. ‘John vai botar fogo em alguma casa perto da dele.’ (não específica)
- (56) Amanhã, eu sei que um famoso ator vai vir à festa.  
 a. ‘Amanhã, eu sei que um certo ator famoso vai vir à festa’. (específico)  
 b. #‘Amanhã, eu sei que algum ator famoso vai vir à festa’. (não específico)
- (57) Amanhã, eu sei que um ator famoso vai vir à festa.  
 a. ‘Amanhã, eu sei que um certo ator famoso vai vir à festa’. (específico)  
 b. ‘Amanhã, eu sei que algum ator famoso vai vir à festa’. (não específico)

Conforme aponta Cinque, porém, note-se que essa propriedade não se mantém em contextos modais (*irrealis*); nesses casos, mesmo com a anteposição, não se pressupõe que exista um indivíduo específico ao qual se faz referência:

- (58) Se um dia eu encontrar um famoso ator de Hollywood, eu vou pedir um autógrafo.

### 7) *Leitura avaliativa vs. epistêmica de “desconhecido”*

O autor observa que o adjetivo “desconhecido” pode apresentar duas leituras: uma, avaliativa, e outra, epistêmica (i.e. relativa ao conhecimento geral). De novo, não é possível testar a posição pós-nominal em inglês; em italiano (e, presumivelmente, nas línguas românicas), a posição pós-nominal é ambígua, sendo a pré-nominal especializada na leitura avaliativa.

- (59) Maria lives in some *unknown* village in the South of France.
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’  
(avaliativa)
  - b. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (epistêmica)
- (60) Maria vive em uma *desconhecida* vila do sul da França.
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’  
(avaliativa)
  - b. #‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (epistêmica)
- (61) Maria vive em uma vila *desconhecida* do sul da França.
- a. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França que não é muito conhecida.’  
(avaliativa)
  - b. ‘Maria vive em alguma vila no sul da França, mas não se sabe qual.’ (epistêmica)

**8) Leitura dependente do NP vs. anafórica no discurso de “diferente”**

Assim como “desconhecido” e “possível”, “diferente” também apresenta leituras diferentes em cada posição: sua interpretação pode tanto buscar como elemento de comparação um “referente” dentro da sentença como outro saliente no discurso. Esse adjetivo não pode figurar pós-nominalmente em inglês, sendo a posição pré-nominal ambígua; em italiano, a ambiguidade também se preserva na posição pós-nominal, e quando pré-nominal, o adjetivo apresenta leitura “dependente do NP”:

- (62) Detmar and Kordula live in *different* cities.
- a. ‘A cidade em que Detmar mora é diferente da cidade em que Kordula mora’.  
(dependente do NP)
  - b. ‘Detmar e Kordula moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (anafórica no discurso)
- (63) João e Mário moram em *diferentes* cidades.
- a. ‘A cidade em que João mora é diferente da cidade em que Mário mora’.  
(dependente do NP)
  - b. #‘João e Mário moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (anafórica no discurso)

- (64) João e Mário moram em cidades *diferentes*.
- a. ‘A cidade em que João mora é diferente da cidade em que Mário mora’.  
(dependente do NP)
  - b. ‘João e Mário moram em cidades que são diferentes de alguma outra cidade saliente.’ (anafórica no discurso)

Em resumo, as propriedades podem ser sistematizadas da seguinte forma:

**Tabela 1.1:** leituras dos adjetivos em inglês (línguas germânicas)

<b>posição pré-nominal</b>	<b>N</b>	<b>posição pós-nominal</b>
leitura stage-level ou individual-level		leitura stage-level (ou individual-level)
leitura restritiva ou não restritiva		restritivo
leitura de oração relativa implícita ou modal		leitura de oração relativa implícita
leitura intersectiva ou não intersectiva		leitura intersectiva
leitura relativa ou absoluta		não pode ser testado
leitura comparativa ou absoluta de superlativos		não pode ser testado
leitura indutora ou não de especificidade		leitura indutora ou não de especificidade
leitura avaliativa ou epistêmica de “desconhecido”		não pode ser testado
leitura “dependente do NP” ou anafórica no discurso de “diferente”		não pode ser testado

Fonte: CINQUE (tabela 2.1, 2010:16)



**Tabela 1.2:** leituras dos adjetivos em italiano (línguas românicas)

<b>posição pré-nominal</b>	<b>N</b>	<b>posição pós-nominal</b>
leitura individual-level		leitura stage-level ou individual-level
leitura não restritiva		leitura restritiva ou não restritiva
leitura modal		leitura de oração relativa implícita ou modal
leitura não intersectiva		leitura intersectiva ou não intersectiva
leitura absoluta		leitura relativa ou absoluta
leitura absoluta de superlativos		leitura comparativa ou absoluta de superlativos
leitura indutora de especificidade		leitura indutora ou não de especificidade
leitura avaliativa de “desconhecido”		leitura avaliativa ou epistêmica de “desconhecido”
leitura dependente do NP de “diferente”		leitura “dependente do NP” ou anafórica no discurso de “diferente”

Fonte: CINQUE (tabela 2.2, 2010:17)

Apesar de apontar a frequente coocorrência dessas propriedades, Cinque (2010) reconhece que não há (até onde se saiba), ou ainda não foi identificada, uma razão subjacente quanto ao porquê de tais leituras aparecerem em conjunto, tampouco se de fato há a necessidade de que todas elas o façam. Podemos pensar, por exemplo, em casos em que um adjetivo com leitura individual-level tenha leitura restritiva (e.g. “livro vermelho”), propriedades que a princípio fariam parte de conjuntos diferentes se considerarmos suas distribuições nas línguas românicas e germânicas (i.e. a posição pré-nominal naquelas teria leitura individual-level e não restritiva, enquanto a pós-nominal nestas teria leitura stage-level e restritiva).

Note-se também que, como previamente apontado após os exemplos (30) e (31) algumas páginas atrás, em PB aparentemente as possibilidades de leitura não são exatamente as mesmas do italiano. Na realidade, em muitos dos casos em que as duas leituras são apontadas como possíveis para a posição pós-nominal, por exemplo, em PB temos que uma das leituras é fortemente favorecida, sendo a outra quase marginal.

A despeito dessas observações, porém, ressalve-se que o fato crucial é que as duas leituras existem, como se pode ver pelas leituras exclusivas nas posições não canônicas — ainda que sua distribuição possa se dar de maneira diferenciada entre e dentro das duas

famílias de línguas. Na tradição gerativista, assume-se em geral que leituras diferentes são derivadas de posições estruturais igualmente diversas. Com a distinção interseccionista/não interseccionista (e, adicionalmente, subseccionista), essa é uma observação especialmente pertinente:

- (65) a. um engenheiro *loiro*  
b. um *novo* engenheiro  
c. um engenheiro *civil*

Em (65a), o adjetivo modifica diretamente o referente de “engenheiro”; pela sua qualidade interseccionista, ele independe das propriedades denotadas pelo nome. Em (65b), no entanto, a modificação não se dá sobre o referente, e sim sobre a referência conferida pelo substantivo: o que é novo não é o indivíduo em si, e sim a sua ‘qualidade’ de “engenheiro”. Em contrapartida, o adjetivo classificativo em (65c) não é interseccionista, mas também não é intensional ou não interseccionista da mesma maneira que (65b); ele delimita um conjunto dentro daquele previamente delimitado pelo nome, sendo assim chamado de *subseccionista*. Com base nesses exemplos, portanto, a hipótese de que tais adjetivos precisam se relacionar de maneira diferenciada uns dos outros em relação ao nome-núcleo não parece improvável; afinal, cada um deles precisa acessar um componente distinto do núcleo, e em termos de derivação não é claro o quanto isso seria possível se assumíssemos que todos ocupam a mesma posição.

Assim, independentemente da explicação que se procure dar quanto à origem dessas diversas leituras, não se pode ignorar a existência dessas diferenças, mesmo se sua sistematização ainda carecer de aprofundamento tanto a nível observacional quanto descritivo<sup>14</sup>. Tampouco parece produtivo desconsiderar o fenômeno de espelhamento entre as línguas românicas e germânicas, o qual, ainda que apresente exceções em relação à apresentação feita por Cinque, continua a oferecer algumas generalizações consideravelmente substanciais entre as línguas.

### 1.1.2. RESTRIÇÕES DE ORDENAMENTO ENTRE ADJETIVOS

Na maioria das línguas que permitem que adjetivos apareçam em posição adnominal, geralmente a modificação do nome-núcleo por múltiplos adjetivos é possível.<sup>15</sup> Nesses casos, como já dito, diferentemente de outros modificadores (como, por exemplo, sentenças

<sup>14</sup> Entendemos adequação observacional e adequação descritiva conforme entendidas em Chomsky (1964, 1965).

<sup>15</sup> Uma exceção notável na literatura é do wolof, em que mais de um adjetivo aparentemente não pode modificar o nome-núcleo ao mesmo tempo a menos que coordenado. (cf. McLaughlin (2004)).

relativas), adjetivos podem estar sujeitos a restrições quanto à sua ordem relativa que vão além da mera necessidade de marcar relações de escopo:

- (66) a. a bomba *atômica hebraica*  
 b. \*a bomba *hebraica atômica*
- (67) a. ?a bomba que é *atômica* que é *hebraica*<sup>16</sup>  
 b. ?a bomba que é *hebraica* que é *atômica*
- (68) a. the *big red* balloon  
 b. \*the *red big* balloon
- (69) a. the balloon that is *big* that is *red*  
 b. the balloon that is *red* that is *big*

Em (67) e (69), a ordem de enunciação das orações relativas tem o efeito de delimitar diferentes conjuntos de acordo com a ordem dos modificadores<sup>17</sup>; por exemplo, em (69a), o conjunto dos ‘balões’ é primeiramente subseccionado ao dos ‘balões grandes’, e então ao dos ‘balões grandes que são vermelhos’. A mesma lógica se aplica às demais sentenças nesses dois exemplos. Apesar de ser logicamente possível subdividir os conjuntos de ambas as formas, entretanto, em (66) e (68) temos que uma das ordens lineares é preferencial, a outra sendo ou agramatical ou marcada<sup>18 19</sup>.

Sendo assim, e somando-se a isso o fato de, como apontado no começo deste capítulo, nem todos os adjetivos poderem aparecer em posição predicativa (ao menos em PB), não parece razoável assumir que todos os adjetivos são derivados de orações relativas, tampouco que ocupem as mesmas posições estruturais que elas.

<sup>16</sup> A possível estranheza do par de sentenças em (67) não advém da mudança na ordem das relativas, e sim do fato de que o adjetivo “atômico” tende a rejeitar a posição predicativa.

<sup>17</sup> Naturalmente, excluindo-se a leitura de coordenação assindética entre as orações relativas. O contraste entre a leitura coordenada e a encaixada fica mais claro em construções no imperativo:

- (i) Pegue a bola que é vermelha que é grande. [*e não a bola que é grande que é vermelha*]

O contexto relevante é que haja bolas de diferentes cores e tamanhos e as maiores bolas entre todas não são vermelhas, mas em que há bolas vermelhas de diversos tamanhos.

<sup>18</sup> (66b) pode ser possível em um contexto em que “hebraica” possa ser interpretado como um adjetivo classificativo, mas não no uso tradicional do adjetivo. (68b), por sua vez, pode ser utilizada ou em contextos que tornem o grupo dos “balões grandes” saliente, e/ou com o adjetivo “red” focalizado (em última instância, em uma construção diferente de (68a)), mas é julgada como agramatical se dita *out-of-the-blue* ou em contextos em que as propriedades de dimensão e cor tenham igual importância.

<sup>19</sup> Nesse sentido, daqui em diante, quando nos referirmos a ordens “livres”, temos consciência de que a estrutura na realidade não é realmente livre, e sim condicionada por outros fatores (e.g. escopo). Entretanto, o ponto é que as restrições das AOR não parecem se aplicar a essas construções.

As restrições que parecem operar sobre adjetivos em PB são razoavelmente mais fracas e em menor número que em inglês. No entanto, ainda que o PB (assim como outras línguas) aparente oferecer uma maior flexibilidade quanto ao posicionamento dos adjetivos dentro do DP, as restrições (ou fortes preferências) encontradas no inglês se estendem translinguisticamente para uma gama de outras línguas, tanto dentro da mesma família linguística quanto fora dela, de modo que não se constituem como uma particularidade dessa língua em especial e sim como um fenômeno linguístico bastante disseminado, do qual os dados do inglês são apenas uma de suas instâncias.

Pela maior acessibilidade do inglês em relação a outras línguas, e também pelo volume significativamente maior de estudos conduzidos nessa língua acerca desse tema em relação às demais, consideramos adequado centrar a descrição das restrições de ordenamento de adjetivos (como previamente definido, AOR) em torno do inglês, ainda que, como veremos, os seus dados não sejam uma manifestação verdadeiramente prototípica desse fenômeno.

Em inglês, a existência de uma ordem não marcada de colocação de adjetivos é amplamente reconhecida, sendo inclusive incluída em gramáticas e materiais didáticos em geral. Uma das descrições mais comuns é a que se segue<sup>20</sup>:

- (70) opinião geral > opinião específica > dimensão > formato > idade > cor > nacionalidade > material > nome

Essa ordem dá conta da maioria dos casos prototípicos, tais como:

(71) the *old*<sub>IDADE</sub> *green*<sub>COR</sub> chair

(72) the *big*<sub>DIMENSÃO</sub> *square*<sub>FORMATO</sub> table

(73) the *pretty*<sub>OPINIÃO</sub> *Chinese*<sub>NACIONALIDADE</sub> dress

Ainda que a maioria dos autores não discorde da ordem acima, alguns propõem terminologias diferentes, a necessidade de categorias adicionais, ou ainda defendem a fragmentação de algumas das categorias mais amplas (como *dimensão*), tais subdivisões também sendo ordenadas entre si.

<sup>20</sup> Conforme descrito pelo *British Council*, organização internacional do Reino Unido com fins de promover a língua e a cultura inglesa. Disponível em: <<https://learnenglish.britishcouncil.org/en/english-grammar/adjectives/order-adjectives>>

Cinque (1994) sugere uma ordem razoavelmente similar a (70), com a diferença de que o autor identifica a necessidade de propor duas estruturas distintas de acordo com a natureza do nome-núcleo: uma para nominais complexos<sup>21</sup>, e uma para outros nomes.

(74) a. *Série de adjetivos em nominais complexos*

Possessivo > cardinal > ordinal > orientado para o falante > orientado para o sujeito > modo > temático > nome

b. *Série de adjetivos em nominais denotando objetos*

Possessivo > cardinal > ordinal > qualidade > dimensão > formato > cor > nacionalidade > nome<sup>22</sup>

(CINQUE, 1994:26)

A razão para isso é uma similaridade particular entre a ordem de adjetivos que modificam nominais complexos e seus equivalentes adverbiais na sentença:

(75) a. They probably completely invaded Jupiter.

b. \* They completely probably invaded Jupiter.

(76) a. the *probable complete* invasion of Jupiter

b. \*the *complete probable* invasion on Jupiter

(VALOIS, 1991, apud SCOTT, 2002:111)

Não é claro de que maneira essas duas estruturas de APs seriam combinadas, ou sequer se poderiam ser. Scott (2002) aponta que, aparentemente, a maioria dos adjetivos passíveis de serem inseridos em uma das estruturas não pode figurar na outra — ou, em palavras mais precisas, a maioria dos adjetivos que modificam nominais “simples” não pode modificar nominais complexos (e vice-versa):

(77) a. a *beautiful big red* ball

b. \*a *beautiful big red* invasion

<sup>21</sup> Entendendo-se esse termo como englobando não apenas nominalizações, mas também certos nomes que descrevem “atividades humanas”, e.g. “política”.

<sup>22</sup> Neste trabalho, não lidaremos com o ordenamento de adjetivos em relação a itens de classificação lexical mais dúbia como cardinais e ordinais, tampouco em relação a determinantes e possessivos. Acreditamos, porém, que, no curso do desenvolvimento de pesquisas sobre AOR, essa seja eventualmente uma questão cuja abordagem será imprescindível.

- (78) a. the *probable complete* invasion  
 b. \*the *probable complete* ball

O autor especula, nas linhas de Grimshaw<sup>23</sup>, que talvez nominais complexos tenham argumentos externos diferentes de outros tipos de nominais, associados a uma projeção aspectual, e que possivelmente essa diferença seria responsável pela projeção das estruturas relevantes aos adjetivos e suas respectivas restrições de ordenamento de acordo com o tipo do nome.<sup>24</sup>

Essa discussão, entretanto, ficará para pesquisas futuras; por questões de recorte, iremos nos concentrar a princípio na estrutura adjetival concernente a nominais simples/que denotam objetos.

Enquanto Cinque (1994) propõe, em (74b), uma sequência com menos categorias que a descrição prototípica em (70) — deixando de lado as categorias de *idade* (e.g. “novo”, “velho”) e *material* (e.g. “wooden”, “plastic”)<sup>25</sup> —, Scott (2002) segue no sentido contrário, estabelecendo distinções mais finas em algumas categorias (principalmente *dimensão*, subdividida por ele em *tamanho*, *comprimento*, *altura*, *profundidade*, *largura* e *peso*) e adicionando outras — *velocidade*, *temperatura* e, potencialmente, *umidade*.

<sup>23</sup> GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 1990.

<sup>24</sup> Alguns autores tentam de certa forma unificar o tratamento dado a adjetivos temáticos com nominais complexos (que são, em geral, adjetivos étnicos/de *nacionalidade*) e com os mesmos adjetivos com nominais simples propondo que a diferença não seja na estrutura projetada pelo nome (que resultaria em os temáticos funcionarem como argumentos, preenchendo uma posição temática do nome), e sim no fato de que esses adjetivos selecionariam *kinds*, combinado a uma estrutura ligeiramente mais complexa para os adjetivos étnicos que incluiria uma relação de *Origem* entre o *kind* e o adjetivo. Não é claro como isso seria aplicável ao restante da ordem, e.g. aos adjetivos que funcionam como contrapartes de advérbios, etc. Uma instanciação dessa proposta pode ser encontrada em Arsenijević et al. (2014).

ARSENIJEVIĆ, Boban; GEHRKE, Berit; BOLEDA, Gemma; MCNALLY, Louise. Ethnic adjectives are proper adjectives. In: BAGLINI, R.; GRINSELL, T.; KEANE, J.; SINGERMAN, A. R.; THOMAS, J. (eds.). *CLS 46-I The Main Session: Proc. of 46th Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, USA, 2014, pp. 17-30.

<sup>25</sup> Essa categoria, em PB, é normalmente expressa por PPs.

## (79) Hierarquia de adjetivos atributivos

COMENTÁRIO SUBJETIVO > ?EVIDENCIAL<sup>26</sup> > TAMANHO > COMPRIMENTO >  
 ALTURA > VELOCIDADE > ?PROFUNDIDADE > LARGURA > PESO >  
 TEMPERATURA > ?UMIDADE > IDADE > FORMATO > COR >  
 NACIONALIDADE/ORIGEM > MATERIAL

(SCOTT, 2002:114)

A razão para um maior refinamento da ordem, segundo Scott (2002), advém do fato de que, sendo difícil fazer julgamentos em termos de AOR quando há a presença de muitos adjetivos, ao analisá-los em pares, as preferências são mais salientes, especialmente quando são levados em conta dados de outras línguas. Por exemplo, as subcategorias *altura* e *largura* parecem ser ordenadas:

- (80) a. *pitkä lihava mies*                      b. \**lihava pitkä mies*                      (Finlandês)  
           *alto gordo homem*                      *gordo alto homem*
- (81) a. a *short skinny woman*                  b. \*a *skinny short woman*
- (82) a. *uyarnna kattiyulla bhithi*              b. \**kattiyulla uyarnna bhithi* (Malaiala)  
           *alta grossa parede*                      *grossa alta parede*
- (SCOTT, 2002:99)

Note-se que os asteriscos em (80)-(82) e em todos os exemplos de Scott a seguir não significam necessariamente agramaticalidade, e sim uma estrutura mais marcada ou focalizada<sup>27 28</sup>. Uma vez que essa foi a grafia utilizada pelo autor, não nos é possível discernir quais ordens são realmente agramaticais e quais seriam preferências sutis.

<sup>26</sup> “Evidencial” (*evidential*) seriam emissões de opinião que “indicam algum tipo de avaliação geral, padrão ou estável” (p.110), se opondo aos adjetivos de comentário subjetivo, os quais teriam um caráter mais pessoal ou que expressariam uma avaliação mais transitória. Por exemplo:

- (i) Oh, it’s really a boring famous book.  
 (SCOTT, 2002:109)

Nesse caso, a compreensão seria de que se trata de um livro amplamente considerado famoso, mas que o falante pessoalmente considera chato/entediante/etc.

<sup>27</sup> “Os julgamentos de gramaticalidade de muitos dos exemplos seguintes são, ocasionalmente, muito sutis. O asterisco, \*, não indica necessariamente ‘agramaticalidade’ como tal mas reflete o fato de que algumas das leituras são simplesmente mais marcadas ou focalizadas” (SCOTT, 2002:115, nota 15, tradução nossa).

<sup>28</sup> Devemos apontar que esse contexto parece ser também aquele de muitos dos outros trabalhos citados ao longo desta dissertação. Em muitas línguas, as sequências não preferenciais são agramaticais apenas quando ditas *out-of-the-blue*, sendo na realidade construções marcadas, diferenciando-se das não marcadas por exigirem um contexto mais específico para sua utilização adequada. Por essa razão, alguns autores optam por marcá-las com “\*”, enquanto outros utilizam “#”. Infelizmente, os autores nem sempre são explícitos com relação ao uso que

Da mesma maneira, *comprimento* parece preceder as demais subdivisões de dimensão (cf. (83)), enquanto *peso* se segue a todas (cf. (84)); *velocidade* seguiria *altura/comprimento* e precederia *largura/peso* (cf. (85), (86)); e *temperatura* antecederia *formato* (cf. (87)).

- |      |                                                              |                                                               |                       |
|------|--------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------|
| (83) | a. haf <i>hir poeth</i><br>verão <i>longo quente</i>         | b. *haf <i>poeth hir</i><br>verão <i>quente longo</i>         | (Galês) <sup>29</sup> |
| (84) | a. <i>visoka teška</i> statua<br><i>alta pesada</i> estátua  | b. * <i>teška visoka</i> statua<br><i>pesada alta</i> estátua | (Servo-Croata)        |
| (85) | a. a <i>long fast</i> road                                   | b. *a <i>fast long</i> road                                   |                       |
| (86) | a. <i>hidas levä</i> joki<br><i>lento largo</i> rio          | b. <i>levä hidas</i> joki<br><i>largo lento</i> rio           | (Finlandês)           |
| (87) | a. a <i>cold square</i> lump of ice<br>(SCOTT, 2002:100-101) | b. *a <i>square cold</i> lump of ice                          |                       |

O próprio Scott reconhece, porém, que não é claro até que ponto é desejável avançar com a proposição de novas categorias; afinal, é questionável se qualquer mínima preferência no ordenamento deve ou necessita ser codificada no sistema como AOR (assumindo-se que, como tais restrições se aplicam em muitas línguas, possivelmente façam parte da Gramática Universal (UG)).

Além disso, o autor ainda aponta um exemplo curioso em que a ordem preferencial em finlandês aparentemente seria distinta da do inglês:

- |      |                                   |                                                                                  |
|------|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| (88) | a. an <i>ugly long</i> road       | b. <i>pitkä ruma</i> tie<br><i>longa feia</i> estrada                            |
| (89) | a. <i>beautiful long red</i> hair | b. <i>pitkät kauniit punaiset</i> hiukset<br><i>longo bonito vermelho</i> cabelo |
| (90) | a. <i>beautiful big red</i> ball  | b. <i>suuri kaunis punainen</i> pallo<br><i>grande bonita vermelha</i> bola      |
- (SCOTT, 2012:112)

---

estão fazendo do asterisco; por essa razão, optamos por manter, na maioria dos casos, a opção gráfica original dos autores citados. É recomendável ao leitor manter em mente, porém, que o “\*” em muitos casos não indica uma agramaticalidade radical como para outras estruturas sintáticas, e sim provavelmente uma estrutura marcada.<sup>29</sup> Abordaremos este ponto mais adiante, mas como Scott já aponta, o Galês (assim como outras línguas celtas) não apresenta ordem espelhada em relação ao inglês (como, presumivelmente, as línguas românicas, ou outras línguas com ordem rígida em que os adjetivos aparecem pospostos ao nome), e sim exatamente a mesma ordem, mas com o fronteamto do nome.



A ordem preferencial entre *comentário subjetivo* e *comprimento/tamanho* parece ser contrária ao inglês (exemplos em (88a), (89a), (90a)) em finlandês (exemplos em (88b), (89b), (90b)). Scott sugere que isso poderia se dar por dois motivos: variação paramétrica quanto à ordem dos adjetivos (a categoria de *comentário subjetivo* nessa língua, portanto, seguiria *comprimento/tamanho*, ao invés de precedê-las); ou o adjetivo *pitkä* em si seria um adjetivo de *comentário subjetivo* em finlandês, apesar do seu significado literal. Vamos ver mais adiante, porém, que, mesmo adotando-se as categorias de Scott, talvez nenhum desses artifícios seja necessário.

Ainda que estejamos até aqui tão somente interessados em descrever da maneira mais direta possível o fenômeno das AOR, sem por enquanto nos preocuparmos com o tipo de estrutura que subjazeria a essas construções, deve ser apontado que, independentemente da opção teórica que se faça, assumirem-se tantas categorias não seria uma escolha a se tomar sem consequências. Se, por um lado, parece improvável que uma criança tivesse acesso a um *input* rico o suficiente<sup>30</sup> para lhe ensinar o ordenamento preferencial entre todos esses adjetivos em sua língua (além do fato de que seria inesperado que essas preferências fossem as mesmas translinguisticamente caso isso não estivesse codificado em algum nível da UG), tampouco parece teoricamente elegante estipular as preferências de ordem com tanto refinamento, acarretando um enriquecimento um tanto substancial ou da sintaxe, ou da semântica, ou das duas (a depender de em que esfera se considere que tais restrições se aplicam). Assim, devemos nos perguntar até que ponto não seria possível que algumas das preferências apontadas adviessem de outros fatores.

#### 1.1.2.1. Argumentos contra a ordem hierárquica em inglês

Svenonius (2008) e McKinney-Bock (2010) apontam nessa direção. Segundo ambos, ainda que os exemplos de Scott (2002) de fato apresentem efeitos de preferência de ordem, alterando-se o substantivo, tal preferência se perde:

- (91) a. a *long thick* rope  
 b. a *thick long* rope

<sup>30</sup> Cabe apontar que um *input* rico não consiste somente de dados positivos, como também de evidência negativa. Assim, se já é difícil que a criança seja exposta a todas as combinações possíveis de categorias de adjetivos em sua língua em quantidade considerável, é ainda mais improvável que ela tenha acesso à evidência negativa de todas essas ordens.

- (92) a. *thin long* legs  
 b. *long thin* legs  
 (SVENONIUS, 2008)
- (93) a. *red round* hat  
 b. *round red* hat
- (94) a. *beautiful cold* snow  
 b. *cold beautiful* snow  
 (MCKINNEY-BOCK, 2010:3)

(91) e (92) não apresentam efeitos de ordem entre *comprimento* e *largura* como seria esperado, assim como (93) entre *cor* e *formato* e (94) entre *avaliação* e *temperatura*. Tais exemplos não necessariamente excluem a possibilidade de que *haja* ordem entre tais categorias, e que o que esteja em jogo em (91)-(94) sejam outros fatores, possivelmente extralinguísticos; entretanto, o que eles mostram é que, mesmo que se assumissem todas as categorias tais quais propostas por Scott (2002), existem outras motivações concorrentes no ordenamento adjetival que podem modificar essa ordem, ou mesmo suspendê-la. Além disso, eles também levantam a hipótese de que haja um efeito de preferência desencadeado pelo nome — hipoteticamente, podemos especular, causado por questões de frequência de ocorrência tanto dos itens lexicais separadamente quanto das sequências A+N ou N+A, em que adjetivos que aparecem com maior incidência adjacentes a um certo nome quando sozinhos tendam a aparecer nessa posição também quando coocorrendo com outros adjetivos:

- (95) a. a *big black* dog  
 b. um cachorro *preto grande*  
 c. um cachorro *grande preto* (?Marcada)
- (96) a. *big black* glasses  
 b. um óculos *preto grande*  
 c. um óculos *grande preto*
- (97) a. a *big square* screen  
 b. uma tela *quadrada grande*  
 c. uma tela *grande quadrada* (?Marcada)

- (98) a. a *big round table*  
b. um mesa *redonda grande*  
c. uma mesa *grande redonda*

Ainda que as preferências sejam muito sutis e não possam ser colocadas a par com as restrições do inglês, o que os exemplos em (95) e (97) mostram é que é possível que alguns falantes em PB identifiquem padrões mais comuns/aceitáveis/preferíveis dentre as ordens possíveis, mesmo o PB não apresentando AOR tal como a maioria das línguas anglo-germânicas. Ao mesmo tempo, o contraste bastante sutil entre (95)-(96) e (97)-(98) parece apontar para uma possível influência do nome, tal como nos exemplos para o inglês em (91)-(94)<sup>31</sup>. Determinar a forma pela qual essa relação se estabelece exigiria um estudo por si só; para os nossos fins, entretanto, basta observar que esse é um fator que pode potencialmente criar ou mascarar preferências, de modo que a proposição de novas categorias deve preferencialmente ser embasada também em outros critérios (como, por exemplo, dados de línguas de ordem rígida), ou ao menos levar em conta uma gama mais ampla de substantivos.

Trustwell (2009) se encaminha em um sentido argumentativo similar ao observar, a partir de um estudo com dados obtidos no Google, que, em inglês, a flexibilidade quanto à colocação dos adjetivos é muito maior do que tais descrições de ordem entre categorias poderiam sugerir.

O autor levou em conta seis categorias: *qualidade* (e.g. “new”), *dimensão* (e.g. “big”), *formato* (e.g. “circular”), *cor* (e.g. “red”), *nacionalidade/origem* (e.g. “French”) e *material* (e.g. “wooden”). De acordo com a maioria das descrições, tais categorias deveriam se organizar exatamente nessa ordem (qualidade > dimensão > formato > cor > nac./org. > material), ao menos em estruturas sem evidências de movimento (por exemplo, por questões de peso) ou não ligadas a estruturas informacionais marcadas (que apresentem foco, etc.). No entanto, não é isso que os dados evidenciariam. Segundo Trustwell, a maioria das ordens inversas às previstas foram encontradas — a única generalização que se manteve constante

---

<sup>31</sup> Note-se que nossa observação se mantém mesmo que essa seja uma preferência individual — ainda que, nesse caso, obviamente se colocasse a questão de como, em inglês (e, possivelmente, em finlandês, servo-croata, etc), a maioria (se não todos) os falantes compartilhariam das mesmas preferências. Como, em PB, o uso de dois adjetivos concatenados não coordenados não é comum, enquanto, em inglês, aparentemente o é, essa poderia ser uma razão para a maior robustez na avaliação dos falantes, se de fato algo nessa questão tivesse a ver com frequência (de coocorrência). Não nos referimos aqui ao ordenamento de todas as categorias de adjetivos, no entanto, e sim do daquelas cuja posição é mais nebulosa na avaliação dos falantes. Em outras palavras: acreditamos ser possível que a ordem final em que os adjetivos aparecem seja derivada da confluência de motivações formais (que gerariam sequências mais rígidas) e de motivações informacionais/processuais.

sendo a de que adjetivos subsectivos<sup>32</sup> precedem adjetivos intersectivos (mas mantendo-se em ambos os casos ordem livre entre adjetivos de cada tipo). Observe-se que o autor utilizou a marcação “??” para apontar que as sequências, apesar de encontradas na busca, foram julgadas como agramaticais pelos falantes, enquanto o asterisco “\*” marca sequências que não retornaram nenhum resultado (presumivelmente, também consideradas agramaticais, ainda que o Trustwell não o tenha afirmado).

---

<sup>32</sup> Trustwell (2009) compreende adjetivos de *idade* (e.g. “novo”) e *dimensão* (e.g. “grande”) como subsectivos, uma vez que o que é considerado “grande” ou “pequeno”, por exemplo, não pode ser definido independentemente do conjunto delimitado pelo nome e, portanto, não seria verdadeiramente intersectivo (veja-se a diferença entre “uma formiga grande” e “um elefante grande”). Cinque (2014), seguindo Partee (2009), em contrapartida, argumenta que tais adjetivos são intersectivos, ainda que vagos e dependentes do contexto, uma vez o padrão de comparação não é necessariamente estabelecido pelo nome modificado, podendo ser influenciado ou mesmo determinado por outros aspectos do contexto:

- (i) My two-years-old built a really *tall snowman*.
- (ii) The linguistic students built a really *tall snowman*.  
(PARTEE, 2009, apud CINQUE, 2014)

A base de comparação para o que é considerado “alto” em (i), para uma criança de dois anos, e em (ii), para alunos de linguística, é diferente, ainda que bonecos de neve também aparentemente possam ser objetivamente altos ou baixos. Assim, se a “subsectividade” é contextualmente definida, o autor argumenta que talvez não haja necessidade de se incorporar essa mesma propriedade também no adjetivo.

Observe-se, no entanto, que há dois padrões de comparação: leva-se em conta, além do que seria alto para uma criança ou para adultos, também o tamanho médio de um boneco de neve (uma pilha alta de bloquinhos de montar, por exemplo, é provavelmente mais baixa do que um boneco de neve alto, mesmo que ambos construídos por uma criança). Ainda, note-se que algumas línguas, como o russo, codificam esse padrão de comparação morfológicamente:

- (iii) Studentka *umna* (Forma Curta)
- (iv) Studentka *umnaja* (Forma Longa)  
“A estudante (é) inteligente”  
(SIEGEL, 1976, apud BORGES NETO, 1991)

Siegel aponta que a forma curta dos adjetivos em russo faz com que o adjetivo seja interpretado de maneira absoluta, enquanto a forma longa leva em conta a intensão do nome (no caso de o nome ser vago, e.g. “homem”, a interpretação específica passa a levar em conta informações contextuais). Assim, a hipótese de que esses adjetivos sejam puramente intersectivos e a subsectividade seja determinada apenas pelo contexto não parece provável.

PARTEE, Barbara H. Compositionality and coercion: The dynamics of adjective Meanings. Powerpoint of a talk given in Trondheim, 2009.

SIEGEL, Muffy. Capturing the Russian adjective. In: PARTEE, B.H. (ed.). *Montague Grammar*. New York: Academic Press, 1976. pp. 292-309.

- (99) Ordem livre de pares de adjetivos intersectivos
- |                                      |   |                                     |
|--------------------------------------|---|-------------------------------------|
| a. <i>wooden French</i> mantel clock | — | <i>French wooden</i> carriage clock |
| b. <i>wooden red</i> clogs           | — | <i>red wooden</i> clogs             |
| c. <i>wooden circular</i> pedestal   | — | <i>circular wooden</i> pedestal     |
| d. <i>French red</i> doors           | — | <i>red French</i> doors             |
| e. <i>French circular</i> table      | — | <i>circular French</i> side table   |
| f. <i>Circular red</i> path          | — | <i>red circular</i> path            |
- (100) Ordem livre de pares de adjetivos subsectivos
- |                     |   |                     |
|---------------------|---|---------------------|
| <i>New big</i> cuts | — | <i>big new</i> cuts |
|---------------------|---|---------------------|
- (101) Adjetivos subsectivos precedem adjetivos intersectivos
- |                               |   |                            |
|-------------------------------|---|----------------------------|
| a. <i>big wooden</i> bridge   | — | <i>new wooden</i> piles    |
| b. <i>big French</i> dog      | — | <i>new French</i> site     |
| c. <i>big red</i> barn        | — | <i>new red</i> dress       |
| d. <i>big circular</i> lights | — | <i>new circular</i> tables |
- (102) Adjetivos intersectivos não precedem adjetivos subsectivos
- |                                       |   |                                          |
|---------------------------------------|---|------------------------------------------|
| a. ?? <i>wooden big</i> bridge        | — | ?? <i>wooden new</i> concrete piles      |
| b. ?? <i>French big</i> feline        | — | ?? <i>French new</i> site                |
| c. * <i>red big</i> N?                | — | * <i>red new</i> N?                      |
| d. ?? <i>circular big</i> flat lights | — | ?? <i>circular new</i> table decorations |
- (TRUSTWELL, 2009:527)

Adjetivos modais, tais como “possible”, têm colocação livre em termos da intuição dos falantes acerca de sua posição na sequência (ainda que diferentes posicionamentos impliquem em relações diversas de escopo), mas tenderiam a anteceder todos os demais, dominando os adjetivos que os seguem.

Note-se que essa restrição de subsectivos precederem intersectivos não é *necessária*: em PB, podemos ter qualquer uma das ordens sem que nenhuma delas seja visivelmente pior que a outra:

- (103) a. uma bola *vermelha grande*  
 b. uma bola *grande vermelha*
- (104) a. um carro *preto novo*  
 b. um carro *novo preto*

Além disso, o autor aponta a existência de outra distinção: a possibilidade ou não de ocorrência dos adjetivos com nomes de massa. Adotando-se a hipótese de que nomes de massa se distinguiriam de nomes contáveis pela presença de uma camada funcional acima destes (Count<sup>0</sup>, cf. Borer (2005)<sup>33</sup>), Trustwell hipotetiza que algumas categorias adjetivais não poderiam ser projetadas na ausência de tal núcleo. Se Count<sup>0</sup> separasse adjetivos intersectivos de subsectivos, essa evidência poderia corroborar a necessidade de uma divisão desse tipo a nível estrutural; entretanto, não é isso que ocorre:

- (105) a. \**tiny glass*  
b. ??*big salt*
  - (106) a. ??*circular water*  
b. ??*square grass*
  - (107) *red liquid*
  - (108) *French wine*
- (TRUSTWELL, 2009:530)

Como ele observa, adjetivos intersectivos e subsectivos não se comportam internamente da mesma maneira: *dimensão* ((105), subsectivo) e *formato* ((106), intersectivo) seguem um padrão, não podendo coocorrer com nomes de massa, enquanto, por exemplo, *cor* ((107), intersectivo), *nacionalidade* ((108), intersectivo) e um adjetivo como “caro” (“expensive”, como “expensive liquid”, identificado por ele como subsectivo) podem.

Com base nesses resultados, Trustwell conclui que não haveria evidências para a postulação de múltiplas categorias adjetivais ordenadas, e que mesmo a distinção intersectivo/subsectivo, aparentemente mais robusta nos dados, parece difícil de ser formalizada em termos de camadas funcionais específicas pelo padrão não regular de seus respectivos membros em relação a outras camadas funcionais independentemente motivadas dentro do DP, tais como Count<sup>0</sup>.

Há, contudo, um número de problemas com esse estudo. Primeiramente, como Cinque (2010) já apontou, a manifestação de outras ordens que não a postulada em inglês não é de modo algum inesperada: em inglês, ela é meramente preferencial. Embora se tenha tentado controlar certos fatores intervenientes mais explícitos, como presença de pontuação entre os adjetivos (vírgulas possivelmente indicando estruturas entoacionais particulares) ou contextos

---

<sup>33</sup> BORER, H. *Structuring sense*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

claramente focalizados, tendo-se excluído tais dados, com o conjunto de ocorrências selecionado é muito difícil — se não impossível — ter acesso à intenção comunicacional do falante, essencial com essas construções para saber se a inversão da ordem padrão cumpria algum papel comunicativo ou se o ordenamento era realmente livre (i.e. se a ordem é ou não identificada como marcada). Além deste, há uma série de outros problemas que colocam em cheque a validade do corpus, como a incidência de estruturas identificadas como agramaticais pelos falantes; a impossibilidade de controle acerca da entoação, uma vez que nem todos os falantes codificam a pronúncia da mesma forma — e.g. mesmo em estruturas coordenadas/parentéticas discerníveis na fala, é possível que nem todos os falantes indiquem isso na escrita por meio de vírgula; e a inviabilidade de se aferir se tais sequências foram produzidas por falantes nativos ou não. Em última instância, e o mais importante: ter encontrado outros ordenamentos não muda o fato de que falantes nativos de inglês *identificam* algumas sequências como preferíveis a outras (em contextos neutros quanto aos adjetivos utilizados ou *out-of-the-blue*), mesmo que também façam uso de construções fora desse padrão.

A influência dessa preferência foi tentativamente aferida e mensurada por Wulff (2003), em meio a uma série de outros fatores. Em um estudo estatístico com um corpus mais controlado — o *British National Corpus* (BNC)<sup>34</sup> — e levando em conta apenas pares de adjetivos junto a um nome (e.g. “red wooden door”), ela procurou medir o peso de uma série de fatores sobre a forma pela qual os falantes ordenam os adjetivos em inglês: comprimento (LENGHT, i.e. quão longo é o adjetivo); o caráter nominal dos adjetivos (NOMCHAR, i.e. quão parecidos tais adjetivos são de nomes, com que frequência eles próprios podem ser núcleos de um NP, etc.); proximidade semântica (SEM\_CLOSE, i.e. de todas as vezes que um adjetivo foi utilizado, em quantas delas ele o foi com o mesmo nome<sup>35</sup>); independência de comparação (INDCOMP, i.e. quão frequentemente o adjetivo aparece na forma comparativa/superlativa); classes semânticas (DIXON, i.e. as restrições de ordenamento como previamente mostradas, uma vez que, tais como feitas, elas se baseiam em classes nocionais de adjetivos); gradiência de subjetividade/objetividade (SUBOBJ, i.e. o quanto uma propriedade é mais objetivamente verificável no mundo ou mais uma questão de opinião); congruidade semântica (SEMCON, i.e.

---

<sup>34</sup> O BNC é um corpus com 100 milhões de palavras do inglês britânico, composto majoritariamente de dados escritos (90%), com uma pequena parte de dados orais transcritos (10%), coletado até 1994 e mantido pela Universidade de Oxford. Ele inclui uma gama variada de gêneros textuais, de artigos científicos a cartas pessoais, textos de alunos universitários, contos, excertos de jornais, entre outros.

<sup>35</sup> Assumindo-se, por exemplo, que se metade das ocorrências de um adjetivo fosse com um único nome, isso significaria que esse adjetivo e esse nome são fortemente associados semanticamente.

se os adjetivos são mais facilmente coordenados com “e” ou com “mas”); carga afetiva (AFFLOAD, i.e. e se eles são mais vinculados a uma avaliação positiva, neutra ou negativa); frequência específica com nomes (NSPECFREQ, i.e. a partir da frequência de uso do nome, quão previsível é a sua colocação com cada adjetivo); e a frequência geral do adjetivo (GENFREQ, i.e. quão frequentemente um determinado adjetivo é utilizado).

Para o critério de classes semânticas, Wulff utilizou a proposta de Dixon (1977)<sup>36</sup>, reproduzida abaixo:

- (109) valor<sub>(e.g. good, bad)</sub> > dimensão<sub>(e.g. big, long)</sub> > propriedade física<sub>(e.g. hard, sweet)</sub> > velocidade<sub>(e.g. fast, slow)</sub> > propensão humana<sub>(e.g. happy, kind)</sub> > idade<sub>(e.g. new, young)</sub> > cor<sub>(e.g. red, white)</sub>  
(DIXON, 1977, apud WULFF, 2003:260)

Quanto à gradiência de subjetividade/objetividade, a forma pela qual a autora equalizou esse fator o tornou muito próximo do de classes semânticas, uma vez que também leva em conta uma série de categorias em um esquema ordenado, cf. Hetzron (1978):

- (110) qualificador epistêmico<sub>(e.g. famous)</sub> > avaliação<sub>(e.g. good)</sub> > propriedade estática permanente<sub>(e.g. wide)</sub> > propriedade de contato sensorial<sub>(e.g. sweet)</sub> > velocidade<sub>(e.g. fast)</sub> > propriedade social<sub>(e.g. cheap)</sub> > idade<sub>(e.g. young)</sub> > formato<sub>(e.g. square)</sub> > cor<sub>(e.g. blue)</sub> > defeito físico<sub>(e.g. deaf)</sub> > origem<sub>(e.g. Asian)</sub> > composição<sub>(e.g. wooden)</sub> > finalidade/destino<sub>(e.g. ironing)</sub>  
(HETZRON, 1978<sup>37</sup>, apud WULFF, 2003:262)

Em uma análise monofatorial, a maioria dos critérios teve um resultado estatisticamente significativo: a diferença média de comprimento do primeiro adjetivo em relação ao segundo diferiu de maneira expressiva (com o segundo adjetivo sendo, na média, mais longo); adjetivos que tendem a ocorrer mais frequentemente com um certo nome também tendem a aparecer mais próximos a ele (SEMCLOSE e NSPECFREQ<sup>38</sup>); adjetivos menos utilizados em formas comparativas/superlativas tendem a aparecer mais perto do nome-núcleo

<sup>36</sup> DIXON, Robert M.W.. Where Have all the Adjectives Gone? In: *Studies in Language*, 1, 2007. pp. 19–80.

<sup>37</sup> HETZRON, Robert. On the Relative Order of Adjectives. In: SEILER, H. (Ed.), *Language Universal*. Tübingen: Narr, 1978. pp. 165–184.

<sup>38</sup> Reforçando, entretanto, que a direcionalidade desses critérios é oposta: SEMCLOSE foi calculado do Adjetivo para o Nome, enquanto NSPECFREQ foi do Nome para o Adjetivo.



(INDCOMP); tanto as hierarquias de Dixon (1977) quanto de Hetzron (1978) apresentaram influência significativa; adjetivos com carga positiva ou negativa tenderam a aparecer antes daqueles com carga neutra (AFFLOAD); e adjetivos mais frequentes como um todo no corpus tenderam a aparecer na posição mais externa do par (GENFREQ). SEMCON foi significativo na medida em que pares com a mesma carga afetiva ou com cargas não opostas foram muito mais frequentes que um par positivo-negativo (e.g. “*silly funny question*”), ainda que esse critério não faça uma previsão acerca da ordem em que os adjetivos serão colocados.

O critério de caráter nominal dos adjetivos, entretanto, ainda que estatisticamente significativo, apresentou direcionalidade oposta à esperada: ao invés de adjetivos “mais nominais” aparecerem mais próximos ao nome, tal qual a previsão, eles tenderam a aparecer mais afastados. Aqui, cabe apontar mais detalhadamente como tal critério foi calculado: assumindo-se que adjetivos “mais nominais” seriam mais capazes de aparecer como núcleos do NP (“zero derived nouns”), o índice de NOMCHAR foi feito levando-se em conta a frequência com que determinado item lexical foi etiquetado como “nome” e com que frequência o foi como “adjetivo”. No resultado final do índice, números mais próximos de 0 indicavam um item lexical “muito adjetival”, enquanto mais próximos de 1 significam “muito nominal/substantival”; naturalmente, porém, não era esperado que os adjetivos se distribuíssem ao longo de todo o espectro, uma vez que índices próximos de 1 apontariam que tal item lexical era raramente utilizado como adjetivo — Wulff observa que, de fato, a maioria dos adjetivos se concentrou com índices entre 0 e 0,1. Um primeiro problema desse critério, como apontado pela própria autora, é que ele essencialmente depende de uma etiquetagem correta do corpus; entretanto, como estudos prévios apontaram que a etiquetagem automática foi satisfatoriamente precisa (com índices de erro abaixo de 3%), ela não julgou que esse tenha sido um fator determinante no resultado final. A segunda questão advém mais da maneira pela qual Wulff apresentou seus resultados que do critério em si. Segundo ela, os dados a seguir exemplificariam a “ordem preferida” do inglês:

- (111) a. *nice* (.038) *clean* (0) *plaster*
- b. *red* (.091) *big* (0) *flowers*
- c. *white* (.166) *fluffy* (0) *cat*
- d. *plain* (.327) *white* (.166) *trousers*

Entretanto, não fica claro se os exemplos em (111b) e (111c), especialmente, foram exemplos mais frequentes no corpus ou se são exemplos que ela considera como sendo da

“ordem preferida”; até onde outros textos indiquem, a ordem favorecida seria na realidade a oposta (i.e. “big red”, “fluffly white”), o que faria com que as proporções do “caráter nominal” seguissem a direcionalidade da previsão em ambos os casos. Essa observação, no entanto, não dá conta dos exemplos em (111a) e (111d), e nesse sentido nós concordamos com a autora quando ela aponta que a forma pela qual o índice foi calculado, ainda que não errada, provavelmente está incompleta. Por exemplo, há que se considerar que o sentido assumido por *plain* em seu uso como substantivo (comumente traduzido por “campo” ou “planalto”, em sentido geográfico) difere em muito de seu sentido adjetival, de modo que o “caráter nominal” desse adjetivo é diferente daquele de adjetivos como “white”, que de fato preservam o mesmo sentido quando utilizados como nomes<sup>39</sup>:

- (112) a. I like *white*.  
 b. ?I like *round*.
- (113) a. This is an interesting *white*.  
 b. ?This is an interesting *round*.
- (114) a. The homogeneity of this *white* is remarkable.  
 c. ?The homogeneity of this *round* is remarkable.  
 (POSNER, 1986<sup>40</sup>, apud WULFF, 2003: 253)

Ainda que, como apontado pela autora, os testes acima sugeridos por Posner (1986) não possam ser facilmente equalizados em índices em um experimento, se aplicados como um teste adicional, eles indicam que “white” é mais “nominal” que “plain”<sup>41</sup>, e que “nice” e “clean” se comportam aproximadamente da mesma forma em termos de “nominalidade”. Dessa forma, não nos parece que seja o caso que adjetivos “mais nominais” realmente adotem uma posição mais externa, e sim que os critérios a serem levados em conta nesse fator precisam ser refinados — em realidade, opinião essa inclusive compartilhada por Wulff, ainda que por razões diversas.

<sup>39</sup> Ainda que a autora tenha apontado que “*itens polissêmicos foram filtrados manualmente*” (p.254), não é claro quais itens foram considerados polissêmicos, sobretudo se considerarmos que o sentido adjetival de *plain* não parece poder ser preservado como substantivo.

<sup>40</sup> POSNER, Roland. Iconicity in Syntax. The Natural Order of Attributes. In: BOUISSAC, P.; HERZFELD, M., & POSNER, R. (Eds.). *Iconicity. Essays on the Nature of Culture*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1986. pp. 305–337.

<sup>41</sup> Apesar de não sermos falantes nativos de inglês, as frases a seguir não nos parecem boas (no sentido relevante):

- (i) ?I like *plain*.  
 (ii) ?This is an interesting *plain*.  
 (iii) ?The homogeneity of this *plain* is remarkable.

De toda forma, uma dificuldade de se interpretar uma análise monofatorial é discernir o quanto os resultados para cada fator são de fato desencadeados por ele e o quanto tais dados não podem estar refletindo padrões derivados de outros critérios. É por essa razão que Wulff conduz também uma análise multifatorial, buscando tentativamente identificar quais seriam os fatores com maior peso na forma final pela qual os falantes ordenam os pares de adjetivos.

Nessa análise, diferentemente da anterior, nem todos os critérios apresentaram influência significativa. NOMCHAR, por apresentar os problemas acima citados, não pode ser considerado. SEMCLOSE não apresentou uma contribuição minimamente considerável, enquanto LENGHT e GENFREQ foram apenas marginalmente relevantes. Os três fatores mais expressivos, de acordo com a autora, foram AFFLOAD, INDCOMP e SUBOBJ (o critério de classes semânticas, DIXON, foi excluído por apresentar basicamente o mesmo efeito de SUBOBJ).

Note-se, porém, que, dentro de uma certa perspectiva, esses critérios são um tanto redundantes. SUBOBJ prevê, por exemplo, que adjetivos avaliativos ocuparão as posições mais externas (lembrando que Wulff considerou apenas construções com dois adjetivos); AFFLOAD apenas reforça essa previsão<sup>42</sup>. Da mesma maneira, INDCOMP prevê que adjetivos menos utilizados como comparativos/superlativos (hipoteticamente, adjetivos que não projetam escalas) aparecerão mais próximos ao nome — como exemplo, Wulff aponta que *brown* (e adjetivos de cor, de uma maneira geral) apresenta um valor baixíssimo para esse índice. Retomando a hierarquia proposta por Dixon em (109) e por Hetzron em (110), vemos que a categoria *cor* figura em ambos em uma das posições mais baixas; assim como ela, as outras categorias mais próximas ao nome dificilmente aceitam comparativos:

(115) ?more *wooden chair*

(116) ?more *French wine*

À medida que nos encaminhamos às categorias mais altas, no entanto, as formas comparativas passam a ser mais bem aceitas:

---

<sup>42</sup> Ao menos para o inglês, em que a posição mais externa é também a primeira na sequência linear. Para uma língua que linearize os adjetivos na ordem inversa, e na qual, portanto, os adjetivos qualificativos/avaliativos/etc. apareçam na posição mais à direita (e, portanto, última a ser pronunciada), a tese que embasa AFFLOAD de que informações mais positivas tendem a ser comunicadas primeiro não parece se verificar (por exemplo, galês, como será visto mais adiante). Ainda assim, seria interessante realizar um estudo com línguas como o PB, que permitem o posicionamento de adjetivos avaliativos tanto à esquerda como à direita do nome, para verificar se AFFLOAD de fato exerce alguma influência quando há a ocorrência de múltiplos adjetivos.

- (117) *squarer* frames
  - (118) *younger* looks
  - (119) *harder* soil
- etc.

Ainda que AFFLOAD e INDCOMP pesem certos fatores de maneira independente, em última instância a robustez de seus resultados também reforça a proposição das hierarquias (possivelmente fornecendo pistas acerca das motivações subjacentes a elas). Além disso, mesmo deixando-se de lado tal conclusão, apenas o critério de SUBOBJ já apresentou relevância suficiente para descartarmos a hipótese de Trustwell (2009) de que não há nenhum tipo de preferência em inglês além da divisão subsectivo/intersectivo.

Deve-se apontar, no entanto, que o estudo de Wulff (2003) também apresenta limitações. Primeiramente, a eficácia geral da aplicação do modelo aos dados foi de apenas 70% — acima de um acerto ao acaso, mas ainda relativamente baixo para fornecer evidências mais sólidas. Em segundo lugar, ainda que a etiquetagem dos itens lexicais tenha tido um baixo índice de erro, não há como se ter certeza (assim como no trabalho de Trustwell) de que as nuances entoacionais tenham sido adequadamente transcritas, tanto nos dados orais quanto pelos próprios autores dos textos escritos. Além disso, a aplicação de cada um dos fatores no modelo está naturalmente condicionada pelas opções teóricas pré-estabelecidas e pela análise da autora; por exemplo, quais classes semânticas foram consideradas e a que classe semântica cada adjetivo foi atribuído são decisões que claramente influenciam no desempenho final do modelo, mas que de modo algum são consensuais na literatura. Dessa forma, a discussão apresentada por Wulff traz contribuições, mas não pode ser tomada como evidência cabal para o argumento em questão, ainda que aponte para a impossibilidade de se negar as hierarquias como um todo.

#### 1.1.2.2. Evidência translinguística

A existência de uma ordem universal que se manifesta em termos de sequências preferenciais em inglês talvez encontre mais suporte no fato de que outras línguas também apresentam essa ordem — em algumas, de forma rígida —, adicionalmente, ela sendo ou exatamente a mesma do inglês ou espelhada em relação a essa (no caso de algumas línguas em que os adjetivos aparecem à direita do nome).

É o caso, por exemplo, do hebraico e de muitas variedades do árabe, como apontado por Shlonsky (2003)<sup>43</sup>. Nessas línguas, os adjetivos aparecem exclusivamente à direita do nome e exibem uma ordem diametralmente oposta em relação ao inglês. Por exemplo:

### Hebraico

ordem em inglês	ordem em hebraico
(120) <b>cor &gt; nacionalidade/origem &gt; N</b>	<b>N &gt; nacionalidade/origem &gt; cor</b>
a. a <i>brown Swiss cow</i>	a. *para <i>xuma švecarit</i> vaca marrom suíça
b. *a <i>Swiss brown cow</i>	b. para <i>švecarit xuma</i> vaca suíça marrom
(121) <b>formato &gt; cor &gt; N</b>	<b>N &gt; cor &gt; formato</b>
a. the <i>long black table</i>	a. *ha-šulxan ha-’arox ha-šaxor a mesa (a) longa (a) preta
b. *the <i>black long table</i>	b. ha-šulxan ha-šaxor ha-’arox a mesa (a) preta (a) longa
(122) <b>idade &gt; formato &gt; N</b>	<b>N &gt; formato &gt; idade</b>
a. the <i>old round hat</i>	a. *ha-kova ha-yašan ha-’agol o chapéu (o) velho (o) redondo
b. *the <i>round old hat</i>	b. ha-kova ha-’agol ha-yašan o chapéu (o) redondo (o) velho

(SHLONSKY, 2004:22)

### Árabe Padrão Moderno

(123) <b>N &gt; cor &gt; dimensão</b>	<b>N &gt; dimensão &gt; cor</b>
a. al-kitab al- <i>aḥmar</i> al- <i>kabiir</i> o-livro o-vermelho o-grande	b.?? al-kitab al- <i>aḥmar</i> al- <i>kabiir</i> o-livro o-grande o-vermelho

(PANAYIDOU, 2013:10)

A ordem, de acordo com o autor, portanto, seria a seguinte:

<sup>43</sup> Panayidou (2013) observa que muitos dos falantes de hebraico e de variantes do árabe consultados por ela não identificam uma ordem claramente preferencial nessas línguas. Shlonsky reconhece a existência de julgamentos contrários aos seus na literatura (2004:21), mas aponta que essas opiniões não são corroboradas pelos estudos acerca do árabe padrão e que tampouco se mantêm para o hebraico quando um conjunto mais amplo de dados é levado em consideração.

## (124) Série de adjetivos em nominais complexos

a. *Inglês*

modalidade &gt; modo/dimensão &gt; nacionalidade &gt; nome

b. *Hebraico/Árabe*

nome &gt; nacionalidade &gt; modo/dimensão &gt; modalidade

## (125) Série de adjetivos em nominais denotando objetos

a. *Inglês*

comentário avaliativo &gt; idade &gt; formato &gt; cor &gt; nacionalidade/origem &gt; nome

b. *Hebraico/Árabe*

nome &gt; nacionalidade/origem &gt; cor &gt; formato &gt; idade &gt; comentário avaliativo

(SHLONSKY, 2004:22)

Além dessas ordens, adjetivos de *qualidade* (e.g. “kosher”) e *modo* (e.g. adjetivos como “far-reaching”) seguiriam adjetivos de *nacionalidade* (ou *temáticos*, no caso de nominais complexos), enquanto, em inglês, eles os precedem. Ele observa, ainda, que adjetivos de *nacionalidade* e de *origem* demonstram ordem livre entre si tanto em hebraico quanto em alguns dialetos do árabe, o que possivelmente indicaria que eles fazem parte da mesma categoria.

Panayidou (2013) aponta a mesma ordem preferencial para o grego. Nesse caso, todavia, todos os adjetivos são exclusivamente pré-nominais (nas construções monodefinidas<sup>44</sup>), emergindo assim na mesma sequência vislumbrada no inglês. A ordem inversa é possível, mas marcada (cf. (126b), (127b)):

- |             |                         |         |        |                         |         |
|-------------|-------------------------|---------|--------|-------------------------|---------|
| (126) a. to | <i>meyalo aspro</i>     | bol     | b. #to | <i>aspro meyalo</i>     | bol     |
|             | o grande branco         | pote    | o      | branco grande           | pote    |
| (127) a. to | <i>strojilo prasino</i> | trapezi | b. #to | <i>prasino strojilo</i> | trapezi |
|             | a redonda verde         | mesa    | a      | verde redonda           | mesa    |
- (PANAYIDOU, 2013:8, 118)

Uma ordem verdadeiramente rígida foi observada por Kubo & Tei (2013) para o mandarim. Nessa língua, adjetivos podem modificar o nome-núcleo de duas maneiras: simples justaposição, ou então quando sucedidos pela partícula “de”. Quando diretamente encaixados, além de estarem sujeitos a algumas restrições fonológicas (especialmente número

<sup>44</sup> Em oposição às chamadas construções *polidefinidas*, i.e. com (a princípio) múltiplos determinantes.

de sílabas), os adjetivos são também rigidamente ordenados, aparecendo exclusivamente à esquerda do nome-núcleo:

(128) **dimensão > cor > N**

- |                |           |                |                |             |                |
|----------------|-----------|----------------|----------------|-------------|----------------|
| a. <i>xiao</i> | <i>lu</i> | <i>huaping</i> | b. * <i>lu</i> | <i>xiao</i> | <i>huaping</i> |
| pequeno        | verde     | vaso           | verde          | pequeno     | vaso           |

(129) **dimensão > formato > N**

- |                |             |                |                  |             |                |
|----------------|-------------|----------------|------------------|-------------|----------------|
| a. <i>xiao</i> | <i>fang</i> | <i>huaping</i> | b. * <i>fang</i> | <i>xiao</i> | <i>huaping</i> |
| pequeno        | quadrado    | vaso           | quadrado         | pequeno     | vaso           |

(SPROAT&SHIH, 1991)

Quando sucedidos pela partícula “de”, no entanto, essa ordem se torna livre (ao menos em termos desse tipo de preferência):

(130) **dimensão > cor > N**

- |                |                    |             |           |                |
|----------------|--------------------|-------------|-----------|----------------|
| a. <i>xiao</i> | <u>de</u>          | <i>lu</i>   | <u>de</u> | <i>huaping</i> |
| pequeno        | LINK <sup>45</sup> | verde       | LINK      | vaso           |
| b. <i>lu</i>   | <u>de</u>          | <i>xiao</i> | <u>de</u> | <i>huaping</i> |
| verde          | LINK               | pequeno     | LINK      | vaso           |

(SPROAT&SHIH, 1991)

Kubo & Tei apresentam ainda os seguintes dados levando em conta estruturas com três adjetivos<sup>46</sup> sem “de”:

(131) a. **dimensão > formato > cor > N**

- |           |             |           |                |
|-----------|-------------|-----------|----------------|
| <i>da</i> | <i>fang</i> | <i>lu</i> | <i>huaping</i> |
| grande    | quadrado    | verde     | vaso           |

b. ?**dimensão > cor > formato > N**

- |           |           |             |                |
|-----------|-----------|-------------|----------------|
| <i>da</i> | <i>lu</i> | <i>fang</i> | <i>huaping</i> |
| grande    | verde     | quadrado    | vaso           |

<sup>45</sup> O estatuto gramatical de “de” não é claro; por isso, para não se comprometerem com alguma análise em particular, os autores optaram por grafá-lo pelo rótulo “LINK”.

<sup>46</sup> Deve-se mencionar que, segundo Paul (2010:133), sequências com mais de dois adjetivos em justaposição (sem *de*) não são uniformemente aceitas pelos falantes de mandarim. Além disso, ainda de acordo com Sproat & Shih (1991), combinações de adjetivos de *qualidade* com adjetivos de *dimensão* e de *formato* com de *cor* são impossíveis. Como os autores lidaram apenas com sequências com dois adjetivos, no entanto, não é claro se essa restrição continua a operar para estruturas com três adjetivos.

c. \***formato** > **dimensão** > **cor** > N

*fang da lu huaping*  
 quadrado grande verde vaso

d. ?**formato** > **cor** > **dimensão** > N

*fang lu da huaping*  
 quadrado verde grande vaso

e. \***cor** > **dimensão** > **formato** > N

*lu da fang huaping*  
 verde grande quadrado vaso

f. \***cor** > **formato** > **dimensão** > N

*lu fang da huaping*  
 verde quadrado grande vaso

(KUBO &amp; TEI, 2013:31)

Assim, ainda que adjetivos seguidos por “de” não apresentem restrições, adjetivos diretamente justapostos ao nome parecem estar sujeitos às AOR e, como visto, ao menos as categorias comparadas<sup>47</sup> conformam-se à mesma ordem do inglês e do grego — por simplicidade e seguindo Panayidou (2013), iremos nos referir daqui em diante a essa ordem como “ordem universal”.

Ainda considerando-se essa possível ordem universal subjacente, um caso mais interessante é o do galês. Nessa língua, os adjetivos emergem à direita do nome<sup>48</sup>; entretanto, ao invés de exibirem a ordem espelhada como o hebraico ou o árabe padrão, eles exibem a mesma sequência superficial de adjetivos do inglês e do grego:

- (132) a. *cwpan mawr gwyrdd Sieineaidd*  
 xícara grande<sub>DIM</sub> verde<sub>COR</sub> chinesa<sub>NAC</sub>
- b. \**cwpan Sieineaidd mawr gwyrdd*  
 xícara chinesa<sub>NAC</sub> grande<sub>DIM</sub> verde<sub>COR</sub>
- c. \**cwpan Sieineaidd gwyrdd mawr*  
 xícara chinesa<sub>NAC</sub> verde<sub>COR</sub> grande<sub>DIM</sub>

<sup>47</sup> Adjetivos de *avaliação/comentário subjetivo* também podem aparecer na modificação sem “de”; entretanto, até onde tenhamos visto, sua possibilidade de coocorrência com outros adjetivos no mandarim não foi estudada.

<sup>48</sup> Com exceção de alguns poucos adjetivos, como “hoff” (“favorito”), “hen” (“velho”), e de itens por vezes chamados de adjetivos como “llawer” (“muitos”). (WILLIS, 2006)



- d. The big<sub>DIM</sub> green<sub>COR</sub> Chinese<sub>NAC</sub> cup.  
(ROUVERET, 1994:213<sup>49</sup>, apud PANAYIDOU, 2013:10)

Não é exato, entretanto, afirmar que o galês exhibe sempre a mesma ordem do inglês. Ainda que isso seja verdade para as categorias de *cor*, *nacionalidade* e *dimensão*, para as categorias de *qualidade* (ou *comentário subjetivo/avaliação*) e *idade*, ao invés dessa ordem, emerge novamente a espelhada:

- (133) N > **idade** > **qualidade**
- a. *caneuon newydd gwyh*  
canções novas ótimas  
“great new songs”
- b. *athro ifanc hoffus*  
professor jovem simpático  
“likeable young teacher”
- (WILLIS, 2006)

Além dessas duas classes, comparativos, superlativos e demonstrativos também aparecem na ordem espelhada em relação à ordem prenominal do inglês:

- (134) a. *y cwpan gwyrdd Sieineidd mwyaf*  
a xícara verde chinesa maior<sub>SUP</sub>.
- b. *\*y cwpan mwyaf gwyrdd Sieineidd*  
a xícara maior<sub>SUP</sub> verde chinesa
- c. The *biggest*<sub>SUP</sub> *green Chinese cup*.
- (135) a. *y cwpan gwyrdd arall ’ma / hwn*  
a xícara verde outra essa / essa
- b. This other *green cup*.
- (WILLIS, 2006)

O galês, portanto, simula a ordem universal para as categorias mais próximas ao nome naquela língua, mas inverte o ordenamento das classes mais afastadas. Willis aponta, porém, que, quando quer que um adjetivo tenha escopo sobre outro adjetivo (e mais o nome-núcleo),

<sup>49</sup> ROUVERET, Alain. *Syntaxe du gallois: principes généraux et typologie*. Paris: CNRS’ Editions, 1994.

ele necessariamente assume a posição mais externa da sequência (e mais distante do nome-núcleo). Ainda que o autor não aponte isso diretamente, o que tal afirmação parece implicar é que os adjetivos sequenciados conforme a ordem universal não teriam escopo entre si.

Outra situação interessante é a do Árabe Maronita Cipriota (CMA), conforme descrito em Panayidou (2013). Em CMA, os adjetivos tendem a aparecer em posição pós-nominal, e, com apenas uma exceção, conformam-se à ordem universal. Há, entretanto, uma restrição: não mais que dois adjetivos podem figurar ao mesmo tempo no DP. Além disso, CMA não apresenta adjetivos intensionais (e.g. “suposto”, “antigo”/“ex”, etc), codificando tais noções por meio de outras construções (cf. (140)).

(136) N > **formato** > **nacionalidade**

- a. t<sup>h</sup>avli      t<sup>h</sup>etrayono      l-italiko<sup>50 51</sup>  
           mesa<sub>DEF,N</sub>    quadrada<sub>DEF,N</sub>    a-italiana<sub>N</sub>  
 b. ??t<sup>h</sup>avli      l-italiko      t<sup>h</sup>etrayono  
           mesa<sub>DEF,N</sub>    a-italiana<sub>N</sub>    quadrada<sub>DEF,N</sub>

“A mesa italiana quadrada”

(137) N > **dimensão** > **formato**

- t<sup>h</sup>avli      li-ybir      li-strodzilo  
           mesa<sub>DEF,N</sub>    a-grande<sub>N</sub>    a-redonda<sub>N</sub>

“A mesa redonda grande”

(138) N > **qualidade** > **formato**

- t<sup>h</sup>avli      k<sup>h</sup>aes      li-strodzilo  
           mesa<sub>DEF,N</sub>    a-legal<sub>N</sub>    a-redonda<sub>N</sub>

“A mesa redonda legal”

(139) N > **qualidade** > **dimensão**

- t<sup>h</sup>avli      k<sup>h</sup>aes      li-ybir  
           mesa<sub>DEF,N</sub>    a-legal<sub>N</sub>    a-grande<sub>N</sub>

“A mesa grande legal”

<sup>50</sup> A marcação de definitude se dá geralmente por meio do artigo definido l- (cf. nota 2, PANAYIDOU, 2013:178). Entretanto, o artigo é assimilado se a palavra seguinte se iniciar por uma única consoante, ou exibe o alofone li- se seguido de um cluster consonantal.

<sup>51</sup> Palavras “nativas” do árabe em CMA exibem somente dois gêneros gramaticais, feminino e masculino. Entretanto, vocábulos emprestados do grego que possuem gênero neutro continuam a carregar essa distinção. Adjetivos nativos que aparecem com nomes neutros assumem marcação de gênero *default* (masculino). (nota 4, PANAYIDOU, 2013:179)

- (140) a. muḡtar ta o alok  
 mukhtar que é agora  
 “O mukhtar atual”  
 b. muḡtar ta kan gidam  
 mukhtar que era antes  
 “O ex/antigo mukhtar”<sup>52</sup>  
 (PANAYIDOU, 2013:189-192)

A exceção supramencionada se dá com adjetivos de *cor*, mais especificamente com adjetivos *nativos*<sup>53 54</sup>. Há uma diferença sintática de comportamento entre itens lexicais árabes e aqueles emprestados do grego: os primeiros exibem ordem espelhada em relação aos adjetivos de nacionalidade (apenas), enquanto os últimos se conformam à ordem universal tal qual na posição pré-nominal da mesma maneira que as demais categorias:

- (141) N > **nacionalidade** > **cor**<sub>ÁRABE</sub>  
 a. t<sup>h</sup>avli l-italiko l-aḡmar/l-isfet/l-apcaḏ  
 mesa<sub>DEF.N</sub> a-italiana<sub>N</sub> a-vermelha/a-preta/a-branca<sub>N</sub>  
 “A mesa italiana vermelha/preta/branca”  
 b. ??t<sup>h</sup>avli l-aḡmar/l-isfet/l-apcaḏ l-italiko  
 mesa<sub>DEF.N</sub> a-vermelha/a-preta/a-branca<sub>N</sub> a-italiana<sub>N</sub>
- (142) N > **cor**<sub>TGREGO</sub> > **nacionalidade**  
 a. t<sup>h</sup>avli li-prasino/li-tfitrino/li-ble l-italiko  
 mesa<sub>DEF.N</sub> a-verde/a-amarela/a-azul<sub>N</sub> a-italiana<sub>N</sub>  
 “A mesa italiana verde/amarela/azul”

<sup>52</sup> “Mukhtar” é nome dado a chefes de vilarejos em muitos países árabes.

<sup>53</sup> Que são, interessantemente, somente três — os equivalentes a “preto”, “branco” e “vermelho”.

<sup>54</sup> O comportamento diferenciado de itens nativos da língua em relação a empréstimos não é incomum. Em inglês, por exemplo, nas construções com duplo objeto, de maneira geral, enquanto verbos nativos podem exibir alternância dativa (*dative shift*), verbos de origem latina não podem:

- (i) give [a book] [to Mary] / give [Mary] [a book]  
 (ii) donate [money] [to Mary] / \*donate [Mary] [money]

Quanto a esse fenômeno específico, a literatura especula tanto restrições fonológicas quanto morfossintáticas (ou uma confluência de ambas) como responsáveis pelo comportamento especial dos verbos de origem latina. De toda forma, esse tipo de fenômeno aponta para a contribuição dos itens lexicais, que vai além de apenas o seu significado.

b.??t<sup>h</sup>avli      l-italiko      li-prasino/li-tfitrino/li-ble  
 mesa<sub>DEF,N</sub>      a-italiana<sub>N</sub>      a-verde/a-amarela/a-azul<sub>N</sub>  
 (PANAYIDOU, 2013:194)

A diferença entre adjetivos de *cor* nativos e gregos também se manifesta na posição pré-nominal: enquanto os itens de origem grega podem ser antepostos, os árabes não aceitam a posição pré-nominal.

- (143) \*l-axmar/l-isfet/l-apcað      t<sup>h</sup>avli  
 a-vermelha/a-preta/a-branca<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF,N</sub>  
 (144) \* li-prasino/li-tfitrino/li-ble      t<sup>h</sup>avli  
 a-verde/a-amarela/a-azul<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF,N</sub>  
 (PANAYIDOU, 2013:194)

Esse contraste entre itens lexicais nativos e outros de origem grega também aparece, ainda que menos acentuado, em outras categorias. Adjetivos de *qualidade* e *dimensão*, por exemplo, não são facilmente antepostos junto a outros adjetivos, a menos que apareçam junto a um adjetivo emprestado não nativizado (nos exemplos abaixo, “strodzilo”)<sup>55</sup>, caso em que continuam a preservar a mesma ordem da posposição. Note-se o contraste entre os exemplos (145)-(146) e (147), em que *qualidade/dimensão* (portanto, itens lexicais nativos) aparecem juntos e sem um adjetivo grego:

- (145) a. li-ybir      li-strodzilo      t<sup>h</sup>avli  
 a-grande<sub>N</sub>      a-redonda<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF,N</sub>  
 b. t<sup>h</sup>avli      li-ybir      li-strodzilo  
 mesa<sub>DEF,N</sub>      a-grande<sub>N</sub>      a-redonda<sub>N</sub>  
 “A mesa redonda grande”  
 (146) a. k<sup>h</sup>aes      li-strodzilo      t<sup>h</sup>avli  
 a-legal<sub>N</sub>      a-redonda<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF,N</sub>  
 b. t<sup>h</sup>avli      k<sup>h</sup>aes      li-strodzilo  
 mesa<sub>DEF,N</sub>      a-legal<sub>N</sub>      a-redonda<sub>N</sub>  
 “A mesa redonda legal”

<sup>55</sup> Adjetivos de *qualidade* e *dimensão* são, via de regra, nativos do árabe ou então empréstimos nativizados do grego (p.189).

- (147) a.  $??k^h$  *aes*      li-*ybir*       $t^h$ avli  
           a-legal<sub>N</sub>      a-grande<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF.N</sub>  
 b.  $t^h$ avli       $k^h$  *aes*      li-*ybir*  
           mesa<sub>DEF.N</sub>      a-legal<sub>N</sub>      a-grande<sub>N</sub>  
           “A mesa grande legal”  
 (PANAYIDOU, 2013:190-191)

Com adjetivos de *formato* e *nacionalidade* (cujas classes consistem exclusivamente de empréstimos do grego), por outro lado, a posição pré-nominal é livre. As restrições de ordem também se mantêm as mesmas da posição pós-nominal.

- (148) a.  $t^h$ etrayono      l-italiko       $t^h$ avli  
           quadrada<sub>DEF.N</sub>      a-italiana<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF.N</sub>  
 b.  $t^h$ avli       $t^h$ etrayono      l-italiko  
           mesa<sub>DEF.N</sub>      quadrada<sub>DEF.N</sub>      a-italiana<sub>N</sub>  
           “A mesa italiana quadrada”  
 (PANAYIDOU, 2013:192)

Tanto na posição pré-nominal (quando possível) quanto na posição pós-nominal, portanto, o CMA preserva a ordem universal, exibindo espelhamento apenas entre as categorias de *nacionalidade* e *cor* (com adjetivos nativos). Panayidou (2013) aponta ainda que, em CMA, o adjetivo à esquerda toma escopo sobre o adjetivo à direita na ordem universal; em (149), “amarela” tem escopo sobre “italiana”.

- (149)  $t^h$ avli      li-*tfitrino*      l-italiko  
           mesa<sub>DEF.N</sub>      a-amarela<sub>DEF.N</sub>      a-italiana<sub>N</sub>  
           “A mesa italiana amarela”

Interessantemente, de acordo com a autora, na ordem espelhada causada pelo adjetivo nativo, o escopo de *cor* sobre *nacionalidade* se mantém.

- (150)  $t^h$ avli      l-italiko      l-*apcađ*  
           mesa<sub>DEF.N</sub>      a-italiana<sub>N</sub>      a-branca<sub>N</sub>  
           “A mesa italiana branca”

Retomando a hierarquia proposta por Cinque (1994) apresentada em (74), portanto, podemos concluir que, nas línguas que manifestam uma ordem rígida ou preferencial de maneira mais clara, encontramos as seguintes possibilidades:

- (151) a. Qualidade > Dimensão > Formato > Cor > Nacionalidade > N  
           (*grego, inglês, mandarim*)  
       b. N > Nacionalidade > Cor > Formato > Dimensão > Qualidade  
           (*hebraico, árabe moderno*)  
       c. N > Qualidade > Dimensão > Formato > Cor > Nacionalidade  
           (*CMA, galês*)<sup>56</sup>

Não foi atestada na literatura, até onde saibamos, a última possibilidade, i.e. a ordem espelhada na posição pré-nominal.

Assim, considerando-se as evidências translinguísticas robustas quanto à existência de uma ordem universal subjacente, não nos parece produtivo assumir que não existam preferências de ordenamento em inglês, ou que tais preferências possam ser explicadas unicamente em termos de frequência estatística ou outras motivações extragramaticais.

Ao mesmo tempo, tais restrições não se aplicam em posição predicativa e, dentro da esfera do DP, parecem estar limitadas a itens lexicais identificados como adjetivos<sup>57</sup>. Dessa maneira, essa parece ser uma propriedade particular não apenas dessa classe de palavras, como também dessa posição, sugerindo a necessidade de uma estrutura sintática mais enriquecida e especializada.

### 1.1.2.3. “Fugas” à Ordem Universal

O ordenamento dos adjetivos em inglês, como visto na seção 1.1.2.1, não é realmente rígido; assim como em algumas das outras línguas descritas (como o grego), adjetivos podem figurar em outras ordens sob certas circunstâncias — ainda que isso geralmente implique em propriedades diferentes daquelas da construção preferencial (ou não-marcada). Apesar de, em alguns casos, a motivação para tais alterações não ser clara, existem dois fatores mais evidentes que afetam a ordem dos adjetivos: *foco* e a *construções comparativas/superlativas*.

<sup>56</sup> Observando-se, é claro, as particularidades observadas para o CMA e o galês.

<sup>57</sup> Essa generalização, na realidade, não é de todo verdadeira. Apresentamos alguns dados que parecem contrariar essa afirmação no capítulo 04.

Além disso, há aparentemente uma classe de adjetivos que parece ter um posicionamento mais flexível dentro do DP. Abordaremos esses três fatores a seguir.

### 1.1.2.3.1. Foco

Em muitas das línguas que exibem ordenamento preferencial, é possível que as categorias figurem em posições invertidas se um dos adjetivos envolvidos na construção estiver focalizado. Cinque (2010) observa tal fenômeno para o inglês, assim como outros autores:

- (152) a. *small*<sub>DIM</sub> *black*<sub>COR</sub> purse  
 b. \**black*<sub>COR</sub> *small*<sub>DIM</sub> purse  
 c. *BLACK*<sub>COR</sub> *small*<sub>DIM</sub> purse  
 (TEODORESCU, 2006:400)

Panayidou (2013) aponta que, nas construções monodefinidas em grego (uma vez que as polidefinidas<sup>58</sup> têm ordem razoavelmente livre), a inversão da ordem por meio do foco também é possível:

- (153) a. epekse [to *paló kipriako trayuði*] pu tu emaθe  
 tocou.3SG a velha cipriótica canção que 3SG.M.GEN aprendeu  
 i jaja tu  
 a avó 3SG.M.GEN  
 “Ele tocou a velha canção cipriótica que a sua avó lhe ensinara.”
- b. trayuðisame [to *KIPRIAKO paló trayuði*] telika, (oçi to  
 cantou.3PL a cipriótica velha canção eventualmente, (não a  
 kritiko)  
 cretense)  
 “Nós eventualmente cantamos a velha canção CIPRIÓTICA, (não a cretense).”  
 (PANAYIDOU, 2013:98)

<sup>58</sup> Relembrando, construções polidefinidas são aquelas que apresentam múltiplos “determinantes” antes de cada adjetivo e também do nome, enquanto nas monodefinidas, há apenas um determinante antes da sequência [A + (A+ [...]) N].

Ela aponta ainda que, em CMA, construções com um adjetivo anteposto e um posposto são possíveis, mas aquele que figura na posição pré-nominal deve estar necessariamente focalizado (cf. (154c) e (154d)):

- (154) a.  $t^h$ avli                       $t^h$ etrayono                      l-italiko  
           mesa<sub>DEF.N</sub>                      quadrada<sub>DEF.N</sub>                      a-italiana<sub>N</sub>
- b.  $t^h$ etrayono                      l-italiko                       $t^h$ avli  
           quadrada<sub>DEF.N</sub>                      a-italiana<sub>N</sub>                      mesa<sub>DEF.N</sub>
- c.  $T^H$ ETRAYONO                       $t^h$ avli                      l-italiko  
           quadrada<sub>DEF.N</sub>                      mesa<sub>DEF.N</sub>                      a-italiana<sub>N</sub>
- d. L-ITALIKO                       $t^h$ avli                       $t^h$ etrayono  
           a-italiana<sub>N</sub>                      mesa<sub>DEF.N</sub>                      quadrada<sub>DEF.N</sub>
- (PANAYIDOU, 2013:200)

O foco, entretanto, não é capaz de alterar a ordem de todos os adjetivos. Cinque (2010) aponta que adjetivos não predicativos não aceitam a focalização:

- (155) a. He is a *young nuclear* physicist.  
       b. \*He is a *NUCLEAR young* physicist.
- (156) a. He is a *former heavy* drinker.  
       b. \*He is a *HEAVY former* drinker.
- (157) a. He is an *alleged hard* worker.  
       b. \*He is a *HARD alleged* worker.
- (CINQUE, 2010:59)

Em PB, vemos que a inversão de adjetivos classificativos como em (155b) também é impossível; o adjetivo pode exibir foco (por exemplo, foco contrastivo), mas ainda assim deve permanecer *in loco* (cf. (c)):

- (158) a. um engenheiro *civil jovem*  
       b. \*<sup>59</sup> um engenheiro *jovem CIVIL*  
       c. um engenheiro *CIVIL jovem*, (não *MECÂNICO*)

<sup>59</sup> Na leitura relevante, i.e. “civil” como tipo de engenheiro, e não como oposição à “militar” (e.g. “um civil”).



Ainda que, a princípio, a partir dos exemplos de (155) a (158), essa parecesse ser uma restrição somente sobre adjetivos não predicativos (intensionais e classificativos), Panayidou (2013) ressalva que esse não é necessariamente o caso:

(159) a. a very *Cypriot Cypriot* man<sup>60</sup>

b. \*a *CYPRIOT* very *Cypriot* man

(160) a. a very *red red* cherry

b. \*a *RED* very *red* cherry

(PANAYIDOU, 2013:99)

Nos exemplos acima, os adjetivos focalizados de *nacionalidade* (em (159)) e de *cor* (em (160)) não podem aparecer à esquerda dos adjetivos modificados por *very*. No entanto, não é claro se essa restrição, nesses exemplos, tem a ver com a categoria a qual esses adjetivos são vinculados ou à natureza do elemento interveniente, uma vez que, conforme visto em (152c) e também no caso abaixo, ao menos adjetivos de *cor* aparentemente podem ter sua ordem invertida com outros adjetivos “simples” sem problemas:

(161) a. I drive a *big*<sub>DIM</sub> *black*<sub>COR</sub> car.

b. I drive a *BLACK*<sub>COR</sub> *big*<sub>DIM</sub> car.

(PANAYIDOU, 2013:99)

Como uma última observação, em mandarim, adjetivos seguidos pela partícula “de” podem ser opcionalmente focalizados, mas não na ausência dela (cf. nota 10, PANAYIDOU, 2013:78):

(162) a. na ge *da* *bai* wan

aquele CL grande branco pote

b. \*na ge *DA* *bai* wan

aquele CL grande branco pote

(163) a. na ge *da* de *bai* wan

aquele CL grande LINK branco pote

b. na ge *DA* de *bai* wan

<sup>60</sup> O adjetivo de *nacionalidade*, quando modificado por “very”, passa a ter uma leitura diferente, não literal; não se trata de alguém que de fato apresenta aquela nacionalidade, e sim que exibe algumas das características associadas a ela (ao seu protótipo).

aquele CL grande LINK branco pote  
(PANAYIDOU, 2013:78)

Isso parece reforçar a hipótese de que adjetivos podem ocupar duas posições distintas no sintagma com possibilidades diferenciadas em relação a foco.

#### 1.1.2.3.2. “Operadores”?

Existem alguns adjetivos em inglês que parecem exibir ordem flexível sem a necessidade de estarem focalizados ou apresentarem qualquer tipo de entonação especial — comumente chamados de “adjetivos operadores”:

- (164) a. a *famous former* actor  
       b. a *former famous* actor  
 (165) a. a *famous alleged* actor  
       b. an *alleged famous* actor  
 (166) a. an *alleged former* thief  
       b. an *former alleged* thief  
 (TEODORESCU, 2006:401)

De acordo com a autora, os pares mínimos acima mostram que os adjetivos “former” (“antigo”, “ex”) e “alleged” (“suposto”) demonstram ordem livre tanto em relação a outros adjetivos (cf. (164) e (165)) quanto entre si ((166)), ainda que com evidente diferença de sentido em cada sequência, devido ao que está sob o escopo do adjetivo em cada caso. Em (164a), por exemplo, “former” toma escopo sobre “actor” apenas, resultando na leitura de “um antigo ator que é famoso”; em (164b), por outro lado, “former” tem escopo sobre “famous actor”, originando a leitura de “um antigamente famoso ator”. A mesma distinção se estende para (165) e (166).

Rosato (2013) acrescenta a essa classe — chamada por ela de “scope-taking” — o adjetivo “nice”:

- (167) a. the *nice big long* French baguette  
       b. the *big nice long* French baguette  
       c. the *big long nice* French baguette

(ROSATO, 2013:27)

Segundo ela, a diferença de interpretação entre as diferentes possibilidades de posicionamento do adjetivo é majoritariamente em relação ao escopo; ela aponta, porém, que, na construção em que o adjetivo se encontra o mais distante do nome ((167a)), sua leitura seria “quase adverbial”, no sentido em que ele parece modificar não apenas o nome, mas também todas as demais características listadas. Ela observa que essa propriedade parece se estender também às demais posições (com “nice” modificando os adjetivos que o sucedem), ainda que, quanto mais próximo do nome, mais o adjetivo parece modificar alguma qualidade estética do referente, em detrimento de uma avaliação mais ampla ou abstrata.

Panayidou (2013), contudo, discorda que tais adjetivos não tenham uma posição preferencial. Trabalhando com adjetivos intensionais (“former”, “alleged”, etc.), ela aponta que há uma diferença entre as estruturas abaixo:

- (168) a. the *former bright* student  
 b. the *bright former* student

Segundo ela, (168a) permite duas leituras, enquanto (168b) permitiria apenas uma:

- (169) the *former bright* student  
 a. Leitura 1: não é mais um estudante  
 $\lambda x.[\text{former}(\text{student}(x)) \wedge \text{bright}(\text{student}(x))]$   
 b. Leitura 2: ainda um estudante, mas não mais “bright”  
 $\lambda x.\text{former}(\text{bright}(\text{student}(x)))$
- (170) the *bright former* student  
 a. #Leitura 1: “bright” enquanto era estudante e não é mais estudante  
 $\lambda x.[\text{bright}(\text{student}(x)) \wedge \text{former}(\text{student}(x))]$   
 b. Leitura 2: não é mais estudante e era ou ainda é “bright”  
 $\lambda x.\text{bright}(\text{former}(\text{student}(x)))$

(PANAYIDOU, 2013:106)

Quando “former” antecede a sequência [A N], como em (169), ele pode ter escopo ou somente sobre o nome-núcleo (leitura 1) — o indivíduo não é mais um “estudante”, e ser brilhante ou não é uma propriedade adicional —, ou sobre toda a sequência (leitura 2) — o

indivíduo não é mais um “aluno brilhante”, mas pode ainda ser um aluno. Em (170), por outro lado, a leitura em que “bright” modificaria somente o nome-núcleo, como em (169a), não está disponível, e sim apenas a modificação de toda a sequência (170b)<sup>61</sup>.

A autora compara esse padrão ao daquele de adjetivos não intensionais:

(171) the *clever black cat* *Não marcada*

a. Leitura 1:  $\llbracket \text{clever black cat} \rrbracket = \llbracket \text{clever cat} \rrbracket \text{ e } \llbracket \text{black cat} \rrbracket$

$\lambda x. [\text{clever}(\text{cat}(x)) \wedge \text{black}(\text{cat}(x))]$

b. Leitura 2:  $\llbracket \text{clever black cat} \rrbracket \subseteq \llbracket \text{black cat} \rrbracket$

$\lambda x. \text{clever}(\text{black}(\text{cat}(x)))$

(172) the *black clever cat* *Marcada*

a. #Leitura 1:  $\llbracket \text{clever black cat} \rrbracket = \llbracket \text{clever cat} \rrbracket \text{ e } \llbracket \text{black cat} \rrbracket$

$\lambda x. [\text{black}(\text{cat}(x)) \wedge \text{clever}(\text{cat}(x))]$

b. Leitura 2:  $\llbracket \text{black clever cat} \rrbracket \subseteq \llbracket \text{clever cat} \rrbracket$

$\lambda x. \text{black}(\text{clever}(\text{cat}(x)))$

(PANAYIDOU, 2013:106)

Nesse caso, a ordem preferencial (não marcada) também dá origem a duas leituras: uma em que o adjetivo mais externo modifica a sequência [A N], como em (171b), e uma em que modifica diretamente o nome-núcleo ((171a)), enquanto a construção invertida permite apenas a interpretação em que o adjetivo mais externo tem escopo sobre tudo que o segue. O padrão, portanto, seria o mesmo de (169)-(170).

A partir disso, Panayidou argumenta que a possibilidade de duas leituras reflete a posição preferencial do adjetivo dentro do sintagma, enquanto a existência de apenas uma leitura seria uma característica de posições marcadas. Assim sendo, adjetivos intensionais não

<sup>61</sup> Como bem apontou o professor Sergio Menuzzi, no entanto, a formalização em (170b) não é adequada para capturar a ideia de subconjuntos, já que ela codifica, na realidade, uma leitura intensional. Nesse sentido, não é claro que as estruturas em (169b) e (170b) sejam comparáveis, a despeito das aparentes similares propriedades de escopo. Entenda-se a leitura em (170b), portanto, como:

i.  $[\text{bright former student}] \subseteq [\text{former student}]$

O mesmo vale para (171b) e (172b).

seriam realmente livres, e sim teriam como posição preferencial aquela mais externa à sequência.

Cabe apontar, entretanto, que a inversão com adjetivos como “former” e “alleged” diz mais sobre os adjetivos que são antepostos a eles que sobre tais adjetivos em si em termos de interpretação. Em última instância, se assumimos que “former” toma escopo sobre aquilo que o segue, é esperado que, na sequência “the bright former student”, em (170), ele modifique somente “student” — o contraste entre as duas leituras é anulado já que o nome é o único elemento a seguir o adjetivo. Por outro lado, ao “bright” ser incapaz de manter a modificação exclusiva sobre o nome-núcleo quando aparecendo mais externo em relação a “former”, temos a indicação de que a posição em que este adjetivo aparece de fato é representativa na estrutura.

Ainda, a possibilidade de duas leituras em (169) parece apontar para a existência de duas construções subjacentes, uma vez que, assumindo-se que o escopo seja resultado de relações de c-comando<sup>62</sup>, para obter duas relações de escopo distintas (nesse caso, com ou sem escopo sobre os demais adjetivos), é necessário que o adjetivo ocupe também duas posições diferentes. Também é interessante notar que, em termos de leitura, enquanto “bright” em (169) pode ter leitura tanto intersectiva (“‘bright’ enquanto indivíduo”) quanto não intersectiva/subsectiva (“‘bright’ enquanto aluno”), em (170) apenas a primeira é possível. Por outro lado, “former” precisa necessariamente incidir, em qualquer caso, sobre a propriedade denotada pelo nome, e não sobre seu referente.

“Nice”, entretanto, parece ser um caso diferente. Pela descrição de Rosato (2013), não é claro que “nice” apresente a possibilidade de modificação direta sobre o nome-núcleo; em se assumindo, porém, que essa leitura também exista, de toda forma a preservação da ordem dos demais adjetivos em (167c) coloca em questão de se a leitura dos adjetivos à esquerda de “nice” se modifica da mesma maneira que a dos adjetivos que aparecem à esquerda de “former” ou “alleged” — isto é, se eles também perdem a leitura com escopo somente sobre o

---

<sup>62</sup> Ainda que, em última instância, a noção de c-comando a ser assumida tenha reflexos em futuras análises, não iremos nos deter nesse aspecto nesse trabalho. Por enquanto, para nossos fins, c-comando pode ser entendido na definição:

$\alpha$  c-comanda  $\beta$  sse:

- (i)  $\alpha$  não domina  $\beta$ ;
- (ii)  $\beta$  não domina  $\alpha$ ;
- (iii) o primeiro nóculo ramificante que domina  $\alpha$  também domina  $\beta$ ; e
- (iv)  $\alpha$  não é igual a  $\beta$ .

nome-núcleo e passam a modificar toda a sequência que os segue. Considerando que aparentemente a ordem preferencial entre os demais adjetivos não é influenciada pela presença de “nice”, esse não parece ser o caso. Se essa de fato for a descrição adequada, então é possível que “nice” (e eventuais adjetivos que sigam o mesmo padrão) constitua um fenômeno à parte.

Em ambos os casos, todavia, se assumíssemos que a inversão do tipo de (171) e (172) é a mesma de (167), (169) e (170), permanece a questão de por que aquelas exibem uma leitura perceptualmente marcada e estas não.

### 1.1.2.3.3. *Superlativos*

Em muitas línguas, a marcação do superlativo faz com que o adjetivo tenha que aparecer na posição mais externa, independentemente de sua posição original em termos da ordem universal. É o que já foi visto para o galês, exemplificado em (134) e repetido abaixo em (173):

- (173) a. *y cwpan gwyrdd Sieineaidd mwyaf*  
           a xícara verde chinesa maior<sub>SUP</sub>.  
       b. *\*y cwpan mwyaf gwyrdd Sieineaidd*  
           a xícara maior<sub>SUP</sub> verde chinesa  
       c. The *biggest*<sub>SUP</sub> *green Chinese cup*.

(WILLIS, 2006)

O inglês exhibe o mesmo fenômeno:

- |                                        |                                         |
|----------------------------------------|-----------------------------------------|
| (174) a. <i>a long white plane</i>     | a. <i>*?the long whitest plane</i>      |
| b. <i>#a white long plane</i>          | b. <i>the whitest long plane</i>        |
| (175) a. <i>a nice small apartment</i> | a. <i>*?the nice smallest apartment</i> |
| b. <i>#a small nice apartment</i>      | b. <i>the smallest nice apartment</i>   |

(CINQUE, 2010)

Em PB, como veremos mais adiante, o superlativo também parece influenciar as possibilidades de ordem.

Teodorescu (2006) cita um caso especial do superlativo em inglês: o superlativo não definido. A autora endossa a hipótese de Herdan & Shavit (2006)<sup>63</sup> de que, em inglês, seria possível utilizar a forma do superlativo junto ao artigo indefinido. Nessas construções, a preferência de ordem entre o adjetivo no superlativo e outros adjetivos coocorrentes seria suspensa:

- (176) a. My class has a *short Italian* student.  
 b. #My class has an *Italian short* student.
- (177) a. My class has a *shortest Italian* student.  
 b. My class has an *Italian shortest* student.
- (TEODORESCU, 2006:403)

As duas sentenças em (177) apresentam uma diferença de sentido: enquanto (177a) aponta para o aluno italiano mais baixo entre os alunos italianos (tomando escopo sobre “italiano”), (177b) remete ao aluno mais baixo da sala, que adicionalmente é italiano (i.e. leitura similar a das orações relativas explicativas).

Tais dados colocariam em cheque, portanto, a generalização mais simples de que superlativos apareceriam na posição mais externa em relação ao nome-núcleo.

Panayidou (2013), entretanto, discorda que os exemplos em (176) e (177) exibam superlativos. Além de questionar os julgamentos de aceitabilidade das sentenças em (177) — especialmente (177b) —, ela nota que (177a) exhibe leitura comparativa ao invés de superlativa, e também que há evidência de que superlativos só podem aparecer em construções definidas. Em grego, língua na qual a marcação morfológica é geralmente a mesma para comparativos e superlativos, em construções indefinidas, a leitura é sempre comparativa, em contraste com as definidas que permitem ambas as leituras (cf. (178)); ainda, superlativos não podem aparecer em construções polidefinidas, mas comparativos, sim (cf. (179)).

- (178) a. xriazome ena vaθ-itero pcatō.  
 preciso<sub>1SG</sub> um fundo-COMP prato  
 “Eu preciso de um prato mais fundo”

<sup>63</sup> HERDAN, Simona; SHARVIT, Yael. Definite and Non-definite Superlatives and NPI Licensing. Manuscript, University of Connecticut, 2006.

- b. xriazome to vaθ-itero pcatō.  
 preciso1SG o fundo-COMP/SUP prato  
 “Eu preciso do prato mais fundo”
- (179) a. apo tus ðio, mu arese to psilotero to aʝori.  
 de os dois, eu gostei o alto-COMP o menino  
 “Dos dois, eu gosto do menino mais alto”
- b. apo tus tris, mu arese to psilotero (\*to) aʝori.  
 de os três, eu gostei o alto-SUP (\*o) menino  
 “Dos três, eu gosto do menino mais alto”
- (PANAYIDOU, 2013:114, 115)

Em (179a), já que a leitura comparativa é possível, a construção polidefinida é permitida; em (179b), entretanto, o conjunto de três força uma leitura superlativa, contexto no qual o artigo antes do substantivo que transformaria a sequência monodefinida (“to psilotero aʝori”) em polidefinida (“to psilotero **to** aʝori”) é então agramatical.

Em PB, em que formas comparativas e superlativas também são morfologicamente iguais, vemos, do mesmo modo, um contraste entre as duas leituras com artigos indefinidos.

- (180) a. Eu vou falar com o maior aluno da sala.  
 b. ??Eu vou falar com o aluno maior da sala.
- (181) a. ??Eu vou falar com um maior aluno da sala.  
 b. Eu vou falar com um aluno maior da sala.

Em (180), o artigo definido força a leitura superlativa; nessa situação, a posposição do adjetivo torna a sentença muito degradada, até mesmo inaceitável para alguns falantes (como superlativo). Em (181), entretanto, é a posição pré-nominal que causa estranhamento, sendo a pós-nominal possível, mas com leitura comparativa<sup>64</sup> — como fica claro nos exemplos em que o comparativo é marcado por “mais” ao invés de por morfologia específica:

- (182) a. \*Eu vou falar com um mais baixo aluno da sala.  
 b. Eu vou falar com um aluno mais baixo da sala.

<sup>64</sup> Nunes-Pemberton (2000) também aponta a forma superlativa anteposta, mas com artigo indefinido, como marcando comparação (p.86).



O comparativo e o superlativo também apresentam contraste quanto ao seu posicionamento em relação a outros adjetivos:

- (183) a. Eu vou procurar um aluno bonito mais baixo na minha sala.  
b. Eu vou procurar um aluno mais baixo bonito na minha sala.  
c. \*Eu vou procurar um mais baixo aluno bonito na minha sala.  
d. Eu vou procurar um bonito aluno mais baixo na minha sala.  
e. \*Eu vou procurar um mais baixo bonito aluno na minha sala.  
f. \*Eu vou procurar um bonito mais baixo aluno na minha sala.

- (184) a. Eu vou procurar o aluno bonito mais baixo da minha sala.  
b. \*Eu vou procurar o aluno mais baixo bonito da minha sala.  
c. Eu vou procurar o mais baixo aluno bonito da minha sala.  
d. Eu vou procurar o bonito aluno mais baixo da minha sala.  
e. ??Eu vou procurar o mais baixo bonito aluno da minha sala.  
f. ??Eu vou procurar o bonito mais baixo aluno da minha sala.

Com leitura comparativa, o adjetivo aparentemente tem ordem flexível em relação a outros adjetivos, ainda que dificilmente possa ser anteposto (como visto em (183c, 183e-f)); como superlativo, por outro lado, a restrição se coloca principalmente na posição pós-nominal, na qual ele deve necessariamente aparecer na posição mais afastada. A partir dos exemplos acima, não é claro se o superlativo ou o comparativo podem coocorrer com outros adjetivos na posição pré-nominal, mas de toda forma o superlativo parece ser mais bem aceito que o comparativo em qualquer uma das possíveis sequências (compare-se (184e-f) e (183e-f)).

Assim, o PB aparentemente também oferece evidências de que há diferença entre a posição do comparativo e a posição do superlativo dentro do DP, o superlativo tendendo a aparecer em uma posição mais externa (mais alta) em relação ao núcleo. Tal fato, acrescido da observação de Panayidou (2013) de que as estruturas citadas por Teodorescu (2006) têm leitura comparativa, apontam para a conclusão de que seria inadequado tratar as sentenças descritas pela última como superlativos com uma espécie de comportamento desviante; ao invés disso, é menos custoso assumir que o indefinido permite que a forma superlativa seja inserida em uma posição comparativa, mantendo-se assim a generalização translinguística quanto ao comportamento dos superlativos em relação à definitude e à ordem.

## 1.1.3. MODIFICAÇÃO PARALELA E MODIFICAÇÃO HIERÁRQUICA

Como uma última observação, é interessante explicitar uma propriedade do encadeamento dos adjetivos que foi até então abordada apenas tangencialmente neste trabalho. Em inglês, mas também em grego (e potencialmente em outras línguas), a ordem não marcada dos adjetivos permite duas leituras: uma em que cada adjetivo modifica independentemente o nome-núcleo — como esquematizam Alexiadou, Haegeman & Stavrou (2007), (A+A+A+N); e outra, com escopo, em que cada adjetivo à esquerda (no caso do inglês) modifica não apenas o nome, e sim a sequência toda que o sucede — (A+(A+(A+N))). Panayidou (2013) exemplifica tal propriedade com a sequência “the big square table”:

(185) the *big square* table

a. Leitura 1:  $\llbracket \text{big square table} \rrbracket = \llbracket \text{big table} \rrbracket$  e  $\llbracket \text{square table} \rrbracket$

$$\lambda x. [\text{big}(\text{table}(x)) \wedge \text{square}(\text{table}(x))]$$

b. Leitura 2:  $\llbracket \text{big square table} \rrbracket \subseteq \llbracket \text{square table} \rrbracket$

$$\lambda x. \text{big}(\text{square}(\text{table}(x)))$$

(PANAYIDOU, 2013:104)

As duas possíveis leituras de (185) são, portanto, aquela em que cada adjetivo modifica o nome diretamente (185a) e aquela em que o conjunto denotado pelo adjetivo mais externo está contido naquele denotado pelo mais interno — em outras palavras, há uma relação de escopo ((185b)). Alexiadou, Haegeman & Stavrou (2007), seguindo Sproat & Shih (1991) chamam a primeira de “modificação paralela”, e a segunda de “modificação hierárquica”.

Entretanto, diferentemente do que essas autoras afirmam, na modificação paralela, cada adjetivo *não* constitui um sintagma fonológico separado (p.322). A leitura paralela disponível na sequência em inglês é diferente daquela encontrada, digamos, no espanhol, conforme o exemplo citado por elas:

(186) \*la *delgada alta* señora / \*la *alta delgada* señora

(DEMONTE, 1999, apud ALEXIADOU et al., 2007:323)

De acordo com Demonte (1999), a concatenação direta entre os adjetivos em (186) não é possível; para que qualquer uma das ordens em (186) se torne aceitável, é necessário haver uma pausa entre eles. A partir disso, as autoras concluem que, no caso dessas sequências, somente a modificação paralela estaria disponível. Note-se, porém, que, em (185), essa pausa *não está* presente, pelo contrário: é justamente na construção não marcada sem pausas que ambas as leituras emergem. Quando de fato *há* uma pausa entre os adjetivos em inglês, a interpretação é somente de coordenação:

- (187) a. She loves all those *Oriental, orange, wonderful* ivories.  
 b. She loves all those *wonderful, orange, Oriental* ivories.  
 c. She loves all those *orange, Oriental, wonderful* ivories.  
 d. She loves all those *wonderful, Oriental, orange* ivories.  
 (SPROAT&SHIH, 1991)

Como visto nesse exemplo, além da leitura necessariamente de modificação paralela, a pausa característica da coordenação ainda permite que a ordem entre os adjetivos seja alterada sem nenhum tipo de marcação especial na estrutura além da coordenação em si, o que também difere de quando a sequência é invertida em contextos não coordenados.

É interessante acrescentar à discussão a observação feita por Bouchard (2002) acerca dos adjetivos em Bretão (língua que, assim como o galês e o irlandês, tem como padrão a ordem não espelhada pós-nominal):

Thus, Steve Hewitt tells me that, for him, in Breton examples like *ur plac'h vihan vraw* 'a fine/beautiful little girl' and *ur vuoc'h vras wenn* 'a big white cow'<sup>65</sup>, in both cases, the two postnominal adjectives apply together to the noun, as if they were coordinated ADJs, instead of one ADJ applying to the noun and the other applying to a N+ADJ combination.

(BOUCHARD, 2002:194)

Bouchard (2002) prossegue seu raciocínio concluindo que a estrutura sintática dos adjetivos em Bretão (e nas demais línguas celtas) é diferente daquela do inglês devido à ausência da leitura hierárquica, e assume que a manifestação do fenômeno da ordem universal nessas línguas (como mostrado para o galês nos exemplos (132)-(135)) se deva a motivações cognitivas. Entretanto, o pressuposto assumido pelo autor que lhe permite chegar a essa

<sup>65</sup> Literalmente: "uma [ur] vaca [vuoc'h] grande [vras] branca [wenn]".

conclusão é precisamente que o inglês exibiria *apenas* a leitura hierárquica — o que, como visto, não condiz com a descrição da língua. Pelo contrário, as línguas celtas e o inglês compartilham da leitura de modificação paralela, ainda que a modificação hierárquica pareça estar ausente naquelas.

A pressuposição feita por Bouchard (2002) de que existiria apenas a modificação hierárquica possivelmente advém do fato de que, nas línguas românicas, aparentemente essa é a única leitura possível. Não podemos afirmar tal generalização categoricamente para o francês ou para o italiano, mas essa parece ser a realidade para o PB:

- (188) a. uma bola *vermelha grande*  
b. uma bola *grande vermelha*

- (189) a. os *brilhantes novos* professores  
b. os *novos brilhantes* professores

Tanto na posição pré-nominal quanto na pós-nominal (com a exceção dos adjetivos classificativos e das estruturas com nominais complexos), a ordem dos adjetivos em PB parece ser regulada principalmente por motivações de escopo; quando o falante deseja evitar essa relação entre os adjetivos, é necessário recorrer a coordenações. Essa observação é corroborada por Prim (2015:84).<sup>66</sup>

Assim, aparentemente temos tanto línguas que apresentam forte preferência pela leitura de modificação paralela (entendida aqui como sendo *diferente* de coordenação assindética), como as línguas celtas; línguas que preferem ou até mesmo só apresentam modificação hierárquica, como possivelmente o PB e as demais línguas românicas, o japonês e o coreano; e línguas em que as sequências de adjetivos são ambíguas entre as duas leituras, como o inglês e o grego. Ainda que não desejemos, por enquanto, fazer sugestões acerca da sintaxe dessas construções, os dados parecem apontar para a necessidade de, pelo menos, duas estruturas sintáticas subjacentes diferentes.

---

<sup>66</sup> Ainda que essa seja a leitura mais robusta, sequências como “um músico cabeludo famoso”, por exemplo, colocam em cheque esse julgamento; não é claro se “cabeludo” está ou não sob o escopo de “famoso”. Em certa medida, esse exemplo lembra o exemplo de Teodorescu (2006) em (177b), “an Italian shortest student”, em que a autora descreve “Italian” sendo interpretado como uma característica “acidental”. Da mesma forma, parece possível interpretarmos “famoso” como não tendo escopo sobre “cabeludo”: não estamos falando, digamos, do Slash, e sim de algum músico famoso que acidentalmente também tem muito cabelo. A saliência do adjetivo intermediário como apresentando leitura restritiva ou não, nesse caso, parece depender do contexto. Veremos um possível contraexemplo mais robusto para essa generalização no capítulo 04.

## 1.1.4. RELAÇÃO ENTRE POSIÇÃO DO ADJETIVO E SUA LEITURA

Considerando-se, como visto, que tanto a possibilidade dos dois conjuntos de leituras apontados por Cinque (2010) quanto o ordenamento de adjetivos parecem ser propriedades exclusivas à posição pré-nominal, o próximo questionamento que se segue é, naturalmente, se haveria, e qual seria, a relação entre elas.

Retomando a síntese das propriedades reunidas por Cinque (2010) nas tabelas na seção 1.1.1, temos que a posição pré-nominal nas línguas românicas apresenta leitura individual-level, não restritiva, não intersectiva, e modal (em relação a adjetivos como “possível”) (entre outras propriedades), enquanto a posição pós-nominal nas línguas germânicas exibe leitura stage-level, restritiva, intersectiva, e de oração relativa implícita (em relação a adjetivos como “possível”) (entre outras). Cinque aponta que, assumindo-se que tais posições com tais propriedades sejam instâncias prototípicas de duas fontes diferentes de inserção de adjetivos no DP — uma vez que leituras distintas são tradicionalmente concebidas como derivadas de posições também distintas na estrutura sintática —, e, na esteira de Sproat & Shih (1991), admitindo-se que a diferença seja colocada em termos de *modificação direta* (posição pré-nominal nas línguas românicas) e *modificação indireta* (posição pós-nominal nas línguas germânicas), então adjetivos em modificação indireta sempre aparecem mais distantes (linearmente, ao menos) que adjetivos em modificação direta em relação ao nome núcleo:

- (190) a. every visible visible star  
 b. every *visible* star *visible*  
 (CINQUE, 2010)

Em (190), a leitura do adjetivo “visible” pós-nominal em (190b) é a mesma do primeiro “visible” (mais externo) em (190a): dentre as estrelas geralmente visíveis (leitura individual-level), delimitam-se aquelas que estão visíveis no tempo atual (leitura stage-level). A mesma ordem pode ser vista nos exemplos a seguir:

- (191) a. an *old old* friend  
 b. um *velho* amigo *velho*
- (192) a. Ela entrevistou todos os *possíveis* candidatos *possíveis*.  
 b. Ela entrevistou todos os candidatos *possíveis possíveis*.

Em (191a), a leitura de “old” como “velho” é necessariamente mais externa que a leitura não predicativa (de um amigo muito antigo). Em PB, como essas leituras não são compartilhadas em nenhuma das posições, a única opção é inserir os adjetivos em cada uma delas, como em (191b). Em (192), por outro lado, ainda que a construção preferível provavelmente seja (192a) — a leitura modal na posição pré-nominal, e a leitura de oração relativa implícita na posição pós-nominal —, (192b) ainda assim é possível, mantendo-se a ordem *modificação direta > modificação indireta*.

Como o próprio Cinque observa, porém, a evidência mais concreta acerca da ordem entre as posições/leituras advém de línguas que marcam essa distinção morfologicamente. Em mandarim, por exemplo, Sproat & Shih (1991) notam que adjetivos seguidos de “de”, quando coocorrendo com adjetivos em justaposição, devem necessariamente ocupar a posição mais externa (os autores assumem que o “de” marque a modificação indireta), mesmo que subvertendo a ordem preferencial/rígida:

- (193) a. hēi-de xiǎo shū  
           preto-DE pequeno livro  
       b. \*xiǎo hēi-de shū  
           pequeno preto-DE livro  
           “livro preto pequeno”  
           (SPROAT&SHIH, 1991)

Panayidou (2013) aponta a mesma característica para o grego: adjetivos polidefinidos aparecem em posições mais externas que monodefinidos (a autora argumenta que polidefinidos são adjetivos em modificação indireta, o que é corroborado pelo fato de que eles apresentarem somente as leituras relacionadas a essa fonte).

- (194) a. to strojilo \*(to) prasino to trapezi  
           a redonda a verde a mesa  
       b. to meyallo [to strojilo (prasino) trapezi]  
           a grande a redonda verde mesa  
       c. [to strojilo (prasino) trapezi] to meyallo  
           a redonda verde mesa a grande  
           (PANAYIDOU, 2013:119)

Em (194a), como o nome é antecedido pelo artigo, os adjetivos que o antecedem são necessariamente polidefinidos; por isso, a impossibilidade de apagamento do “artigo”<sup>67</sup>. Em (194b) e (194c), por outro lado, o artigo aparece antes do primeiro adjetivo em modificação direta (evidenciado pelo fato de que não há artigo antes do nome, e que o adjetivo intermediário também pode figurar sem “to”), e o adjetivo polidefinido pode ou anteceder o sintagma na posição mais afastada, como em (194b), ou segui-lo em posição pós-nominal, como em (194c). Aos monodefinidos, a posição pós-nominal é impossível.

Assim, segundo Cinque (2010), podemos fazer as seguintes generalizações quanto à ordem da modificação:

- (195) a. Modificação Indireta > Modificação Direta > N (>Modificação Indireta)  
*grego, mandarim, inglês (permite a posposição)*
- (196) Modificação Direta > N > Modificação Direta > Modificação Indireta  
*italiano, PB*
- (CINQUE, 2010)

Assim, ainda que o ordenamento entre modificação direta e modificação indireta se sobreponha (mas não se iguale) à ordem universal como vista na seção anterior, há uma interação entre esses fatores, como visto pelo fato de que a coocorrência de adjetivos nas duas formas de modificação permite que a sequência superficial em que as categorias emergem difira do ordenamento preferencial.

## 1.2. Síntese do capítulo

Vimos nesse capítulo uma série de propriedades da posição adnominal que não são encontradas na posição predicativa, apontando para sua singularidade e, em consequência, advogando contra a possibilidade de que (todos os) adjetivos adnominais sejam derivados de orações relativas.

Primeiro, abordamos a observação de Cinque (2010) quanto à existência de dois grandes conjuntos de leituras que, apesar de ambíguos nas posições canônicas dos adjetivos nas línguas românicas e germânicas, podem ser desassociados se tomarmos a posição pré-

<sup>67</sup> Panayidou (2013) argumenta, seguindo Campos & Stavrou (2004), que o “to” que antecede polidefinidos não é realmente uma múltipla instanciamento do determinante, e sim a realização de um operador de predicação. CAMPOS, Héctor; STAVROU, Melita. Polydefinite constructions in Modern Greek and in Aromanian. In TOMIĆ, O. *Balkan Syntax and Semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

nominal daquelas e a pós-nominal destas. Seguindo a hipótese de que as diferentes leituras sejam derivadas de relações igualmente diversas dos adjetivos com o nome-núcleo, a modificação caracterizada na posição pré-nominal nas línguas românicas foi chamada de *modificação direta*, enquanto aquela encontra na posição pós-nominal nas línguas germânicas seria *modificação indireta* (segundo SPROAT&SHIH, 1991). A modificação direta teria como características, dentre outras, apresentar leitura individual-level, não restritiva e não intersectiva, enquanto a modificação indireta exibiria um comportamento diametralmente oposto, com leitura stage-level, restritiva e intersectiva. Não há uma razão fundamentada para que tais propriedades apareçam em conjunto; entretanto, Cinque ressalta que o importante a se observar é que as leituras atribuídas à modificação indireta são as mesmas encontradas em adjetivos em posição predicativa, enquanto as características ligadas à modificação direta não estariam disponíveis nessa posição.

Tratamos então de uma segunda propriedade encontrada somente na posição adnominal: as restrições sobre o ordenamento de adjetivos (AOR). Em diversas línguas, a ocorrência de múltiplos adjetivos dentro do DP é regulada por um certo mecanismo que restringe a ordem em que tais itens devem aparecer; há uma variância entre esse ordenamento ser mais preferencial (como no inglês, no hebraico, no grego, no árabe moderno) ou mais rígido (como no mandarim, no árabe maronita cipriota (CMA), no galês). Apesar de, em inglês, as AOR se manifestarem em termos de preferências — e isso ter levado alguns autores, como Trustwell (2009), a até mesmo questionarem sua existência —, vimos que trabalhos estatísticos como o de Wulff (2003) apontam para a relevância da hierarquia como um dos fatores concorrentes na ordem adjetival.

Interessantemente, em todas as línguas em que o posicionamento de adjetivos não é completamente livre, encontramos um padrão similar no ordenamento: uma única ordem é encontrada em posição pré-nominal, e ela própria ou sua imagem espelhada (ou uma mistura das duas) em posição pós-nominal. Por essa razão, chamamos essa ordem de *ordem universal* (originalmente (74)):

- (197) Qualidade > Dimensão > Formato > Cor > Nacionalidade > N  
(CINQUE, 1994:26)

Apesar de disseminada, no entanto, o ordenamento dessas categorias, mesmo em línguas com posicionamento mais rígido, não é absoluto, podendo ser, na maioria dos casos,



influenciado por certos contextos: na presença de superlativos (que tenderão a aparecer na posição mais externa em relação ao núcleo); construções focalizadas; e com uma certa classe de adjetivos, chamados tentativamente de *operadores*, que parecem ser prioritariamente ordenados por motivações de escopo.

Ainda, em algumas das línguas que apresentam AOR, a leitura dos adjetivos é ambígua entre uma interpretação hierárquica e uma similar à coordenação, em que cada adjetivo modificaria o nome independentemente. Seguindo Sproat & Shih (1991), essas diferentes possibilidades são chamadas de *modificação hierárquica* e *modificação paralela*, respectivamente. Argumentamos, todavia, que a modificação paralela não pode ser equalizada a coordenações, uma vez que, distintamente destas construções, aquela não é caracterizada por uma entonação de pausa entre os adjetivos, tampouco permite o livre ordenamento entre eles. Aparentemente, há línguas que exibem igual facilidade de acesso às duas formas de modificação (como o inglês), línguas que preferem a leitura paralela (como as línguas celtas) e línguas que preferem ou até mesmo só apresentam a hierárquica (japonês, coreano, e potencialmente o PB e demais línguas românicas, ao menos na posposição). Essa distribuição entre as línguas corrobora a hipótese de que cada leitura esteja associada a uma estrutura subjacente distinta.

Por último, vimos que, quando adjetivos em modificação direta e em modificação indireta coocorrem, estes aparecem necessariamente mais externos àqueles quando ambos estão pospostos ou antepostos (originalmente (195)-(196)):

(198) a. Modificação Indireta > Modificação Direta > N (>Modificação Indireta)  
*grego, mandarim, inglês (permite a posposição)*

(199) Modificação Direta > N > Modificação Direta > Modificação Indireta  
*italiano, PB*

(CINQUE, 2010)

Uma generalização aparentemente passível de ser feita, portanto, é a de que, se a posição pré-nominal permitir apenas *uma* leitura, será de modificação direta ((199)), enquanto, no caso da pós-nominal, será a indireta ((198)).

Assim, podemos concluir que há robustas evidências acerca de uma estrutura adjetival adnominal subjacente substancialmente rica, diferindo, portanto, da posição predicativa, e tornando a teoria de que todos os adjetivos adnominais seriam derivados de orações relativas insuficiente.

Apesar de já termos, nesta seção, tratado de alguns dos dados do PB, iremos nos voltar no próximo capítulo para os estudos debruçados especificamente sobre essa língua, atentando-nos para as propriedades apontadas e de que maneira tais dados se relacionam com os trabalhos translinguísticos anteriormente revisados.

## 2 Características dos adjetivos em PB

Como já apontado no começo da seção 1.1.1, desde o começo, os estudos em PB acerca de adjetivos se focaram prioritariamente na distinção entre anteposição e posposição, buscando tanto caracterizar suas diferentes propriedades quanto buscar uma explicação linguística para sua distribuição. Os resultados de muitos desses trabalhos em grande medida corroboram muitas das generalizações previamente apontadas, mas também acrescentam algumas reflexões ao apresentar alguns dados contraditórios a elas ou às interpretações feitas a partir delas.

### 2.1. Estudos anteriores acerca de adjetivos em PB

#### 2.1.1. BORGES NETO (1979): (SIN)CATEGOREMATICIDADE E (IN)EXTENSÃO

A proposta de Borges Neto (1991)<sup>68</sup>, baseada principalmente nos trabalhos de Bolinger (1967)<sup>69</sup>, Vendler (1968)<sup>70</sup> e Zuber (1973)<sup>71</sup>, consiste em associar a dicotomia categoremático e sincategoremático à distinção entre predicados extensionais e intensionais (respectivamente). A intenção é, através disso, tornar a categorematicidade um meio de explicação dos adjetivos baseado em processos comuns à linguagem humana, e não uma distinção criada apenas para explicar um conjunto menor de fenômenos dentro de uma língua.

A dicotomia categoremático/sincategoremático (AC/AS) aparece no trabalho de Zuber (1973). Borges Neto dita, como uma primeira definição, que “o adjetivo categoremático é aquele que tem o seu sentido estabelecido independentemente do sentido do nome ao qual se liga, enquanto o adjetivo sincategoremático tem o seu sentido intimamente ligado ao sentido do nome” (p.25). Apesar de apenas Zuber utilizar essa nomenclatura, Borges Neto demonstra que o sentido expresso por esses termos encontra eco na distinção *modificador de referente/modificador de referência* — respectivamente, AC e AS — de Bolinger (1967), e também em Vendler (1968), na medida em que este diz, em determinado momento, que “enquanto A<sub>1</sub>s são atribuídos diretamente ao sujeito, A<sub>3</sub>s [são atribuídos] somente com respeito a um conjunto de atividades (classe de verbos apropriada) associado com o nome

---

<sup>68</sup> A dissertação foi escrita em 1979 e republicada, como livro, em 1991. Utilizamos a edição em livro, mas consideramos importante nos referirmos ao ano original de publicação devido ao caráter pioneiro do trabalho à época.

<sup>69</sup> BOLINGER, Dwight. Adjectives in English: Attribution and Predication. *Língua*, 18, pp.1-34, 1967.

<sup>70</sup> VENDLER, Zeno. *Adjectives and Nominalizations*. The Hague: Mouton, 1968.

<sup>71</sup> ZUBER, Ryszard. La Catégorématicité et les Adjectifs en Polonais. *Langages*, 30, pp.125-131, 1973.

aplicado a esse mesmo sujeito”<sup>72 73</sup>. Como Borges Neto observa, as demais classes descritas por Vendler seguem o comportamento dos  $A_3$ s, de modo que os  $A_1$ s são os únicos que se ligam diretamente ao “sujeito” (indivíduo/entidade ao qual o nome também se aplica). Desse modo, apenas os  $A_1$ s seriam categorémáticos, enquanto os outros seriam não categorémáticos, i.e. sincategorémáticos. Borges Neto apresenta três critérios de classificação dos adjetivos:

- a) Conjunção, da forma:  $NP_1 \text{ é } NP_2 \text{ A} \rightarrow NP_1 \text{ é } NP_2 \text{ e } NP_1 \text{ é } A$ . Se verdadeiro,  $A=AC$ .
  - b) Predicação do hiperônimo: dado que  $NP_1 \text{ é } NP_2 \text{ A}$ , se esse  $A = AC$ , então  $NP_1 \text{ é } NP_3 \text{ A}$  será verdadeira (sendo  $NP_3$  um hiperônimo de  $NP_1$ ).
  - c) Transferibilidade: o  $AC$  é transferível entre todas as expressões que sejam verdadeiras para um mesmo sujeito, i.e. não está vinculado ao nome com o qual ocorre.
- Formalmente:

$$(NP_1 \text{ é } NP_2 \ \& \ NP_1 \text{ é } NP_3 \ \& \ NP_1 \text{ é } A) \rightarrow (NP_1 \text{ é } NP_2 \text{ A} \ \& \ NP_1 \text{ é } NP_3 \text{ A})$$

[em que os índices indicam co-referencialidade]<sup>74</sup>

Esses testes, no entanto, a princípio só podem classificar adjetivos atributivos que podem figurar em estruturas predicativas (como “a rosa vermelha é linda”), o que limita bastante seu escopo.

Borges Neto, entretanto, não se limita a estabelecer a distinção AC/AS; como dito anteriormente, sua proposta pretende, além disso, associar essa dicotomia à outra: predicados extensionais/intensionais. O autor dá a seguinte definição:

<sup>72</sup> A proposta de Vendler (1968) consiste em derivar todos os adjetivos atributivos de orações relativas, em consonância com a perspectiva teórica da época. Como resultado, o autor propõe nove classes de adjetivos, cada uma com uma oração relativa subjacente distinta. Uma vez que já vimos, entretanto, que não parece apropriado derivar todos os adjetivos atributivos a partir de suas contrapartes predicativas por todas as diferenças existentes entre as duas posições, não nos pareceu interessante, para nossos fins, revisar esse trabalho. Ainda assim, o estudo traz muitas reflexões interessantes acerca da interpretação dos adjetivos.

<sup>73</sup> Um exemplo de  $A_1$  seriam *cores* (e.g. “preto”) ou *descrições físicas* (e.g. “loiro”); de  $A_3$ , “fraco” como em “um rei fraco” (i.e. um “rei fraco” não é necessariamente um “homem fraco”, e sim alguém incapaz de tomar boas decisões, etc.), ou “bela” no clássico exemplo “uma bela bailarina”.

<sup>74</sup> Como exemplos de cada propriedade, respectivamente:

- i. *Conjunção*: João é um músico *cego*.  $\rightarrow$  João é músico e João é *cego*.
- ii. *Predicação do hiperônimo*: A rosa é uma flor *vermelha*.  $\rightarrow$  A rosa é uma planta *vermelha*.
- iii. *Transferibilidade*: Maria é brasileira, Maria é pintora e Maria é professora.  $\rightarrow$  Maria é uma pintora brasileira e Maria é uma professora brasileira.

Adjetivos sincategorémáticos, em contraste, não passam nos testes:

- i. *Conjunção*: Pedro é um jôquei *alto*.  $\rightarrow$  !Pedro é um homem *alto*.
- ii. *Predicação do hiperônimo*: Luisa é uma jogadora de xadrez *famosa*.  $\rightarrow$  !Luisa é *famosa*.
- iii. *Transferibilidade*: Ricardo é um engenheiro *elétrico*, Ricardo é pesquisador e Ricardo é pai.  $\rightarrow$  !Ricardo é um pesquisador elétrico e !Ricardo é um pai elétrico.

A extensão de uma expressão é a classe que corresponde a ela, enquanto a intensão de uma expressão é a propriedade que lhe corresponde. Por exemplo, a extensão da expressão ‘humano’ é a classe dos humanos enquanto sua intensão é a propriedade ‘ser humano’. A classe dos humanos é idêntica à classe dos bípedes implumes, no entanto, a propriedade “ser humano” e a propriedade ‘ser bípede implume’ não são idênticas. Logo, as expressões ‘humano’ e ‘bípede implume’ têm a mesma extensão e intensões diferentes.

(BORGES NETO, 1991:43)

A partir dessas definições, ele aponta que “é possível ligar categorematicidade e extensionalidade” (p.49), i.e., ACs modificariam a extensão da entidade/indivíduo denotada pelo nome, e ASs modificariam a intensão do nome ao qual estão associados. Ele demonstra que as três características da dicotomia AC/AS (transferibilidade, alcance da predicação e transformação de uma proposição em duas ligadas por conjunção) podem ser explicadas por meio da extensionalidade.

Quando consideramos que ACs são modificadores de extensão, isso significa que esses adjetivos modificam os nomes a eles ligados de maneira absoluta, uma vez que, para que pertençam à extensão denotada pelos adjetivos, os indivíduos precisam ter a propriedade denotada por eles. Estando garantida a correferencialidade entre dois nomes, portanto, tal adjetivo pode ser aplicado a qualquer um deles, já que ele modifica diretamente o indivíduo denotado pelo nome (a extensão), e não depende de propriedades específicas do nome em si (a intensão). Assim se explicam tanto a transferibilidade quanto a possibilidade de predicação do hiperônimo por parte do AC.

A possibilidade de separar uma proposição da forma “NP<sub>1</sub> é NP<sub>2</sub> A” em duas — “NP<sub>1</sub> é NP<sub>2</sub>”, e “NP<sub>1</sub> é A” (quando A é categoremático) — também pode ser explicada pela extensionalidade. Quando A é um predicado extensional (um AC), ele determina um conjunto (uma extensão) do qual o NP faz parte, e pode, portanto, ser isolado; o predicado intensional, porém, não determina um conjunto, de modo que não pode ser separado do nome que modifica. Por exemplo:

(200) João é um professor *calvo*.

(201) João é *calvo*.

(202) João é um pianista *famoso*.

(203) !João é *famoso*.

Podemos dizer que (200) acarreta (201) sem problemas, uma vez que *calvo* é um adjetivo que determina um conjunto — um AC; (202), por outro lado, não acarreta (203), já

que alguém que é ‘famoso’ *enquanto* pianista não é necessariamente ‘famoso’ de forma absoluta. Nesse sentido, Borges Neto aponta que um tratamento possível aos ASs é tratá-los como predicados de segundo nível, i.e., que não predicam sobre um indivíduo, mas sobre uma propriedade desse indivíduo.

O autor faz ainda algumas observações a respeito dos ACs e ASs no português. Ele dá os seguintes exemplos:

(204) Oswald Ducrot é um linguista *francês*.

(205) Comprei um carro *vermelho*.

(206) Pedro é um pintor *cego*.

(207) Fritz é um soldado *francês alemão*.

(208) Eu não quero a maçã *branca*. Traga-me uma maçã *vermelha*, mesmo que não esteja madura.

(209) Pedro é um pintor *cego*. Nada vê além da pintura.

(BORGES NETO, 1991:55-58)

Num primeiro momento, os adjetivos em (204), (205) e (206) parecem ACs. No entanto, (207)-(209) mostram que mesmo adjetivos tipicamente categoremáticos podem ter outras interpretações. Em (207), por exemplo, *francês* só pode ser interpretado sincategorematicamente (i.e. “do exército francês”, e não um indivíduo cuja nacionalidade é francesa). Em (208), tanto *branca* quanto *vermelha* têm interpretações como ‘do tipo “branca”’ e ‘do tipo “vermelha”’, portanto ASs. Mesmo *cego*, num contexto adequado, pode ser um AS, como demonstrado em (209).

Quanto a adjetivos sincategoremáticos, Borges Neto dá mais alguns exemplos:

(210) Maurício é um físico *nuclear*.

(211) Pedro é um *perfeito* idiota.

Em (210), temos o mesmo caso das maçãs — um físico ‘do tipo “nuclear”’. Em (211), ainda que *perfeito* pareça ser alguma espécie de adjetivo intensificador, não há dúvidas de que seja um AS. Entretanto, Borges Neto aponta que nem sempre é possível distinguir o tipo (ou uso) do adjetivo com facilidade:

(212) Maria é uma estudante *inteligente*.

(213) Pedro é um senador *honesto*.

Nestes casos, seria difícil dizer se os adjetivos são ACs ou ASs; eles podem ser os dois, a depender se tomam a classe denotada pelo nome como delimitando o conjunto a ser tomado como referência para comparação ou não. Maria pode ser *inteligente* tanto enquanto estudante ou alguém que é *inteligente e é estudante*. O mesmo vale para (213).

A influência das posições pré ou pós-nominal do adjetivo na determinação da interpretação AC/AS não é decisiva para o autor. Ainda que, a princípio, o exemplo (207) pareça sugerir que a ordem numa série é AS-AC, há contraexemplos. Borges Neto diz:

[...] no caso da distinção categoremático/sincategoremático, a ordem dos adjetivos numa série influi bem como a anteposição ou posposição do adjetivo em relação ao nome, sem no entanto ser, um ou outro recurso, o fator decisivo que nos permitiria distinguir o uso dos adjetivos.  
(BORGES NETO, 1991:60)

O autor conclui que nenhum adjetivo é intrinsecamente um AC ou um AS, sendo mais preciso dizer que ele é *utilizado* como um AC ou um AS, i.e., o que define sua interpretação é seu uso, e não uma propriedade essencial do item lexical. Teoricamente, qualquer adjetivo poderia ser utilizado como categoremático ou sincategoremático, precisando apenas de um contexto adequado.

À primeira vista, pareceria possível vincular a propriedade de sincategorematicidade à modificação direta, visto a ligação direta entre adjetivos sincategoremáticos e categoremáticos às propriedades de não intersectividade e intersectividade, respectivamente. Entretanto, isso levaria a alguns conflitos com a generalização previamente abordada em (199) acerca da ordem dos modificadores, por causa de sequências como a seguinte:

(214) Pedro é um pianista *cego famoso*.

(BORGES NETO, 1991:71, nota 1)

Nessa sequência, “cego” é um AC, e “famoso”, um AS. Na perspectiva da análise quanto às fontes de modificação, podemos tanto hipotetizar que ambos estejam em modificação direta (lembrando que, em inglês, a ordem *default* é a mesma: “a *famous blind pianist*”) como ambos em modificação indireta — tendo como evidência o caráter restritivo da sequência. Para esta última análise, apesar de “famoso” não ser intersectivo, e isso a princípio

contrariar as características listadas nas tabelas 1.1 e 1.2, devemos apontar que a leitura subiectiva/não intersectiva, nesse caso, mantém-se em posição predicativa:

(215) Esse pianista é *famoso*.

A possibilidade de interpretarmos “famoso” em (215) como tendo leitura subiectiva é reforçada pelo fato de que, em russo, a forma longa dos adjetivos (e, portanto, necessariamente subiectiva, cf. nota 25) poder ser utilizada na posição predicativa (BORGES NETO, 1991:35).

Assim, a distinção categorémático/sincategorémático aponta para a possibilidade de os adjetivos modificarem a extensão/o referente ou a intensão/a referência do nome, mas é incapaz por si só de explicar a ordem dos adjetivos; por que adjetivos ambíguos entre as duas leituras são desambiguizados na posição pré-nominal (cf. (218)<sup>75</sup>), por que nem todos os adjetivos sincategorémáticos podem aparecer em ambas as posições (cf. (216), (217)); e por que somente alguns categorémáticos podem ser antepostos (cf. (219) e (220)):

(216) a. José é um *suposto* comunista.

b. \*José é um comunista *suposto*.

(217) a. José é um *perfeito* idiota.

b. ?José é um idiota *perfeito*.

(218) a. Laura é uma professora *inteligente*.

b. Laura é uma *inteligente* professora.

(219) a. Luis é um senhor *calvo*.

b. ??Luis é um *calvo* senhor.

(220) a. Ele é um engenheiro *francês*.

b. \*Ele é um *francês* engenheiro<sup>76</sup>.

## 2.1.2. BOFF (1991): ADJETIVOS AVALIATIVOS E NÃO AVALIATIVOS

<sup>75</sup> Quando antepostos, adjetivos como “inteligente” tem interpretação necessariamente sincategorémática, i.e. levando em conta a classe de comparação delimitada pelo nome.

<sup>76</sup> Interpretando “francês” como adjetivo, essa sentença é agramatical; entretanto, “francês” pode ser reinterpretado como núcleo do sintagma, “engenheiro” passando a ser uma espécie de modificador, interpretação que é gramatical, mas não a desejada.



Diversamente de Borges Neto (1991), a preocupação principal de Boff (1991) é sintática, e não semântica. Ela busca explicar justamente o que Borges Neto não explorou: o papel das posições pré e pós-nominal na definição de classes de adjetivos e as restrições quanto à ocorrência de certos adjetivos nessas posições.

(221) a. um livro *interessante*

b. um *interessante* livro

(222) a. um livro *vermelho*

b. \*um *vermelho* livro

(BOFF, 1991:2)

Para dar conta de dados como esses, Boff sugere que os adjetivos no português sejam classificados em adjetivos avaliativos e adjetivos não avaliativos: “[...] de modo informal, podemos definir os adjetivos avaliativos como sendo aqueles que são usados pelo falante para a emissão de uma opinião ou julgamento” (p.62). Apenas os adjetivos avaliativos poderiam ser antepostos ao nome.

Para não incorrer em um problema de imprecisão em sua classificação, Boff sugere um teste para reconhecer adjetivos avaliativos, que consistiria na utilização de “verbos de julgamento”. Teoricamente, apenas adjetivos avaliativos poderiam ocorrer com esses verbos:

(223) a. Eu acho/considero/julgo *simpático/bom* o João.

b. \*Eu acho/considero/julgo *alemão/bêbado* o João.

(BOFF, 1991:62)

É importante apontar que Boff não leva em conta adjetivos “intensionais” como “suposto”, “pretense”, “próximo”, “último”, etc. em sua análise, tampouco os “quantificacionais” (“vários”, “certo”, etc.).

A autora utiliza-se da distinção de predicados de Kratzer (1988)<sup>77</sup>, de acordo com a qual verbos de julgamento selecionam apenas predicados *individual-level*. Ainda que nem todos os adjetivos *individual-level* possam ser pré-nominais, Boff aponta como prova a favor de sua teoria que nenhum adjetivo *stage-level* pode ser anteposto ao nome. Nesse caso, sua

---

<sup>77</sup> KRATZER, Angelika. *Stage-level and Individual-level Predicates*. Amherst, Mass.: Universidade de Massachusetts, 1988.

observação vai ao encontro da generalização de Cinque (2010) acerca dessa propriedade da posição pré-nominal nas línguas românicas (e, conseqüentemente, da modificação direta).

Quanto ao aspecto sintático, os adjetivos avaliativos seriam gerados à direita em PB, e se moveriam opcionalmente para uma posição à esquerda do nome. A autora defende, ainda, uma diferença em relação ao inglês quanto ao parâmetro de adjunção: se, em PB, os adjetivos estariam adjungidos à direita, em inglês, eles estariam à esquerda. Parece haver, além disso, uma tendência dos adjetivos avaliativos de se moverem para a posição mais externa na projeção em que se encontram. Em PB, esse movimento seria opcional (e acarretaria na anteposição) — mas, em inglês, seria obrigatório:

- (224) a. the *interesting red* dress  
 b. \*the *red interesting* dress  
 (BOFF, 1991:80)

Segundo Boff, essa diferença também seria paramétrica. A possibilidade de movimento opcional apenas para adjetivos avaliativos explicaria, em PB, tanto a ocorrência desses adjetivos em posição pré-nominal quanto antigas incorporações à esquerda (sempre com adjetivos avaliativos), como “*má fé*”, “*alta sociedade*”, etc.

O primeiro problema com a proposta de Boff é que o teste apresentado por ela para diferenciar adjetivos avaliativos de não avaliativos só funciona bem com casos de adjetivos prototipicamente considerados avaliativos. Por exemplo:

- (225) a. Eu considero calvo o João.  
 b. ??Eu vi um calvo homem hoje.<sup>78</sup>  
 (226) a. Eu julgo vermelha essa blusa.  
 b. \*Eu comprei uma vermelha blusa linda hoje!

Numa situação em que se está discutindo a calvície de João, por exemplo, (225a) é plenamente possível; no entanto, é difícil dizer que “*calvo*” seja um adjetivo avaliativo. Se estiver havendo uma discussão a respeito da cor de uma blusa, (226a) também é possível, e nem assim o adjetivo torna-se avaliativo em termos sintáticos para poder ser anteposto (cf.

<sup>78</sup> Como Boff (1991) mesma aponta, essas sequências podem se tornar substancialmente melhores quando o adjetivo em questão manifesta uma propriedade “inerente” ou prototípica do nome, e.g. “*calvo senhor*”, “*branca neve*”, “*verdes mares*”, etc. A autora interpreta tal anteposição como “*realce estético*”, estando também, portanto, em uma posição avaliativa. (p.66).

(226b)). Naturalmente há, nas duas situações, uma avaliação por parte do falante, mas as propriedades dos adjetivos não mudam.

Menuzzi (1992) aponta, além disso, que, quando modificados, a maioria dos adjetivos se torna aceitável nos contextos do teste, ou mesmo na anteposição, quando modificados pelo sufixo “-íssimo”:

- (227) a. #Eu considero/julgo/acho este vestido vermelho.  
b. Eu considero/julgo/acho este vestido  *muito* vermelho.<sup>79</sup>  
c. Eu gosto daquele *vermelhíssimo* vestido.  
(MENUZZI, 1992:134, nota 70)

Assim, se adotássemos essa proposta, seríamos obrigados a assumir que o traço [+avaliativo] da posição pré-nominal é especificado lexicalmente (como Boff de fato assume) e que o teste é incapaz de fazer uma separação clara entre adjetivos que teriam esse traço e os que não. Essa conclusão, entretanto, em certa medida é até mesmo previsível, uma vez que a própria autora observou que, ainda que todos os adjetivos antepostos tenham leitura *individual-level*, nem todo adjetivo passível de ter essa leitura poderá ser anteposto.

Essa ressalva, entretanto, em última instância se refere apenas ao teste proposto para identificar adjetivos [+avaliativos], e não à hipótese de Boff.

Um problema mais diretamente concernente à sua proposta diz respeito às diferenças interpretativas entre as posições. Além dos casos de mudança mais drástica de interpretação, como “pobre homem” e “homem pobre” (para os quais a autora vislumbra a possibilidade de que as contrapartes antepostas fossem realmente geradas à esquerda), há as distinções mais sutis apontadas por Cinque (2010). Boff diz brevemente que as diferenças nas leituras seriam derivadas do movimento (p.78); porém, não é claro por que motivo o movimento desencadearia uma mudança na interpretação, uma vez que, por motivações independentes, é tradicionalmente assumido que as propriedades e relações relevantes à interpretação são estabelecidas na estrutura de base. Também não é claro para qual posição o adjetivo avaliativo se moveria; a autora descarta a possibilidade de um núcleo funcional ‘AVAL’ específico

---

<sup>79</sup> Poderia ser argumentado que “muito” insere um contexto avaliativo que permite a presença do adjetivo de maneira mais ampla que (226a), que requer um contexto específico. Consequentemente, seria razoável pensar que a inserção dessa avaliação também permitiria o movimento do adjetivo modificado (junto de seu modificador) para a posição pré-nominal. Entretanto, não é isso que ocorre. Como veremos mais adiante, com a exceção de alguns casos, adjetivos em posição pré-nominal não podem ser modificados por *muito*.

principalmente devido à possibilidade de mais de um adjetivo avaliativo poder figurar na posição pré-nominal ao mesmo tempo, como:

(228) *inesquecíveis bons* momentos

(229) *famosa deliciosa* comida da Mary

(BOFF, 1991:77)

Entretanto, não parece possível que um adjetivo já adjungido à direita faça um movimento para se adjungir novamente à esquerda, como ela propõe; seria necessário haver uma posição — ou, nesse caso, *algumas* posições — que pudesse hospedar o adjetivo movido. Resta ainda a dúvida quanto à motivação do movimento: se o adjetivo já apresenta o traço [+avaliativo] à direita e não há um núcleo ‘AVAL’ que o atraia, por que então haveria a opcionalidade de o item se mover?

Com relação ao inglês, ainda que o movimento obrigatório para a posição mais externa da projeção pudesse em princípio explicar por que os adjetivos avaliativos figuram na extremidade da sequência, essa explicação nada diz a respeito das AOR em si, do qual a posição dos adjetivos qualificativos/avaliativos é apenas uma parte, nem a respeito do ordenamento interno dos adjetivos avaliativos (cf. nota 19).

### 2.1.3. MENUZZI (1992): ESTRUTURAS ARGUMENTAIS

A proposta de Menuzzi (1992) busca dar conta de possíveis diferenças entre as posições pré e pós-nominal e averiguar como tais dessemelhanças seriam capazes de explicar alguns fenômenos sintático-semânticos por ele observados, como a possibilidade ou não de anteposição de alguns adjetivos e as diferenças de interpretação de um mesmo adjetivo quando anteposto e posposto.

A partir dos trabalhos de Higginbotham (1981, 1985, 1989)<sup>80</sup> e Speas (1986)<sup>81</sup>, Menuzzi propõe que a distinção entre adjetivos nas duas posições estaria relacionada à forma pela qual os adjetivos e os nomes preenchem suas redes temáticas, i.e. suas estruturas argumentais, em cada uma delas. Assim como é proposto para nomes (e.g. deverbais), o autor

<sup>80</sup> HIGGINBOTHAM, James. Logical Form, Binding, and Nominals. *Linguistic Inquiry*, 14, pp.395-420, 1981.  
 \_\_\_\_\_ . On Semantics. *Linguistic Inquiry*, 16, pp.547-593, 1985.

\_\_\_\_\_ . Elucidations of Meanings. *Linguistics and Philosophy*, 12, pp.465-517, 1989.

\_\_\_\_\_ . Knowledge of Reference. In: GEORGE, A. (ed). *Reflections on Chomsky*. Oxford, Inglaterra: Basil Blackwell. pp.153-174.

<sup>81</sup> SPEAS, Margaret. *Adjunctions and Projection in Syntax*. 1986. Tese (Ph.D, em Linguística) – Departamento de Linguística, MIT.

sugere que adjetivos também apresentem variações em suas estruturas argumentais, dividindo-se assim em quatro grandes tipos ou classes:

- a) *Adjetivos Categoremáticos*: no mesmo sentido de Borges Neto (1991), esses adjetivos não dependem de propriedades do nome (i.e. são intersectivos). Quando antepostos ao nome-núcleo, tornam-se eles próprios núcleos do sintagma nominal (e.g. “um soldado cego” vs. “um cego soldado”).
- b) *Adjetivos Relacionais*<sup>82</sup>: são adjetivos de (geralmente) dois argumentos, sendo o primeiro o indivíduo denotado pelo nome, e o segundo, uma classe de comparação. Quando pospostos ao nome, essa classe pode tanto ser abstrata (e, assim, o adjetivo é interpretado de forma absoluta, e.g. “professora inteligente”) quanto ser a classe denotada pelo nome (i.e. “inteligente *para uma professora*”). Quando antepostos, seguem necessariamente a segunda opção.
- c) *Adjetivos Referenciais (gentílicos)*: podem ser substituídos por genitivos (e.g. “italiana” = “da Itália”). Sua interpretação varia entre algo “natural de X” e algo “em alguma relação com X” (que depende de características do nome, como “navio francês” → “navio feito na França”, etc.). Não podem ser antepostos, a menos que sejam substantivados (na prática, tornando-se assim categoremáticos) ou que sejam tomados num sentido metafórico.
- d) *Adjetivos Intensionais*: são adjetivos como “suposto”, “próximo”, “último”, etc. São intensionais uma vez que, para serem interpretados, não levam em conta apenas a extensão do nome (“um suposto assassino” não estará necessariamente contido no conjunto dos “assassinos”), mas também outros mundos e tempos possíveis. Esses adjetivos não podem ser pospostos, pois precisam ser antepostos ao N para poderem saturar adequadamente suas estruturas argumentais.

Menuzzi aponta, ainda, que, em PB, “a atribuição de papéis semânticos entre As e Ns é dirigida para a direita” (p.73). Essa é a razão pela qual os adjetivos intensionais precisam anteceder os nomes, e também porque os adjetivos referenciais e categoremáticos são reinterpretados como núcleos do sintagma ao aparecerem em posição pré-nominal (a estrutura

---

<sup>82</sup> A nomenclatura utilizada por Menuzzi (1992) para essa classe não deve ser confundida com aqueles que se convencionou chamar de “adjetivos relacionais” (em oposição a “adjetivos qualificativos”) na tradição gramatical europeia. Bosque & Picallo (1996) subdividem a categoria em adjetivos *classificativos* e *temáticos*, esses últimos incluindo adjetivos de *nacionalidade* (i.e. “americano”). É visível, portanto, que não é com essa tradição que Menuzzi dialoga.

argumental dos adjetivos relacionais permite que eles sejam antepostos sem serem reinterpretados). O autor ainda observa que o núcleo é o elemento identificador, e o elemento que o segue, o modificador restritivo. Assim, em sentenças como:

(230) ?Ela é uma doente estudante.

(231) ??João é um calvo professor.

Os adjetivos “doente” e “calvo” são reinterpretados como núcleos identificadores do sintagma, e os nomes que os seguem tornam-se os modificadores restritivos. É por essa razão que adjetivos antepostos ao nome não poderiam ser interpretados restritivamente — o elemento restritivo sempre seguiria o núcleo.

Ao propor essas classes, Menuzzi (1992) deixa ainda mais clara uma observação que Borges (1991) já fizera: adjetivos relacionais, classe que incluiria tanto adjetivos de *dimensão* quanto itens lexicais como “inteligente” ou “famoso”, ao serem antepostos, tomam a classe denotada pelo nome como base de comparação. Cinque (2010), ao apresentar essa propriedade, identificou o comportamento precisamente oposto para o italiano: segundo ele, naquela língua, ao serem antepostos, tais adjetivos só poderiam ter leitura absoluta. Como já apontado na nota 12, há, então, uma discordância quanto a essa propriedade, que poderia ou significar que o português e o italiano exibem leituras diferentes (algo que, da perspectiva de Cinque, seria pouco desejado, uma vez que as demais propriedades vinculadas à posição pré-nominal aparentemente são compartilhadas), ou que há algum outro fator interveniente influenciando a interpretação em algum dos lados. Argumentaremos no sentido da segunda possibilidade. Retomamos abaixo os exemplos fornecidos por Cinque (2010) para a discussão dessa propriedade (originalmente (49) e (50)):

(232) Gli *altissimi* edifici di New York colpiscono tutti.

“os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam (a) todos”

(233) Gli edifici *altissimi* di New York colpiscono tutti.

“os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam (a) todos”

Como podemos ver, o autor utilizou-se não apenas de adjetivos relacionais (cf. Menuzzi), mas também de uma marcação morfológica específica. Se sabemos que a morfologia do superlativo é capaz de influenciar o posicionamento sintático dos adjetivos (como visto na seção 1.1.2.3.3), é possível que as leituras vinculadas a adjetivos modificados

morfologicamente, mesmo que não no superlativo, também sejam diferenciadas, uma vez que não é claro que posição tais itens ocupam na estrutura.

Consideramos possível, assim, que a discrepância entre os julgamentos se deva a tal fator, e não a uma diferença entre as línguas. Caso se confirme que a leitura absoluta é de fato a única possível na posição pré-nominal em italiano, será então necessário reconsiderar sua adequação como marca distintiva da modificação direta, assim como procurar a fonte do contraste entre o português e o italiano.

Ainda que essa proposta traga uma perspectiva nova interessante e forneça pistas para pensarmos como a interpretação de diferentes adjetivos é processada, mesmo dentro do escopo a que se propõe (o PB), ela não deixa de possuir algumas lacunas. Por exemplo, adjetivos de *cor*. Uma vez que são (aparentemente) puramente intersectivos, sua classificação mais óbvia seria como adjetivos categoremáticos; no entanto, eles não podem ser antepostos, tampouco reinterpretados como núcleos do sintagma. Além disso, adjetivos classificativos, como “nuclear” (em “um físico nuclear”), não parecem se encaixar em nenhuma das classificações, ao menos de acordo com as classes tais quais descritas: não são categoremáticos (pois não são intersectivos e dependem das propriedades do nome), nem relacionais (não apresentam um segundo argumento), nem referenciais (que se limitam a adjetivos gentílicos/de *nacionalidade*), nem intensionais (e sim subsectivos).

Por último, apesar de, em princípio, essa teoria poder ser combinada com as diferentes categorias de adjetivos necessárias às AOR (poderíamos especular que cada uma das classes nocionais necessárias para a descrição adequada das restrições de ordenamento tivesse, na realidade, uma estrutura argumental distinta), não é claro de que maneira isso contribuiria para a explicação das AOR em si, uma vez que não há nenhuma regra pré-estipulada acerca de em que ordem adjetivos com diferentes grades temáticas devem se combinar ao nome.

Poderíamos supor, todavia, que adjetivos com menos argumentos precisariam aparecer mais próximos do nome-núcleo, por presumivelmente apresentarem uma estrutura interna mais simples (temos evidência que, ao menos no nível sintático, a gramática apresenta uma preferência por combinar elementos menos complexos antes de elementos mais complexos<sup>83</sup>). Apesar dos problemas na definição, assumindo que pudéssemos considerar adjetivos de *cor* como categoremáticos, isso aparentemente nos levaria a um resultado correto com as

---

<sup>83</sup> Complexidade podendo ser entendida em um sentido superficial como a quantidade de ramificações; por exemplo, a preferência, se não exclusividade, de os adjetivos no NP serem combinados antes com o nome-núcleo que, por exemplo, orações relativas:

- (i) a menina bonita que eu conheci ontem
- (ii) \*a menina que eu conheci ontem bonita

categorias mais básicas: adjetivos de *formato* e de *cor*, categoremáticos, estariam mais próximos do nome que aquele de *qualidade* e *dimensão*, relacionais. A distinção entre categoremáticos e referenciais, nesse sentido, não é clara; de toda forma, os referenciais aparecem mais próximos do nome.

Os intensionais, em contrapartida, não teriam posição fixa, a menos que concordemos com a hipótese de Panayidou (2013) acerca da posição preferencial do adjetivo — situação na qual eles ocupariam a posição mais externa da sequência. Menuzzi não entra em detalhes acerca da estrutura argumental dessa classe; entretanto, a complexidade semântica derivada da introdução da intensionalidade talvez possa ser motivação suficiente para assumirmos que eles deveriam aparecer mais distantes do núcleo que os relacionais, os categoremáticos e os referenciais.

Assim, adotando-se o pressuposto de que adjetivos com estrutura argumental “menor” ou mais simples devem aparecer mais próximos do núcleo, conseguiríamos dar conta da ordem universal em sua descrição mais básica (originalmente (74)):

(234) Qualidade > Dimensão > Formato > Cor > Nacionalidade > N  
(CINQUE, 1994:26)

Hipoteticamente, a ordem relativamente mais livre em PB poderia ser fruto de variação paramétrica das regras de ordenamento.

Essa proposta perde um pouco de consistência, contudo, quando consideramos descrições de ordem ligeiramente mais enriquecidas. Tomemos como exemplo a hierarquia de Dixon (1977) (originalmente (109)):

(235) valor<sub>(e.g. good, bad)</sub> > dimensão<sub>(e.g. big, long)</sub> > propriedade física<sub>(e.g. hard, sweet)</sub> >  
velocidade<sub>(e.g. fast, slow)</sub> > propensão humana<sub>(e.g. happy, kind)</sub> > idade<sub>(e.g. new, young)</sub> >  
cor<sub>(e.g. red, white)</sub>  
(DIXON, 1977<sup>30</sup>, apud WULFF, 2003:260)

Adjetivos de *propriedade física*, como “loiro”, “calvo”, etc., são considerados categoremáticos por Menuzzi, mas aparecem mais externos em relação a adjetivos de *idade*, relacionais (*velocidade* e *propensão humana* também sendo potencialmente relacionais).

A menos que reconsideremos que adjetivos pertenceriam a que classes (algo que, em última instância, já começamos a fazer, ao considerarmos adjetivos de *cor* como



categoremáticos), a proposta tal qual feita é incapaz de dar conta das AOR. Quanto ao PB, por outro lado, ela aponta um possível critério para distinguir quais adjetivos poderiam ser antepostos: relacionais, devido aos seus dois argumentos; intensionais; e categoremáticos e referenciais tão somente quando com “interpretação apositiva afetiva” (p.139), situação em que perdem sua leitura literal e se transformam, na realidade, também em relacionais.

#### 2.1.4. NUNES-PEMBERTON (2000): ADJETIVOS, QUANTIFICADORES, DÊITICOS E INTENSIFICADORES

A preocupação de Nunes-Pemberton (2000) recai exclusivamente sobre adjetivos antepostos, especificamente aqueles encontrados por ela no corpus do projeto NURC<sup>84</sup>. Sua proposta é, em certa medida, mais ousada que as anteriores: todos os adjetivos antepostos teriam se especializado em funções específicas já encontradas na posição pré-nominal — quantificadores, dêiticos e intensificadores.

Os itens lexicais considerados por ela como quantificadores são “inúmeros”, “diversos”, “determinado”, “certo”, “diferentes” e “variados”. Seu primeiro argumento é que esses adjetivos, quando antepostos, estariam em distribuição complementar com os quantificadores tradicionais:

- (236) a. \*Alguns/cada/todo/muitos diferentes alunos chegaram.  
 b. \*Alguns/cada/todo/muitos diversos alunos chegaram.  
 c. \*Alguns/cada/todo/muitos inúmeros alunos chegaram.  
 d. \*Alguns/cada/todo/muitos variados alunos chegaram.  
 e. \*Alguns/cada/todo/muitos determinados alunos chegaram.  
 f. \*Alguns/cada/todo/muitos certos alunos chegaram.
- (237) a. Algumas/cada/toda/muitas cultura(s) diferente(s) atravessaram situações históricas de feudalismo.  
 b. Alunos de algumas/cada/toda/muitas cultura(s) e língua(s) diversa(s) chegaram hoje no Rio de Janeiro.  
 c. \*Notei que alunos inúmeros vieram à festa.<sup>85</sup>  
 d. Comprei alguns/cada/todo/muitos vestido(s) variado(s) na feira de moda do Anhemi.

<sup>84</sup> O projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) é desenvolvido desde 1969 e envolve dados orais colhidos em cinco capitais: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Envolve tantos registros formais quanto mais coloquiais, com falantes com escolaridade de nível superior.

<sup>85</sup> O adjetivo “inúmeros” é geralmente agramatical quando posposto.

e. Algumas/cada/toda/muitas pessoa(s) determinada(s) sempre consegue(m) o que quer(em).

f. Na seleção da Miss Brasil, algumas/cada/toda/muitas balança(s) certa(s) desapareceram.<sup>86</sup>

(NUNES-PEMBERTON, 2000:20)

Cabe apontar que essa não é uma restrição sobre qualquer adjetivo anteposto:

(238) a. Algumas/cada/toda/muitas bela(s) aluna(s) chegaram.

b. Alguns/cada/todo/muitos dedicado(s) aluno(s) chegaram.

c. Alguns/cada/todo/muitos velho(s) aluno(s) chegaram.

d. Alguns/cada/todo/muitos suposto(s) aluno(s) chegaram.

Outra evidência é que esses itens lexicais seguem alguns padrões dos tradicionalmente considerados quantificadores. “Inúmeros” e “diversos” se comportam como QPs de Contagem (e.g. “few men”, “at most six men”, “more than five men”, etc.)<sup>87</sup>. Como eles, os sintagmas introduzidos por esses itens não apresentam pressuposição existencial e podem ter escopo largo (nesse caso, associado à distributividade) na posição de sujeito:

(239) a. Mais de dois alunos leram alguns livros.

b. Inúmeros alunos comeram algumas pizzas.

c. Diversos alunos comeram algumas pizzas.

(NUNES-PEMBERTON, 2000:31, 34)

Nas sentenças acima, nenhum dos sintagmas em posição de sujeito exibe pressuposição de existência de um grupo específico a que faça referência, e todos têm leitura distribuída sobre os quantificadores em posição de objeto — gerando as leituras de que “cada elemento do conjunto denotado por alunos, conjunto este integrado por mais de dois elementos, leu alguns livros” (no caso de (239a)), e “cada elemento do conjunto denotado por

<sup>86</sup> No caso de (237e-f), não é claro que se trate dos mesmos adjetivos da anteposição.

<sup>87</sup> Essa nomenclatura advém dos trabalhos de Beghelli (1995) e Beghelli & Stowell (1997), que dividem os quantificadores, a partir de diferenças nas possibilidades de escopo, em cinco subcategorias: QPs interrogativos (WhQPs), QPs negativos (NQPs), QPs distributivos e universais (DQPs), QPs denotadores de grupos (GQPs) e QPs de contagem (CQPs).

BEGHELLI, Filippo. *The Phrase Structure of Quantifier Scope*. 1995. Tese (Doutorado) — UCLA.

BEGHELLI, Filippo; STOWELL, Tim. Distributivity and Negation: The Syntax of EACH and EVERY. In: SZABOLCSI, A. (ed.). *Ways of Scope Taking*. Dordrecht: Kluwer, 1997. pp. 71-109.

alunos, conjunto este integrado por inúmeros/diversos elementos, comeu algumas pizzas” (para (239b-c)).

“Determinado” e “certo”, por sua vez, se comportam como GQPs (quantificadores denotadores de grupos, como “some”, *bare-numerals* e.g. “two”, QPs definidos e partitivos). Eles introduzem leitura de grupo (específica e não específica) tanto em posição de sujeito quanto de objeto<sup>88</sup>, o que significa que podem exibir escopo largo em ambas (ainda que, em posição de objeto, tenham escopo estreito em relação a DQPs — QPs distributivos e universais — em posição de sujeito):

- (240) a. Alguns alunos leram dois livros.  
       b. Alguns alunos leram aqueles textos reservados para o curso.
- (241) a. Determinados/certos alunos leram três livros reservados para o curso.  
       b. Alguns alunos leram determinados/certos livros de biologia.  
       c. Cada aluno leu determinados/certos livros para o curso.
- (NUNES-PEMBERTON, 2000:31-32,39)

Em (240a) e (241a), os GQPs em posição de sujeito distribuem sobre os GQPs em posição de objeto, resultando nas leituras de que: em (239a), “cada aluno leu a quantidade de dois livros” (leitura cardinal) e “para cada aluno tem dois livros (que ele leu)” (leitura de grupo não específica do QP em posição de objeto), mas não “para cada livro tem um grupo de alunos que os leu”; e o mesmo, com as devidas adaptações, para (241a). Em (240b) e (241b), por outro lado, os GQPs em posição de objeto conseguem ter escopo largo sobre o GQP em posição de sujeito, com a leitura de que “há um grupo específico de textos/livros de biologia que alguns alunos leram” (a leitura com escopo estreito continua disponível). Como os demais GQPs, entretanto, os sintagmas introduzidos por “determinados”/“certos” não conseguem distribuir sobre DQPs (cf. (240c), não há leitura de grupo específico).

Por último, “variados” e “diferentes” apresentam dois comportamentos: com predicados que favorecem a leitura distributiva, comportam-se como CQPs; e, com predicados que favorecem a leitura coletiva, selecionam nomes que façam referência a *subkinds*:

<sup>88</sup> Diferindo nesse ponto, na realidade, da maioria da maioria dos GQPs, uma vez que, de acordo com Nunes-Pemberton (2000:33), “[...] os GQPs têm escopo largo somente quando em posição de sujeito e seu escopo largo está associado com a distributividade”.

- (242) a. Mais de dois alunos leram alguns livros.  
b. Alguns alunos leram mais de dois livros.
- (243) a. Diferentes/variados gourmets experimentaram algumas tortas no banquete de ontem.  
b. Alguns gourmets experimentaram diferentes/variadas tortas no banquete de ontem.
- (244) a. ?Eu gosto de diferentes/variadas plantas.  
b. Eu gosto de diferentes/variadas espécies de plantas.
- (NUNES-PEMBERTON, 2000:31, 40-42)

Esses seriam os adjetivos que teriam se especializado na função de quantificadores. Os adjetivos que teriam se especializado como dêiticos englobariam itens como “último”, “novo”, “velho”, “próximo”, “futuro”, “antigo”, “respectivos”, “sucessivos”, “seguinte” e “atual”. A argumentação de Nunes-Pemberton é que, além da dêixis presente na própria semântica desses adjetivos (que fazem indicações temporais, espaciais ou textuais), uma evidência adicional de que eles, quando prepostos, teriam se tornado dêiticos, seria que sua dêixis na anteposição se restringiria à dêixis enunciativa<sup>89</sup>, característica dos dêiticos prototípicos (“este”, “esse”, “aquele”).

- (245) a. na próxima avaliação... eu pergunto... NURC-PE-337  
b. eu dei o seguinte exemplo, em uma anterior: se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente.... NURC-RJ-379  
c. e a responsabilidade de vocês.... como futuros profissionais do direito NURC-PE-337
- (NUNES-PEMBERTON, 2000:56-57)

Seria a característica de marcarem o tempo enunciativo, de acordo com a autora, a responsável pela estranheza, por exemplo, da oração a seguir, uma vez que a adjetivo faria referência ao tempo do enunciado, e não do enunciador:

<sup>89</sup> Distinção de Fiorin (1998), que identifica dois tipos de dêixis: a *enunciva* e a *enunciativa*. O tempo enunciativo seria ordenado em função do momento da **enunciação**, enquanto o enuncivo seria em função de momentos de referência estabelecidos no **enunciado**. FIORIN, José L. *Adjetivos Temporais e Espaciais*. Universidade de São Paulo, manuscrito, 1998.

- (246) ??Quando Pedro Álvares Cabral veio ao Brasil, ele trouxe atuais notícias  
(NUNES-PEMBERTON, 2000:57)

Quando aparecesse posposto, por outro lado, os adjetivos seriam tipicamente enuncivos:

- (247) a. no dia seguinte ao da formatura eles voltaram para o interior.  
b. é bom... recordar... a vitalidade... que conheceu... no Brasil... posterior... à revolução de trinta  
NURC-SP-153  
c. eu comprei numa loja próxima à Catedral da Sé.  
(NUNES-PEMBERTON, 2000: 52-58)

Por último, os demais adjetivos encontrados em anteposição no corpus do NURC teriam se especializado como intensificadores<sup>90</sup>. Elaborando sua proposta a partir de Menuzzi (1992), a autora também propõe que a intensificação seja derivada devido à identificação do segundo argumento do adjetivo com a classe do nome. Além disso, ela se utiliza da teoria do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1995)<sup>91</sup>, de acordo com a qual um dos níveis de representação de um item lexical seria a *estrutura de qualia*: “um conjunto de propriedades ou eventos associados a um item lexical e que compõem o seu significado”. O significado de cada palavra seria composto a partir de quatro aspectos:

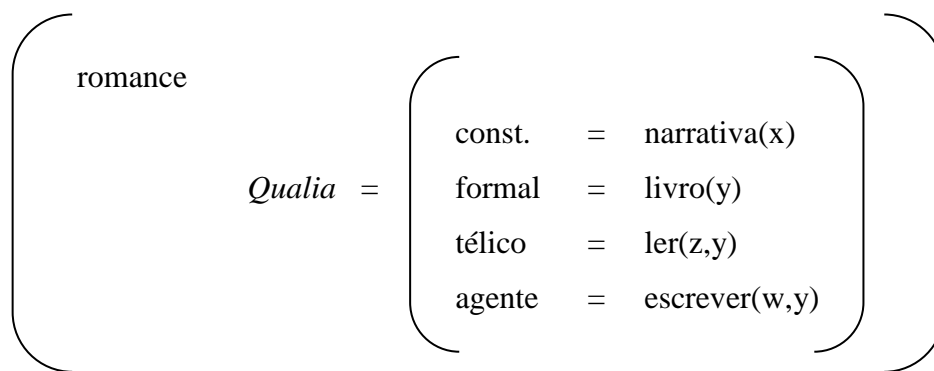
- *quale* constitutivo: a relação entre um objeto e suas partes constitutivas: material, peso, partes e componentes
- *quale* formal: a relação que distingue um objeto dentro de um domínio mais amplo: orientação, magnitude, tamanho, dimensionalidade, cor e posição.
- *quale* télico: o objetivo e a função do objeto.
- *quale* agentivo: fatores envolvidos na origem do objeto, ou seja, fatores que dizem como este objeto apareceu, nasceu, foi construído, etc.

(NUNES-PEMBERTON, 2000:63)

A autora exemplifica como seria a estrutura de qualia de uma palavra a partir do nome “romance”:

<sup>90</sup> Os itens antepostos tabelados pela autora foram: *grande, melhor, bom, maior, pequenas, imensa, principal, excelente, verdadeiros, simples, mau, menor, baixo, mínimo, largo, pior, bonito, alta, propalado, suma, máxima, justas, ilustre, extrema, magnânima, acentuado, rápido, elevado, célebres, possível, senhora, vil, constante, relevante e ótimo*. (p.60).

<sup>91</sup> PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.



(NUNES-PEMBERTON, 2000:64)

Na modificação de um nome por um adjetivo dentro dessa perspectiva, é possível ao adjetivo operar somente sobre um dos *quale*, em um processo chamado de *ligação seletiva*. A intensificação seria resultante também disso: enquanto a posposição selecionaria o *quale* formal, a anteposição operaria pela seleção do *quale* télico/agentivo. Tal hipótese é postulada para explicar especialmente casos como (31), repetido abaixo em (248):

- (248) a. uma *bela* dançarina  
b. uma dançarina *bela*

Assim, a leitura de “uma bela dançarina” como “uma dançarina que dança bem” se deveria ao fato de “bela” selecionar o *quale* télico/agentivo de “dançarina”.

Apesar de esse trabalho trazer uma série de novas ideias a respeito dos adjetivos antepostos em PB, é necessário avaliar em que medida elas de fato são adequadas para dar conta da distribuição dos adjetivos e mesmo de sua interpretação.

Quanto aos adjetivos reclassificados como quantificadores, concordamos com a análise da autora acerca dos itens lexicais mencionados. Cabe apontar que “muitos” já foi de antemão considerado por ela como quantificador (cf. NUNES-PEMBERTON, 2000:17, nota 9), e provavelmente “vários” também (ainda que não tenha sido mencionado). Se essas palavras na verdade fazem parte de uma outra classe, diferente dos adjetivos (ao menos na anteposição), é interessante então pensarmos que implicações isso poderia ter em termos de ordem:

- (249) a. *Muitas belas* mulheres passam por aqui.  
b. \**Belas muitas* mulheres passam por aqui.
- (250) a. *Inúmeros velhos* alunos vieram à festa de cem anos da escola.

- b. \**Velhos inúmeros* alunos vieram à festa de cem anos da escola.
- (251) a. *Diversas péssimas* notas foram distribuídas.  
b. \**Péssimas diversas* notas foram distribuídas.
- (252) a. ??*Determinados novos* livros ainda não estão disponíveis na biblioteca.  
b. \**Novos determinados* livros ainda não estão disponíveis na biblioteca.
- (253) a. É melhor deixar *certos complicados* problemas de lado.  
b. \*É melhor deixar *complicados certos* problemas de lado.
- (254) a. *Diferentes complexas* explicações foram oferecidas.  
b. ??*Complexas diferentes* explicações foram oferecidas.
- (255) a. *Variados estranhos* casos de uma doença desconhecida surgiram no leste.  
b. ??*Estranhos variados* casos de uma doença desconhecida surgiram no leste.

É provavelmente não ao acaso que os dois itens que aparentemente não geram ordem completamente agramaticais quando invertidos com adjetivos comuns sejam justamente “diferentes” e “variados”, que apresentaram o comportamento menos homogêneo em relação aos quantificadores tradicionais. Ambos também são plenamente possíveis na posposição, enquanto “inúmeros” é, em geral, impossível, e “determinados” e “certos” têm significados bastante distintos em cada posição. É possível que esses fatos indiquem que o processo de gramaticalização desses itens ainda estaria em andamento.

Quanto aos dêiticos, entretanto, discordamos da análise proposta. Ainda que a semântica dos adjetivos listados os aproxime dos dêiticos, não é verdade que sua interpretação é sempre enunciativa na anteposição e enunciva na posposição.

Em primeiro lugar, todos os exemplos fornecidos do uso de “próximo” pós-nominal continham complementos, e adjetivos com complementos, assim como em inglês, não podem figurar antepostos:

- (256) eu comprei numa loja próxima à Catedral da Sé.  
(NUNES-PEMBERTON, 2000:56)

Em segundo, dos adjetivos da lista que podem ser mais facilmente pospostos, não há distinção de significado visível entre as duas posições<sup>92</sup>:

<sup>92</sup> A diferença de significado do adjetivo em (259a) e (259b) não está relacionada à diferença enuncivo/enunciativa.

- (257) a. Cada um de vocês, em seus cargos respectivos, será responsável por [...]  
 b. Cada um de vocês, em seus respectivos cargos, será responsável por [...]
- (258) a. Durante a aula, eu pretendo dar o seguinte exemplo: [...]  
 b. Durante a aula, eu pretendo dar o exemplo seguinte: [...]
- (259) a. O novo professor chegou ontem.  
 b. O professor novo chegou ontem.

Na realidade, para alguns desses itens lexicais, como “próximo” ou “último”, a posposição é, de maneira geral, bastante degradada, a menos que, como mostrado em (256), haja a presença de um complemento.<sup>93</sup>

Além disso, é possível acessar o tempo enunciativo com o adjetivo em posição pós-nominal (cf. (260)), ou o enuncivo na anteposição (cf. (261)):

- (260) A situação econômica atual está me dando calafrios.
- (261) Semana passada, ele me disse que, na próxima segunda, ele estaria empacotando tudo. Então já deve ter se mudado, né?

A estranheza de (246) tampouco se deve à distinção enunciativo/enuncivo, como podemos ver pelo fato de que mesmo em um contexto que favorecesse a interpretação enunciativa, o sintagma continuaria degradado:

- (262) (*William Bonner no Jornal Nacional*)<sup>94</sup>  
 ??Vamos agora às atuais notícias.<sup>95</sup>

<sup>93</sup> Há exceções, como o tipo de construção mostrada adiante no exemplo (287), página 109.

<sup>94</sup> Âncora de um popular telejornal noturno.

<sup>95</sup> Nessa construção, a gramaticalidade poderia ser consideravelmente reconstruída com a presença de mais material à direita do nome (cf. (i)). Em (246), o problema parece ser mais pragmático que semântico; alterando-se a sentença, o uso de “atual” se torna melhor ((ii)). Outro exemplo de “atual” usado com significado enuncivo na anteposição pode ser visto em (iii).

- (i) Vamos agora às atuais notícias do conflito bélico na Ucrânia.  
 (ii) ?Quando Pedro Álvares Cabral retornou ao barco, ele comunicou os marujos dos problemas graves de sua atual situação.  
 (iii) Semana passada, ela havia comunicado os pais sobre suas atuais circunstâncias, mas não houve mais notícias desde então.

De toda forma, há algum estranhamento no uso de “atual” para se referir a um evento no passado, mesmo na posição pós-nominal, o que talvez aponte para uma restrição no uso do próprio item lexical.



As diferenças no posicionamento do adjetivo “seguinte”, do mesmo modo, não parecem relacionadas a essa dicotomia:

- (263) a. ???Na seguinte rua, vire à direita.  
 b. Você vai virar na seguinte rua: Rua Amazonas.  
 c. Então, quando você estiver na Rua Amazonas, é a rua seguinte.
- (264) a. Na próxima rua, vire à direita.  
 b. Você vai virar na próxima rua: Rua Amazonas.  
 b. \*Então, quando você estiver na Rua Amazonas, é a rua próxima.

Nunes-Pemberton (2000) hipotetiza que a possibilidade de posposição de “seguinte” em casos como (263c) teria relação com o aspecto enuncivo, uma vez que a localização física faria referência a um marco anterior do enunciado (a “Rua Amazonas”). Entretanto, vemos que “próximo”, exatamente no mesmo contexto, não é possível nessa posição (cf. (264c)). Em contrapartida, O uso de “seguinte” anteposto com sentido de localização espacial, como em (263a), é no mínimo degradado, em contraste com (264a), plenamente possível — observe-se que tanto em contexto enunciativo (e.g. alguém dando direções em tempo real para um motorista) quanto em contexto enuncivo (e.g. após ter fornecido instruções fazendo referência a algum marco espacial). Quando usado na anteposição, como em (263b), “seguinte” parece ter o sentido catafórico de antecipar algum tipo de nomeação/explicação:

- (265) eu dei o seguinte exemplo, em uma anterior: se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão, já reconhecidamente.... NURC-RJ-279  
 (NUNES-PEMBERTON, 2000:56)

Ainda que o uso catafórico tenha relação com o aspecto enunciativo, se o uso espacial de “seguinte” é possível tão somente na posição pós-nominal (e não há contraste entre leituras em ambas as posições), então, também para esse caso, não parece que a distinção enunciativo/enuncivo esteja desempenhando um papel decisivo. Note-se que o mesmo vale para a leitura temporal do adjetivo:

- (266) a. O acidente foi traumático. No dia seguinte, eu fui ao médico.  
 b. \*O acidente foi traumático. No seguinte dia, eu fui ao médico.

- (267) a. \*O acidente foi traumático. No dia próximo, eu fui ao médico.  
 b. O acidente foi traumático. No próximo dia, eu fui ao médico.

Considerando-se, portanto, que é possível acessarmos o tempo/espaço enuncivo/enunciativo em ambas as posições; que a presença de um complemento força o adjetivo a aparecer posposto; e que, para alguns dos itens lexicais, o posicionamento parece ser regulado por motivos independentes, não parece que a dicotomia enunciativo/enuncivo possa ser sugerida como fator explicativo dessa distribuição, tampouco que esses adjetivos possam ser categorizados junto dos dêiticos tradicionais.

Quanto ao posicionamento em relação a outros adjetivos, diferentemente dos itens reclassificados como quantificadores, esses adjetivos parecem ser livremente ordenados em relação aos outros, tendo como presumível motivação para seu posicionamento o escopo — ainda que algumas ordens pareçam ser mais marcadas:

- (268) a. A próxima bela rua é a da minha casa.  
 b. A bela próxima rua é a da minha casa. (Marcada)
- (269) a. A rua bonita seguinte é a da minha casa.  
 b. A rua seguinte bonita é a da minha casa. (Marcada)
- (270) a. O antigo competente presidente do partido vai se candidatar de novo.  
 b. O competente antigo presidente do partido vai se candidatar de novo.
- (271) a. Essa é a última deliciosa rosquinha que eu vou comer.  
 b. Essa é a deliciosa última rosquinha que eu vou comer. (Marcada)
- (272) a. Os novos habilidosos jogadores do time estão impressionando a todos.  
 b. Os habilidosos novos jogadores do time estão impressionando a todos.
- (273) a. Os velhos divertidos encontros do grupo dão saudades.  
 b. Os divertidos velhos encontros do grupo dão saudades.
- (274) a. Você vão começar seus respectivos desafiantes trabalhos amanhã.  
 b. Você vão começar seus desafiantes respectivos trabalhos amanhã.
- (275) a. Os sucessivos vergonhosos casos de corrupção são chocantes.  
 b. Os vergonhosos sucessivos casos de corrupção são chocantes. (?Marcada)
- (276) a. As atuais assustadoras manobras do ISIS ameaçam o Ocidente.  
 b. As assustadoras atuais manobras do ISIS ameaçam o Ocidente. (?Marcada)

Por último, não é claro que a reclassificação dos demais adjetivos antepostos como intensificadores seja necessária ou tenha alguma capacidade explicativa. Primeiro, se a intensificação e os significados específicos da posição pré-nominal de fato se devem à identificação do segundo argumento do adjetivo pela classe de comparação estabelecida pelo nome, esperamos que a posição pós-nominal seja ambígua, uma vez que, como Menezzi (1992) aponta, na posposição o argumento pode ser opcionalmente preenchido ou pelo nome-núcleo ou ser interpretado de maneira absoluta. Se seguirmos a descrição de Cinque (2010) acerca das propriedades da posição pós-nominal nas línguas românicas, concluímos que realmente há ambiguidade nessa posição; entretanto, provavelmente não seria interessante dizermos que podemos ter, então, adjetivos e intensificadores pospostos, uma vez que com isso perderíamos a capacidade explicativa da intensificação como traço distintivo da anteposição. Assim, considerando-se que o segundo elemento da grade temática dos adjetivos pode ser opcionalmente preenchido pelo nome-núcleo mesmo na posposição, essa não pode ser a característica constitutiva da intensificação. Outra possibilidade é que a própria intensificação não seja uma ferramenta adequada para a análise dos dados, e que a nuance especial de significado assumida por adjetivos na anteposição advinha de algum outro fator.

Como uma segunda propriedade, a autora havia apontado a diferença na seleção dos *qualia* do nome. Ainda que essa distinção não esteja clara em todos os casos de adjetivos prepostos, o ponto problemático central é que novamente podemos acessar o significado da anteposição mesmo com adjetivos pospostos:

- (277) a. um *bom* jogador  
b. um jogador *bom*
- (278) a. uma *boa* faca  
b. uma faca *boa*
- (279) a. uma *bela* dançarina  
b. uma dançarina *bela*
- (280) a. uma *bela* faca  
b. uma faca *bela*

Em (277), em ambas as sequências conseguimos ter a interpretação de “um jogador que joga bem”, mesmo que a posposição também ofereça uma segunda leitura ou que talvez

haja outras diferenças em jogo<sup>96</sup>. Da mesma maneira em (278): ainda que (278b) traga também a interpretação de que a faca é boa em um sentido geral (e.g. tem um bom punho, é de um bom material, etc.), há também a leitura de que é “uma faca que corta bem” (ou “faca boa *enquanto* faca”).

A possibilidade de termos a mesma leitura na posição pós-nominal é algumas vezes desconsiderada potencialmente por causa de exemplos como (279) e (280). Tanto em (279b) quanto em (280b), *não temos* a leitura de “dançarina que dança bem” ou de “faca que corta bem”, e sim apenas a leitura extensional do adjetivo. Diferentemente dos demais, portanto, o adjetivo “belo” tem um significado exclusivo quando em posição pré-nominal (ainda que a interpretação de beleza estética também esteja disponível), mas essa não é uma propriedade compartilhada por todos os adjetivos antepostos: na realidade, é consideravelmente incomum que um adjetivo apresente duas leituras quando anteposto e apenas uma delas quando posposto.

É interessante notar a interação entre essa interpretação de “belo” e outros adjetivos:

- (281) a. É uma *bela* faca que você tem aqui!  
 b. É uma *bela* faca *japonesa* que você tem aqui!  
 c. ?É uma *bela* faca *prateada* que você tem aqui!<sup>97</sup>  
 d. ?É uma *bela* faca *engraçada* que você tem aqui!<sup>98</sup>

Na ausência de outros adjetivos, como em (281a), a leitura prevalente é a de “belo” modificando, como Nunes-Pemberton assumiu, o *quale* tético/agentivo no nome. Continuamos a ter essa leitura em (281b), em que o adjetivo de *nacionalidade* denota um subtipo de faca, quase à moda de um classificativo. Em (281c-d), porém, em que temos um adjetivo de *cor* e um *qualificativo*, essa leitura se torna bastante degradada<sup>99</sup>, e a interpretação preferencial passa a ser a extensional (i.e. de beleza estética).

<sup>96</sup> Temos a impressão de que a avaliação do adjetivo pré-nominal é mais subjetiva que evidencial (cf. discussão na nota 26). O professor Maximiliano Guimarães chegou a levantar essa hipótese em algumas conversas que tivemos sobre o assunto. Contra essa hipótese, no entretanto, podemos citar o trabalho de Glienke (2014): ainda que em termos de uma primeira investigação, a autora chegou à conclusão preliminar de que, diferentemente das hipóteses de alguns teóricos em língua portuguesa, a leitura de avaliação subjetiva sobre o adjetivo não favorece a posição pré-nominal. Considerando dados translinguísticos, porém, esse é fenômeno que demanda estudos mais aprofundados.

<sup>97</sup> A marcação de gramaticalidade nesse caso é questionável na interpretação intensional de “bela”. Na interpretação extensional, a sentença é plenamente aceitável.

<sup>98</sup> Digamos, uma faca que, no punhal, tivesse algum tipo de decoração inesperada.

<sup>99</sup> Acreditamos que a adposição direta de “bela” a “faca” continua a suscitar a leitura de “faca muito boa” por questões de associação/frequência — isto é, pelo fato de haver uma interpretação esperada da combinação de

Esse fenômeno também ocorre com o adjetivo *grande*:

- (282) a. Hachiko foi um *grande* cachorro.  
 b. ??Hachiko foi um *grande* cachorro *branco*.

No Japão, Hachiko é considerado um grande cachorro pela lealdade que demonstrou ao seu dono, e essa é a leitura preferencial que obtemos em (282a). Quando modificamos a sequência com outro adjetivo como em (282b), entretanto, a interpretação de “grande” enquanto “exemplar”, “respeitável”, etc., torna-se estranha, e passamos a ler “grande” como preferencialmente um adjetivo de dimensão. Vemos um efeito similar com o adjetivo “velho”:

- (283) a. Ele é um *velho* amigo da minha mãe.  
 b. ??Ele é um *velho* amigo *magro* da minha mãe.

Como a leitura de “velho” enquanto idade é um tanto difícil de ser acessada nessa posição (a menos que o nome seja mais genérico, e.g. “um velho homem”, “uma velha senhora”), a sentença nesse caso perde gramaticalidade.

Nesses três casos, a interpretação não intersectiva é retida somente quando a combinação A+N (ou N+A) é feita previamente no discurso (e, ainda assim, com alguma dificuldade, e geralmente com uma tendência a um dos adjetivos aparecer focalizado):

- (284) A: Menino, isso é muito importante: quem mais esteve aqui ontem?  
 B: Ah, só um *velho* amigo da minha mãe...  
 A: Esse homem aqui, por acaso?  
 B: ?Não, não esse. Um *velho* amigo *magro* da minha mãe (não *gordo*).
- (285) A: Sabia que eu fiz uma tatuagem do Hachiko nas minhas costas?  
 B: ?O Hachiko foi mesmo um *grande* cachorro, ele merece! Deixa eu ver? (*vê*)  
 Poxa, não sei o que dizer, mas isso aqui ‘tá errado. O Hachiko foi um *grande* cachorro *branco*, não *preto*.

---

“belo(a) + N” e essa estrutura ser muito mais comum que “belo(a) + N + A”. No próprio processamento dessa sequência, a intuição que temos é que essa é a leitura obtida quando lemos “É uma bela faca”, e que o acréscimo de um outro adjetivo pós-nominal aparentemente quebra uma certa expectativa do sistema, que então reinterpreta o adjetivo pré-nominal.

- (286) A: Você tem um *belo* conjunto de facas *prateadas* aqui.  
 B: É, eu sou um colecionador cuidadoso, só escolho as melhores.  
 A: ??(*pega em uma faca e se corta*) Nossa, realmente além de tudo é uma *bela* faca *prateada*.  
 B: O que é uma faca se não tiver fio, certo? Eu afio elas toda semana.

Não é claro, porém, se esse se trataria de um fenômeno sintático ou então de uma tendência de ambos os adjetivos modificarem o nome da mesma forma (i.e. sua extensão ou intensão). Com certos adjetivos pós-nominais (especialmente, que tenham leitura intensional ou subjectiva), a leitura da anteposição dos adjetivos supramencionados se mantém com mais facilidade:

- (287) a. um *grande* cachorro *incrível*  
 b. um *belo* guerreiro *corajoso*  
 c. um *velho* amigo *próximo*

Em termos de posição em relação a outros adjetivos pré-nominais, aparentemente as leituras não intersectivas são mais facilmente mantidas quando os adjetivos em questão estão diretamente adjacentes ao nome. *Nas leituras relevantes*, não é claro que a ordem inversa seja possível<sup>100</sup> sem pausas:

- (288) a. um *velho querido* amigo (Marcada)  
 b. um *querido velho* amigo  
 c. ??um *velho divertido* amigo (Marcada)  
 d. um *divertido velho* amigo  
 (289) a. ??um *grande heroico* soldado (Marcada)  
 b. um *heroico grande* soldado  
 c. ??um *grande esperto* soldado (Marcada)  
 d. um *esperto grande* soldado  
 (290) a. ?uma *bela hábil* dançarina (Marcada)  
 b. uma *hábil bela* dançarina

<sup>100</sup> Mesmo em o sendo, no entanto, há um contraste em termos de aceitabilidade das sequências.

- c. ?uma *bela experiente* dançarina (Marcada)  
 d. uma *experiente bela* dançarina

Ainda assim, aparentemente há uma tendência em todas as sequências, mesmo nas mais aceitáveis, pela preferência da presença da conjunção “e”.

Prim (2015) havia identificado alguns adjetivos como exclusivamente pré-nominais: “velho”, “grande”, “pobre”, “certo” e “simples”. “Velho”, “grande” e “bela”, como vimos, têm tendência a não conseguirem manter suas interpretações não intersectivas quando o nome é modificado por um adjetivo pós-nominal intersectivo; “certo”, por outro lado, na perspectiva de Nunes-Pemberton é um quantificador, e seguimos com ela nessa hipótese. Assim, resta saber se “pobre” e “simples” se comportam como os outros três:

- (291) a. Ela era só uma *simples* camponesa...  
 b. Ela era só uma *simples* camponesa *bobinha*...  
 c. uma *simples humilde* camponesa  
 d. uma *humilde simples* camponesa  
 e. uma *simples risonha* camponesa  
 f. uma *risonha simples* camponesa
- (292) a. Um *pobre* diretor perdeu a atriz principal de seu filme ontem, quando ela decidiu abandonar o projeto.  
 b. Um *pobre* diretor *barbudo* perdeu a atriz principal de seu filme ontem, quando ela decidiu abandonar o projeto.<sup>101</sup>  
 c. um *pobre azarado* diretor  
 d. um *azarado pobre* diretor  
 e. um *pobre magro* diretor  
 f. um *magro pobre* diretor

Apesar de terem interpretações muito diferentes nas posições pré e pós-nominal, (291b) e (292b) mostram que aparentemente esses adjetivos continuam a preservar suas interpretações não intersectivas mesmo com o nome-núcleo sendo modificado por um adjetivo intersectivo (ainda que “bobinha” também possa apresentar leitura subsectiva); além disso, junto a outros adjetivos, preservam sua leitura independentemente da posição que

<sup>101</sup> Em um contexto, por exemplo, de fofoca anônima na internet.

ocupem na sequência. Assim, eles não seguem o mesmo padrão que os anteriores — o que também coloca uma dúvida quanto à hipótese de que os exemplos anteriores possam ser explicados apenas em termos de uma tendência de ambos os adjetivos a modificarem o nome da mesma forma. “Verdadeiro” e “senhor(a)”, por outro lado, são aparentemente adjetivos que apresentariam aquele comportamento:

- (293) a. Ele é realmente um *verdadeiro* pintor.  
 b. \*Ele é realmente um *verdadeiro* pintor *alto*.  
 c. um *verdadeiro talentoso* pintor<sup>102</sup>  
 d. um *talentoso verdadeiro* pintor  
 e. \*um *verdadeiro engraçado* pintor  
 f. ?um *engraçado verdadeiro* pintor
- (294) a. Nossa, essa é uma *senhora* biblioteca!  
 b. \*Nossa, essa é uma *senhora* biblioteca *espaçosa*!  
 c. \*uma *senhora espaçosa* biblioteca  
 d. uma *espaçosa senhora* biblioteca  
 e. ??uma *senhora bonita* biblioteca  
 f. uma *bonita senhora* biblioteca

Em resumo, assumirmos que todos os adjetivos antepostos (que não sejam quantificadores) são intensificadores não parece produtivo, uma vez que, na maioria dos casos, o sentido da posição pré-nominal continua a ser acessível na posição pós-nominal. Entretanto, para os casos em que há diferença de sentido, e essa diferença é influenciada pela presença de outros adjetivos, talvez possamos considerar a hipótese de que se trate de intensificadores. Voltaremos a isso no capítulo 04.

#### 2.1.5. MÜLLER, NEGRÃO & NUNES-PEMBERTON (2002): ADJETIVOS PREDICADOS, ARGUMENTOS OU QUANTIFICADORES

O trabalho de Müller, Negrão e Nunes-Pemberton (2002) também se baseia nos dados coletados no projeto NURC; assim como os demais autores anteriores, elas se

<sup>102</sup> Essa sequência talvez não seja ruim porque “verdadeiro” pode estar modificando “talentoso”, como em “um verdadeiramente talentoso pintor”. Essa explicação não daria conta, no entanto, de por que (292e) não é boa pelo mesmo mecanismo.



debruçam sobre os adjetivos em posição atributiva, procurando da mesma forma um modelo que desse conta das distinções entre adjetivos antepostos e pospostos.

Elas baseiam-se principalmente nos trabalhos de Menuzzi (1992) e Casteleiro (1981)<sup>103</sup>. Segundo as autoras, Casteleiro classifica os adjetivos em *predicativos* e *não predicativos*; elas optam chamar os adjetivos predicativos de Casteleiro de *adjetivos predicadores*, para evitar confusões terminológicas com a distinção mais básica entre adjetivos atributivos e predicativos. Já os adjetivos “não predicativos” de Casteleiro, por outras razões, são renomeados como *adjetivos argumentais*. Cada classe apresenta uma definição e propriedades prototípicas; contudo, na prática os adjetivos podem conter características de ambas as classes, à medida que se afastem do protótipo.

Os adjetivos predicadores possuem as seguintes propriedades: podem ser parafraseados por relativas (“uma casa que é grande”); aceitam aparecer com os verbos *ser/estar* (“a casa é grande”); são passíveis de utilização com o predicativo do objeto (“considero a casa grande”); e podem ser usados como apostos (“a casa, grande,...”). Além disso, apresentam variação de grau (e.g. “maior”, “grandíssimo”), aceitam anteposição (“grande casa”) e aceitam coordenação com adjetivos do mesmo tipo (“casa grande e bonita”).

Os adjetivos argumentais, por sua vez: são comutáveis por expressões nominais (“pesquisa bibliográfica” = “pesquisa da bibliografia”); aceitam prefixos numéricos (“uma pesquisa multibibliográfica”); estabelecem uma relação temática com o substantivo-núcleo (há um paralelo entre “pesquisar a bibliografia” e “pesquisa bibliográfica”); e aceitam coordenação com adjetivos do mesmo tipo (e.g.: “uma pesquisa histórica e geográfica”).

A partir dessa hipótese e da de Menuzzi, a posição das autoras é a seguinte:

Juntamente com Casteleiro (1981), defenderemos que os adjetivos se dividem em duas grandes classes: os adjetivos predicadores e os argumentais. E, juntamente com Menuzzi (1992), defenderemos que as diferenças de comportamento sintático e semântico, tanto entre essas duas classes quanto entre os diferentes tipos de adjetivos predicadores, se devem aos diferentes tipos de relações que são estabelecidos entre a estrutura argumental do adjetivo e a estrutura argumental do substantivo-núcleo.

(MÜLLER, NEGRÃO&NUNES-PEMBERTON, 2002:324)

Os adjetivos predicadores podem ser predicados de um, dois ou mais lugares. Quando possuem mais de um lugar, são relacionais, como definido por Menuzzi (1992). Müller et al. seguem a mesma proposta do autor: somente esses adjetivos podem ser antepostos (pois

---

<sup>103</sup> CASTELEIRO; João M. *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

possuem uma segunda posição argumental), e quando isso ocorre, tomam a classe denotada pelo nome como classe de comparação. No caso dos adjetivos categoremáticos, a anteposição gera sua reinterpretação como núcleo do sintagma. Para além da proposta de Menuzzi, porém, elas também adotam a argumentação de Nunes-Pemberton (2000) acerca de que alguns itens tradicionalmente definidos como adjetivos terem sido reinterpretados no PB como quantificadores e dêiticos — mas preferem chamar a todos como simplesmente quantificadores (de grau ou contagem).

Tanto adjetivos predicadores como argumentais poderiam aparecer pospostos. Adjetivos argumentais funcionariam como argumentos de quaisquer substantivos que tenham uma grade temática. Essa classe inclui os gentílicos e também aqueles do tipo “bibliográfico” (classificativos). Eles não podem ser antepostos porque “o português é uma língua que lineariza seus argumentos internos à direita do predicador” (p.331).

Entre os adjetivos predicadores, haveria os relacionais (cf. Menuzzi), os categoremáticos e os do tipo “exata” (que também inclui “principal”, “específico”, etc.):

- (295) (es)tá certo, **a resposta exata** e que não foi dada é esta aqui, quando nós pedimos um resumo, eu poderia pedir um resumo da palestra POA278 (MÜLLER, NEGRAO&NUNES-PEMBERTON, 2002:330)

A diferença entre os adjetivos dentro da classe dos predicadores se explicaria devido ao fato de esses adjetivos poderem ser predicados de um, dois ou mais lugares.

Essa proposta dialoga, ainda que não explicitamente, com a divisão básica feita na tradição gramatical europeia entre adjetivos relacionais e qualificativos. Como já apontado na nota 82, Bosque & Picallo (1996) dividem essa classe de relacionais (que não deve ser confundida com a categoria assim chamada por Menuzzi) em *temáticos* e *classificativos* — precisamente os mesmos itens chamados por Müller, Negrão & Nunes-Pemberton de “adjetivos argumentais”. Para Bosque & Picallo, adjetivos temáticos são aqueles que preenchem a estrutura argumental do nome, absorvendo assim um papel temático fornecido pelo núcleo. Adjetivos classificativos, em contrapartida, “não absorvem um papel temático lexicalmente licenciado, e sim introduzem um domínio em relação ao qual o objeto denotado pelo nome-núcleo é classificado” (p.352). Uma vez que as autoras brasileiras descreveram os adjetivos argumentais como um todo como preenchendo posições de argumento dos nomes, poderíamos pensar que não se trataria exatamente da mesma divisão; entretanto, verificamos

que adjetivos considerados como classificativos por Bosque & Picallo apresentam todas as características listadas dos adjetivos argumentais:

- (296) *excursão automobilística*
- |                                          |                                   |
|------------------------------------------|-----------------------------------|
| a. excursão de automóveis                | (comutável por expressão nominal) |
| b. excursão multiautomobilística         | (aceita prefixo)                  |
| c. viajar de automóvel <sup>104</sup>    | (relação temática com o nome)     |
| d. excursão automobilística e ciclística | (coord. com adjs do mesmo tipo)   |

Nem todos os adjetivos classificativos, entretanto, passam nos testes com a mesma adequação:

- (297) *engenheiro elétrico*
- |                                 |                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| a. ??engenheiro de eletricidade | (comutável por expressão nominal) |
| b. ??engenheiro multielétrico   | (aceita prefixo)                  |
| c. <i>não se aplica</i>         |                                   |
| d. engenheiro elétrico e civil  | (coord. com adjs do mesmo tipo)   |

O importante nesse caso, porém, é que esse adjetivo tampouco se encaixa nos critérios propostos para adjetivos predicadores:

- (298) *engenheiro elétrico*
- |                                     |                                  |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| a. *um engenheiro que é elétrico    | (paráfrase por relativa)         |
| b. *o engenheiro é elétrico         | (aceitação dos verbos ser/estar) |
| c. *considero o engenheiro elétrico | (usado como predicativo)         |
| d. *engenheiro eletrícíssimo        | (variação de grau)               |
| e. *elétrico engenheiro             | (aceitação da anteposição)       |
| f. engenheiro elétrico e civil      | (coord. com adjs do mesmo tipo)  |

A principal diferença entre esses trabalhos estaria na concepção gradual de pertencimento às categorias de Müller, Negrão & Nunes-Pemberton, contra a noção de

<sup>104</sup> Uma vez que não há um verbo morfologicamente ligado a “excursão”, “viajar” seria uma ligação próxima.

categorias delimitadas como descrito em Bosque & Picallo. Entretanto, essa gradação diz mais respeito à adequação dos adjetivos aos testes que ao seu funcionamento em si; em se assumindo que, além da distinção entre argumentos e predicados, é a interação entre a estrutura argumental do adjetivo e a do nome-núcleo que gera os diferentes comportamentos, como as autoras de fato assumem, não há realmente uma gradação e as possibilidades são relativamente limitadas (ao número de posições disponíveis na estrutura argumental do adjetivo e do nome). As propostas, assim, são bastante similares em termos descritivos, ainda que Bosque & Picallo não atribuam as diferenças de comportamento entre os adjetivos a suas estruturas argumentais para além da distinção entre adjetivos temáticos e classificativos, enquanto Müller et al. identificam as grades temáticas como responsáveis inclusive por diferenças entre tipos de adjetivos predicadores (qualificativos).

Quanto à possibilidade de todos os adjetivos antepostos serem quantificadores (ou, de certa forma, intensificadores), nossos argumentos em contraposição a essa hipótese foram levantados na seção anterior: a leitura associada à posição pré-nominal muitas vezes está disponível na posposição, e a intensificação ou quantificação de grau por si só não parece ser capaz de dar conta das particularidades de leitura da posição pré-nominal. Por outro lado, a dicotomia relacional/qualificativo, nos termos de Bosque & Picallo, ou argumental/predicador, como em Müller, Negrão & Nunes-Pemberton, parece produtiva para o PB e para línguas românicas em geral, em que adjetivos classificativos e de *nacionalidade* costumam ser as únicas classes obrigatoriamente pós-nominais.

Essa distinção, porém, aparentemente não se manifesta de maneira homogênea nas AOR. Enquanto adjetivos classificativos, em diversas línguas, devem necessariamente aparecer adjacentes ao nome-núcleo (e pós-nominais nas línguas românicas), o ordenamento dos adjetivos temáticos não é previsto na ordem universal dos adjetivos. Isso se deve, entretanto, à observação que fizemos no começo da seção 1.1.2 acerca da diferença entre a ordem de adjetivos em nominais complexos/eventivos e com outros tipos de nome: sendo somente naqueles que adjetivos argumentais podem ocorrer (uma vez que é necessário que estabeleçam uma relação temática com o nome-núcleo), naturalmente suas propriedades de distribuição não estarão previstas na ordem universal, responsável pelo ordenamento de adjetivos em nominais simples. A classificação de adjetivos étnicos (de *nacionalidade*) como um subtipo dos adjetivos temáticos por Bosque & Picallo deve ser compreendida, portanto, dentro do contexto de modificação de nominais complexos/eventivos, e não de forma absoluta (i.e. nem todo adjetivo étnico é temático). O contraste pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (299) a. a política *africana europeia*  
 b. a política *europeia africana*  
 (BOSQUE&PICALLO, 1996:368)
- (300) a. astronauta *brasileiro francês*  
 b. astronauta *francês brasileiro*

Em (299), o adjetivo mais afastado é interpretado como Agente, enquanto o mais próximo, de acordo com os autores, seria classificativo. Assim, a interpretação do sintagma em (299a) seria algo como “política europeia (dos europeus) sobre a África”, e (299b), “política africana (dos africanos) sobre Europa”. Em (300), entretanto, não há interpretação temática de nenhum dos adjetivos; a única interpretação possível é de subconjuntos, em que o adjetivo mais externo modifica o referente, e o mais interno é um classificativo. Por exemplo, digamos que, para uma certa viagem espacial, Brasil e Rússia tenham feito um acordo, e cada país pode enviar quatro astronautas; assim, quatro serão brasileiros (da equipe brasileira), e quatro serão russos. Para uma de suas quatro vagas, o Brasil seleciona um francês: “o astronauta brasileiro francês”. Em última instância, o espírito desse exemplo é o mesmo de “um soldado francês alemão”. Isso fica mais claro no exemplo a seguir, em que a única interpretação possível é “um queijo do tipo mineiro fabricada em São Paulo”<sup>105</sup>.

- (301) uma queijo *mineiro paulista*

Apesar de não serem sempre temáticos, adjetivos de *nacionalidade* são sempre necessariamente pospostos, a menos que, como observado por Menuzzi (1992), sejam tomados em um sentido metafórico.

Ao primeiro tratarmos desse assunto, declaramos que a ordem de adjetivos em nominais complexos está fora do escopo deste trabalho; entretanto, a título de esclarecimento, Bosque & Picallo observam que adjetivos classificativos aparecem mais próximos ao núcleo que os temáticos (como já vimos), e que, entre os temáticos, a ordem é fixa e obedece à hierarquia temática<sup>106</sup> (i.e. adjetivos com papel temático de *tema* estarão mais próximos do núcleo que aqueles com papel temático de *agente/possessivo*):

<sup>105</sup> Ou, alternativamente, com a leitura dos dois adjetivos como classificativos, e.g. um queijo do tipo mineiro com características do tipo paulista. Aparentemente não há um limite para quantos adjetivos podem aparecer em função classificativa.

<sup>106</sup> Somente entre adjetivos; quando o sintagma apresenta tanto adjetivos como PPs, a ordem é outra. Ver Bosque & Picallo (1996:381) para detalhes.

- (302) a. estudos *rodoredianos femininos*  
b. estudos *femininos rodoredianos*  
(BOSQUE&PICALLO, 1996:360)

Nos exemplos acima, o adjetivo mais próximo ao nome é necessariamente interpretado como tema, enquanto o mais externo é o agente. (302a) pode ser interpretado como “estudos sobre Rodoreda feitos por mulheres”, e o oposto em (302b).

Prim (2015) defende que, em realidade, não haveria diferença entre adjetivos classificativos e temáticos para além do fato de que os temáticos só podem ocorrer junto a nominais complexos/eventivos. Entretanto, os argumentos fornecidos pela autora, ainda que apontem para uma similaridade sintático-morfológica entre os dois tipos (e.g. impossibilidade de serem modificados por sufixos de grau ou advérbios), não explicam a ordem relativa entre temáticos e classificativos.

- (303) a. produção *manual cesteira*  
b. produção *cesteira manual*  
(BOSQUE&PICALLO, 1996:367)

Ela aponta que, diferentemente do que os autores haviam apontado para (303a), a inversão entre o adjetivo classificativo “manual” e o temático “cesteira” (com interpretação de *tema*) é possível, conforme (303b). Entretanto, mesmo que se assumisse não haver diferença entre classificativos e temáticos, isso não implicaria que não houvesse ordem, como é evidenciado em (304):

- (304) a. produção *cesteira americana*  
b. \*produção *americana cesteira*

Se “manual” e “cesteira” pertencessem à mesma classe, seria esperado que, assim como outros temáticos, como em (304), eles respeitassem à hierarquia temática. Assim, se há duas possibilidades de ordem em (303), e se a interpretação de “cesteira” é de *tema* em ambos os sintagmas, então o adjetivo “manual” provavelmente está ocupando duas posições diferentes em (303a) e (303b). Seguindo Bosque & Picallo, podemos assumir que ele seja um classificativo na primeira; na segunda, por sua vez, considerando-se que “manual” pode ter

interpretação temática (talvez como *instrumento* — “produziu [com as mãos]”, do mesmo modo que “abriu [com a chave]”), é possível que o adjetivo também seja temático.

Como o papel de *agente* é o mais alto na hierarquia temática, seria esperado que, na presença de um adjetivo com essa interpretação, “manual” (como temático) não pudesse aparecer mais externo a ele. Isso parece se confirmar:

- (305) a. produção *cesteira manual americana*  
 b. ??produção *cesteira americana manual*

O outro exemplo dado por Prim para argumentar que classificativos não necessariamente precisam aparecer adjacentes ao nome também apresenta problemas:

- (306) a. instrumento musical raro  
 b. \*instrumento raro musical  
 c. Lamento muito, só coleciono instrumentos raros musicais. Não estou interessado em comprar o bisturí de Hipócrates.

(LEMLE, 1979, apud PRIM, 2015:54)<sup>107</sup>

A autora se baseia em uma série de exemplos dados por Lemle para defender que classificativos podem aparecer mais afastados do nome para dar conta de certas leituras restritivas, i.e. a combinação que se deseja fazer em (306c) é primeiro de “instrumentos raros”, sendo os “instrumentos raros musicais” apenas um subconjunto deles. Consideramos, porém, que isso não se trata de uma prova de que qualificativos podem aparecer mais próximos ao nome que classificativos. É possível argumentar que, nesse caso, “raro” esteja funcionando como um classificativo, e não como um qualificativo. Ainda que certas taxonomias/classificações sejam mais comuns e esperadas do ponto de vista cognitivo, em última instância qualquer adjetivo pode funcionar como um classificativo dentro do contexto adequado. Além disso, combinações [NA] previamente construídas no discurso podem ser reinseridas conjuntamente:

<sup>107</sup> LEMLE, Miriam. A ordem dos adjetivos no sintagma nominal inglês: implicações para a teoria gramatical. In: *Encontro Nacional de Linguística*, III, 1979, Rio de Janeiro. Comunicação. Rio de Janeiro: PUC, 1979.

- (307) a. maçã *vermelha deliciosa*  
 b. \*maçã *deliciosa vermelha*<sup>108</sup>  
 c. A: E aí, qual dessas maçãs *deliciosas* você vai querer?  
 B: Bom, já que você insiste, me vê uma “maçã *deliciosa*” *vermelha*, então.  
 Não gosto de maçã *verde*.

De toda forma, também do ponto de vista teórico se coloca uma diferença entre classificativos e temáticos: estes preenchem posições na rede argumental do nome, enquanto aqueles, não — e por isso podem aparecer com quaisquer núcleos, não apenas nominais complexos/eventivos. Assim, julgamos que a distinção permanece válida, e que a generalização de que classificativos aparecem nas posições mais próximas ao nome também pode ser mantida.<sup>109</sup>

## 2.2. Sintaxe dos adjetivos em PB

A maioria dos trabalhos vistos até aqui tomou como dado que, em PB, há adjetivos exclusiva ou preferencialmente pré ou pós-nominais, focando-se ao invés disso em quais seriam as motivações por trás dessa distinção. Entretanto, pouco se explorou, para além da descrição de que adjetivos relacionais seriam obrigatoriamente pós-nominais e de que classificativos se encontram necessariamente adjacentes ao nome-núcleo, que outros fenômenos podem ser observados quando há a ocorrência de mais de um adjetivo, que tipo de relações se estabelecem entre eles, e que outras diferenças para além de categorias semânticas específicas podem ser identificadas tanto na anteposição quanto na posposição.

Um trabalho mais extenso sobre a primeira dessas questões pode ser encontrado em Perini (2009). De caráter descritivo, o autor buscou, em sua gramática, propor um *template* que desse conta das possibilidades de ocorrência de itens no sintagma nominal. O modelo a que chegou foi o seguinte:

<sup>108</sup> Na interpretação relevante de “vermelha” como classificativo.

<sup>109</sup> Um argumento adicional é que classificativos e étnicos/referenciais não podem ser coordenados, nem em nominais complexos/eventivos, nem em nominais simples:

- |       |                                |     |                                                          |
|-------|--------------------------------|-----|----------------------------------------------------------|
| (i)   | *engenheiro civil e brasileiro | vs. | engenheiro civil e elétrico                              |
| (ii)  | * maçãs vermelhas e argentinas | vs. | maçãs verdes e vermelhas ( <i>na leitura relevante</i> ) |
| (iii) | *a política bélica e americana | vs. | a política bélica e higienista                           |



1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
Determinante (Det)	Possessivo (Poss)	Reforço (Ref)	Quantificador (Qf)	Pré-núcleo externo (PNE)	Pré-núcleo interno (PNI)	<b>Núcleo (NSN)</b>	Modificador Interno (ModI)	Modificador Externo (ModE)

Por exemplo:

(308) Aqueles meus próprios únicos raros velhos instrumentos musicais bonitos

Além dessas categorias, há ainda a de *numerador*, que abrange o item lexical “outro(s)” e os números ordinais, com posicionamento livre entre as categorias antes do nome-núcleo (NSN), à exceção da posição entre o PNE e o PNI. As classes que nos interessam, no entanto, são o PNE, PNI, ModI e ModE, uma vez que são aquelas que podem abrigar adjetivos (no caso dos modificadores pós-nominais, também outros itens).

Segundo Perini, dessas quatro, a única posição fechada é PNI, que abrange apenas uma porção de itens: “mau”, “novo”, “velho”, “claro” e “grande”. O PNE, por outro lado, pode abrigar uma multiplicidade de itens, possivelmente incontáveis, e é onde encontraríamos a maioria dos outros adjetivos (“inesquecíveis”, “suposto”, “mero”, etc.). A distinção entre ModI e ModE se baseia em uma propriedade: a possibilidade de o item ser separado do restante do sintagma por vírgula.

- (309) a. o ataque *cardíaco fulminante*  
 b. \*o ataque, *cardíaco*  
 c. o ataque *cardíaco, fulminante*

O autor não é capaz de afirmar categoricamente se as posições de ModI e ModE podem se repetir, ainda que, a princípio, sinalize no sentido de que sim; quanto às posições de pré-núcleo, entretanto, Perini descreve que “de todas essas funções [da anteposição], a única que pode ocorrer mais de uma vez no mesmo sintagma é a de Num” (p.99). Todos os itens encontrados em PNI podem aparecer em PNE, e todos em PNE podem ser modificadores pós-nominais.

Como podemos depreender a partir dos exemplos dados pelo autor (“cardíaco” e “japonês”, em “um ataque japonês”), a classe proposta de ModI é basicamente a dos

relacionais<sup>110</sup>. Perini também identifica alguns itens em comum com Nunes-Pemberton (2000) como quantificadores (“diversos”, “poucos”, “vários”, etc.).

Em seu livro, ele não entra em detalhes quanto à motivação para a distinção entre PNE e PNI; entretanto, sua generalização de que nenhuma dessas classes poderia se repetir é falha:

- (310) a. as *inesquecíveis divertidas* memórias da infância  
 b. as *inacreditáveis engraçadas* histórias

Como os itens em PNI podem em teoria ocorrer também em PNE, não há como testar se essa classe poderia se repetir também. Entretanto, uma vez que tenhamos concluído que o PNE pode ocorrer mais de uma vez, se o critério para discernir as duas posições era a possibilidade de coocorrência dos itens lexicais identificados como PNI, por exemplo:

- (311) um *grande grande* atleta

esse argumento é potencialmente enfraquecido.

De uma maneira geral, portanto, mesmo que o trabalho de Perini (2007) busque sistematizar observações até então um tanto dispersas acerca da distribuição dos adjetivos, sua proposta de *template* não acrescenta muito às descrições já feitas, apenas reforçando a divisão entre adjetivos relacionais e qualificativos, na posição pós-nominal, e a possível classificação de alguns itens como quantificadores, na posição pré-nominal.

Em uma investigação de outra natureza, Guimarães (2011) buscou identificar padrões sintáticos e morfológicos no comportamento dos adjetivos adnominais. Suas observações se centraram em dois fatores: a modificação do adjetivo, por meios sintáticos ou morfológicos, e a possibilidade de elipse do nome na presença de um sintagma adjetival — em ambos os contextos, levando em consideração a interação desses fenômenos com as posições pré e pós-nominal.

O autor começa por apontar o fato de que alguns adjetivos são exclusivamente pré-nominais ou pós-nominais, a despeito de muitas vezes apresentarem um significado similar:

- (312) a. Julian Viáfara é um atleta *foda*.  
 b. \*Julian Viáfara é um *foda* atleta.

<sup>110</sup> No sentido de Bosque & Picallo (1996).

- (313) a. \*Julian Viáfara é um atleta *puta*.  
 b. Julian Viáfara é um *puta* atleta.<sup>111</sup>  
 (GUIMARÃES, 2011:3274)

Assim, a distinção entre anteposição e posposição não pode ser colocada em termos semânticos simples, tampouco se basear na dicotomia intensional/extensional (cf. Borges (1991)). Em termos sintáticos, entretanto, as duas posições parecem ter propriedades mais claramente distintas. Guimarães observa que sintagmas adjetivais (APs) pós-nominais podem ser complexos (i.e. apresentar modificadores<sup>112</sup>), enquanto os pré-nominais, não:

- (314) \*Julian Viáfara é um muito *grande* atleta.  
 (315) Julian Viáfara é um atleta muito *foda*.  
 (316) Zé é um (\*relativamente) *baita* músico.  
 (317) Zé é um (\*totalmente) *extraordinário* músico.  
 (GUIMARÃES, 2011:3275-3276)

Essa diferença valeria tanto para adjetivos exclusivamente pós-nominais, como em (315), quanto para adjetivos exclusivamente pré-nominais, como em (314) e (316), e também para aqueles com posicionamento variável (cf. (317)).<sup>113</sup> A posposição de adjetivos

<sup>111</sup> Note-se que “puta” pode coocorrer com modificadores pós-nominais (em relação com a discussão feita na seção 2.1.4):

- (i) Ele é um *puta atleta* dedicado.

Diferentemente dos demais itens potencialmente considerados como intensificadores naquela seção, no entanto, na presença de outros adjetivos, “puta” deve aparecer na posição mais externa da sequência:

- (ii) a. ??ele é um *puta grande* atleta  
 b. \*ele é um *grande puta* atleta  
 c. ?ele é um *puta bom* professor  
 d. \*ele é um *bom puta* professor

Se esses exemplos são possíveis, esse comportamento é similar, como vimos, ao dos quantificadores.

<sup>112</sup> Considerando-se “modificadores” como advérbios. Só é possível adjetivos serem modificados por PPs, seja como complementos ou adjuntos, na posposição.

<sup>113</sup> Note-se, porém, que adjetivos relacionais, apesar de obrigatoriamente pospostos, não podem ser modificados por advérbios de grau, como já apontou Menuzzi (1992:133):

- (i) \*um físico muito *civil*  
 (ii) !Um astronauta muito *brasileiro*

Como o autor observou, adjetivos étnicos, como (ii), quando modificados ou antepostos, perdem a leitura referencial e passam a ser interpretados de alguma maneira metafórica. A restrição, porém, não é sobre qualquer tipo de modificação; com advérbios que não sejam de intensificação ou grau, a modificação é possível:

exclusivamente pré-nominais não é licenciada pela modificação, tampouco a anteposição de itens exclusivamente pós-nominais:

(318) #Julian Viáfara é um atleta muito *grande*.<sup>114</sup>

(319) \*Zé é um músico (relativamente) *baita*.

(320) \* Julian Viáfara é um (muito) *foda* atleta.

(321) \*Zé é um (completamente) *cego* músico.

(GUIMARÃES, 2011:3275-3276)

A modificação morfológica, todavia, apresentaria características diferentes da sintática, uma vez que seria permitida na posição pré-nominal:

(322) a. Julián Viáfara é um *habilitosíssimo* atleta.

b. Julián Viáfara é um *fortíssimo* candidato.

(GUIMARÃES, 2011:3277)

No caso de adjetivos com mudança clara de significado, como “grande” e “pobre”, porém, a modificação continua ligada aos significados específicos:

(323) a. \*Zé é um homem *grandessíssimo*.

b. Zé é um *grandessíssimo* homem.

(324) a. Zé é um homem *paupérrimo*.

b. \*Zé é um *paupérrimo* homem.

(GUIMARÃES, 2011:3277)

Em (323), a modificação por “-íssimo” é, se não agramatical na posição pós-nominal, ao menos bastante preferível na posição pré-nominal; na posposição, possivelmente pela diferença no significado, o sufixo -ão (“grandão”) é mais bem aceito, então com o sentido de *dimensão*. Da mesma forma, uma vez que o significado de “pobre” enquanto “sem dinheiro” é mais facilmente acessível na posição pós-nominal, é nela que a modificação é mais adequada.

- 
- (iii) o engenheiro antes *civil* e agora *elétrico*
  - (iv) o jogador agora *espanhol* (*i.e. foi naturalizado*)

Isso será abordado com mais detalhe ao longo do texto.

<sup>114</sup> Na interpretação relevante.

Adjetivos com posicionamento exclusivo à esquerda ou à direita do nome, como “foda” e “puta”, por sua vez, apresentariam propriedades distintas: adjetivos exclusivamente pós-nominais só podem ser modificados nessa mesma posição, enquanto os exclusivamente pré-nominais não podem ser modificados sob nenhuma circunstância.

- (325) a. Julian Viáfara é um atleta *fodíssimo*.  
 b. \*Julian Viáfara é um *fodíssimo* atleta.
- (326) a. \*Julian Viáfara é um atleta *putíssimo*.  
 b. \*Julian Viáfara é um *putíssimo* atleta.
- (GUIMARÃES, 2011:3277)

O autor aponta, contudo, alguns contra-exemplos a essas generalizações. Em primeiro lugar, a modificação sintática na realidade seria possível na posição pré-nominal com adjetivos de posicionamento flexível com alguns outros advérbios que não “muito” (com adjetivos exclusivamente pós-nominais, ela continuaria impossível):

- (327) a. Julian Viáfara é um atleta mega *habilidoso*.  
 b. Julian Viáfara é um mega *habilidoso* atleta.
- (328) \*Stevie Wonder é um mega *cego* cantor.
- (GUIMARÃES, 2011:3280)

Entretanto, mesmo com “muito”, há alguns casos em que a modificação seria aceitável:

- (329) a. Julian Viáfara é muito *bom* atleta.  
 b. \* Julian Viáfara é um muito *bom* atleta.
- (330) a. Julian Viáfara é *bom* atleta demais.  
 b. \*Julian Viáfara é um *bom* atleta demais.
- (331) a. [*Bom* atleta]<sub>i</sub>, Julian Viáfara é [muito t<sub>i</sub>].  
 b. [*Bom* atleta]<sub>j</sub>, Julian Viáfara é [t<sub>j</sub> demais].
- (GUIMARÃES, 2011:3281)

As motivações para essas aparentes exceções, todavia, não são abordadas.

Por último, Guimarães aponta que o nome-núcleo não pode ser elidido junto a adjetivos exclusivamente pré-nominais (ou, no caso de adjetivos com posicionamento mais flexível, não é possível que mantenham a leitura da anteposição):

- (332) a. O Atlético-PR tem um goleiro *ruim*...  
       ... e o Vitória tem [um [~~goleiro~~ *foda*]].  
 b. \*O Atlético-PR tem um *péssimo* goleiro...  
       ... e o Vitória tem [um [*puta* ~~goleiro~~]].
- (333) a. Maria se casou com [um [*cara rico*]]...  
       ... e Ana ~~se casou~~ com [um [*cara pobre*]].  
 b. \*Maria está namorando (com) [um [*grande cara*]]...  
       ... e Ana ~~está namorando~~ (com) [um [*pobre cara*]].
- (GUIMARÃES, 2011:3282)

Algumas dessas generalizações foram posteriormente corrigidas e ampliadas em Deschamps, Glienke & Guimarães (2013). Nesse trabalho, observou-se que, uma vez que se levem outros advérbios em consideração, a modificação de adjetivos pré-nominais é possível:

- (334) a. Aquela escandalosamente *bela* mulher sumiu.  
 b. O agora *futuro* prefeito está se preparando pra tomar posse.  
 c. O deveras *ávido* leitor agora só lê um livro a cada dois meses.  
 d. O sequer *pretense* especialista foi ridicularizado.  
 e. Aquele mui *pobre* homem entrou em depressão.  
 f. O mega *habilidoso* mecânico consertou o carro em 10 min.  
 g. Ele agradeceu àquela tão *bondosa* senhora.  
 h. ?O então *puta* atleta caiu de rendimento após a contusão.

Para além de modificar adjetivos que podem aparecer antepostos com facilidade, a modificação aparentemente também permite que adjetivos canonicamente pospostos apareçam pré-nominalmente:

- (335) a. O motorista executou uma \*(mega) *proibida* manobra.  
 b. O \*(sempre) *hostil* delegado ignorou a pergunta do jornalista.  
 c. A \*(então) *virgem* mulher foi brutalmente estuprada.

- d. Aquele jovem pintou seus \*(inacreditavelmente) *brancos* cabelos.
- e. Ele cometeu um \*(mui) *irresponsável* ato.
- f. O mercado editorial ficou surpreso com a iniciativa do João Ubaldo Ribeiro em escrever um \*(?nada) *literário* livro.
- h. Ele nem respondeu àquele \*(deveras) *idiota* entrevistador.

Glienke (2013) procurou rastrear que classes de advérbios fazem parte desse fenômeno, e com quais adjetivos ele seria possível; entretanto, ainda que assinala uma provável correlação entre classes específicas de advérbios e adjetivos que poderiam figurar nessa estrutura, não foi possível à autora identificar classes “naturais” nem de um, nem de outro. A alta aceitabilidade da modificação com itens de avaliação subjetiva (e.g. “tão”, “mega”, “nada”), todavia, assim como de advérbios de circunscrição temporal (e.g. “então”, “sempre”, “nunca”), aponta para a possibilidade de que haja alguma correlação entre a possibilidade de modificação de adjetivos antepostos por esses itens e a propriedade avaliativa da posição pré-nominal, conforme hipotetizada por Boff (1991).

Deschamps, Glienke & Guimarães (2013) observam ainda outros fatores sintáticos que podem interferir na anteposição de adjetivos. O primeiro deles é a coordenação:

- (336) a. \*? Ele cometeu um *irresponsável* ato.
- b. \*Ele cometeu um *irracional* ato.
- c. ?Ele cometeu um *corajoso* ato.
- d. Ele cometeu um *irresponsável* mas *corajoso* ato.
- e. ?Ele cometeu um *irresponsável* e *irracional* ato.
- (337) a. \*Minha filha tem que casar com aquele *católico* rapaz.
- b. Minha filha tem que casar com aquele *estudioso* rapaz.
- c. Minha filha tem que casar com aquele *católico* e *estudioso* rapaz.
- d. ?? Minha filha tem que casar com aquele *estudioso* e *católico* rapaz.

Ainda que individualmente os adjetivos possam ser menos aceitáveis antepostos (cf. (336a-c), (337a)), quando coordenados, a gramaticalidade das sentenças aumenta de maneira significativa, especialmente quando um dos elementos da coordenação é passível de aparecer na posição pré-nominal com mais facilidade ((336d-e), (337c-d)). Aparentemente, há uma ordem preferível entre os adjetivos na coordenação; note-se o contraste entre (336d) e

(336e)<sup>115</sup>, (337c) e (337d), e também quando adjetivos preferencial ou exclusivamente pré-nominais são coordenados com adjetivos de posicionamento flexível:

- (338) a. a *próxima* e *extraordinária* prefeita  
 b. \*a *extraordinária* e *próxima* prefeita
- (339) a. ?a *suposta* e *inábil* prefeita  
 b. ???a *inábil* e *suposta* prefeita
- (340) a. a *última* e *extraordinária* prefeita  
 b. ??a *extraordinária* e *última* prefeita

Mesmo que se argumentasse que (338) e (339) são difíceis de interpretar, e que sua agramaticalidade poderia potencialmente decorrer disso, (340) não oferece um desafio tão grande ao processamento e, ainda assim, apresenta o mesmo contraste.

Nem todos os adjetivos identificados como exclusivamente pré-nominais, no entanto, exibem essas propriedades de distribuição. “Grande”, no sentido da anteposição, aparentemente tem posicionamento livre na coordenação<sup>116</sup>:

- (341) a. a *grande* e *extraordinária* prefeita  
 b. a *extraordinária* e *grande* prefeita  
 c. a *grande* e *modesta* prefeita  
 d. a *modesta* e *grande* prefeita

“Putá”, por outro lado, não parece aceitar a coordenação nem com adjetivos com sentido similar, em nenhuma das posições:

- (342) a. \*o *puta* e *excelente* jogador  
 b.\* o *excelente* e *puta* jogador

<sup>115</sup> Ainda que a diferença entre “mas” e “e” também possa estar desempenhando um papel.

<sup>116</sup> Ao coordenarmos “grande” com um adjetivo que denote uma propriedade mais física, e.g. “alto”, a interpretação tende a seguir a mesma orientação:

- (i) a *grande* e *alta* professora  
 (ii) a *alta* e *grande* professora

Entretanto, assim como apontado anteriormente na seção 2.1.4, não é claro se esse fato teria origem morfossintática ou semântico-pragmática.



- c. \*o *puta* e *inteligente* professor
- d. \*o *inteligente* e *puta* professor

Se essas diferenças entre adjetivos a princípio agrupados como exclusivamente pré-nominais seriam lexical ou sintaticamente condicionadas, assim como se de fato haveria um contraste na posição dos adjetivos dentro da coordenação, no entanto, são perguntas às quais o trabalho não respondeu.

De toda forma, observe-se que a coordenação não permite a anteposição de qualquer adjetivo, mesmo entre os qualificativos/predicadores:

- (343) a. \*Ele está traduzindo um *literário* texto.
- b. ?Ele está traduzindo um *complicado* texto.
- c. ??Ele está traduzindo um *literário* e *complicado* texto.
- d. \*Ele está traduzindo um *complicado* e *literário* texto.

Adjetivos relacionais (classificativos e étnicos/referenciais), como são exclusivamente pós-nominais e não podem ser coordenados com adjetivos que não sejam do mesmo tipo, não surpreendem ao não poderem figurar nessa estrutura.

- (344) a. \*a *prefeita paulista* e *nova*
- b. \*a *prefeita nova* e *paulista*
- c. \*a *paulista* e *nova* *prefeita*
- d. \*a *nova* e *paulista* *prefeita*
- (345) a. os *deputados federais* e *estaduais*
- b. \*os *federais* e *estaduais* *deputados*
- (346) a. \*a *prefeita militar* e *extraordinária*
- b. \*a *prefeita extraordinária* e *militar*
- c. \*a *extraordinária* e *militar* *prefeita*
- d. \*a *militar* e *extraordinária* *prefeita*
- (347) a. as *prefeitas militares* e *civis*
- b. \*as *militares* e *civis* *prefeitas*

Um segundo fator sintático (e potencialmente fonológico) apontado pelos autores é o peso. Na presença de material à direita do nome, muitos adjetivos podem figurar antepostos com mais facilidade:

- (348) a. \*Eu coloquei uma *colorida* esfera no bolso.  
b. Eu coloquei uma *colorida* esfera de vidro no bolso.
- (349) a. \*Ontem eu vi um *triste* filme.  
b. Ontem eu vi um *triste* filme sobre pacientes terminais com câncer.
- (350) a. \*?Ele cometeu um *irresponsável* ato.  
b. Ele cometeu um *irresponsável* ato de violação de direitos civis.
- (351) \*?O foguete decolou com uma *sobrenatural* velocidade.
- (352) O foguete decolou com uma *sobrenatural* velocidade de 900 milhões de km por milisegundo.

Quando consideramos a conjunção dos três fatores (modificação adverbial, coordenações e peso), mesmo casos antes marginais ou até agramaticais sob cada uma das condições podem se tornar aceitáveis:

- (353) a. \*Ele publicou um *literário* texto em 2012.  
b. Ele publicou um texto *literário* em 2012.  
c. ??Ele publicou um nada *literário* texto em 2012.  
d. ??Ele publicou um *literário* e mega *envolvente* texto em 2012.  
e. \*?Ele publicou um *literário* texto de 450 páginas recontando os principais fatos históricos do ano em 2012.  
f. Ele publicou um nada *literário* e mega *envolvente* texto de 450 páginas recontando os principais fatos históricos do ano em 2012.

A restrição sobre relacionais, no entanto, permanece. Além disso, adjetivos modificados por “muito” podem figurar em coordenações, ainda que aparentemente estejam sujeitos a algum tipo de restrição:

- (354) a. \*Eu coloquei uma muito *bonita* e *colorida* esfera de vidro na prateleira.  
b. Eu coloquei uma mega *colorida* e muito *bonita* esfera de vidro na prateleira.

Os autores especulam que tanto a coordenação quanto a modificação do adjetivo por um advérbio de alguma forma permitem que o sintagma como um todo se mova para uma posição de “avaliação” mais alta na hierarquia, anteposta à do nome. Em circunstâncias de peso, por sua vez, o adjetivo se moveria com o objetivo de contrabalancear o material pós-nominal.

A essas observações, mais algumas podem ser acrescentadas.

Em primeiro lugar, há uma classe de “adjetivos” que podem mais facilmente ser modificados por “muito”: participípios<sup>117</sup> (especialmente na presença de “bem”/“mal”).

- (355) a. As \*(muito) *vendidas* tortinhas de limão da panificadora já esgotaram.  
 b. As \*(muito) *lavadas* toalhas do hotel já estão puídas, apesar de serem novas.  
 c. Um (muito) *frequentado* bar do centro da cidade foi fechado ontem.  
 d. O (muito) bem *produzido* disco do Roberto Carlos foi um sucesso.  
 e. Um (muito) bem *escrito* poema de amor conquista qualquer pessoa.  
 f. A (muito) mal *feita* petição inicial foi recusada pelo juiz.

Nas duas primeiras sentenças, inclusive, os participípios não podem aparecer antepostos sem o modificador. Participípios também podem ser coordenados com outros adjetivos (e outros participípios) na anteposição:

- (356) a. Os *lidos* e bem *avaliados* artigos da revista foram discutidos em sala.  
 b. ?Os *atrasados* e *irresponsáveis* alunos foram proibidos de entrar no prédio.

Quanto à modificação por “muito” associada à coordenação, a mesma restrição parece operar quando participípios estão envolvidos<sup>118</sup>: ou o adjetivo que segue a conjunção é modificado, ou ambos os adjetivos na coordenação o são, mas não somente o primeiro.

- (357) a. \*? O muito *vendido* e *popular* disco do Roberto Carlos esgotou.  
 b. \*?O muito *popular* e *adorado* disco do Roberto Carlos esgotou.<sup>119</sup>  
 c. O *popular* e muito *vendido* disco do Roberto Carlos esgotou.

<sup>117</sup> Agradeço à prof.<sup>a</sup> Ana Paula Quadro Gomes por ter me apontado esse fato.

<sup>118</sup> Possivelmente peso, ainda que isso necessite de uma investigação mais sistemática.

<sup>119</sup> “Vendido” foi trocado por “adorado”, nesse exemplo, porque “vendido” não pode aparecer sozinho na anteposição.

- d. O muito *popular* e muito *vendido* disco do Roberto Carlos esgotou.
- e. O muito *vendido* e muito *popular* disco do Roberto Carlos esgotou.

Quanto a outros tipos de adjetivos que poderiam ser modificados por “muito” na anteposição, conforme apontado nos exemplos (329)-(331), essa parece ser uma exceção específica a “bom” — consideravelmente produtivo nessa construção, especialmente na ausência de determinantes:

- (358)
- a. Muito *boa* partida essa do Grêmio e do Inter.
  - b. O Ronaldinho realmente é (?um) muito *bom* jogador.
  - c. Ele foi (?um) muito *bom* jogador.
  - d. ??Meus muito *bons* amigos vão lá em casa hoje.
  - e. Ele é (?um) muito *bom* empregado.
  - f. ?Essa realmente é uma muito *boa* descrição do crime.
  - g. ?O muito *bom* jogador teve o gol anulado por erro do árbitro.
  - h. Tem *boas* bibliotecas por aqui, mas (\*muito) *boas* bibliotecas você encontra mesmo é lá no centro.

Poderíamos especular que se tratasse de uma possibilidade a todos os adjetivos preferencialmente antepostos ou que apresentam leituras diferenciadas na anteposição. Entretanto, esse não é o caso:

- (359)
- a. ???Muito *bela* partida essa do Grêmio e do Inter.
  - b. \*O Ronaldinho realmente é (um) muito *belo* jogador.
  - c. \*Ele foi um muito *grande* jogador.
  - d. \*Meus muito *velhos* amigos vão lá em casa hoje.
  - e. \*Ele é só um muito *simples* empregado.
  - f. \*Essa realmente é uma muito *verdadeira* descrição do crime.
  - g. \*O muito *pobre* jogador teve o gol anulado por erro do árbitro.
  - h. \*Tem *senhoras* bibliotecas por aqui, mas muito *senhoras* bibliotecas você encontra mesmo é lá no centro.

A modificação desses adjetivos por “muito” nessa posição é impossível, independentemente da presença ou não de determinantes. Além disso, nossa impressão é de

que os adjetivos nessas sentenças, caso fossem possíveis, interessantemente teriam o significado da posição pós-nominal (à exceção, talvez, de (359c)) — beleza física em (359b), velhice em (358d), “verdadeiro” como “não mentira” em (359f), etc.

Note-se, porém, que “bom” não é amplamente passível de ser modificado por “muito”. Além das sentenças de julgamento duvidoso em (358f-h), há uma série de construções em que essa combinação não resulta em sentenças gramaticais:

- (360) a. \*Muito *bom(ns)* jogador(es) não se encontra com facilidade (pra contratar).  
 b. \*Eu comi em um muito *bom* restaurante ontem.  
 c. \*O muito *bom* sorvete que eu te falei é daquela loja ali.

Não é claro qual seria a motivação por trás desses contrastes. A preferência em alguns casos pela ausência de um determinante explícito, além do estranhamento causado pelo plural (por exemplo, em (358d) e (358h)), parecem sugerir que há uma tendência da sequência “muito bom + N” ser interpretada como propriedade; entretanto, leituras referenciais não são impossíveis. Visto o caráter de exceção, porém, essa questão ficará sujeita a futuras investigações.

Sobre a coordenação de adjetivos, é interessante observar quais são as possibilidades para os itens exclusivamente pré-nominais ou que tem leitura diferenciada em cada posição de serem coordenados entre si:

- (361) O *velho/pobre* gerente, que recém-completara 30 anos de idade, voltou para receber a última parcela do salário após ter sido despedido do emprego que amava.  
 a. \*O *velho e pobre* gerente, que recém-completara 30 anos de idade, voltou para receber a última parcela do salário após ter sido despedido do emprego que amava.  
 b. \*O *pobre e velho* gerente, que recém-completara 30 anos de idade, voltou para receber a última parcela do salário após ter sido despedido do emprego que amava, mesmo sem precisar do dinheiro por causa da herança da avó.
- (362) Meu *pobre/velho* amigo, que mora em uma mansão em Miami, perdeu a esposa ontem... Ambos tão jovens! E ele ficou paraplégico...  
 a. \*Meu *pobre e velho* amigo, que mora em uma mansão em Miami, perdeu a esposa ontem... Ambos tão jovens! E ele ficou paraplégico...

- b. \*Meu *velho* e *pobre* amigo, que mora em uma mansão em Miami, perdeu a esposa ontem... Ambos tão jovens! E ele ficou paraplégico...
- (363) Assisti ontem a uma *grande/bela* dançarina de balé, que compensava sua aparência e suas pernas curtas com seu talento.
- a. \*Assisti ontem a uma *bela* e *grande* dançarina de balé, que compensava sua aparência e suas pernas curtas com seu talento.
- b. ???Assisti ontem a uma *grande* e *bela* dançarina de balé, que compensava sua aparência e suas pernas curtas com seu talento.

Quando coordenados, é difícil que ambos os adjetivos preservem o sentido exclusivo que apresentam na posição pré-nominal. Ainda que essa observação careça de um maior aprofundamento, aparentemente a adjacência linear do adjetivo ao nome facilita que essa leitura permaneça<sup>120</sup>, apesar de um tanto marginal na maioria dos casos.

Adjetivos intensionais do tipo “suposto”, “próximo” etc., não apresentam restrições de ordem entre si:

- (364) a. O *próximo* e *último* aluno a se apresentar [...]
- b. O *último* e *próximo* aluno a se apresentar [...]<sup>121</sup>

Em relação a sua coordenação com adjetivos de outros tipos, no entanto, lembrando os exemplos de (338)-(340), os intensionais têm preferência pela primeira posição na coordenação. Note-se que há uma diferença entre essa subcategoria e outros adjetivos pré-nominais em relação a isso:

- (365) a. a *verdadeira* e *interessante* razão
- b. a *interessante* e *verdadeira* razão

<sup>120</sup> Veja-se, por exemplo, como (362b) se torna ligeiramente mais aceitável em (i), na ausência da última parte da oração:

(i) ??Meu *velho* e *pobre* amigo, que mora em uma mansão em Miami, perdeu a esposa ontem...

O primeiro adjetivo tende a apresentar a leitura da posição pós-nominal, enquanto o segundo é ambíguo. O grau de aceitabilidade da leitura não predicativa em ambas as posições depende do item lexical em questão; nesse exemplo específico, por exemplo, é mais fácil que “pobre” seja interpretado como “coitado” em qualquer uma das posições do que “velho” ser interpretado como “X há muito tempo”.

<sup>121</sup> O estranhamento nesse caso advém provavelmente mais do aspecto informacional da sequência que da sintaxe/semântica: em um contexto em que as pessoas estejam se apresentando (e.g. um recital), ao se anunciar “o último aluno”, geralmente já se toma como implícito de que se está falando do próximo. Em outras palavras, “último” é mais informacionalmente específico que “próximo”.

- (366) a. um *mero* e *incompetente* professor  
 b. um *incompetente* e *mero* professor
- (367) a. a *simples* e *honesta* resposta  
 b. a *honesta* e *simples* resposta

Diferentemente dos adjetivos com mudança de significado, como “pobre” ou “velho”, e dos intensionais, tais adjetivos exclusivamente pré-nominais ou com mudança de significado mais sutil não apresentam restrições quanto à coordenação.

Se as observações acumuladas até aqui estiverem corretas, portanto, podemos fazer as seguintes generalizações:

- (a) adjetivos relacionais (incluindo os étnicos/referenciais) não podem ser antepostos sob nenhuma circunstância — nem quando modificados por advérbios, nem quando coordenados, nem na presença de material mais pesado à direita do nome-núcleo;
- (b) tanto adjetivos relacionais quanto adjetivos pré-nominais (tanto os exclusivamente pré-nominais quanto os que opcionalmente estão nessa posição) não podem ser modificados por advérbios ou como “muito”. As exceções são participípios, o adjetivo “bom” (em algumas construções), e adjetivos em coordenações;
- (c) adjetivos relacionais só podem ser coordenados dentro de suas subclasses: classificativos com classificativos, referenciais com referenciais, independentemente do tipo de nome com o qual se combinam;
- (d) adjetivos qualificativos/predicadores se dividem em exclusivamente pré-nominais (e.g. “mero”), aqueles com diferença de significado em cada posição (e.g. “pobre”, “velho”), e adjetivos de posicionamento flexível, que podem ter maior ou menor flexibilidade na anteposição (e.g. “habilidoso”, “famoso”);
- (e) a grande classe dos qualificativos pode ser coordenada entre si na anteposição, ainda que haja preferências em relação à posição do adjetivo na coordenação: adjetivos de posicionamento flexível têm ordem livre (e.g. “*extraordinária* e *modesta* atriz”, “*modesta* e *extraordinária* atriz”), enquanto adjetivos intensionais, quando coordenados com outras subclasses, preferem a primeira posição (e.g. “*próxima* e *extraordinária* prefeita”, “\**extraordinária* e *próxima* prefeita”). A exceção são os adjetivos com mudança significativa de significado, que com grande frequência mudam de interpretação quando coordenados, e mantêm a

leitura não intersectiva preferencialmente na posição linearmente adjacente ao nome-núcleo (e.g. “*velho e pobre amigo*”, “*pobre e velho amigo*”), com exceção do adjetivo “grande”, que mantém sua leitura pré-nominal em qualquer posição (e.g. “*grande e habilidoso atleta*”, “*habilidoso e grande atleta*”);

- (f) adjetivos qualificativos/predicadores não naturalmente passíveis de serem antepostos podem o ser na presença de alguns fatores, como coordenações, peso à direita do nome-núcleo e modificação por advérbios (que não “muito”). Nenhum desses fatores, entretanto, licencia a posposição de adjetivos exclusivamente pré-nominais;
- (g) adjetivos qualificativos/predicadores com posicionamento flexível, quando antepostos, apresentam mudanças em sua interpretação. Nos termos de Borges Neto (1991), quando antepostos, são necessariamente sincategoremáticos; nos termos de Menuzzi (1992), quando antepostos, preenchem a segunda posição em sua grade temática necessariamente com o nome-núcleo. Em ambos os casos, essas leituras são também possíveis na posição pós-nominal, ainda que não exclusivas;
- (h) o superlativo, seja em forma analítica ou sintética, favorece a anteposição;
- (i) adjetivos com mudança de significado, como “belo”, “grande”, “velho”, etc., mantêm sua leitura não intersectiva com mais facilidade, ou só a mantêm, na ausência de outros adjetivos restritivos incidindo sobre o nome-núcleo, ou quando tais adjetivos modificam o nome da mesma forma (i.e. são não intersectivos);
- (j) itens lexicais tradicionalmente considerados como adjetivos, como “determinado”, “certo”, “diversos”, “variados”, “inúmeros” e “diferentes”, são, na anteposição, *quantificadores*<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> Ainda que, potencialmente, apresentando diferentes graus de gramaticalização dessa mudança.



### 3 Ordem universal como um fenômeno (parcialmente?) sintático

Em vista principalmente de dados como os apontados no capítulo 1, uma série de teóricos procurou dar conta da ordem universal por meio da proposição de uma série de projeções funcionais ou de núcleos que hospedassem as diferentes classes de adjetivos. Para lidar com as diferenças translinguísticas, entretanto, foi necessário à maioria desses estudos assumir algum tipo de movimento. Dois conjuntos de estudos podem ser identificados a partir desse ponto: aqueles que, associado às projeções funcionais, assumem o movimento de núcleo, e aqueles que assumem o movimento de constituintes (i.e. projeções máximas).

Para uma revisão dos principais trabalhos dentro da Hipótese do Movimento de Núcleo, assim como dos problemas enfrentados por ela para lidar com os dados translinguísticos, remetemos o leitor a Prim (2010) e aos trabalhos lá referenciados.

Partindo da descrição feita pela autora supramencionada e concordando com ela quanto à insuficiência das propostas de Movimento de Núcleo para dar conta dos dados, consideraremos então a Hipótese do Movimento de Constituintes, conforme exposta em Cinque (2010).

#### 3.1. Cinque (2010): a Hipótese do Movimento de Constituintes

O objetivo do autor nesse trabalho é propor uma estrutura sintática para o DP que dê conta da distribuição dos adjetivos atributivos, tanto em termos de ordem linear quanto de relações de escopo estabelecidas, buscando explicar simultaneamente seu comportamento em línguas românicas e germânicas. Esse comportamento, conforme já descrito, subdivide-se em dois fenômenos: de um lado, a possibilidade de os adjetivos apresentarem duas leituras nas posições canônicas, mas apenas uma nas não canônicas — com propriedades opostas nas línguas germânicas e românicas, tanto em qual posição é a canônica (posposição/anteposição) quanto em quais são as únicas interpretações possíveis nas não canônicas (cf. tabelas 1.1 e 1.2, na seção 1.1.1); do outro, a ordem universal na posição pré-nominal e sua manifestação idêntica ou espelhada na posição pós-nominal.

Como já apontado na seção 1.1.4, Cinque assume que cada um dos conjuntos de leituras reflete um modo diferente do adjetivo de se combinar com o nome: adjetivos podem estar em *modificação direta* (única possibilidade na anteposição nas línguas românicas, e caracterizada pelas leituras exclusivas apresentadas na posição pré-nominal nessas línguas) ou *indireta* (fonte exclusiva na posição pós-nominal nas línguas germânicas, também descrita

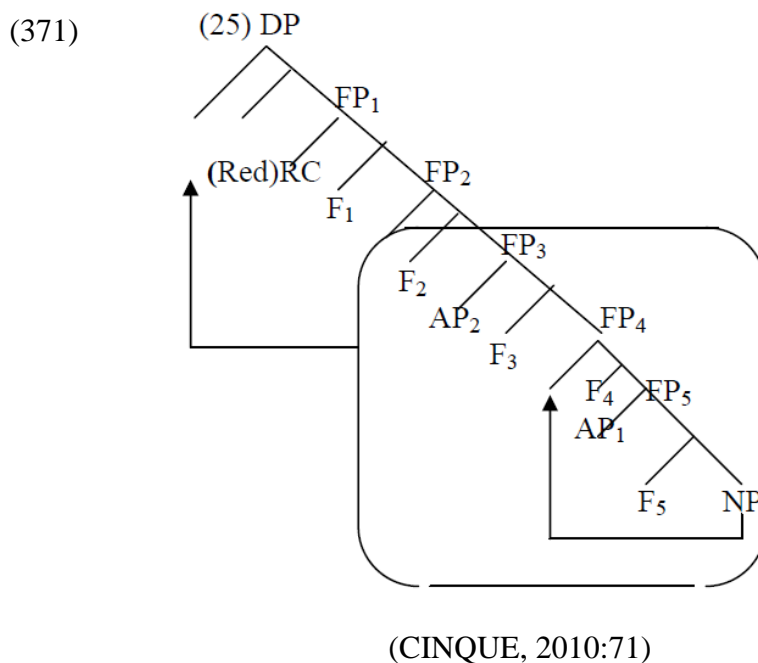
conforme as propriedades exibidas na posposição nessa família). Tais propriedades podem ser sistematizadas da seguinte forma:

- (368) a. Modificação Indireta > Modificação Direta > N (>Modificação Indireta)  
grego, mandarim, inglês (permite a posposição), línguas germânicas
- (369) Modificação Direta > N > Modificação Direta > Modificação Indireta  
italiano, PB, línguas românicas  
(CINQUE, 2010:22)

- (370) a.  $A_{DIMENSÃO} > A_{COR} > A_{NACIONALIDADE} > N$  (Inglês, mandarim, ...)
- b.  $*A_{NACIONALIDADE} > A_{COR} > A_{DIMENSÃO} > N$  0
- c.  $N > A_{DIMENSÃO} > A_{COR} > A_{NACIONALIDADE}$  (Galês, irlandês, ...)
- d.  $N > A_{NACIONALIDADE} > A_{COR} > A_{DIMENSÃO}$  (Indonésio, yorubá, ...)
- (CINQUE, 2010:38)

Segundo o autor, todos os adjetivos seriam gerados da mesma maneira nas duas famílias linguísticas estudadas, à esquerda do nome. A diferença entre os tipos de modificação seria resultado da inserção dos adjetivos no DP a partir de duas fontes: adjetivos de *modificação direta* seriam gerados como especificadores de núcleos funcionais da projeção estendida do NP (estes sequenciados de acordo com a ordem universal), e adjetivos em *modificação indireta* seriam na realidade orações relativas reduzidas (as quais também seriam especificadores de núcleos funcionais).

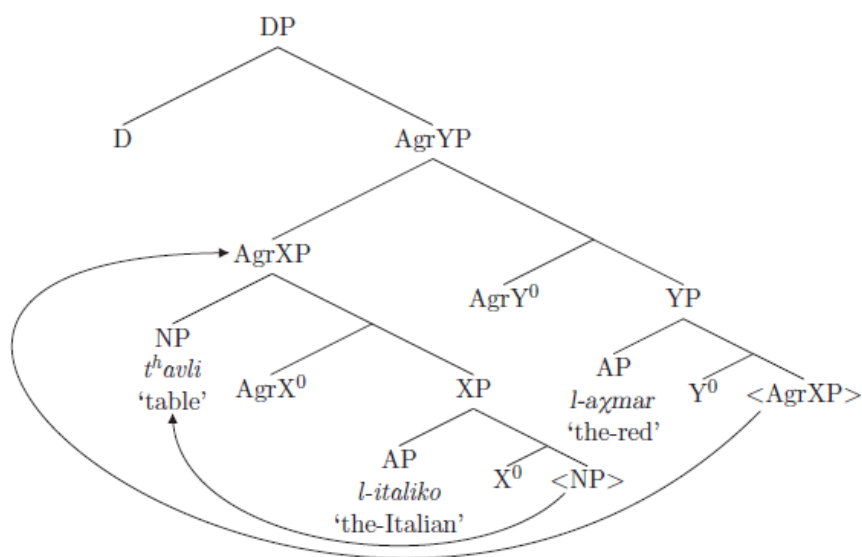
A partir dessa distinção, a diferença entre as línguas germânicas e românicas seria derivada da possibilidade *ou não* do movimento *não só* do núcleo nominal (NP), mas sim de constituintes inteiros (incluindo as projeções funcionais):



O nome-núcleo (no NP) pode se mover sozinho *ou* se amalgamar com as projeções funcionais que o precedem ou o sucedem e se mover *com elas*, em um movimento *de constituintes*. O movimento do NP seria feito para o Spec de projeções de concordância acima das camadas funcionais que hospedam os adjetivos. Nas línguas germânicas, o único movimento possível seria aquele em que toda a sequência de adjetivos em modificação direta e mais o nome se movem acima da projeção que hospeda as sentenças relativas reduzidas (mais afastada do nome-núcleo em relação às demais projeções), como visto em (371) (ainda que sem o movimento somente do NP no exemplo); nas línguas que apresentam a ordem espelhada, por outro lado, o NP se moveria acima de cada adjetivo e, ao realizar o próximo movimento, carregaria consigo o que estivesse a sua direita, i.e. [N+A] (ou a projeção que domina NP + FP). Podemos ver um exemplo dessa derivação para o CMA (o qual, lembrando, exibe ordem espelhada com adjetivos de *cor* nativos):

- (372) N > nacionalidade > cor <sub>ÁRABE</sub>  
 t<sup>h</sup>avli      l-italiko      l-axmar  
 mesa<sub>DEF,N</sub>   a-italiana<sub>N</sub>   a-vermelha<sub>N</sub>  
 “A mesa italiana vermelha/preta/branca”

A derivação da ordem em (372), como demonstrada por Panayidou (2013), seria a seguinte:



(PANAYIDOU, 2013:233)

Primeiramente, o NP se move acima do adjetivo “l-italiko” para a posição de Spec de uma camada de concordância que domina a projeção funcional do adjetivo. Em um segundo momento, é o AgrP que hospeda o NP que se move para um segundo AgrP, acima de “l-açmar”. Em uma língua em que todas as categorias apareçam espelhadas em relação ao inglês, esse movimento se repetiria para cada adjetivo.

A ordem superficial em cada língua seria derivada, então, de diferentes definições dos parâmetros que coordenam o movimento dentro do DP: sem movimento, temos a ordem em (370a) — a ordem universal *in situ*; se somente o NP se movesse, sem carregar consigo os constituintes em que se hospeda (ou seus complementos), teríamos a mesma ordem entre os adjetivos, mas na posposição (como (370c)); se, por outro lado, a cada vez que o nome se movesse, ele carregasse consigo o constituinte em que se encontra, teríamos (370d) — a ordem espelhada. A possibilidade em (370b) é diretamente excluída, uma vez que não é possível aos adjetivos se moverem sem o nome. Cinque aponta que é possível que o movimento do NP para AgrP fosse opcional para algumas categorias.

Com essa proposta, o autor consegue dar conta das AOR com uma única estrutura de base, o que é uma vantagem em relação às propostas anteriores com somente movimento de núcleo, que não conseguiam derivar a ordem espelhada. As categorias ordenadas constituem a modificação direta.

O ordenamento, entretanto, não é absoluto em termos de *classes semânticas* dos adjetivos, e sim em relação aos núcleos funcionais que as hospedam. Isto significa que os mesmos adjetivos, quando em modificação *indireta*, não estão sujeitos às mesmas restrições,

já que ocupam a posição de Spec de uma camada funcional destinada a receber orações relativas reduzidas, sem especificações quanto ao seu conteúdo semântico.

Assim, por meio da proposição de uma segunda fonte de inserção de adjetivos no DP que não estaria sujeita ao AOR, Cinque consegue dar conta das estruturas com inversão da ordem superficial preferencial em que os adjetivos não precisam necessariamente aparecer focalizados. Ainda, a existência de duas formas de modificação também permite que se explique com mais facilidade por que algumas línguas não apresentariam preferências de ordem visíveis — elas só teriam acesso à modificação indireta — e também as correlações translinguísticas entre certas posições/estruturas e leituras. Por exemplo, adjetivos seguidos por “de” em mandarim, adjetivos em construções polidefinidas em grego e adjetivos pós-nominais em inglês compartilham um feixe comum de propriedades que difere dos adjetivos sem “de”, dos monodefinidos e dos adjetivos antepostos (ao mesmo tempo, assemelhando-se às leituras de adjetivos em orações relativas ou em posição predicativa), e isso se segue automaticamente uma vez que se assuma a existência de dois tipos de modificação.

A despeito da capacidade descritiva dessa proposta, entretanto, ela foi alvo de uma série de críticas, em geral acerca da natureza axiomática de alguns de seus mecanismos — como, por exemplo, a falta de motivação para o movimento do NP (ou do constituinte em que o NP esteja), que, na hipótese de Cinque tal qual colocada, ocorre apenas para derivar as ordens observadas. Outro problema frequentemente apontado concerne aos núcleos funcionais que hospedariam os adjetivos, uma vez que eles, da mesma forma, não têm fundamentação teórica para além de gerarem os adjetivos na sequência desejada. Quanto à própria ordem universal, mesmo que translinguisticamente sua descrição pareça estar bem motivada, a proposta do autor tampouco sugere alguma explicação quanto à sua natureza.

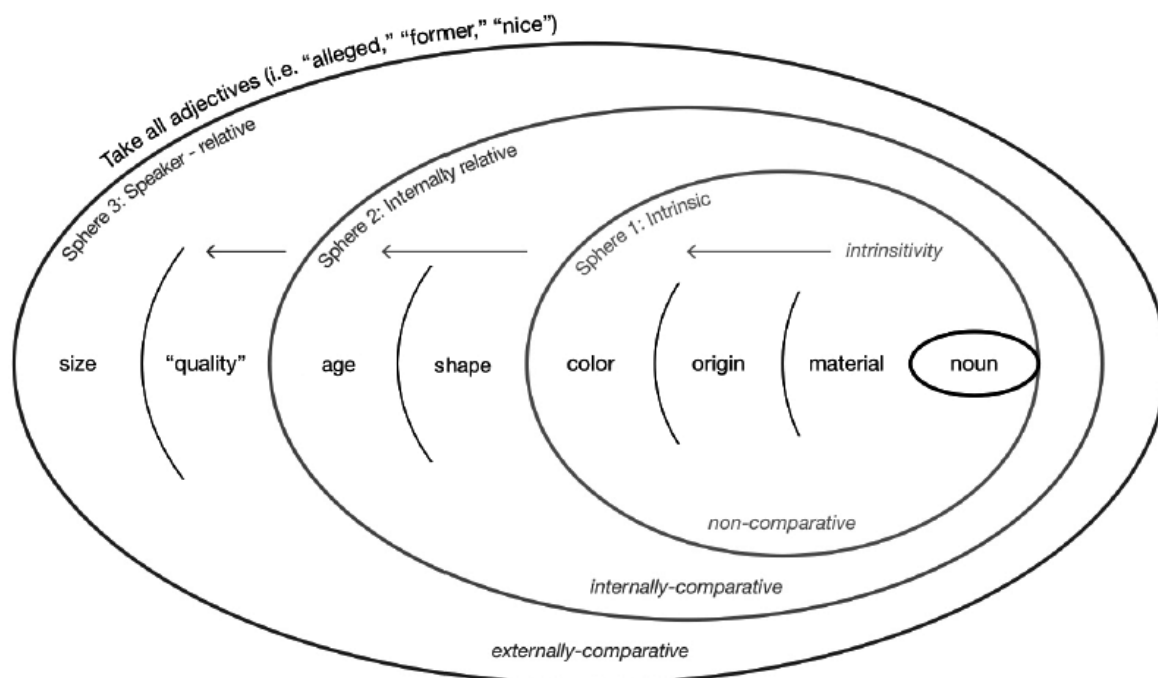
Como alternativa a essa hipótese, alguns autores buscaram análises alternativas que simplificassem o maquinário exigido pela proposta de Cinque ou que fundamentassem alguns de seus axiomas em bases cognitivas ou em outras partes da gramática. Na seção 3.2, revisaremos propostas baseadas fundamentalmente na semântica que adotam perspectivas relativamente comuns entre si, assim como os problemas que apresentam; na seção 3.3, veremos a proposta de Prim (2015) para os adjetivos em PB, e em que medida ela consegue responder às questões colocadas nos capítulos 01 e 02. Em 3.4, apontaremos por que julgamos que a teoria de Cinque ainda permanece como a melhor opção dentre as abordadas, trazendo evidências neurolinguísticas a favor (ou, ao menos, compatíveis) com sua análise. Em 3.5, porém, expomos alguns problemas que precisam ser considerados caso se assumam que

uma análise nas linhas de Cinque seja a mais adequada para lidar translinguisticamente com os adjetivos e as AOR.

### 3.2. Propostas fundamentadas na semântica

Alguns autores buscaram explicar as AOR sem vincular tais restrições de maneira significativa à sintaxe. Dirven (1999) e Rosato (2013), em oposição a teorias que enriquecem a estrutura sintática subjacente, advogam que as AOR teriam suas bases na semântica, mais especificamente na esfera cognitiva e na maneira como as propriedades denotadas pelos adjetivos se relacionam iconicamente com as denotações dos nomes. A motivação para a ordem, assim, estaria essencialmente na semântica ou na cognição, e não necessitaria de nenhum tipo de maquinário específico na sintaxe.

Rosato (2013) propõe que as AOR seriam motivadas em termos de “eficiência cognitiva”: segundo ela, certos conceitos seriam mais “intrínsecos” que outros em termos da cognição, de modo que o sistema tenderia a colocá-los mais próximos ao nome-núcleo para otimizar o processamento de tais propriedades.

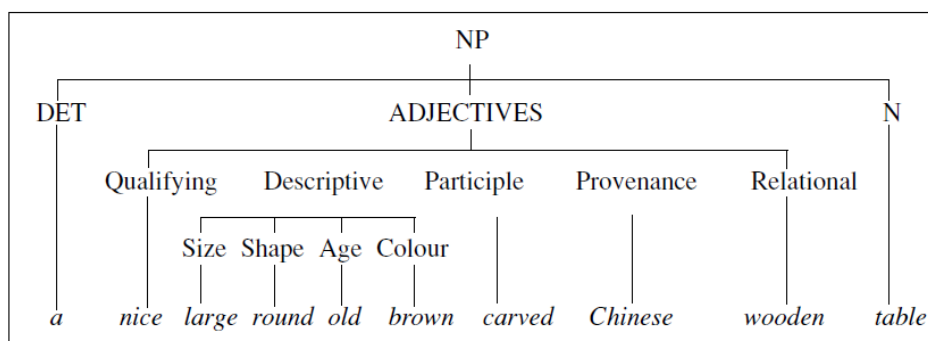


(ROSATO, 2013:26)

A autora exemplifica com os adjetivos de *material* e de *cor*: para ela, podemos conceber uma casa sem cor, mas não uma casa que não seja feita de “alguma coisa”; assim, entre essas duas categorias, a propriedade de material seria mais intrínseca, pois faria parte da própria definição do objeto *como* objeto — e assim sucessivamente para as demais categorias.

Não é difícil perceber que essa é uma explicação muito intuitiva e pouco testável, já que se estabelece sobre uma noção de “intrínseco” que é potencialmente subjetiva: se essa argumentação já é um tanto lamacenta para a categoria de *material*, o que dizer de distinções, por exemplo, entre *dimensão* e *formato*? Ou entre *formato* e *idade* (e.g. “novo”, “velho”)?<sup>123</sup> Ou entre *dimensão* e *nacionalidade*, ou mesmo *dimensão* e *qualidade* (e.g. “beautiful”)? Na maior parte dos casos, não é de maneira alguma óbvio qual das duas categorias denota propriedades cognitivamente “mais intrínsecas”. Mesmo que, em algum momento futuro, tal intuição de que as AOR têm fundamentação cognitiva pudesse se provar verdadeira, a evidência oferecida por Rosato não é suficiente para embasar tal ideia.

Dirven (1999), por outro lado, tenta dar a essa proposta uma roupagem mais formal. Segundo ele, o ordenamento de adjetivos seria governado por dois princípios: por um lado, o princípio da *Proximidade*; e, por outro, o princípio da *Saliência*. O princípio da Proximidade consistiria na existência de uma ligação inerente entre uma entidade e suas propriedades — “inerência” que seria estabelecida em termos de papéis temáticos. O autor adiciona às hierarquias previamente apresentadas a categoria dos *particípios*:



(DIRVEN, 1999:58)

Segundo esse autor, as categorias adjetivais mais próximas ao nome teriam para com ele uma relação temática: os particípios, como derivados de verbos, preservariam sua

<sup>123</sup> Relembrando a ordem comumente descrita para o inglês no exemplo (70):

- (i) opinião geral > opinião específica > dimensão > formato > idade > cor > nacionalidade > material > nome

estrutura temática (em geral, com os papéis de *agente/paciente*), enquanto os adjetivos de origem/nacionalidade estariam ligados pelo papel de *fonte* (em linha de pensamento similar à proposta de uma relação de *origem* embutida nesses adjetivos, conforme exposto na nota 24), e os relacionais<sup>124</sup> pelo papel de “*essive*”<sup>125</sup> — i.e. em “wooden table”, a mesa é feita de madeira, mas também é *de fato* madeira (p.59). A ordem entre esses três conceitos seria então orientada pela hierarquia interna geral de papéis temáticos:

- (373) Agent < Experiencer < Object/Patient < Instrument < Area < Goal < Source < Essive < Location < Time  
(DIRVEN, 1999:65)<sup>126</sup>

Como os únicos papéis que estariam presentes entre os modificadores seriam os de agente, objeto/paciente e “*essive*”, os adjetivos que os recebem apareceriam naturalmente nessa ordem.

Adjetivos descritivos, como adjetivos de *dimensão* (e.g. “big”), *formato* (e.g. “round”), *idade* (e.g. “old”) e *cor* (e.g. “red”), também teriam uma relação semântica com o nome, uma vez que descreveriam propriedades estáveis da entidade denotada por ele. Os adjetivos qualificativos, entretanto — como “nice”, “beautiful”, etc. —, não designariam propriedades inerentes das entidades e, portanto, pelo princípio da Proximidade, estariam o mais afastados possível do nome-núcleo.

A ordem interna entre os adjetivos descritivos seria regulada pelo princípio da *Saliência*, que é orientado a partir da esquerda do sintagma ao invés de a partir da direita como o da Proximidade. Sendo assim, propriedades mais salientes apareceriam nas camadas mais externas: *dimensão* seria mais saliente que *formato*, *formato* mais saliente que *idade*, e *idade* mais saliente que *cor*. Note-se que a argumentação do autor vai na linha contrária à de Rosato; segundo ele, “não há razão a priori quanto a por que a cor de uma entidade deveria ser conceitualmente mais próxima à natureza da entidade que seu tamanho ou formato” (p.63). O princípio da Saliência não se baseia em quão intrínseca uma propriedade é a um objeto, e sim em como a percepção humana perceberia esses objetos e quais características seriam mais salientes aos sentidos/à cognição.

<sup>124</sup> Aparentemente, no mesmo sentido de Bosque & Picallo (1996).

<sup>125</sup> Outros relacionais, como classificativos, poderiam estabelecer outras relações temáticas com o nome.

<sup>126</sup> Em muitas hierarquias temáticas, Objeto/Paciente é assumido como o papel temático mais baixo. Entretanto, a ordem em (373) é a assumida por Dirven.



Dirven usa como argumento para reforçar sua hipótese o fato de que trabalhos tipológicos apontam as “categorias” de GRANDE e PEQUENO<sup>127</sup> como universais no léxico das línguas, em contraste com os outros adjetivos descritivos, que não seriam lexicalizados com tanta frequência. Tal fato, ele argumenta, reforçaria a tese de que a categoria de *dimensão* é mais saliente que as demais. Além disso, o autor indica, a partir da frequência de certos itens lexicais conforme relatadas em um dicionário, que adjetivos de *dimensão* são mais utilizados na língua inglesa que adjetivos de *formato* ou *cor*; no mesmo raciocínio, ele ainda aponta para o fato de que o número de termos para *cor* é altamente variável entre línguas, o que possivelmente indica que esse conceito é muito condicionado por fatores culturais e, portanto, menos saliente que os demais.

A tese de Dirven (1999) não é conclusiva, no sentido de que seus argumentos para o ordenamento interno dos adjetivos descritivos não são robustos o suficiente para explicar, por exemplo, por que os adjetivos de *idade* aparecem na posição em que estão (seria facilmente possível imaginar que a *cor* de um objeto fosse mais saliente que sua propriedade de ser *novo* ou *velho*). Embora baseie sua proposta na frequência dos itens lexicais entre as línguas ao invés de simplesmente em algum tipo de lógica intuitiva como Rosato, em última instância os argumentos que o autor oferece para ordenar as demais classes dos adjetivos descritivos que não *dimensão* são igualmente frágeis, já que as demais categorias não parecem ter uma variação significativa em termos de ocorrência (ao menos na língua inglesa).

Além disso, propor que o ordenamento se dê exclusivamente na semântica ou na cognição<sup>128</sup>, sem restrições embutidas na sintaxe, exige que seus proponentes expliquem por que há línguas que não apresentam ordem rígida ou preferencial, uma vez que, em a ordem sendo semântica e baseada em papéis temáticos e saliência cognitiva, seria esperado — principalmente em relação ao último fator — que ela se manifestasse universalmente, como aparentemente ocorre com outras hierarquias semânticas (e.g. hierarquia temática). No mesmo sentido, seria esperado que essa restrição, sendo de base cognitiva, se manifestasse também com outras categorias, como PPs ou orações relativas, e não somente com adjetivos.

Outro fator bastante problemático a hipóteses fundamentadas na semântica são línguas como o galês/irlandês/CMA, que apresentam a ordem universal não espelhada na posposição (na superfície). Se a ordem dos adjetivos na língua serve ao propósito de iconicamente representar a proximidade entre o adjetivo e o nome ou a saliência cognitiva dos conceitos

---

<sup>127</sup> Tanto os equivalentes para essas palavras específicas em cada língua quanto variantes dentro desses conceitos (e.g. “enorme”, “gigante”, etc.).

<sup>128</sup> Talvez com um mínimo de reflexo na sintaxe, e.g. a necessidade de c-comando entre os adjetivos. O autor não aborda esse ponto.

denotados pelos adjetivos, então seria inesperado que a ordem exatamente oposta fosse encontrada. Caso se argumentasse que o que importa são as relações estabelecidas na base, assumindo-se então que há derivação por (por exemplo) movimento do núcleo, a questão que se colocaria seria a motivação desse movimento, uma vez que ela não estaria na sintaxe dos adjetivos (já que, dentro dessa perspectiva, não estaríamos adotando uma estrutura subjacente rica). Ainda mais difícil de explicar seria por que algumas categorias (*nacionalidade, cor, dimensão*) mantêm a ordem universal tal qual esta se apresenta na anteposição, enquanto outras (*qualidade, idade*) exibem a ordem espelhada. Aliás, a própria existência de línguas com a ordem espelhada na posposição seria intrigante, se não pelo princípio da Proximidade, então pelo princípio da Saliência; afinal, o autor coloca a posição mais à esquerda no sintagma como a mais saliente cognitivamente.

Na realidade, há dados ainda mais complicados para essa proposta, como o dado relatado dos adjetivos em CMA em que duas “categorias” de adjetivos de *cor* (nativos e gregos) exibem um comportamento diverso em termos de derivação (adjetivos de *cor* de origem árabe aparecem na ordem espelhada, enquanto adjetivos de *cor* originados do grego preservam-se na ordem de base) *dentro do mesmo campo conceitual*.

Os dados do PB também parecem ser problemáticos a uma proposta que assuma que a sintaxe desempenha um papel menor (ou nulo) no posicionamento e na própria estrutura sintática dos adjetivos. Dentro dessa perspectiva, como poderíamos explicar, como já exposto, a impossibilidade de adjetivos pré-nominais serem modificados por “muito”? Afinal, essa não parece ser uma restrição semântica:

- (374) a. \*A muito *nova* notícia lhe pegou de surpresa.  
b. A tão *nova* notícia lhe pegou de surpresa.  
c. A surpreendentemente *nova* notícia lhe pegou de surpresa.

A restrição que opera sobre (374a) não parece ser fonológica, uma vez que um item lexical ainda mais longo pode aparecer na mesma posição (cf. (374c)). O problema tampouco parece ser semântico: ainda que haja uma certa diferença entre “muito” e “tão”, ambos desempenham uma espécie de intensificação, de modo que não é ao significado que devemos recorrer para dar conta desse contraste.

Essas propostas tampouco ajudam a esclarecer a razão da diferença entre os feixes de propriedades descritos por Cinque (2010) explorados na seção 1.1.1 ou a correlação entre essas leituras e distintas estruturas de modificação em algumas línguas. Em grande parte, os

mesmos itens lexicais podem figurar em modificação direta e indireta, de modo que não é claro por que eles deveriam ser interpretados de maneira diferente, ou por que o seu caráter de inerência ou os princípios de Proximidade e Saliência não se aplicariam à modificação indireta, se o que importa é sua classe semântica de cada adjetivo.

Em suma, se não impossível, parece ao menos um tanto engenhoso hipotetizar que todos esses fenômenos sejam regulados por princípios cognitivos subjacentes, ainda que uma explicação dessa natureza possa ser atraente para alguns devido à sua aparente simplicidade, ao apelar para aspectos mais gerais da gramática ou cognição. Entretanto, como Chomsky (1957) aponta:

It is customary to view non-semantic approaches to grammar as possible alternatives to semantic approaches, and to criticize them as too complex, even if possible in principle. [...] It is, of course, impossible to prove that semantic notions are of no use in grammar, just as it is impossible to prove the irrelevance of any other given set of notions. Investigation of such proposals, however, invariably seems to lead to the conclusion that only a purely formal basis can provide a firm and productive foundation for the construction of grammatical theory. [...] These counterexamples should not, however, blind us to the fact that there are striking correspondences between the structures and elements that are discovered in formal, grammatical analysis and specific semantic notions. [...] It seems clear, then, that undeniable, though only imperfect correspondences hold between formal and semantic features in language. The fact that the correspondences are so inexact suggests that meaning will be relatively useless as a basis for grammatical description. Careful analysis of each proposal for reliance on meaning confirms this, and shows, in fact, **that important insights and generalizations about linguistic structure may be missed if vague semantic clues are followed too closely.**

(grifo nosso, CHOMSKY, 1957: 93-102)

Não se trata, portanto, de rejeitar a possibilidade de que haja correspondências entre o nível semântico da linguagem ou a cognição e o funcionamento dos adjetivos, e sim de reconhecer que essas correspondências não são suficientes para responder por toda a complexidade observada nesse fenômeno.

### 3.3. Prim (2015): interação entre adjetivos e determinantes

Outra proposta que se opõe a Cinque é a de Prim (2015). A autora, lidando exclusivamente com dados do PB, posiciona-se contra Cinque por alguns outros motivos além das razões comuns já expostas no fim da primeira seção deste capítulo. Em primeiro lugar, ela julga que estipular que todos os adjetivos sejam gerados à esquerda do nome faz com que seja impossível à teoria prever a diferença de significado que um mesmo adjetivo pode assumir de

acordo com o nome ao qual se combina, uma vez que o adjetivo selecionaria o nome (ou, mais especificamente, a projeção funcional selecionaria o nome), e não o contrário:

- (375) a. Artilharia *leve* (=importância inferior em relação a outras unidades do mesmo tipo)  
 b. Cerveja *leve* (=pouco denso)  
 c. Contorno *leve* (=gracioso na forma)  
 (PRIM, 2015:36)

Em segundo, adjetivos pós-nominais podem aparecer em NPs (que têm leitura de propriedade), mas adjetivos pré-nominais, não (comparar (376a) e (377a) com (380a)):

- (376) a. Maria usa vestido *amarelo* só quando suas amigas compram \*ele/\*eles para ela.  
 b. Maria usou um vestido *amarelo* porque suas amigas compraram ele para ela.  
 (377) a. Maria usa vestido de festa *bonito* só quando suas amigas compram \*ele/\*eles para ela. (em uma das interpretações)  
 b. Maria usou um vestido de festa *bonito* porque suas amigas compraram ele para ela.  
 (378) Maria usa *bonito* vestido de festa só quando suas amigas compram ele pra ela.  
 (379) Maria usa *provável* vestido de noiva de sua irmã no Expo Noivas e Festas porque ele combina com ela também.  
 (PRIM, 2015:39-40)

De acordo com a autora, (378) e (379) são possíveis porque, como a possibilidade da retomada do pronome aponta, trata-se nessas sentenças de DPs e não de NPs (uma vez que NPs denotariam propriedades, e não argumentos). (376) e (377), por outro lado, são NPs, como se vê pela impossibilidade da retomada pela anáfora. Já em (380a), em que o contexto força a leitura de NP, o adjetivo pré-nominal não seria possível:

- (380) a. \*Maria tem *bom* chapéu porque pesquisa muito antes de comprar.  
 b. Maria tem chapéu *bom* porque pesquisa muito antes de comprar  $\emptyset$ /\*ele.  
 c. Maria conseguiu comprar chapéu *bom*. Pesquisou muito antes de comprar ele.  
 (PRIM, 2015:70)

Tal padrão, segundo ela, seria potencialmente inesperado se todos os adjetivos fossem gerados à esquerda, uma vez que tal diferença não poderia ser prevista.

Além disso, Prim aponta que é possível em PB termos adjetivos pré-nominais com leitura restritiva:

- (381) a. Eu me encanto pelos *belos* carros vermelhos de corrida.  
 b. o *hábil* jogador  
 (PRIM, 2015:32)

Em (381a), é possível termos leitura restritiva (i.e. “... pelos *belos* carros vermelhos de corrida, não pelos *feios*”); da mesma forma, em (381b), “hábil” pode tanto ser usado de maneira não restritiva quanto restritiva (e.g. “me interessei pelos *hábeis* jogadores do time, não pelos *ruins*”). Em se adotando a hipótese de Cinque (2010) de que, nas línguas românicas, só a modificação direta estaria disponível na anteposição, e que tal modificação tem como característica a não restritividade, tais dados constituiriam um problema.

Outra complicação da proposta de Cinque para Prim seria como ele explicaria que adjetivos com posicionamento flexível possam aparecer em posições mais altas que adjetivos exclusivamente pré-nominais:

- (382) a. O *meio* litro *requerido* de óleo  
 b. O *requerido* *meio* litro de óleo  
 (383) a. A *suposta* *velha* igreja *romana*  
 b. A *velha* *suposta* igreja *romana*  
 (PRIM, 2015:24,33)

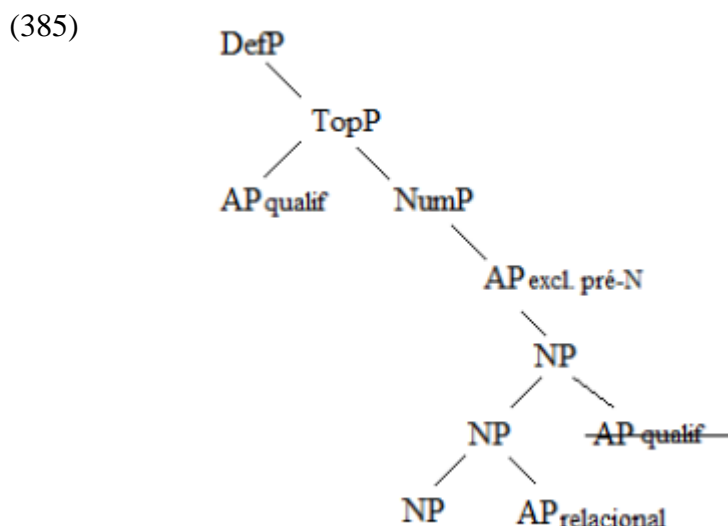
Em (382), o adjetivo pós-nominal pode aparecer pré-nominalmente apenas antecedendo o adjetivo exclusivamente pré-nominal (\*“o *meio* *requerido* litro de óleo”); e, em (383), há liberdade na ordem dos adjetivos, algo que não seria previsto a princípio caso todos os adjetivos em anteposição nas línguas românicas estivessem em modificação direta, uma vez que não há como adjetivos nessa forma de modificação mudarem de posição por si só sem movimento do NP.

Um último fenômeno apontado pela autora que a proposta de Cinque não seria capaz de explicar seria o contraste entre as sentenças abaixo:

- (384) a. Uma *brutal* agressão deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 b. \*A *brutal* agressão deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 (PRIM, 2015:33)

De acordo com Prim, (384b) não é possível com leitura genérica, diferentemente de (384a); na comparação entre as duas sentenças, o fator relevante em questão parece ser o determinante, cujo papel a princípio não era previsto pela outra teoria.

Em face desses problemas, a autora propõe então um outro modelo explicativo, levando em conta apenas os dados do PB. A estrutura sugerida por ela é a seguinte:



(PRIM, 2015:130)

Para Prim, os adjetivos em PB seriam todos gerados à direita, como adjuntos — com a exceção de alguns poucos adjetivos exclusivamente pré-nominais que seriam gerados à esquerda como núcleos (“velho”, “grande”, “pobre”, “certo”, “simples”, “suposto”, “meio”, entre alguns outros). Os adjetivos à direita se dividiriam entre relacionais e qualificativos (cf. BOSQUE&PICALLO, 1996). A ordem entre eles não seria determinada por diferentes formas de inserção no sintagma, uma vez que seriam todos adjuntos, e sim por um princípio de subespecificação combinado a restrições gerais que operam sobre processos de adjunção (à exceção dos adjetivos temáticos com nominais complexos/eventivos, que nesse caso seriam ordenados de acordo com a hierarquia temática):

[...] Ernst defende que as restrições ao processo de adjunção poderão ser explicadas se admitirmos que está em jogo uma confluência de fatores, entre os quais podem estar questões de direcionalidade parametrizáveis, distinção entre adjunção a categorias baixas e categorias altas, fatores de ‘peso’, natureza categorial, semântica e/ou discursiva do adjunto. Este trabalho segue essa linha explicativa apontada por Ernst. Não vamos discutir todos os fatores envolvidos, mas relembramos que ao defendermos que os pós-nominais se ordenam de modo que os qualificativos estejam mais distantes de N que os relacionais, já estamos argumentando por distinções na natureza do adjunto.

(PRIM, 2015:75)

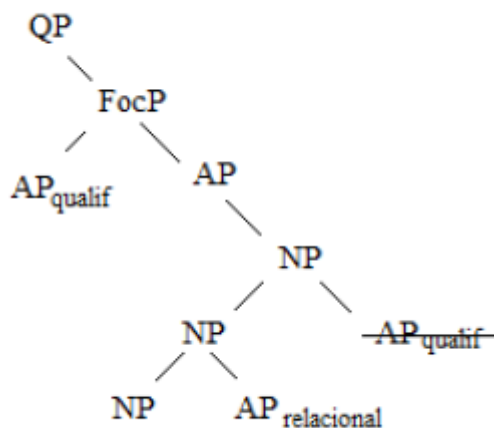
Quanto a adjetivos pré-nominais que não aqueles poucos gerados como núcleos, sua posição seria fruto de movimento opcional para TopP, selecionado pelo DP quando o determinante carrega o traço [+específico].

Ainda, seria possível a presença no DP de uma posição de Foco em sentenças como (386):

- (386) a. João quer contratar um *excelente* cozinheiro.  
 b. João quer contratar um cozinheiro *excelente*.

(PRIM, 2015:143)

(387)



(PRIM, 2015:144)

Em (386a), diferentemente de outros contextos com adjetivos pré-nominais, o adjetivo não tem leitura específica, e sim não específica ou subespecífica (nesse exemplo, não referencial). Se o movimento para TopP é motivado pela presença do traço [+específico], o movimento para FocP só é possível na presença de determinantes indefinidos, que poderiam agir como variáveis, e/ou em contextos irrealis, uma vez que estes introduziriam DPs quantificacionais.

Um primeiro problema enfrentado por essa análise é sua limitação empírica ao trabalhar apenas com dados do PB. Mesmo levando-se em consideração somente essa língua, porém, a análise continua a apresentar certos pontos questionáveis.

Primeiramente, considerando-se que os adjetivos gerados na posição pós-nominal se movam para a posição de especificador de uma projeção de Foco ou Tópico (a depender das circunstâncias), não é claro como se daria a presença de dois adjetivos (não coordenados) na anteposição:

(388) *inesquecíveis bons* momentos

(389) *famosa deliciosa* comida da Mary

(BOFF, 1991:77)

Em nenhuma dessas sentenças algum dos adjetivos antepostos faz parte da classe de adjetivos exclusivamente pré-nominais de Prim, de modo que não se poderia argumentar no sentido de que um deles esteja ocupando a posição de núcleo. No nível da sentença, a projeção de Foco não costuma ser pensada como recursiva. No entanto, não é claro que exemplos com dois adjetivos pré-nominais em DPs com projeções presumivelmente de Foco sejam impossíveis:

(390) ?João quer contratar um *renomado excelente* cozinheiro para o seu restaurante.

Não importa quem for, desde que seja famoso.

TopP, por outro lado, pode ser recursivo; a questão que então se coloca é por que, uma vez que adjetivo se mova para TopP, os demais não necessariamente o fazem, uma vez que o que motiva a subida do adjetivo para TopP seja a presença do traço [+específico] no determinante:

(391) *bons* momentos *inesquecíveis*

(392) *deliciosa* comida *famosa* da Mary

Na realidade, como Prim mesmo aponta, estruturas com dois adjetivos antepostos como em (388)-(389) são incomuns em PB, mas isso não se segue de sua proposta, a menos



que assumíssemos que TopP não é recursivo no nível do DP. Nesse caso, porém, não conseguiríamos dar conta dos dados em que dois adjetivos de fato coocorrem.<sup>129</sup>

Além disso, não é claro por que o movimento do adjetivo para TopP resultaria em uma mudança da sua interpretação, como observado nas generalizações descritivas de Cinque. Mesmo que eventualmente seja possível a adjetivos pré-nominais terem leitura restritiva, como apontado pela autora, esses casos constituem exceções e não regras, e de toda forma o contraste das leituras das posições pré- e pós-nominal é evidente — como apontaram vários dos trabalhos sobre o PB abordados no capítulo 02 desta dissertação.

Ainda, essa proposta não explica por que alguns adjetivos qualificativos, mesmo específicos, não poderiam se mover.

(393) \*Minha *egoísta* amiga não quis me emprestar o livro.

Prim argumenta que haveria uma restrição geral imperando sobre a posição pré-nominal contra adjetivos intersectivos; logo, o que tornaria a sentença em (392) agramatical seria a natureza intersectiva de “egoísta”. No entanto, note-se que esse adjetivo também pode ter leitura “relacional”, como “honesto” ou “inteligente” (no sentido de Menuzzi (1992)): alguém que seja “egoísta enquanto X”. Por exemplo, considere-se uma determinada aluna nunca passe cola, e então seja chamada de “egoísta” pelos colegas, mesmo que fora desse contexto ela seja a pessoa mais generosa de todo o colégio. Ainda assim, a anteposição de “egoísta” não é possível:

(394) \*a *egoísta* aluna

Parece haver, nesse caso, uma restrição lexical em jogo. No entanto, considerando-se o aparato teórico de Prim, não é claro como especificidades lexicais do adjetivo teriam qualquer influência sobre a anteposição para além da distinção entre relacionais e qualificativos.

Outro problema é em relação à ordem dos adjetivos na posição pré-nominal. Como visto na ordem proposta pela autora em (387), TopP estaria acima de NumP; entretanto, a ordem entre adjetivos pré-nominais e numerais não é absoluta:

---

<sup>129</sup> É justo observarmos, porém, que a proposta de Cinque tampouco oferece uma análise óbvia desse fato, até onde consigamos perceber.

- (395) a. os *incríveis* dois gols que ele fez  
 b. os dois *incríveis* gols que ele fez (*?Marcada*)  
 c. os *belíssimos* dois gols que ele fez  
 d. os dois *belíssimos* gols que ele fez (*Marcada*)

Intuitivamente, as sentenças em (395a) e (395c) parecem ser menos marcadas, o que significaria que possivelmente o numeral teria se movido sobre o adjetivo em (395b) e (395d), por motivações de escopo. Assumindo-se que TopP seja de fato recursivo, isso não seria um problema. Entretanto, a ordem preferencial é diferente para alguns adjetivos:

- (396) a. os *novos* dois sapatos (*?Marcada*)  
 b. os dois *novos* sapatos  
 (397) a. os *belos* dois rapazes (*Marcada*)  
 b. os dois *belos* rapazes

Esses adjetivos não fazem parte daqueles identificados pela autora como exclusivamente pré-nominais, e, no caso de “novo”, ela inclusive argumenta contra essa hipótese. Os dados parecem apontar, no entanto, para a necessidade de posições que hospedem os adjetivos tanto acima quanto abaixo de NumP.

O problema das diferentes possibilidades de escopo da sentença (398), originalmente apontado por Bouchard (2002), também permanece sem resposta:

- (398) os *supostos* professores *chineses desonestos*  
 a. os [[[supostos professores] chineses] desonestos]  
 b. os [[supostos [profesores chineses]] desonestos]  
 c. os [supostos [[profesores chineses] desonestos]]  
 (BOUCHARD, 2002:124)

O autor observou que, na sentença em (398), “supostos” pode estabelecer três relações de escopo distintas em relação ao nome e aos demais adjetivos: ter escopo somente sobre a qualidade de “professor” ((398a), contexto no qual estaria *sob* o escopo dos demais adjetivos), sobre ela e mais sobre o adjetivo de *nacionalidade* (cf. (398b)), ou então sobre toda a sequência, englobando também o adjetivo de *qualidade* (cf. (391c)). Em inglês, essas três leituras podem ser desambiguizadas pela ordem:

- (399) a. the *dishonest Chinese alleged* professors  
 b. the *dishonest alleged Chinese* professors  
 c. the *alleged dishonest Chinese* professors  
 (BOUCHARD, 2002:124)

Prim aponta que sua estrutura já daria conta naturalmente desse problema; entretanto, ela se referia apenas à interpretação em (398c), na qual o adjetivo anteposto tem escopo sobre todo o resto:

A estrutura apontada em (319)<sup>130</sup> não requer nenhum tipo de ajuste para explicar estes dados: o adjetivo *suposto* é um adjetivo exclusivamente pré-nominal, e por isso é concatenado em uma posição mais alta que *desonestos*; este, por sua vez, é um adjetivo qualificativo, que é concatenado a um NP mais alto que o que contém o adjetivo relacional *chineses*. As relações de escopo estão, portanto, previstas pela proposta apresentada.

(PRIM, 2015:131)

Pelo contrário, a hipótese de que adjetivos pré-nominais tenham sempre escopo sobre pós-nominais impossibilita as leituras em (398a-b). Para além do exemplo em (398), esse é um fenômeno na realidade bastante disseminado: adjetivos pré-nominais alternam entre estarem *sob* o escopo dos pós-nominais ou tomarem escopo *sobre* eles, como já apontou Bouchard (2002:124) para dados do francês.

- (400) uma *nova* proposta *interessante*  
 a. uma [[*nova* proposta] *interessante*]  
 b. uma [*nova* [proposta *interessante*]]

Ainda que não seja uma crítica direta, cabe também questionar o que significaria conceitualmente uma projeção de Tópico dentro do DP, uma vez que sua função parece bem distinta daquela do Tópico sentencial. Entre os autores que propuseram uma projeção de Tópico dentro do DP, alguns de fato sugerem que tal posição fosse responsável pela marcação de especificidade, como Ihsane & Puskás (2001). Nessa proposta, o núcleo dessa projeção carregaria o traço [+específico] e licenciaria itens que introduzem a interpretação específica, como o artigo definido específico e demonstrativos — mas isso implicaria em uma não recursividade dessa posição, já que, “to the extent that DP-internal TopP checks the

<sup>130</sup> (398) neste texto.

specificity feature, there is no evidence for the recursion of Topics” (p.45). Ainda, observe-se que essas autoras assumem que é TopP que licencia um artigo definido específico, e não o contrário, como propôs Prim.

Como um comentário, devemos considerar que a proposição de uma posição A’ encontra mais respaldo quando temos o movimento de mais de um tipo de categoria para ela. Nesse sentido, o aparente fato de que numerais também podem se mover para alguma posição acima dos adjetivos é na realidade favorável a essa proposta. Seria interessante investigar, assim, se tal movimento também poderia ser proposto para outras categorias, e.g. possessivos. Por outro lado, se a posição de TopP aceitasse outros itens que não adjetivos qualificativos, levantaria-se a questão de por que adjetivos relacionais não se moveriam para ela também.

Por último, a autora declaradamente não pretendeu lidar com dados translinguísticos, sob a premissa de que as propriedades dos adjetivos entre as línguas seriam muito diferentes; entretanto, por mais que essa seja uma classe de fato nebulosa, há, como visto no capítulo 1, uma série de generalizações que parecem se manter em um conjunto bastante amplo de línguas, considerando-se por exemplo o fenômeno mais claro das AOR. Não parece provável imaginar que línguas que exibem a mesma ordem entre uma consideravelmente longa lista de adjetivos, como o grego, o inglês e o mandarim, assim como línguas que exibem a ordem espelhada, como o hebraico, tenham esse ordenamento regulado pelos seus determinantes, como ela timidamente sugere:

Esta proposta, portanto, dá conta de explicar o que ocorre em DPs contendo dois ou mais adjetivos, e sugere que o problema do espelho [...] é possivelmente um problema mal compreendido, visto que os grupos de línguas analisados quando se discutiu esse problema (para relembrar, línguas românicas e germânicas) possuem determinantes com propriedades bastante diferentes, e a comparação entre elas será falha até que se leve em consideração o nome e o determinante que o acompanham no DP.

(PRIM, 2015:131)

Apesar de exibirem a mesma ordem, as propriedades dos determinantes em grego, mandarim e inglês, por exemplo, são radicalmente diferentes — em mandarim, questiona-se mesmo se haveria tal classe. Além disso, não parece plausível especular que as restrições de ordem entre as diversas classes nocionais de adjetivos sejam derivadas apenas da presença do traço [+específico].

Em resumo, é possível que o PB realmente não manifeste toda a estrutura proposta por Cinque (2010); contudo, muitas de suas generalizações, especialmente no que concerne as leituras preferenciais de cada posição, parecem ser aplicáveis. Além disso, mesmo que

assumamos a presença de uma projeção de Tópico, essa a proposta não é suficiente para dar conta dos dados do PB, tampouco do panorama translinguístico mais amplo, que não pode ser simplesmente negligenciado.

### 3.4. A favor de uma base sintática

Alguns dos dados já apontados indicam a necessidade de uma estrutura sintática mais enriquecida no DP para dar conta da distribuição dos adjetivos e das propriedades que apresentam. Nesta seção, exploraremos mais alguns argumentos em favor dessa hipótese.

Trabalhos em neurolinguística apontam para o fenômeno das AOR como indo além de um mero resultado da própria existência das classes nocionais de adjetivos. Kemmerer et al. (2008), em trabalho com adultos falantes de inglês que desenvolveram afasia após danos no cérebro, constataram que alguns deles tinham problemas justamente em identificar qual era a ordem preferencial dos adjetivos em sua língua. Os autores conduziram então experimentos para verificar se: a) as propriedades sintáticas gerais dos adjetivos — adjetivos são antepostos aos nomes em inglês e podem coocorrer e ser ordenados entre si — permaneciam inalteradas; b) os falantes ainda possuíam as noções gerais de *dimensão*, *cor*, etc.; c) os falantes conseguiam identificar a ordem preferencial dos adjetivos.

Os resultados encontrados no experimento indicaram que os falantes apresentavam as propriedades sintáticas preservadas (i.e., eles eram capazes de perceber que a ordem NA não era natural em inglês, e identificaram corretamente a possibilidade de adjetivos se anteporem uns aos outros naquela língua), assim como os conceitos semânticos gerais (i.e., os sujeitos eram capazes de identificar as classes nocionais), mas ainda assim não conseguiam distinguir qual das ordens — por exemplo, “*thick*<sub>DIMENSÃO</sub> *blue*<sub>COR</sub> scarf” ou “*blue*<sub>COR</sub> *thick*<sub>DIMENSÃO</sub> scarf” — seria a mais natural. Para Kemmerer et al. (2008), o dano parece ter sido causado na interface da sintaxe com a semântica, impedindo que a sintaxe lesse as restrições do outro nível; entretanto, observe-se que os resultados desse trabalho também são compatíveis com a proposta de Cinque (2010), uma vez que o que se observou foi a perda das restrições de ordenamento, algo que, na sua teoria, significaria possivelmente a perda da modificação direta. Em última instância, esse estudo é compatível tanto com uma análise puramente semântica quanto com uma semântico-sintática (ou, possivelmente, puramente sintática), mas fornece evidências contra a análise de Prim (2015) de que a ordem seria derivada a partir de outros mecanismos gerais da língua (i.e. princípios gerais que regulam a ordem de adjuntos).

Em Kemmerer et al. (2006), em contrapartida, temos potencialmente evidências para a hipótese de Cinque (2010) acerca de duas fontes de inserção de adjetivos no DP. Os autores comparam o processamento de sequências habituais de adjetivos em inglês com dois tipos de “violações”: simplesmente a ordem reversa à preferencial (e.g. “*big* DIMENSÃO *brown* COR dog”, preferencial, vs. “*brown* COR *big* DIMENSÃO dog”), ou sequências semânticas contraditórias (e.g. “*small* DIMENSÃO *big* DIMENSÃO dog”). Os autores reconhecem que tais sentenças são possíveis em certos contextos; entretanto, em teoria, na ausência de focalização, tais estruturas tenderiam a ser reconhecidas como anômalas, como de fato foi reportado pelos autores em trabalhos anteriores. No estudo em questão, eles encontraram um contraste entre a aceitabilidade das sequências com a ordem reversa e aquelas com adjetivos “contraditórios” em um grupo de falantes (sendo o segundo conjunto de sentenças apontado como menos aceitável), o que a princípio reforçaria a hipótese de que, semanticamente, essas sequências seriam estranhas aos falantes por motivos diferentes: enquanto a ordem reversa seria uma violação semântico-gramatical, a outra o seria a nível semântico-lexical. Entretanto, apesar da previsão semântica de que os resultados diferissem para as duas sequências, os números encontrados no processamento de ambas foram similares (e contrastaram com aquele das sequências habituais)<sup>131</sup>.

Enquanto tais dados foram inesperados para Kemmerer et al. (2006), dentro da perspectiva de Cinque (2010), essas duas sequências de fato envolveriam estruturas gramaticais similares. Uma vez que adjetivos em modificação direta não são recursivos (há apenas uma projeção para cada classe), a presença de mais de um adjetivo do mesmo tipo ou de uma inversão na ordem padrão significaria que o adjetivo mais alto está em modificação indireta<sup>132</sup>. Para Cinque, isso é confirmado pela impossibilidade de inversão de ordem com adjetivos não predicativos:

<sup>131</sup> No caso, estamos falando dos valores encontrados para N400 e P600, componentes do potencial cerebral para eventos (*event-related brain potential (ERP) components*). P600 é geralmente associado a processamentos de ordem sintática, enquanto N400 é frequentemente associado à semântica.

<sup>132</sup> Não é claro o que Cinque pensa sobre adjetivos que não podem ser usados predicativamente mas que teoricamente fariam parte da mesma classe, como:

- (i) o *único simples* motivo
- (ii) o *simples único* motivo

A princípio, podemos pensar em três soluções: a) esses adjetivos na realidade não fazem parte da mesma classe; b) é possível que dois adjetivos da mesma classe coocorram sem que um deles esteja em modificação indireta, ao invés disso se adjungindo ao outro adjetivo no Spec da projeção funcional em que se encontram; c) a classe dos adjetivos exclusivamente antepostos ou com mudança de significado em PB teria caráter especial, potencialmente de adjunto ao invés de serem especificadores de uma projeção funcional. A flexibilidade de posicionamento de itens como “suposto” a princípio aponta no sentido da terceira opção. Como, em inglês, há

- (401) a. o *importante principal* motivo de sua saída  
 b. \*o *principal importante* motivo de sua saída

Assim, tanto em um contexto de inversão da ordem padrão quanto na repetição de uma mesma classe, a estrutura seria a mesma:

- (402) a. [MOD IND brown [MOD DIR big [N dog]]  
 b. [MOD IND small [MOD DIR big [N dog]]

Assim, para essa construção, a proposta semântico-sintática se mostra mais interessante que a puramente semântica (Kemmerer et al., na realidade, de fato assumem que haja um envolvimento da sintaxe nesse caso).

Outro argumento a favor da análise semântico-sintática, ou, mais especificamente, da análise de Cinque (2010), é que há línguas no mundo em que adjetivos constituem uma classe fechada, e classes fechadas são geralmente ligadas a itens/camadas funcionais ao invés de à adjunção. Além disso, nessas línguas, as classes nocionais presentes são, a despeito de algumas poucas exceções em cada língua, essencialmente as mesmas — como aponta, por exemplo, Segerer (2007). Ora, não parece ser uma coincidência que, quando uma língua tenha adjetivos como uma classe fechada, os conceitos representados sejam majoritariamente os mesmos.

Quanto às críticas colocadas por Prim (2015), não nos parece claro que muitas delas sejam realmente problemas. A diferença de significado do adjetivo em (375), por exemplo (“artilharia *leve*” vs. “cerveja *leve*”), é compatível com, por exemplo, a proposta de Nunes-Pemberton (2000) quanto à *qualia* do nome, na qual é o adjetivo que seleciona a porção do nome a ser modificada e não o contrário; assumindo-se que o significado do adjetivo seja vago, é esperado que da interação entre a estrutura argumental dele e do nome resultem diferentes interpretações.

Ser possível a leitura restritiva na posição pré-nominal tampouco sinaliza a inadequação da proposta de Cinque como um todo. Panayidou (2013) aponta que, em grego, polidefinidos (hipoteticamente em modificação indireta) podem ter tanto leitura restritiva quanto não restritiva, o que potencialmente aponta que essa dicotomia, assim como Cinque

---

alguns itens com posicionamento flexível também (os adjetivos chamados “scope-taking”, cf. seção 1.1.2), essa é uma possibilidade.

observara para as propriedades individual/stage-level (ver tabela 1.1, página 29), pode ser não marcada, ou então decorra de outros fatores.

A impossibilidade de adjetivos pré-nominais figurarem em NPs tampouco é prova cabal de que os adjetivos sejam gerados à direita em PB. Prim assume que o nome não teria para onde se mover devido à ausência da camada DP; entretanto, isso depende essencialmente de como a estrutura será formalizada. Considerando-se que adjetivos pós-nominais necessariamente concordam com o nome em gênero, por exemplo, seria possível se assumir que, mesmo em construções de NP, há projeções funcionais acima do NP. Além disso, não é porque os adjetivos que emergem em posições pré-nominais em PB não são possíveis em NPs que os adjetivos pós-nominais precisam ser gerados à direita; se assumimos que uma proposta como a de Larson (*apud* Cinque, 2010<sup>133</sup>) quanto a dois domínios na modificação adnominal, um mais baixo, envolvendo um operador genérico, e um mais alto, envolvendo um operador existencial, a impossibilidade de adjetivos pré-nominais em um NP com leitura de propriedade pode ser decorrente da ausência do operador mais alto (o que seria compatível com a observação de que adjetivos pré-nominais têm sempre leitura individual-level). De toda forma, ainda que Cinque (2010) não aborde essa questão em detalhe, uma vez que há diferença entre as camadas projetadas por nominais complexos/eventivos e nominais simples, não é improvável imaginar que tais camadas possam estar sujeitas a outras limitações.

A observação quanto a adjetivos com posicionamento flexível aparecerem em posições mais altas que adjetivos exclusivamente pré-nominais é, na realidade, prevista pela teoria do autor: assumindo-se que o adjetivo exclusivamente pré-nominal esteja na projeção mais próxima ao nome, basta que o primeiro movimento já seja do constituinte que inclui o nome (com este permanecendo *in situ*). Uma vez que Cinque assume que, em inglês, o movimento dos adjetivos e do nome (e.g. A+A+A+A+N) sobre a projeção *mais alta* que hospeda as orações relativas é obrigatório, fica evidente que o movimento da sequência [A+N], sem um primeiro movimento somente do NP sobre o adjetivo mais próximo, é possível.

<sup>133</sup> Proposta desenvolvida ao longo do trabalho do autor em uma série de estudos:

LARSON, Richard K. Events and modification in nominals. In STROLOVITCH, D.; LAWSON, A. (Eds.). *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT) VIII*, 145-168. Ithaca: Cornell University, 1998.

\_\_\_\_\_. *ACD in AP?*. Los Angeles, CA : 19th West Coast Conference on Formal Linguistics (WCCFL 19), 2000. (Comunicação Oral)

\_\_\_\_\_. *Temporal Modification in Nominals*. Paris: International Round Table 'The Syntax of Tense and Aspect', 2000.



Por último, a interação entre adjetivos pré-nominais, determinantes e a leitura genérica é potencialmente mais complexa que aquela apontada pela autora. Retomemos o exemplo em (384):

- (403) a. Uma *brutal* agressão deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 b. \*A *brutal* agressão deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 (PRIM, 2015:33)

Enquanto a leitura genérica em (403b) é de fato marginal ou mesmo impossível, não nos parece claro que ela seja tão facilmente acessível mesmo na posposição (404c):

- (404) a. Uma agressão *brutal* deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 b. A agressão deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.  
 c. ??A agressão *brutal* deixa marcas inelidíveis na mente da vítima.

A proposta de Cinque realmente não lida com essa questão; todavia, aparentemente há uma interação maior de fatores em jogo que a teoria de Prim tampouco consegue explicar<sup>134</sup>.

Assim, apesar de apresentar lacunas, a hipótese do Movimento de Constituintes ainda se mostra interessante devido à sua capacidade explicativa, principalmente em relação aos dados apontados no capítulo 1.<sup>135</sup>

### 3.5. Questões residuais

Em face de todos os apontamentos feitos até aqui, porém, há alguns fenômenos com adjetivos que requerem um enriquecimento ou refinamento da proposta de Cinque (2010).

Primeiramente, adjetivos “scope-taking” ou “operadores”, com posicionamento flexível mesmo em inglês — e que, em muitos casos, são não predicativos, como “suposto” — apontam para a necessidade de se pensar se não haveria a possibilidade de alguns adjetivos

<sup>134</sup> Lembrem-se também os exemplos em (282) e (283), nos quais a interação entre a posição pré- e pós-nominal não é prevista pela proposta de Prim (2015).

<sup>135</sup> Como um último comentário quanto a essa seção, observe-se que um ponto central da discussão é assumir que há línguas que não exibem preferências de ordenamento. Como apontou o professor Sérgio Menuzzi, entretanto, em se identificando preferências, mesmo que sutis, em todas as línguas, isso constituiria evidência acerca da natureza semântica da restrição.

serem de fato adjuntos. Mesmo considerando a evidência apresentada por Panayidou (2013) de que esses adjetivos apresentam posição preferencial em inglês, considerando-se que, em línguas românicas, adjetivos antepostos estariam somente em modificação direta — e isso significa a não possibilidade de inversão; se adjetivos podem aparecer em duas ordens diferentes, presumivelmente estão ocupando posições distintas em cada sequência —, os exemplos dados por Prim (2015) quanto à flexibilidade do posicionamento de “suposto” em (383) (reproduzido abaixo) apresentam um dilema:

- (405) a. *A suposta velha igreja romana*  
 b. *A velha suposta igreja romana*  
 (PRIM, 2015:33)

Além da flexibilidade quanto à posição de “suposto”, o outro adjetivo coocorrendo antes do nome é, em uma de suas leituras (possível nessa circunstância), não-predicativo (“velho” enquanto “antigo”, “anterior”), o que dificulta ainda mais a análise (ainda que, em línguas românicas, já não se propusesse que a modificação indireta fosse possível na anteposição).

Em segundo lugar, não é claro por que, na teoria tal qual apresentada até aqui, adjetivos pré-nominais em PB não poderiam ser modificados por advérbios de grau como “muito”, mas aceitariam modificação de outros tipos, assim como por que adjetivos relacionais não aceitariam nenhum tipo de modificação. Em terceiro, a possibilidade de anteposição de certos adjetivos quando coordenados, modificados ou na presença de peso (ou na confluência de todos esses fatores) não é uma previsão feita pelo autor. As duas possibilidades de leituras dos adjetivos em inglês (paralela ou hierárquica) tampouco são previstas.

Ainda, como apontado na nota 132, não é claro o que acontece quando dois adjetivos da mesma classe que não podem ser usados predicativamente coocorrem, uma vez que projeções funcionais a princípio não seriam recursivas. Por outro lado, se fosse possível que adjetivos aparecessem na ordem invertida por poderem ser inseridos no DP em orações relativas reduzidas, como:

- (406) a. *the big red balloon*  
 b. *the red big balloon* (Marcada)  
 c. *\*the big balloon red*

- (407) a. the *beautiful visible* stars  
b. the *visible beautiful* stars (Marcada)  
c. the *beautiful stars visible*

então não é evidente por que o adjetivo “red”, teoricamente em uma oração relativa reduzida em (405b), não pode ser posposto em (405c) tal como “visible” o é em (406c), uma vez que ambos teoricamente poderiam aparecer em relativas reduzidas.

O problema quanto à natureza axiomática da motivação para o movimento do núcleo, assim como para a ordem assumida pelos adjetivos, tampouco é resolvido.

Apontaremos no próximo capítulo sugestões para lidar com algumas dessas questões. Devido à natureza complexa dos dados, no entanto, qualquer análise tem ainda um caráter preliminar, sendo mais uma tentativa de compreensão dos fenômenos em discussão que uma proposta definitiva.

## 4 Percursos de análise

A partir da hipótese de Movimento de Constituintes de Cinque (2010), alguns trabalhos foram feitos objetivando abordar certos problemas apontados no final do capítulo anterior. Ainda que nenhum deles esgote a questão ou dê conta de todas as lacunas previamente citadas, consideramos que esses esforços apontam direções interessantes a se seguir na pesquisa acerca da estrutura sintática dos adjetivos adnominais.

Apresentaremos primeiramente o trabalho de Svenonius (2008), que busca relacionar a sequência de projeções funcionais que hospedariam os adjetivos com teorias independentes quanto à decomposição do DP. Em seguida, abordaremos o estudo Mckinney-Bock (2010), que relaciona a estrutura interna dos APs à sua posição no sintagma. Então, revisaremos a tese de Panayidou (2013), que tenta tanto responder ao problema da leitura hierárquica vs. paralela quanto propor um princípio para o movimento dos constituintes. Por último, faremos observações acerca da compatibilidade dessas teorias, fundamentadas principalmente nos dados das AOR, com o PB, buscando avaliar em que medidas essas propostas são capazes de oferecer análises para os dados nessa língua.

### 4.1. Svenonius (2008): núcleos independentemente motivados

Svenonius (2008) argumenta que, embora propostas como as de Cinque (1994)<sup>136</sup> com camadas funcionais refinadas sejam as mais adequadas para dar conta das AOR, essas projeções carecem de motivação independente para sua existência. Por isso, o autor busca nos trabalhos que lidam com a decomposição do DP propostas de núcleos funcionais que possam ter influência sobre a ordem dos adjetivos.

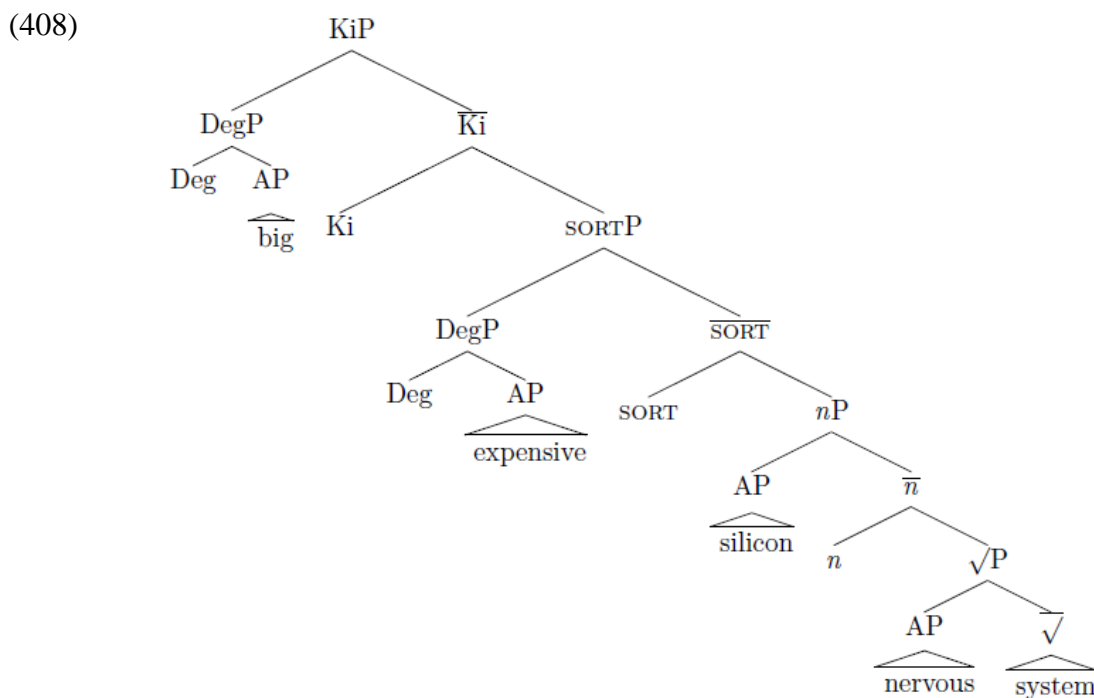
Svenonius chega a três núcleos, baseados principalmente na existência de *classificadores* em certas línguas: UNIT, SORT e *n*. Além desses, ele também propõe a presença de um núcleo *K<sub>i</sub>*, para dar conta de adjetivos focalizados, e  $\sqrt{\quad}$ , camada na qual estariam as leituras idiomáticas. UNIT seria o núcleo responsável pela contagem (o classificador de número nas línguas que o têm, servindo igualmente para a introdução de numerais) e seria mais alto que os níveis em que os adjetivos se hospedam. SORT seria o núcleo responsável por

---

<sup>136</sup> Apesar de esse trabalho de Cinque ainda lidar com a Hipótese do Movimento de Núcleo, a distinção entre ela e a Hipótese do Movimento de Constituintes, ao menos em um primeiro momento, não é importante para a proposta de Svenonius.

tornar os nomes contáveis ou quantificáveis (e, portanto, não é projetado com nomes de massa). A diferença entre SORT e *n* é que a modificação em *n* é essencialmente intersectiva, enquanto, em SORT, é essencialmente subsectiva. Svenonius argumenta que, por isso, *nP* só aceitaria predicados não graduais — no caso das categorias nocionais, *material*, *nacionalidade/origem*, *formato* e *cor*. No caso de serem usados com sentido escalar, sua interpretação seria diferente, e presumivelmente ocupariam alguma posição em SORT ou acima. Para dar conta da interpretação subsectiva em SORTP, o autor propõe que, ao invés de APs simples, o AP precisa primeiramente se combinar com um DegP para então poder ocupar a posição de especificador da projeção.

Svenonius hipotetiza que cada camada poderia ter no máximo um especificador; assim, se um adjetivo tivesse uma posição preferencial, mas ela já estivesse ocupada, isso significaria que ele precisaria procurar outra posição. Por exemplo:



(SVENONIUS, 2008:22)

Na árvore acima, “big”, que ocuparia preferencialmente a posição de Spec de SORTP, é obrigado a ir para KiP (a projeção de foco) por causa da presença de “expensive”. O adjetivo “nervous”, em “nervous system”, é um classificativo, e portanto ocupa a posição de Spec de  $\sqrt{P}$ . O adjetivo de *material* é inserido em Spec de *nP*.

Um primeiro problema óbvio com esse modelo tal qual descrito é que ele é restritivo demais. Adjetivos de *cor* e *material*, ou de *cor* e *formato*, ou mesmo todos os três ao mesmo

tempo, podem coocorrer, mesmo que em teoria os três competissem pela mesma posição de Spec de *nP*. Nesse sentido, a premissa de que cada camada poderia hospedar apenas um adjetivo nos leva a duas opções: ou simplesmente assumimos que não há tal restrição, ou então precisamos propor mais núcleos que deem conta das demais restrições das AOR.

Como Svenonius aponta, Laenzlinger (2005) observa que a hierarquia fina proposta por Scott (2002) pode ser simplificada nas seguintes macrocategorias:

- (409) [QUANTIF Ordinal>Cardinal] >  
 [SPEAK-ORIENT Subjective Comment>Evidential] >  
 [INTERNAL PHYSIC PROPERTY Size>Length>Height>Speed>Depth>Width] >  
 [MEASURE Weight > Temperature > ?Wetness > Age] >  
 [EXTERNAL PHYSICAL PROPERTY Shape > Color > Nationality/Origin > Material]  
 (LAENZLINGER, 2005:59)

Na proposta de Svenonius tal qual se encontra, os núcleos dão conta de três das cinco grandes categorias: UNITP para os quantificadores, *nP* para as “propriedades físicas externas”, e SORTP para as três categorias intermediárias. Poderíamos imaginar que houvesse na realidade um núcleo para cada uma delas (e, logo, que SORTP na realidade se subdividisse em três).

É interessante observar que, considerando as macrocategorias, todas elas são instanciadas com frequência — ainda que, por vezes, por subcategorias distintas — em línguas com adjetivos como uma classe fechada. Como Segerer (2007) aponta para uma coleção de línguas africanas, entre os doze conceitos adjetivais mais comuns, ele encontrou as categorias de *dimensão* (“grande”, “pequeno”), *idade* (“novo”), *qualidade* (“bom”, “bonito”) e *cor* (“branco”, “preto”)<sup>137</sup>. Ainda que não haja evidências em línguas com adjetivos como classes fechadas para um refinamento tão detalhado quanto o de Scott (2002), o fato de todas as macrocategorias serem instanciadas com frequência possivelmente não é uma coincidência.

Do ponto de vista semântico, talvez também haja motivos para se pensar nessa divisão. O conjunto das categorias mais baixas de Laenzlinger, aquelas que ele chama de “Propriedade Física Externa”, tem em comum o fato de não serem modificáveis por grau da mesma forma que as outras categorias. É possível dizer que algo é “mais retangular” ou “mais vermelho”, mas essa é uma modificação diferente de, por exemplo, “mais interessante”. Como apontam

<sup>137</sup> Observe-se que a categoria de *dimensão* é consideravelmente mais frequente que qualquer outra categoria, seguida por *qualidade*.

Kennedy & McNally (2009), a modificação de adjetivos de *cor* oferece, na realidade, duas possibilidades: modificar a *quantidade* da cor ou então a *qualidade*. Por exemplo:

(410) a maçã bem *vermelha*

Essa sequência nos oferece duas leituras. Em uma delas, a maçã não necessariamente está vermelha por inteiro; talvez um lado dela ainda esteja inteiramente amarelo. O que importa, no entanto, é que, na parte em que ela está vermelha, esse vermelho é intenso. Na segunda leitura, por outro lado, a maçã não necessariamente precisa estar de um vermelho intenso; basta que ela esteja (quase) integralmente vermelha (mesmo que seja em um tom suave). No primeiro caso, a modificação se dá sobre a *qualidade* da cor (em relação a um protótipo), e, no segundo, sobre a *quantidade* (distribuição). Com adjetivos de nacionalidade, também temos essa opção:

(411) o carro bem/muito *brasileiro*

Na leitura não metafórica<sup>138</sup>, é possível interpretarmos (411) como significando, por exemplo, que a maioria das peças do carro foi fabricada por empresas brasileiras, ou então que a maior parte do processo de fabricação do carro foi feito no Brasil (e.g. mesmo sendo de uma empresa alemã, ele foi projetado, desenhado e montado no Brasil). Em PB, a categoria de *material* não é comumente codificada como adjetivo, e sim como um PP; em inglês, porém, aparentemente essa seria a possibilidade de interpretação também:

(412) ?a more *wooden structure*

(412) só faz sentido na interpretação de que a estrutura é majoritariamente de madeira. Diferentemente de *cor* e *formato*, portanto, *material* e *nacionalidade* não parecem ter a modificação sobre qualidade, e sim somente sobre a quantidade. Ainda assim, *cor* e *formato* aparentemente se diferenciam das demais categorias pela ausência de uma escala propriamente dita, relacionando-se ao invés disso com uma noção de protótipo<sup>139</sup>: “uma maçã bem *vermelha*” é uma cujo vermelho se aproxima da tonalidade prototípica da cor, assim

<sup>138</sup> Isto é, não interpretando “brasileiro” nesse caso como denotando um conjunto de propriedades prototípicas, e.g. um carro “bem brasileiro” ser um carro que não funciona, etc.

<sup>139</sup> Na realidade, adjetivos como “grande” também envolvem protótipos; entretanto, nesse caso, o protótipo não está no adjetivo em si, e sim no nome com o qual ele se combina, como demonstrou McKinney-Bock (2010).

como “uma caixa bem *retangular*” é aquela cujo formato assume as medidas prototípicas para o conceito. Adjetivos mas claramente escalares/graduais como “grande”, “interessante”, etc., não apresentam protótipos.<sup>140</sup>

Além disso, como Wulff (2003) apontou, alguns autores identificaram que essas categorias teriam um caráter “mais nominal” que outros adjetivos. Ainda que essa não seja uma propriedade prontamente aferível (como vimos na seção 1.1.2.1), é interessante observar que adjetivos de *material* e *nacionalidade* são denominais em inglês, e também que adjetivos dessas mesmas categorias não existem em japonês (cf. Watanabe, 2012). Em PB, da mesma forma, a noção de *material* é transmitida por meio de PPs, e *nacionalidade/origem* também pode o ser. Nesse sentido, novamente há um aparente contraste entre essas categorias e *cor* e *formato*, de uma forma quase gradual (*material* é mais nominal que *nacionalidade*, *nacionalidade* mais nominal que *cor*, *cor* mais nominal que *formato*):

- (413) a maçã (intensamente) *vermelha*  
 a. o vermelho da maçã (era intenso)
- (414) o relógio (perfeitamente) *quadrado*  
 a. \*o quadrado/\*a quadradez do relógio (era perfeito(a))

Outra característica digna de nota é que adjetivos de *formato* são mais facilmente antepostos em PB que adjetivos de *cor*:

- (415) a. ?Os *redondos* óculos de Harry Potter são sua marca registrada.  
 b. \*O *vermelho* nariz de Rudolf, a rena, é sua marca registrada.

Assim, ainda que essas quatro categorias sejam aparentemente intersectivas (e essa seja a motivação de Svenonius para agrupá-las), e ainda que nenhuma delas tenha propriedades escalares similares às das demais categorias, entre elas há algumas diferenças: *nacionalidade/origem* e *material* não apresentam protótipos e são mais nominais que as outras duas. Ainda, talvez haja motivos para crer que a categoria de *formato* não pertença ao mesmo nível que as outras, nem mesmo em relação à categoria de *cor*. Além dos dados recém-apresentados, lembremo-nos também daqueles fornecidos por Trustwell (2009) e relatados na seção 1.1.2.1, especialmente os exemplos de (105) a (108). Se assumíssemos que *formato*

<sup>140</sup> No caso de adjetivos de *dimensão*, como “grande”, o protótipo é definido pelo nome na estrutura de modificação, ou então é influenciado pelo contexto (cf. nota 32, seção 1.1.2.1).



segue o mesmo padrão dos adjetivos de *dimensão*, encontraríamos possivelmente um padrão que nos permitiria voltar a assumir a distinção entre intersectividade/subsectividade como relevante, havendo então uma distinção entre adjetivos de *dimensão/formato* e adjetivos de *qualidade* — na perspectiva apresentada aqui, significando potencialmente que a categoria de *formato* se assemelha mais à de *dimensão* que à de *cor* (o que implicaria em estar relacionada a outro nível de projeção em relação aos intersectivos). Por outro lado, a impossibilidade apontada por alguns autores quanto à coocorrência de adjetivos de *qualidade* e *dimensão* e de adjetivos de *formato* e *cor* em mandarim (como já mencionado na nota 46) seria um argumento no sentido contrário.

Quanto às demais macrocategorias, identificar diferenças claras entre elas que motivassem sua existência demandaria um estudo mais aprofundado. Entretanto, tentativamente podemos apontar que uma possível distinção entre os adjetivos orientados para o sujeito e os de propriedades físicas internas seria que estes incorporam ao seu uso classes de comparação, como Menuzzi (1992) já apontara, e como também defende McKinney-Bock (2010):

(416) uma formiga *grande*

(417) um filme *interessante*

Enquanto, em (416), o adjetivo necessariamente toma alguma classe de comparação como base (preferencialmente a classe denotada pelo nome), isso não é necessariamente óbvio para (417); não é claro que “interessante” seja interpretado em relação ao nome (“um filme interessante para um filme”<sup>141</sup>).

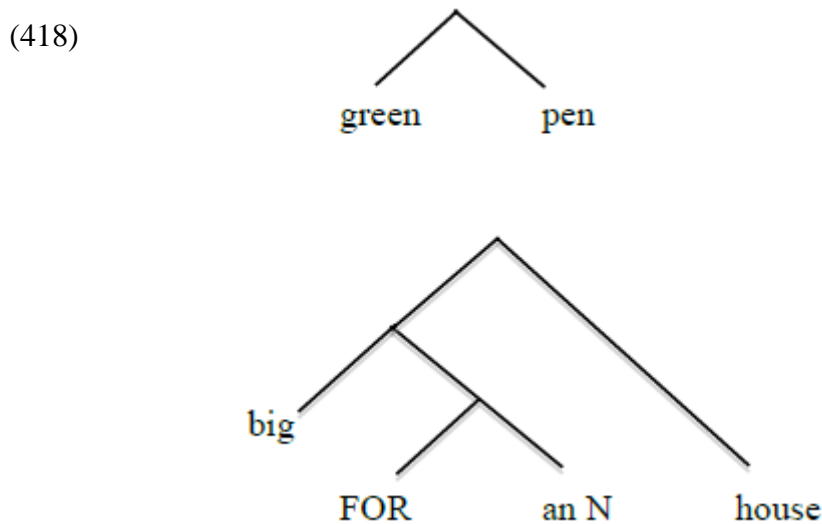
Se assumíssemos que a divisão entre as classes de adjetivos na realidade não é tão refinada e a colocássemos nesses termos, porém, a questão óbvia que emerge é: como obter o ordenamento ligeiramente mais refinado comum entre as línguas, se mais de uma categoria se encontra inserida em um mesmo nível?

McKinney-Bock (2010) faz uma proposta nesse sentido. Para ela, diferentes categorias de adjetivos teriam estruturas sintáticas internas igualmente diversas. Focando-se especialmente na distinção entre adjetivos subsectivos e intersectivos, instanciada em adjetivos de *dimensão* e adjetivos de *cor* (respectivamente), a autora propõe que a classe de

---

<sup>141</sup> Com outros adjetivos tradicionalmente considerados avaliativos, porém, como “famoso”, a “classe de comparação” é mais clara, ainda que, nesses casos, a paráfrase seja “enquanto” e não “para” (“famoso *enquanto* pianista” e não “para um pianista”, por exemplo), o que talvez aponte que não se trate de uma classe de comparação e sim de um contexto intensional de algum tipo.

comparação dos adjetivos subsectivos se reflita na sintaxe na forma de um PP “para um X” silencioso, ausente em adjetivos intersectivos:



(MCKINNEY-BOCK, 2010:8)

Ela argumenta então, de acordo com a hipótese de Prinzhorn & Vergnaud<sup>142</sup>, que especificadores mais altos na estrutura são constituintes mais complexos que especificadores mais baixos. Essa hipótese se baseia na observação mais ampla de que adjuntos maiores tendem a ser concatenados em posições mais altas no DP (como, por exemplo, a ordem entre orações relativas e adjetivos). Vimos na seção anterior que há argumentos para se pensar que a estrutura interna dos adjetivos seja diferente, ao menos para algumas categorias, de modo que talvez essa não seja uma proposta tão arbitrária.

Acreditamos que esse seja um caminho de investigação interessante, ainda que evidentemente, em um primeiro momento, repleto de lacunas. Uma primeira questão que demandaria certo aprofundamento seria, por exemplo, quais são as potenciais distinções entre categorias que ocupam um mesmo nível que motivassem seus diferentes graus de complexidade interna, além da própria pesquisa em relação a quantos níveis existiriam ou seriam necessários. Além disso, há o ponto possivelmente mais problemático quanto a como operacionalizar essa proposta considerando línguas que não exibem ordem preferencial, uma vez que a complexidade dos itens lexicais em cada classe nocional seria potencialmente universal (e.g. a interpretação de adjetivos de *dimensão* em PB e em inglês parece ser a

<sup>142</sup> Na época, ainda não publicado.

mesma, a despeito da presença ou ausências das AOR), assim como a restrição quanto a adjuntos menos complexos se juntarem antes dos mais complexos. O fenômeno da ordem espelhada também mereceria atenção, uma vez que, dentro dessa perspectiva, não haveria a princípio uma posição para a qual o nome poderia se mover acima de cada adjetivo.<sup>143</sup>

Alternativas a essa proposta, como já vimos, seriam ou se assumir uma projeção funcional específica para cada adjetivo (cuja motivação ainda é desconhecida), como em Cinque (2010), ou então a adoção da hipótese de que a ordem é de fundamentação essencialmente semântica, todos os adjetivos (ou a maioria deles) entram na estrutura como adjuntos tradicionais, e incumbe à sintaxe apenas garantir que exista algum tipo de relação hierárquica entre cada classe (e.g. c-comando) de modo a assegurarem-se as relações impostas pela ordem universal. Como já abordado, a primeira proposta peca por sua natureza axiomática (ao menos até que se encontrem argumentos a favor da existência de todas as categorias), enquanto a segunda, tal qual feita, não consegue dar conta dos dados translinguísticos, entre outros problemas, como expostos ao final da seção 3.2.

Devido a limitações de tempo e espaço, entretanto, iremos nos limitar a deixar apontada essa possibilidade de pesquisa e sugestão de análise e suas alternativas, e passaremos agora para dois outros problemas: a distinção entre a leitura paralela e a leitura hierárquica (como apontado na seção 1.1.3) e a motivação para o movimento do constituinte na proposta de Cinque (2010).

## 4.2. Panayidou (2013): adjetivos como núcleos ou especificadores

### 4.2.1. MODIFICAÇÃO PARALELA E MODIFICAÇÃO HIERÁRQUICA

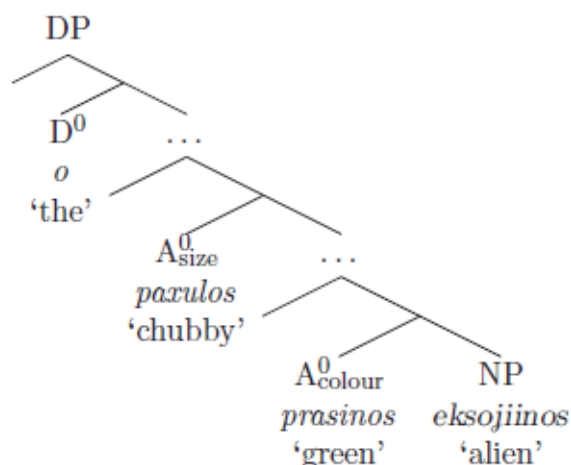
Panayidou (2013), sendo uma das poucas autoras a ter abordado a distinção entre modificação paralela e modificação hierárquica, sugere que tal diferença esteja baseada na natureza sintática que o adjetivo assume na estrutura: naquela, os adjetivos seriam núcleos, enquanto nesta, seriam especificadores. O argumento da autora para isso, para além da observação da existência dos dois tipos de modificação supracitados, é que há instâncias em grego em que há inversão de ordem em construções monodefinidas. Como ela assume que em grego haja uma correção direta entre modificação direta e adjetivos monodefinidos e

---

<sup>143</sup> Uma alternativa possível seria uma proposta simétrica (e.g. em que adjetivos pós-nominais fossem gerados à direita, e pré-nominais, à esquerda). Veremos mais adiante, porém, os problemas de se assumir tal estrutura.

modificação indireta e polidefinidos, a desconformidade em relação à ordem preferencial não pode ser explicada por meio das duas fontes de inserção do adjetivo no DP como no inglês; ao invés disso, Panayidou propõe que adjetivos possam tanto ser núcleos (cf. (419)) como especificadores (de projeções funcionais de algum tipo):

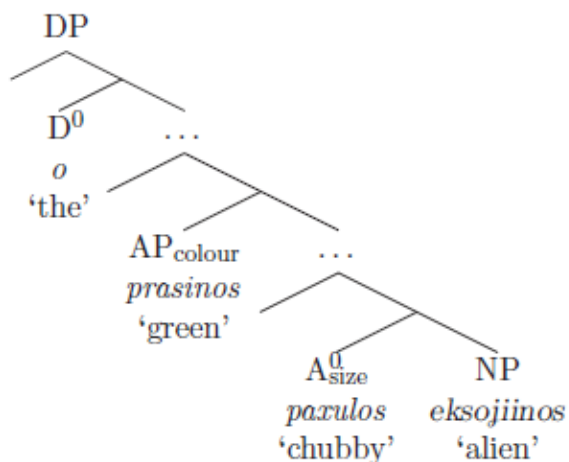
(419)



(PANAYIDOU, 2013:111)

Quando inseridos como núcleos, os adjetivos modificariam o nome independentemente (em paralelo), enquanto, como especificadores (sintagmas, APs), teriam leitura hierárquica, i.e. com escopo. A autora contempla a possibilidade de essas duas estruturas coocorrerem: nesses casos, os APs apareceriam necessariamente em posições mais externas em relação aos núcleos:

(420)



(PANAYIDOU, 2013:111)

- (421) a. a very *Cypriot Cypriot* song  
 b. \*a *Cypriot very Cypriot* song
- (422) a. a very *red red* Cherry  
 b. \*a *red very red* Cherry
- (PANAYIDOU, 2013:99)

Não é claro, no entanto, por que tais diferenças estruturais resultariam nessas leituras. Tanto como núcleos quanto como especificadores, os adjetivos estabelecem relações de c-comando com os adjetivos abaixo deles; em termos de relações estruturais, a talvez principal diferença entre as duas estruturas seria que, em os adjetivos sendo núcleos, suas projeções máximas — “AP” ou qualquer que seja sua natureza — estabeleceriam uma relação de dominância com os adjetivos nas camadas inferiores, diferentemente de estruturas em que os APs fossem especificadores de uma projeção funcional distinta. Entretanto, associar a combinação de c-comando e dominância à leitura paralela e somente c-comando à leitura hierárquica carece de fundamentação; o caráter axiomático dessa hipótese é visível pela possibilidade de argumentação em ambos os sentidos, i.e. não há uma razão *a priori* pela qual dominância deveria implicar em leitura paralela. A autora não entra nesses pormenores.

Um segundo problema é a possibilidade de coocorrência de adjetivos como especificadores e adjetivos como núcleos. Como podemos ver pelos exemplos de (420) a (422), de acordo com Panayidou, podemos tanto ter uma mesma classe semântica instanciada duas vezes, uma em cada estrutura (como em (421) e (422)), como classes semânticas distintas (como na árvore em (420)). Entretanto, tal conjectura implicaria na possibilidade de que em inglês, por exemplo, a combinação  $[A^0_{\text{DIMENSÃO}} + A^0_{\text{COR}}]$  pudesse ser precedida pela combinação  $[AP_{\text{DIMENSÃO}} + AP_{\text{COR}}]$ <sup>144</sup>, gerando a sequência  $[AP_{\text{DIMENSÃO}} + AP_{\text{COR}} + A^0_{\text{DIMENSÃO}} + A^0_{\text{COR}}]$  (sem que nenhum dos adjetivos fosse identificado com a leitura de modificação indireta), dado que não se verifica. Além disso, observe-se que a leitura de “very Cypriot” em (421) é diferente da leitura típica dos adjetivos referenciais, como já apontado na nota 113 (p.122): o adjetivo de *nacionalidade* adquire um sentido avaliativo, metafórico — explicitado pelo fato de que pode-se dizer que alguém é “muito brasileiro”, por exemplo, mesmo que o indivíduo em questão não seja brasileiro de nacionalidade (e.g. um alemão que exibe muito hábitos identificados como brasileiros).

<sup>144</sup> Em última instância, nada exclui a possibilidade de que toda a sequência descrita na ordem universal se repetisse duas vezes, uma como APs e uma como núcleos, o que evidentemente induz à sobregeração.

A necessidade de adjetivos modificados por “very” aparecerem em uma posição mais externa é possivelmente parte de um fenômeno mais amplo, correlacionado aos dados já discutidos na seção 2.2 quanto à impossibilidade da maioria dos adjetivos pré-nominais em PB serem modificados por “muito”. Outra evidência a favor da hipótese de que a modificação por “muito” não seja evidência para a possibilidade de adjetivos figurarem como especificadores ou como núcleos é que, mesmo com adjetivos predicativos (e que, logo, poderiam estar em modificação indireta, a qual de toda forma seria mais externa à modificação direta), adjetivos modificados por “very” não podem aparecer em uma posição mais interna:

- (423) a. \*a *beautiful very tall* girl  
 b. \*a *big very old green* chair<sup>145</sup>

Considerando-se que a posição pré-nominal em PB é tomada como uma instanciação de modificação direta, poderíamos supor que há uma restrição nessa forma de modificação em relação a advérbios como “muito” (ou seus equivalentes), uma vez que a modificação na anteposição em PB é possível com outros advérbios. Ainda que essa ainda seja uma afirmação prematura, aparentemente encontramos a mesma situação em inglês:

- (424) a. a *big barely visible* blur  
 b. a *nice incredibly long* bike ride<sup>146</sup>

Um terceiro problema com essa proposta é que ela assume que a possibilidade de termos a leitura paralela ou a leitura hierárquica só se dá em estruturas de modificação direta. No entanto, Cheung (2012) aponta que, em estruturas com “de” em mandarim, os múltiplos adjetivos são consistentemente ambíguos entre as duas leituras:

<sup>145</sup> Obrigada ao Gesoel Mendes por ter testado essas sequências com falantes nativos para mim!

<sup>146</sup> Deve-se apontar que essas sequências não foram testadas com falantes. Cruzamos os dados com pesquisas no google e encontramos um número considerável de resultados; entretanto, isso também se encontra com o adjetivo interno sendo modificado por “very” — presumivelmente porque algumas pessoas se esquecem de pôr vírgula. Todavia, mesmo que última instância esses dados também não sejam bons, eles não nos parecem tão ruins quanto aqueles em (421), (422) e (423).

- (425) yi-jian *pianyi* de *shishang* de waitao  
 um-CL barato LINK estiloso LINK casaco  
 a. um casaco *estiloso barato*  
 b. um casaco *estiloso e barato*  
 (CHEUNG, 2012:42)

Uma vez que a modificação com “de” em mandarim é assumida por muitos autores como sendo um caso claro de modificação indireta, a possibilidade de termos as duas leituras nesse caso não pode ser explicada pela proposta de que tais adjetivos sejam núcleos (em uma das leituras).<sup>147</sup>

Por outro lado, se assumíssemos que os adjetivos só se combinam aos nomes como sintagmas/APs, então a explicação para a inversão nos monodefinidos em grego se perde. Seríamos obrigados ou a assumir que os polidefinidos não são instanciações de modificação indireta — o que não parece interessante, visto sua similaridade com as construções de modificação indireta no mandarim e suas leituras<sup>148</sup>, compatíveis com a proposta de Cinque (2010), além de isso implicar em não conseguirmos mais justificar a diferença entre mono e polidefinidos —, ou a propor algum mecanismo de “inversão” que não a inserção do adjetivo a partir de outra fonte<sup>149</sup>.

Assim, ainda que a existência das leituras paralela e hierárquica seja inegável e presumivelmente derivada de estruturas sintáticas subjacentes distintas, a proposta de Panayidou não é satisfatória. No entanto, não encontramos na literatura alternativas a essa análise, de modo que essa questão terá de ficar em aberto, como uma possibilidade para pesquisas futuras.

<sup>147</sup> Devemos assinalar, contudo, que a interpretação um tanto consensual na literatura de que adjetivos seguidos de “de” em mandarim estejam em modificação indireta não é desprovida de problemas, um dos maiores deles sendo o de explicar como é possível que adjetivos não predicativos apareçam nessa construção:

- (i) yi-ge *gongtong* de *zhuyao* de mubiao  
 um-CL comum LINK principal LINK objetivo  
 a. um objetivo *principal comum*  
 b. um objetivo *principal e comum*  
 (CHEUNG, 2012:42)

Essa estrutura é distinta daquela apontada na nota 4, em que a partícula “de” funcionava como nominalizadora em construções de cópula: adjetivos não predicativos seguidos de “de” como em (i) são de fato modificadores (de acordo com a literatura). Assim, ou precisamos mudar nosso entendimento quanto à natureza da modificação indireta, ou é necessário reanalisar as estruturas com “de” em mandarim (sem perdermos de vista, porém, a distinção existente entre construções com e sem “de”).

<sup>148</sup> Contudo, vide nota acima (143).

<sup>149</sup> Talvez uma posição de foco mais baixa na estrutura.

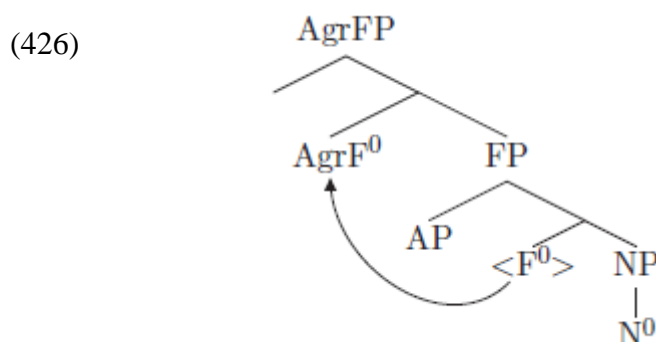
## 4.2.2. MOTIVAÇÃO PARA O MOVIMENTO DE CONSTITUINTES

Panayidou assume tanto a estrutura proposta por Cinque (2010) em relação às projeções funcionais quanto sua hipótese de movimento de constituintes. Reconhecendo a crítica comumente feita quanto à falta de motivação para esse movimento, no entanto, a autora faz uma proposta:

The trigger for movement in my analysis is linked to maintaining nominality in the extended nominal projection. [...] We saw that Cinque (2005) associated movement in the DP with the need for each phrase to be licensed with a nominal feature. This claim can be traced back to the theory of extended projections; according to Grimshaw (2005:2-4), the categorial features of all the phrases in an extended projection must match the category feature of the head of that extended projection. If we apply this to the nominal domain, it means that all functional heads in the extended nominal projection must be N.

(PANAYIDOU, 2013:225)

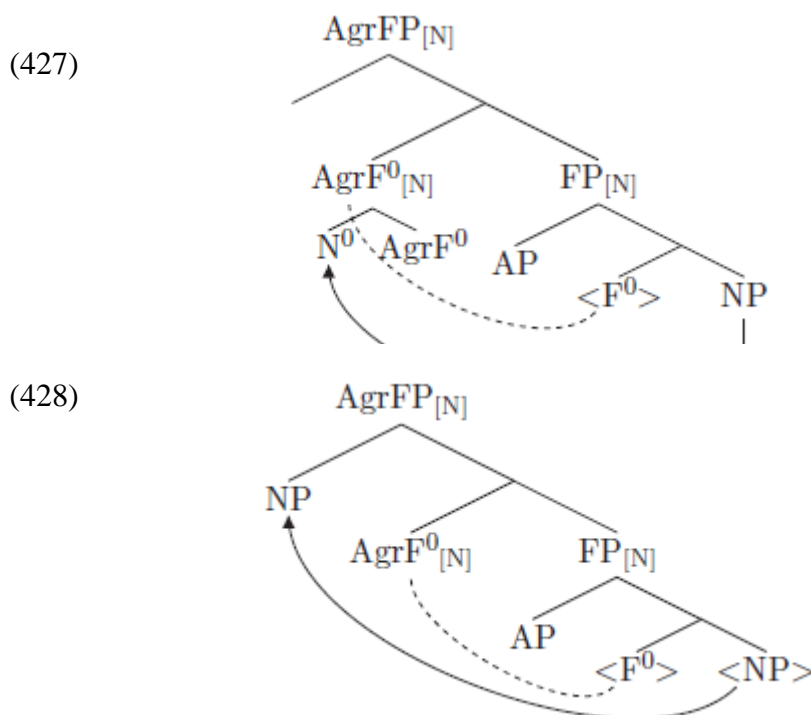
Em suma, em todas as línguas, alguma operação tem que ser feita para garantir que todas as camadas na projeção estendida do nome apresentem o mesmo traço categorial [N]. Nas línguas com adjetivos pospostos, isso se dá por meio de movimento. A autora propõe, seguindo Shlonsky (2004) e Cinque (2010) e a partir do contraste entre a concordância obrigatória dos adjetivos pospostos com o nome, mas optativa para os antepostos nas línguas semíticas, em que a projeção para a qual o nome (ou um constituinte maior) se move é uma camada de concordância AgrP, projetada pelo núcleo funcional no qual o AP se insere:



(PANAYIDOU, 2013:226)

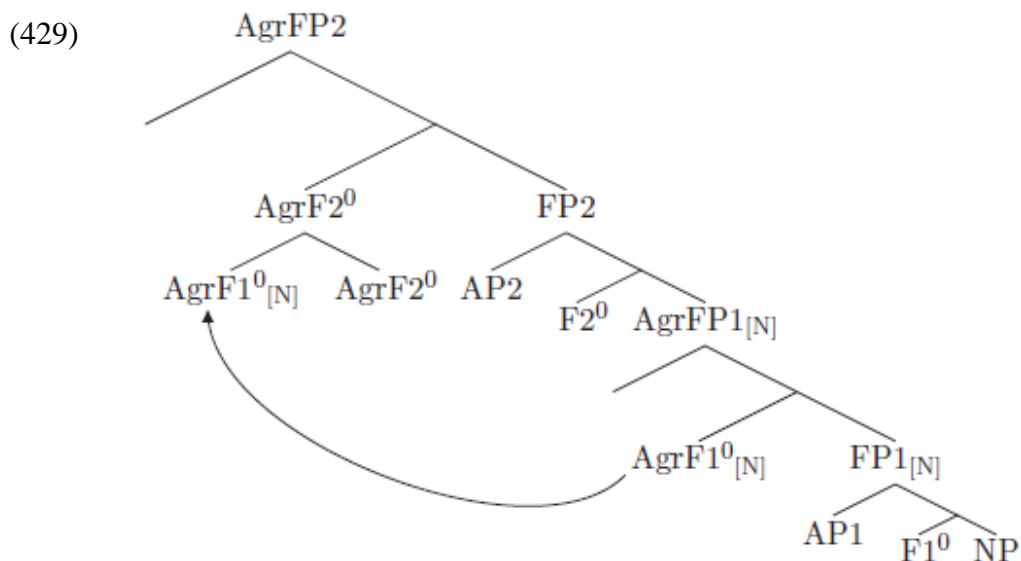
Esse movimento pode tanto ser feito apenas pelo nome (em movimento de núcleo, como em (427)) quanto por todo o NP ou por uma projeção máxima que contenha o nome (cf. (428)):





(PANAYIDOU, 2013:226-227)

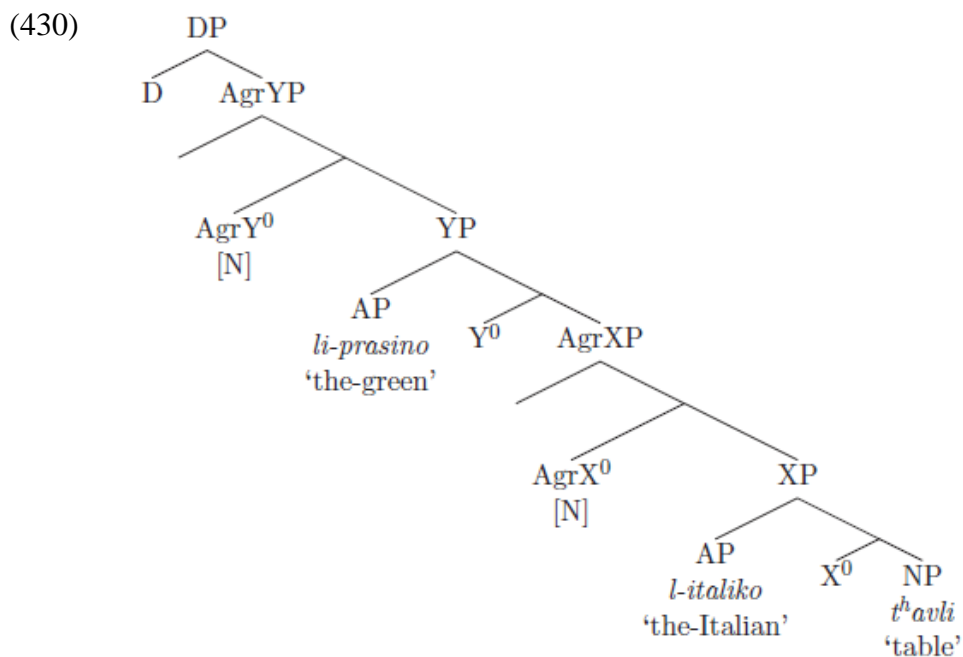
Em ambos os casos, a projeção AgrP precisa herdar o traço [N]. Em (427), isso se dá pelo movimento do núcleo para Agr<sup>0</sup>: o traço é passado de Agr<sup>0</sup> para AgrP e então para o FP também, uma vez que há uma cadeia entre F<sup>0</sup> e Agr<sup>0</sup>. O mesmo se dá com movimento de um constituinte maior para Spec,AgrP. Panayidou estipula que o movimento de sintagmas só pode ocorrer com constituintes que contenham o nome. Adicionalmente, ela também assume, seguindo Cinque, que é possível concatenar o traço [N] externamente com um AgrP — mais especificamente, com Agr<sup>0</sup>. Uma vez que o Agr<sup>0</sup> possua o traço [N], ele poderia se mover para outros núcleos para licenciá-los:



(PANAYIDOU, 2013:228)

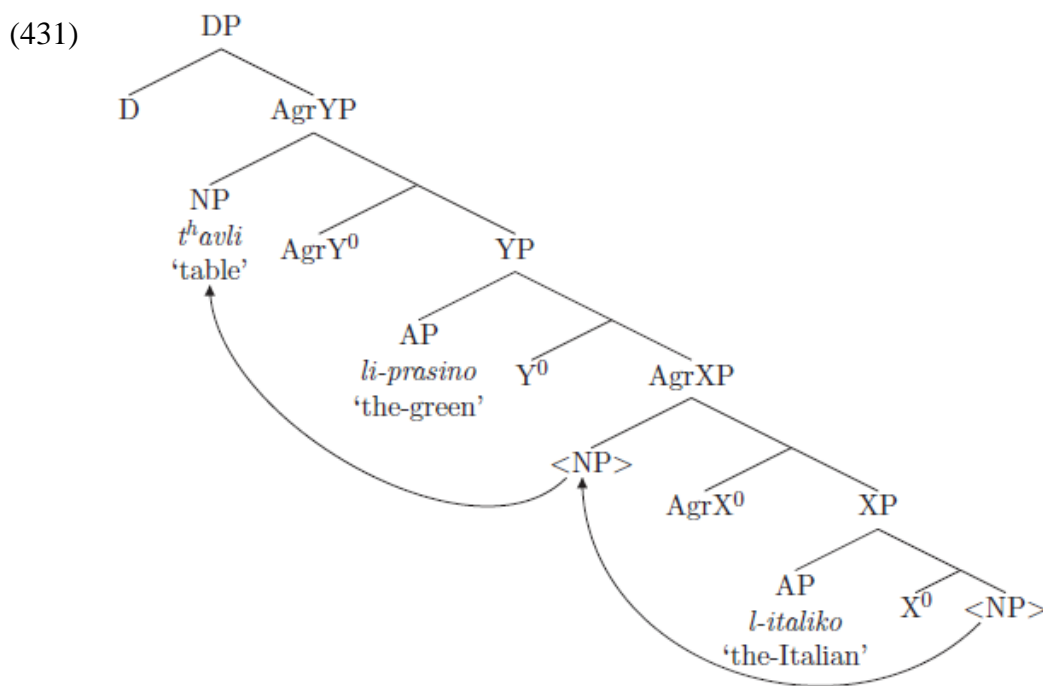
Assim, a proposta de Panayidou pode ser resumida da seguinte forma: as projeções funcionais na projeção estendida do nome precisam apresentar o traço [N]. O Agr<sup>0</sup> acima de cada categoria pode ser concatenado ou não com traço [N], sendo essa operação obrigatória em alguns casos, opcional ou proibida em outros. Caso essa combinação ocorra, o traço [N] será passado do Agr<sup>0</sup> para o AgrP e para o FP, de modo que não haverá necessidade do nome (ou do NP) se moverem. Entretanto, se o Agr<sup>0</sup> não for concatenado com [N], então ou o movimento de núcleo ou de constituinte é necessário para licenciar o AgrP.

Em línguas com adjetivos antepostos, assume-se dentro dessa perspectiva que os Agr<sup>0</sup>s sempre sejam acompanhados do traço [N], razão pela qual não temos movimento. Panayidou exemplifica com as categorias de *cor*<sub>GREGO</sub> e *nacionalidade* em CMA, cujos Agr<sup>0</sup>s poderiam opcionalmente ser combinados com esse traço (já que esses adjetivos têm a opção de aparecerem antepostos ao nome):



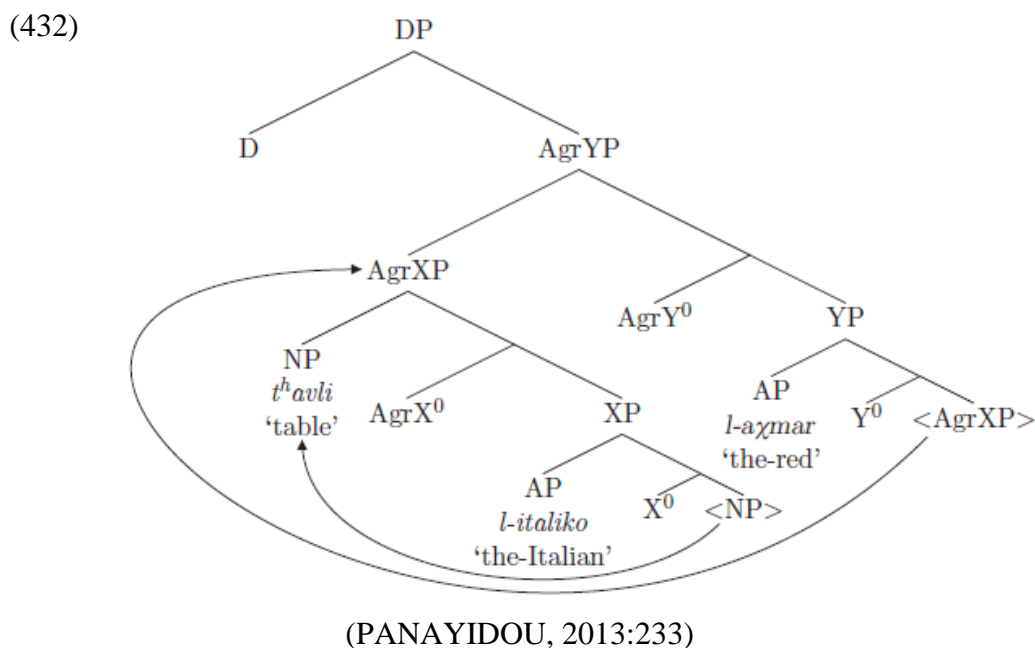
(PANAYIDOU, 2013:230)

Caso os Agr<sup>0</sup>s não sejam acompanhados do traço [N], ele é garantido por meio do movimento do NP no caso dessas classes em CMA — o que gera a sequência superficial com os adjetivos pospostos, mas ainda seguindo a ordem universal:



(PANAYIDOU, 2013:230)

Esse mesmo movimento ocorreria com algumas classes de adjetivos em Galês, por exemplo. Alternativamente, as línguas podem optar pelo movimento de constituintes maiores (*roll-up movement*) ao invés do movimento somente do NP: em CMA, temos um exemplo desse caso com adjetivos de *cor*<sub>ÁRABE</sub> e *nacionalidade*:



Em (432), o NP primeiramente se move sobre o adjetivo de *nacionalidade*, e depois o AgrXP como um todo se move para Spec,AgrY passando sobre o adjetivo de *cor*<sub>ÁRABE</sub>.

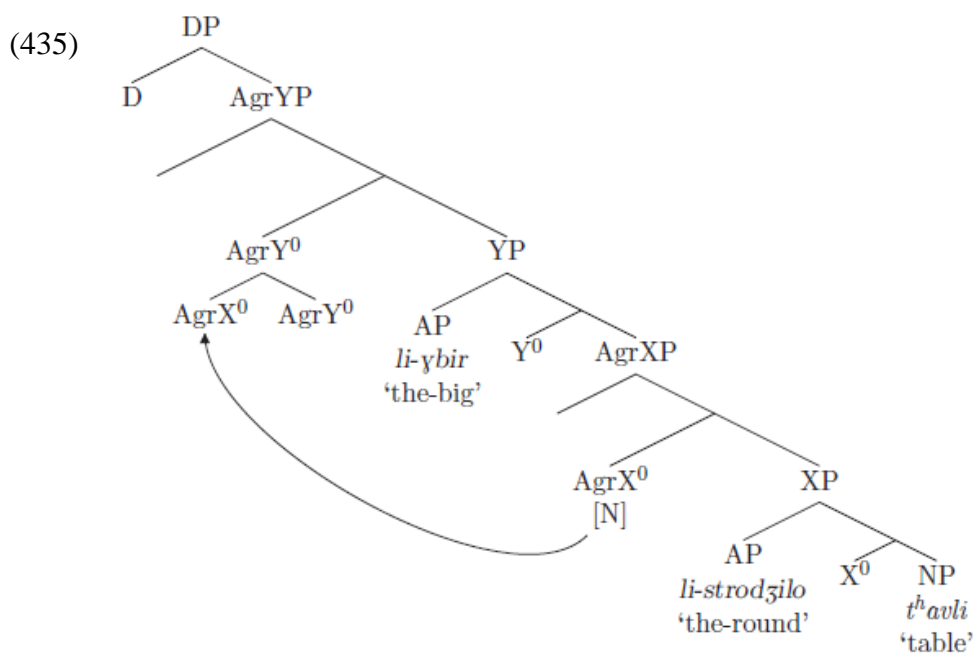
A autora assume que essas opções — movimento do NP de Spec para Spec, ou movimento *roll up* propriamente dito — sejam definidas parametricamente. Ainda que a maioria dos adjetivos em uma língua costume seguir um mesmo padrão, é possível haver variação entre as classes, como o próprio CMA exemplifica.

Um dado curioso do CMA exemplificado originalmente em (145)-(147) e retomado abaixo é a impossibilidade de coocorrência de adjetivos de *qualidade* e *dimensão* na posição pré-nominal (cf. (434)). Essas classes, compostas por itens lexicais nativos (árabes), só podem aparecer na anteposição se acompanhadas por adjetivos de *nacionalidade* ou *formato* (de origem grega) (cf. (433)):

- (433) a. li-ybir      li-strodzilo      t<sup>h</sup>avli  
           a-grande<sub>N</sub>    a-redonda<sub>N</sub>      mesa<sub>DEF.N</sub>

- b.  $t^h$ avli      li-ybir      li-strodzilo  
 mesa<sub>DEF.N</sub>   a-grande<sub>N</sub>   a-redonda<sub>N</sub>  
 “A mesa redonda grande”
- (434) a.  $??k^h$ aes      li-ybir       $t^h$ avli  
 a-legal<sub>N</sub>   a-grande<sub>N</sub>   mesa<sub>DEF.N</sub>  
 b.  $t^h$ avli       $k^h$ aes      li-ybir  
 mesa<sub>DEF.N</sub>   a-legal<sub>N</sub>   a-grande<sub>N</sub>  
 “A mesa grande legal”
- (PANAYIDOU, 2013:190-191)

Como já visto, os Agr<sup>0</sup>s dos adjetivos de origem grega, i.e. *nacionalidade* e *formato*, têm a opção de se juntarem com o traço [N] (o que implicaria na não necessidade do movimento), enquanto os de origem árabe, não. De acordo com a proposta de Panayidou apresentada até aqui, isso significaria que estes não deveriam poder aparecer antepostos; entretanto, o fato de só poderem aparecer nessa posição se acompanhados de algum adjetivo de origem grega leva a autora a fazer a seguinte sugestão: uma vez que o Agr<sup>0</sup> do adjetivo de origem grega apresenta o traço [N], o Agr<sup>0</sup> das categorias de *qualidade* ou *dimensão* irá atrairlo ao invés do NP:



(PANAYIDOU, 2013:231)

Como já apresentado, o movimento de núcleos é permitido (como em (429)). Considerando-se que o AgrX<sup>0</sup> já apresenta o traço [N], o NP não pode se mover independentemente; assim, a alternativa para licenciar AgrYP, que não o movimento proposto acima, seria o movimento *roll-up* de todo o AgrXP para Spec, AgrYP. Esse tipo de movimento, contudo, não parece estar disponível em CMA, com a exceção de adjetivos de cor<sub>ÁRABES</sub> especificamente com adjetivos de *nacionalidade*. Dessa forma, a autora conclui que essa alternativa é a mais econômica para permitir que a derivação convirja.

Note-se que, em CMA, é possível não haver movimento sobre o adjetivo de *nacionalidade*, como visto em (430), já que o Agr<sup>0</sup> sobre essa categoria poderia opcionalmente se combinar com o traço [N]. Todavia, como exposto no dado em (432), quando coocorrendo com adjetivos de cor<sub>ÁRABE</sub>, o Agr<sup>0</sup> do adjetivo de *nacionalidade* não pode apresentar esse traço, uma vez que o movimento do NP é obrigatório com esses adjetivos; os adjetivos de cor<sub>ÁRABE</sub>, diferentemente dos de *qualidade* e *dimensão* como exposto acima, nunca podem figurar na anteposição. Panayidou especula que isso tenha natureza morfológica: o fato de serem os únicos a aparecerem em ordem espelhada é uma evidência de que esses adjetivos preservaram os “traços” do “árabe”, enquanto os adjetivos de *qualidade* e *dimensão*, apesar de superficialmente terem mantido a morfologia do árabe, não apresentam o mesmo padrão de comportamento. Assim, os adjetivos de cor<sub>ÁRABE</sub> são os únicos que necessariamente requerem o movimento *roll-up*; sem essa operação, a derivação não converge.

Ainda como uma especificidade dos adjetivos de cor<sub>ÁRABE</sub>, relembremos que eles figuram na ordem espelhada somente com os adjetivos de *nacionalidade*, mas sujeitam-se à ordem universal com qualquer outra classe (desde que sempre pós-nominais). A resposta a essa aparente complexidade é, na realidade, simples: uma vez que *nacionalidade* é a única categoria abaixo de *cor*, na ausência de um adjetivo nessa posição, a derivação por movimento *roll-up* ou do NP resulta na mesma sequência superficial.

Por fim, a autora propõe uma restrição sobre as possibilidades dos Agr<sup>0</sup>s se combinarem com o traço [N]:

(436) *Categorial Feature Uniformity (CFU)*

For class X if X is not merged with a categorial feature [N], then for any class Y when Y selects X, Y also does not bear [N].

(PANAYIDOU, 2013:232)

Essa seria a restrição responsável por impedir ordens como “*cor*<sub>GREGO</sub> > N > *nacionalidade*” (em que o Agr<sup>0</sup> do adjetivo de *nacionalidade* não teria o traço [N], enquanto o de *cor*, sim). De acordo com Panayidou, essa ordem não é impossível em CMA, mas o adjetivo anteposto tem leitura focalizada, o que leva a crer que sua posição seja derivada de seu movimento para uma posição de Foco, e não da presença do traço [N].

Tal restrição, portanto, proibiria o movimento *roll-up* ou do NP com adjetivos mais baixos se um adjetivo mais alto ficasse *in situ* (i.e. seu Agr<sup>0</sup> apresentasse o traço [N]), mas permitiria que os Agr<sup>0</sup>s de adjetivos mais baixos se combinassem com [N] e que adjetivos mais altos posteriormente requeressem o movimento do núcleo (como em (435)), do NP ou de todo o constituinte (como ocorre em inglês com os ocasionais adjetivos pospostos, em que toda a sequência de adjetivos pré-nominais e mais o nome se move sobre eles, que estão em uma posição mais alta na estrutura).

Enquanto isso se verifica para o CMA, os dados do PB em que o adjetivo pré-nominal tem escopo sobre o pós-nominal colocam um problema:

- (437) a. o [*suposto* [professor *chinês*]]  
 b. a [*nova* [proposta *interessante*]]

Os adjetivos pré-nominais, nesses casos, necessariamente estão mais altos que os pós-nominais, como pode ser constatado pelas relações de escopo estabelecidas entre eles. Não temos evidência para crer que “suposto” ou “nova”, nessas estruturas, estejam em uma posição de Foco, já que sua leitura não é marcada. Assim, temos duas opções: ou assumimos que esses adjetivos estão na posição em que foram gerados — e, nesse caso, a restrição em (436) ou estaria erroneamente descrita, ou seria ao menos parametrizável; ou a posição pré-nominal em que se encontram é fruto de movimento para alguma posição que não Foco (talvez, como propôs Prim (2015)), e não de seus Agr<sup>0</sup>s terem se combinado com o traço [N].

Nesse momento, não nos parece claro qual dessas opções seja a mais interessante; portanto, deixaremos essa questão em aberto.

Assim, pela proposta de Panayidou, o movimento do nome ou do NP passa a ser motivado pela necessidade de se preservar o traço [N] na projeção estendida do N. Existem naturalmente muitos pontos que ainda requerem mais refinamento e justificação, como, por exemplo, o que motivaria os Agr<sup>0</sup>s a se combinarem com o traço categorial [N], já que essa possibilidade sem restrições levaria a proposta a sobregerar com facilidade. Temos evidência de que essa operação esteja de alguma forma ligada às classes dos adjetivos da camada FP,

pelas razões expostas ao longo dessa seção, mas isso não por si só nos esclarece quanto a como esse processo de fato ocorre.

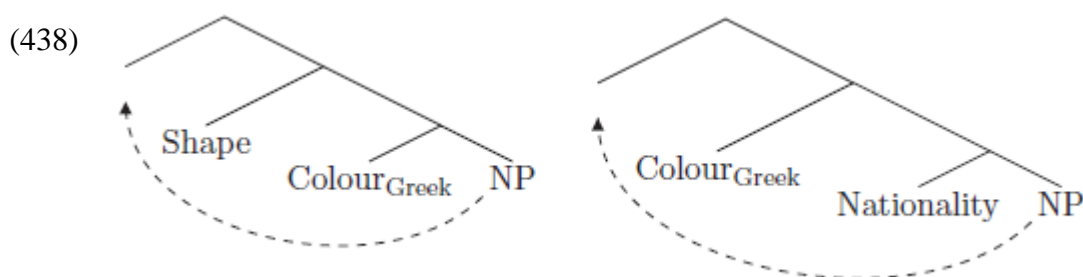
Em resumo, essa proposta é ainda um tanto incipiente, e requer a verificação de sua aplicabilidade em uma gama maior de línguas para atestar sua abrangência. Entretanto, sua capacidade em explicar os dados complexos do CMA é certamente um argumento a seu favor.

### 4.3. A alternativa simétrica

Mencionamos algumas vezes, ao longo desse trabalho, que uma alternativa a muitos dos problemas colocados às propostas de análise que buscam explicar a ordem espelhada por meio de movimento seria recorrer a uma explicação simétrica, em que a maioria dos adjetivos seria gerada na posição em que aparecem na superfície. Uma vez que se assumisse que adjuntos podem tanto ser projetados para a esquerda quanto para a direita, línguas em que os adjetivos exibem a ordem universal espelhada seriam nada mais que a própria ordem universal, mas com os adjuntos projetados à direita.

Por um lado, essa alternativa analítica é aparentemente bastante tentadora, uma vez que, a primeira vista, diminuiria significativamente o aparato teórico que precisaríamos mobilizar para derivar as ordens entre as línguas; no entanto, à medida que nos afastamos dos casos mais homogêneos e começamos a analisar línguas com um comportamento mais complexo, vemos que essa alternativa não é necessariamente mais simples.

Panayidou (2013) examinou como as ordens em CMA poderiam ser derivadas a partir de uma análise simétrica. Para os adjetivos de origem grega (*nacionalidade*, *formato* e *cor<sub>GREGO</sub>*) que podem aparecer tanto antepostos quanto pospostos, a proposta é mais simples: eles seriam gerados sempre à esquerda, com o posterior movimento opcional do NP sobre eles:



(PANAYIDOU, 2013:238-239)



Com os adjetivos nativos de *qualidade* e *dimensão*, também se poderia propor que fossem projetados à esquerda (uma vez que exibem a ordem universal não espelhada na posposição); diferentemente dos adjetivos em (438), no entanto, o movimento do NP seria obrigatório:

(439)

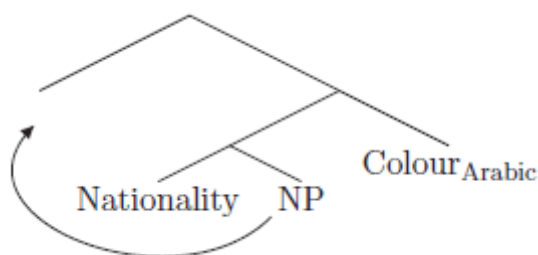


(PANAYIDOU, 2013:239)

Quanto aos casos em que os adjetivos de origem grega licenciam os adjetivos de *qualidade* ou *dimensão* na anteposição, Panayidou hipotetiza que algum princípio nesse sentido também poderia ser proposto no caso de uma proposta simétrica.

A diferença nas análises se dá com os adjetivos de *cor*<sub>ÁRABE</sub>. Como já expusemos, esses adjetivos aparecem na ordem espelhada com os adjetivos de *nacionalidade*, mas na ordem universal com as demais categorias. A autora observa que, como são sempre pós-nominais, é razoável se supor que sejam projetados sempre à direita; os adjetivos de *nacionalidade*, por outro lado, parecem ser projetados à esquerda em todos os contextos, à exceção de quando ocorrem com adjetivos de *cor*<sub>ÁRABE</sub>, de modo que somos obrigados a assumir que essa também seja sua estrutura nessas construções:

(440)

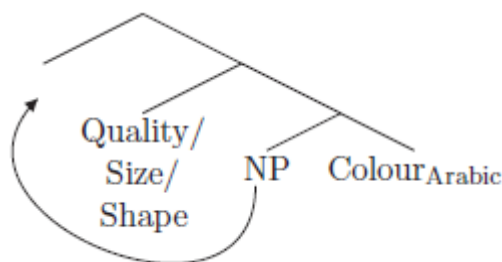


(PANAYIDOU, 2013:240)

Somos obrigados a assumir que o NP se move para alguma posição acima do adjetivo de *cor* para derivar corretamente a ordem espelhada.

Com outras classes, temos a mesma estrutura, com a diferença de que, ao invés de estarem abaixo do adjetivo de *cor*<sub>ÁRABE</sub>, elas estão em posições mais altas:

(441)



(PANAYIDOU, 2013:240)

O movimento do NP é obrigatório devido à presença do adjetivo de *cor*<sub>ÁRABE</sub>.

Panayidou aponta que, por mais que a derivação das ordens seja possível nessa análise, as construções com adjetivos de *cor*<sub>ÁRABE</sub> apresentam alguns dilemas. Em primeiro lugar, as estruturas em (440) e (441) são marcadas no sentido de Abels & Neeleman (2007)<sup>150</sup>, uma vez que há movimento obrigatório do NP e, ao mesmo tempo, as ramificações não seguem a mesma direcionalidade — como a autora ressalta, em (440) a ramificação é primeiro à esquerda, depois à direita, e depois novamente à esquerda. Além disso, nessa proposta, não é claro por que o movimento do NP deveria ser obrigatório em (441) com o adjetivo de *formato*, já que essa classe pode aparecer anteposta. A ordem “*formato* > NP > *cor*<sub>ÁRABE</sub>”, no entanto, só é possível se o adjetivo de *formato* estiver focalizado. Na proposta antissimétrica, isso é derivado pelo princípio da uniformidade exposto em (436): como o Agr<sup>0</sup> do adjetivo de *cor*<sub>ÁRABE</sub> não carrega o traço [N], as classes acima dele também não o fazem, e é a ausência de [N] que desencadeia o movimento. Como os adjetivos de *cor*<sub>ÁRABE</sub> já são gerados à direita, no entanto, na análise simétrica não haveria um gatilho para o movimento.

Além disso, Panayidou aponta que tal proposta não prevê a correlação entre a morfologia dos adjetivos e os movimentos requeridos por eles. Os adjetivos de origem árabe se dividem, nessa perspectiva, em dois grupos: *qualidade* e *dimensão* ramificam-se para à esquerda e requerem o movimento do NP sobre eles, enquanto *cor* simplesmente se ramifica à direita, e adjetivos de origem grega têm o movimento opcional a menos que coocorram com um adjetivo de *cor*<sub>ÁRABE</sub>. Como a autora aponta, uma vez que já temos que assumir algum tipo de movimento, parece menos custoso adotar uma proposta com alguns tipos diferentes de movimento que “uma proposta em que alguns adjetivos se ramificam à direita, outros à esquerda, e não há generalizações claras sobre quando o movimento é opcional e quando é obrigatório” (p.241).

<sup>150</sup> ABEL, Klaus; NEELEMAN, Ad. *Universal 20 without the LCA*. 2007. Disponível em <<http://ling.auf.net/lingbuzz/000279>>

Quando consideramos o fenômeno das AOR de uma perspectiva ampla, há ainda uma outra generalização que uma análise simétrica não consegue explicar. De uma maneira geral, línguas com adjetivos antepostos ao nome apresentam as AOR em uma versão muito mais restritiva que aquelas em que os adjetivos são preferencialmente pospostos. Em inglês, grego e mandarim, por exemplo, sequências que não respeitam a ordem universal são bastante marcadas e requerem contextos específicos de uso; em hebraico ou em árabe moderno, por outro lado, as AOR são tão mais enfraquecidas que alguns autores chegaram a sugerir que, na realidade, os adjetivos exibiam ordem livre (como apontado por Shlonsky, 2004, nota 22). Em uma proposta de análise simétrica, não esperaríamos encontrar tal assimetria, já que a única diferença na estrutura entre essas línguas seria a direcionalidade da ramificação dos APs (ou projeções funcionais em que estão hospedados). Na outra perspectiva, por outro lado, é esperado que construções que não envolvam nenhum tipo de movimento sejam mais rígidas que construções em línguas em que movimento é possível.

Em resumo, mesmo que uma análise simétrica consiga dar conta dos dados, a proposta em que todos os adjetivos são gerados à esquerda e as ordens são derivadas por movimento ainda nos parece menos custosa e, portanto, mais interessante.

#### 4.4. A estrutura adjetival em PB

Em PB, como vimos, não temos evidências para crer que haja uma ordem rígida entre os adjetivos pós-nominais, e mesmo a identificação de ordens preferenciais não parece ser unânime. Considerando-se o panorama translinguístico, porém, isso não significa um impedimento à aplicação de teorias unificadoras como a de Cinque (2010), uma vez que a ausência de exibição as AOR não é rara entre as línguas do mundo. Em PB, tal comportamento potencialmente poderia ser atribuído ao fato de que, à exceção dos classificativos, todos os adjetivos pós-nominais em PB podem ser predicativos e, logo, podem aparecer em modificação indireta<sup>151</sup>.

A partir das propostas embrionárias de análise apresentadas ao longo deste capítulo, podemos assumir que os adjetivos classificativos seriam os mais baixos na projeção estendida do nome (na perspectiva de Svenonius (2008), estariam inseridos em  $\sqrt{P}$ ), e seus Agr<sup>0</sup>s nunca

---

<sup>151</sup> Panayidou (2013) coloca a questão de se línguas em que adjetivos podem aparecer tanto antepostos quanto pospostos (e línguas com todos os adjetivos pospostos e em ordem espelhada) realmente teriam a possibilidade da modificação direta na posição, uma vez que a ordem preferencial nessas línguas (quando existe) é raramente tão rígida quanto em línguas com adjetivos pré-nominais.

seriam concatenados com o traço [N] em PB. Assim, a ordem entre eles seria motivada unicamente por questões de escopo, e o NP necessariamente se moveria sobre eles.

Em relação aos adjetivos intersectivos de *nacionalidade* e *cor*, e geralmente também os de *formato*, o movimento sobre eles seria igualmente obrigatório.

Com os subsectivos, no entanto, o movimento seria opcional. Podemos imaginar que essa opcionalidade seja derivada de os núcleos de seus AgrPs poderem ou não ser concatenados com o traço [N]. Caso o Agr<sup>0</sup> apresente o traço, o adjetivo permanece pré-nominal e seu segundo argumento é obrigatoriamente identificado com a classe do nome-núcleo; caso o Agr<sup>0</sup> não seja concatenado ao [N], o NP deve necessariamente se mover sobre ele, e a identificação da classe de comparação com o nome é opcional. Podemos hipotetizar, assim, que a identificação do segundo elemento com o nome seja influenciada pela presença ou não desse traço. Seria tentador sugerir uma proposta no sentido contrário: que a presença *do traço* fosse decorrente da presença do nome no PP silencioso (a classe de comparação) que faz parte do AP<sup>152</sup>, conforme o trabalho de Mckinney-Bock (2010).

Contudo, isso levaria à conclusão de que, sempre que estivesse posposto (ou seja: na ausência do traço [N] antes do movimento), o adjetivo deveria ser interpretado de maneira absoluta, o que não parece ser o caso. Assim, temos duas opções: ou o Agr<sup>0</sup> do adjetivo não necessariamente é concatenado com o traço [N] mesmo na presença de um nome no PP interno ao AP (i.e. o adjetivo com o segundo argumento preenchido pelo nome-núcleo requer o movimento do NP ou de um constituinte maior, e acaba posposto); ou é possível que, na ausência do traço [N], o segundo argumento do adjetivo seja opcionalmente identificado com o nome após o movimento (e decorrente transmissão do traço [N] a AgrP e a FP), ou então por questões pragmáticas. De toda forma, a observação de que o nome se move apenas opcionalmente sobre os adjetivos subsectivos permanece.

Outra possibilidade aventada em alguns momentos desse trabalho, porém, é a de que todos os adjetivos pós-nominais em PB (à exceção dos classificativos) estejam em modificação indireta. Tal explicação estaria em consonância com a aparente ausência das AOR nessa língua. Contudo, para que essa proposta realmente pudesse ser levada adiante, seria necessário primeiro que se confirmasse a ausência de preferências de ordem em PB (por meio de algum tipo de experimento, por exemplo). Além disso, outros fatores precisam ser melhor investigados, como a possibilidade de termos modificação paralela em PB: apesar da

---

<sup>152</sup> Apesar de ser uma explicação atraente, além do problema apontado na sequência no texto, há também a questão de que praticamente todos os adjetivos em inglês são pré-nominais, inclusive os intersectivos que, a princípio, não apresentariam uma classe de comparação.

leitura hierárquica ser a preferencial, como apontado na nota 66, há casos em que aparentemente podemos ter ambiguidade.

Mesmo que os dados do mandarim apontem que a distinção entre leitura hierárquica e paralela não está relacionada à dicotomia modificação direta/indireta, considerando-se que a única proposta colocada até o momento faz uso dessas noções, uma descrição apropriada dos dados do PB nesse sentido poderia contribuir para o entendimento da questão, assim como nos indicar se temos como, nessa língua, encontrarmos adjetivos em modificação direta na posposição.

Ainda que não tenhamos como aferir, sem um experimento mais detalhado, a presença ou não das AOR em PB, existem outros aspectos da sintaxe dos adjetivos para os quais temos algumas pistas e que implicariam na necessidade de um certo enriquecimento da estrutura proposta por Cinque (2010). Como já apontado na seção 1.1.2.3.3, temos evidência de uma posição alta no DP para o superlativo. Cinque (2010) observa (nota 13, p.124) que, quando no superlativo, o adjetivo pode ter escopo inclusive sobre orações relativas:

- (442) a. o [[*velho* casaco] que está corroído pelas traças]  
 b. o [mais *velho* [casaco que está corroído pelas traças]]<sup>153</sup>

Como, em (442a), o adjetivo não tem escopo sobre a relativa, mesmo que adotássemos a proposta de Prim (2015) quanto à presença de uma posição pré-nominal para a qual o adjetivo pós-nominal se moveria, o contraste com (442b) nos leva a crer que a posição do superlativo seja ainda mais alta que a dos demais adjetivos antepostos. Se não ocupam a mesma posição, no entanto, isso leva à pergunta se é possível que algum adjetivo coocorra com o superlativo:

- (443) ?a mais *louca inacreditável* aventura da minha juventude

A aceitabilidade de tais sequências em PB precisaria ser melhor avaliada, mas a possibilidade de termos tais construções em inglês, como já exposto no final do capítulo 01 (originalmente, (174) e (175)),

<sup>153</sup> A oração relativa nesse caso também pode ter leitura explicativa, mas deixaremos essa opção de lado.

- |       |                                   |                                         |
|-------|-----------------------------------|-----------------------------------------|
| (444) | a. a <i>long white</i> plane      | a. *?the <i>long whitest</i> plane      |
|       | b. #a <i>white long</i> plane     | b. the <i>whitest long</i> plane        |
| (445) | a. a <i>nice small</i> apartment  | a. *?the <i>nice smallest</i> apartment |
|       | b. #a <i>small nice</i> apartment | b. the <i>smallest nice</i> apartment   |
- (CINQUE, 2010)

corroborar a hipótese de termos uma posição mais alta no DP que hospede tais adjetivos. Não é claro, no entanto, se essa posição seria específica para superlativos ou se estaria disponível para quaisquer adjetivos. Uma vez que certos superlativos são obrigados a se mover — essencialmente, aqueles com mudança morfológica (e.g. “o *maior* músico” vs. “\*o músico *maior*”) —, essa talvez seja uma evidência interessante de que haveria de fato uma posição dedicada a esses adjetivos no DP, mais alta mesmo que as orações relativas (cf. (438))<sup>154</sup>. Essa é uma hipótese a ser investigada.

Outra construção vista ao longo desse trabalho que aponta para a necessidade de uma posição especial na anteposição é a coordenação. Como descrito na seção 2.2, entre outros fatores, as coordenações facilitam a anteposição de certos adjetivos. Cinque (2010) hipotetiza que adjetivos coordenados nas línguas românicas podem permanecer antepostos porque a coordenação de algum modo os legitima para se moverem para uma posição mais alta, talvez de Foco (ou, possivelmente, de Tópico, como propôs Prim (2015)). Nesse caso, seria interessante investigar se essa posição também é mais alta que as relativas, e se é possível adjetivos focalizados e adjetivos coordenados coocorrerem na anteposição — caso no qual seria preciso investigar a posição para a qual os adjetivos coordenados se moveriam. Se assumíssemos a hipótese de que os adjetivos coordenados se movem na realidade para TopP, tal como proposto por Prim, colocaria-se a questão de por que as coordenações facilitariam esse movimento, se o que basta seria que o DP estivesse marcado como [+específico].

Uma observação curiosa nesse sentido é que, da mesma maneira que adjetivos coordenados ou modificados por intensificadores podem se mover para uma posição mais alta e permanecerem pré-nominais, esses parecem ser os mesmos critérios que legitimariam que adjetivos aparecessem pós-nominais após os complementos do nome:

<sup>154</sup> Outra evidência a esse favor é apontada por Cinque (2010), que, citando Kayne (2008), relata que, em Persa, adjetivos e comparativos de uma maneira geral são pós-nominais, enquanto superlativos são pré-nominais. KAYNE, Richard. Some preliminary comparative remarks on French and Italian definite articles. IN: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. (eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*, 291-321. Cambridge, MA: MIT Press.

- (446) a. A sua agressão à Albânia, BRUTAL  
 b. A sua agressão à Albânia, improvisada e brutal  
 c. A sua agressão à Albânia, muito pouco brutal  
 d. A sua agressão à Albânia, brutal em seus efeitos  
 (PRIM, 2015:14)

À exceção de (442d), as modificações às quais o adjetivo foi submetido em (442a-c) são as mesmas que em muitos casos possibilitam a anteposição. Além disso, esses adjetivos têm leitura não restritiva, da mesma forma que a posição mais alta para a qual adjetivos coordenados podem se mover. Assim, uma possibilidade é que, nas duas construções, trata-se na realidade de uma mesma posição.

Considerar *todos* os adjetivos pré-nominais como tendo se movido para uma posição mais alta como Prim (2015) sugeriu, no entanto, não parece ser uma boa opção, pelas razões apontadas principalmente na seção 3.3. Lembremo-nos do exemplo (400), repetido abaixo:

- (447) uma *nova* proposta *interessante*  
 a. uma [[nova proposta] interessante]  
 b. uma [nova [proposta interessante]]

Adjetivos pré-nominais em geral podem ou estar sob o escopo do adjetivo pós-nominal, como em (443a), ou tomar escopo sobre ele, em (443b). Essas sequências são equivalentes, respectivamente, às seguintes:

- (448) a. uma proposta *nova interessante*  
 b. uma proposta *interessante nova*

A proposta de que um adjetivo se movesse e isso resultasse em sua anteposição na estrutura final seria capaz de explicar os exemplos em (447b)-(448b), mas seria inesperado em (447a)-(448a), uma vez que seria o adjetivo mais encaixado que teria que se mover. Para além disso, os exemplos em (398), repetidos abaixo, colocam um impedimento a mais por envolverem três adjetivos ao invés de apenas dois:

- (449) os *supostos* professores *chineses desonestos*
- a. os [[[supostos professores] chineses] desonestos]
  - b. os [[supostos [professores chineses]] desonestos]
  - c. os [supostos [[professores chineses] desonestos]]
- (BOUCHARD, 2002:124)
- (450) a. \*os professores supostos chineses desonestos
- b. \*os professores chineses supostos desonestos
  - c. \*os professores chineses desonestos supostos

Como os referenciais nunca são autorizados a se moverem em PB, poderíamos dizer que essa classe não concorre com as demais (ainda que a razão disso também precisasse ser investigada). Entretanto, na ordem em (449a), “desonestos” é um adjetivo que pode plenamente ser anteposto (“os *desonestos* professores”) e está menos encaixado; além disso, “supostos” aparece ainda mais interno que os referenciais, que supostamente bloqueariam o movimento. Assim, para além dos problemas já apontados, essa análise parece um tanto custosa.

Do ponto de vista da proposta de Cinque (2010) e Panayidou (2013), porém, basta assumirmos que “supostos” sempre traz em seu Agr<sup>0</sup> o traço [N], independentemente do nível em que apareça. Se adotarmos a análise de que os adjetivos pós-nominais estão em modificação direta, porém, tanto (449b) como (449c) violariam a restrição da *Categorical Feature Uniformity* (CFU, cf. apresentada em (436)), uma vez que “suposto” estaria em uma posição mais alta que “chineses” ou que “chineses” e “desonestos” e os Agr<sup>0</sup>s destes adjetivos não apresentariam o traço [N] (motivo pelo qual os adjetivos aparecem pospostos).

Como Panayidou (2013) expõe, a análise alternativa seria considerar que adjetivos com escopo sobre adjetivos intensionais (como em (449a) e (449b)) estejam na realidade em modificação indireta, e que assim o posicionamento do adjetivo intensional seja sempre o mesmo:

- (451) a. OS [MOD IND desonestos [MOD IND chineses [MOD DIR supostos [professores]]]]
- b. OS [MOD IND desonestos [MOD DIR supostos [MOD DIR chineses [professores]]]]
  - c. OS [MOD DIR supostos [MOD DIR desonestos [MOD DIR chineses [professores]]]]



Entretanto, aparentemente não há nessas estruturas nenhuma diferença de significado de “chineses” e “desonestos” tal como aquela apontada pela autora na seção 1.1.2.3.2 em relação a “*former bright student*” vs. “*bright former student*”. Além disso, ainda que as estruturas propostas em (451) deem conta das ordens encontradas em inglês, em (451b) e (452c) continuaremos tendo a violação da CFU.

Considerando a correspondência de escopo entre (449) e (450), a possibilidade de que os adjetivos operadores tivessem posicionamento flexível e entrassem na estrutura como adjuntos poderia ser uma alternativa interessante. Na perspectiva de Svenonius (2008), bastaria assumirmos que essa classe não é limitada a nenhum dos níveis de projeção — à exceção, na realidade, dos classificativos, uma vez que estes nunca terão escopo sobre o adjetivo pré-nominal:

- (452) um *suposto* ataque *cardíaco*
- a. um [suposto [ataque cardíaco]]
  - b. \*um [[suposto ataque] cardíaco]

Um argumento potencialmente contra essa hipótese advém do dado que, com adjetivos como “suposto”, nós talvez tenhamos algum indício mais concreto da possibilidade de modificação paralela em PB:

- (453) uma *suposta* atriz *bonita*

No dado acima, duas leituras são possíveis. Em uma delas, “suposta” tem escopo sobre “atriz bonita”, e o “questionamento” do adjetivo se dá principalmente sobre a beleza da atriz. Em outra, “suposta” tem escopo somente sobre “atriz” — mas note-se que “bonita” aparentemente não tem escopo sobre “suposta atriz” (tal como alguns adjetivos pospostos podem ter escopo sobre adjetivos pré-nominais): os dois adjetivos parecem modificar o nome independentemente. Caso essa possibilidade se confirmasse, a análise de “suposto” (e demais operadores) como sendo um adjetivo de posicionamento livre (e, possivelmente, um adjunto) ou como um adjetivo exclusivamente de modificação direta (como propõe Panayidou) estaria sujeita às discussões sobre que estruturas realmente subjazem as leituras paralela e hierárquica. Ainda que tenhamos apontado, na seção 4.2.1, que alguns dados parecem contrariar a hipótese de que tais propriedades estejam essencialmente vinculadas à modificação direta, tais

contraexemplos são em relativamente pouca quantidade até o momento e, portanto, não excluem a possibilidade de que essa proposta esteja correta.

Uma observação a se fazer é que uma premissa dessa proposta como um todo é que o escopo dos adjetivos seja definido na estrutura “de base”, uma vez que é isso que permite que a construção espelhada exiba as mesmas relações de escopo em relação à ordem universal pré-nominal. Entretanto, retomando a discussão introduzida pela posição dos superlativos, é possível que adjetivos focalizados ou coordenados/modificados tenham escopo sobre adjetivos pós-nominais, e aparentemente mesmo sobre relativas:

(454) a [VERGONHOSA [história que você me contou]] (não a ENGRAÇADA)<sup>155</sup>

Uma vez que se assuma que nada é gerado nessas posições, como especificador de uma projeção de Foco, o adjetivo aparentemente passa a ter escopo sobre o restante *após* o movimento, o que a princípio poderia ser um problema. Entretanto, a natureza dos movimentos em cada caso é diferente. Como Nevins (2011) aponta, é geralmente assumido que sintagmas *rolled-up* são necessariamente reconstruídos em LF; o movimento para posições A', entretanto, é de outro tipo. Assim, não há problemas em adjetivos focalizados e/ou coordenados/modificados (que potencialmente tenham se movido para uma posição mais alta a definir) tenham escopo sobre o resto.

Um quarto comentário a ser feito acerca da estrutura dos adjetivos em PB diz respeito aos adjetivos ditos “intensificadores”. Como indicamos ao final da seção 2.1.4, há indícios de que alguns adjetivos antepostos constituam uma classe separada; além de terem suas interpretações influenciadas por adjetivos em posição pós-nominal, esses itens também apresentam posições preferenciais em relação a outros adjetivos na anteposição:

(455) a. um *grande* cachorro  
 b. um *grande* cachorro *branco* (leitura física)

<sup>155</sup> Talvez, nesse caso, seja possível até mesmo a elipse do nome, geralmente impossível com adjetivos pré-nominais. Digamos que, em uma roda de conversa, B tivesse contado muitas histórias para A. A, então, insiste para que B também conte algumas dessas histórias para os outros membros da roda, dizendo algo como “Se é pra contar pra eles uma daquelas histórias que você me contou, então conta a VERGONHOSA, é a mais engraçada!”. Poderíamos dizer que, como “vergonhosa” pode ser pós-nominal, talvez ele não esteja realmente na anteposição. Entretanto, “\*a história que você me contou vergonhosa” é impossível. No teste de Guimarães (2011):

- (i) O Júlio contou uma DIVERTIDA história ontem...  
 ... e o Pedro contou [uma [VERGONHOSA ~~história~~]].

Parece-me que é necessário haver uma ênfase no adjetivo, presumivelmente resultado do foco.

- c. uma *bela* dançarina  
 d. uma *bela* dançarina *loira* (leitura física)  
 (456) a. um *velho querido* amigo (Marcada)  
 b. um *querido velho* amigo  
 c. ??um *grande heroico* soldado (Marcada)  
 d. um *heroico grande* soldado  
 e. ?uma *bela hábil* dançarina (Marcada)  
 f. uma *hábil bela* dançarina

A ordem preferencial (cf. (456)<sup>156</sup>), em especial, parece uma pista importante, uma vez que outros adjetivos pré-nominais não exibem tal propriedade:

- (457) a. as *famosas incríveis* tortas da minha avó  
 b. as *incríveis famosas* tortas da minha avó  
 (458) a. as *admiráveis competentes* secretárias  
 b. as *competentes admiráveis* secretárias

As diferentes ordens naturalmente desencadeiam interpretações ligeiramente distintas, mas os dados acima não exibem preferências tão salientes quando comparados a (456).

Encontramos uma evidência interessante para a existência dessa classe no barese urbano<sup>157</sup>. Andriani (2015) relata que, nessa língua, o acesso dos adjetivos à posição pré-nominal é limitado: somente um adjetivo pode figurar em posição pré-nominal por vez, e somente onze adjetivos podem ser antepostos — *bbu(è)nə* ('bom'), *màlə* ('ruim'), *bbéllə* ('belo'), *bbrüttə* ('feio'), *bbràvə* ('habilidoso'), *grànnə* ('grande'), *pòvərə* ('pobre'), *vècchijə* ('velho'), *sàndə* ('santo'), *jàldə* ('alto') e *vàscə* ('baixo'). O autor aponta que esses adjetivos apresentam diferentes níveis de fossilização em termos de forma fono-morfológica, interpretação e posição sintática; entretanto, conclui que

all Barese pre-nominal APs [show] non-literal, 'subjective/figurative' interpretations, mainly expressing the speaker's rudimentary positive or negative evaluation or opinion on the referent, rather than denoting any intensional/extensional property of it [...]

(ANDRIANI, 2015)

<sup>156</sup> A lista original, com mais exemplos, está em (288)-(290).

<sup>157</sup> Dialeto do sudeste da Itália falado em Bari, Apulia.

Tal observação vai no mesmo sentido da leitura avaliativa apontada por Boff (1991) para os adjetivos antepostos em PB, com a diferença crucial (e, portanto, bastante interessante) de que, em barese, tais adjetivos constituem uma classe fechada. Andriani também assume a hipótese de Cinque (2010) acerca das projeções funcionais e do movimento para AgrP:

- (459) (\**pələzzàtə*) *bbèllə* (\**grèssə*) àgə̀nə də grà̀nə *grèssə* *pələzzàtə*  
limpo.pl. belo.pl gordo.pl. grão.pl de trigo.sg. gordo.pl. limpo.pl  
“belos grãos de trigo grandes limpos”
- (460) a. [DP [FP3 IP [SpecIP PRO [I° [IndAP *pələzzàtə*]]]] [F3° [FP2 [DirAP *bbèllə* [F2° [FP1 [dirAP *grèssə*] [F1° [NP [N àgə̀nə [PP də grà̀nə]]]]]]]]]]]  
b. [DP [FP3 IP [SpecIP PRO [I° [IndAP *pələzzàtə*]]]] [F3° [FP2 [DirAP *bbèllə* [F2° [AgrF1P [NP àgə̀nə də grà̀nə<sub>i</sub> [AgrF1° [FP1 [dirAP *grèssə*] [F1° [NP [N ~~àgə̀nə~~ [PP ~~də grà̀nə~~]]]]]]]]]]]]]  
c. [DP [AgrF3P [DirAP *bbèllə*] [àgə̀nə də grà̀nə<sub>i</sub>] [DirAP *grèssə*]] [AgrF3° [ImAP *pələzzàtə*]]] ...  
(ANDRIANI, 2015)

O autor assume uma posição acima das outras formas de modificação direta chamada *valor*, que seria responsável pela interpretação avaliativa (e demais propriedades) desses adjetivos:

- (461) DirAP<sub>VALOR</sub> < NP < dirAP < ImAP

Boff (1991) havia rejeitado a possibilidade de um núcleo ‘AVAL’ com base na observação de que, em PB, podemos ter mais um de adjetivo anteposto. De fato, não parece possível assumirmos que a leitura avaliativa de todos os adjetivos pré-nominais em PB seja derivada dessa posição; para além do problema de mais de um adjetivo poder figurar na anteposição, temos também que nem todos os adjetivos apresentam leituras subjectivas/figurativas ou não literais, e, ainda que tendam a ser não-restritivos, alguns podem interagir com a extensão do nome.

Entretanto, para o conjunto de adjetivos que estamos considerando — “velho”, “belo” e “grande” —, as propriedades descritas por Andriani se aplicam, além de coincidirem com os conceitos designados por alguns dos adjetivos da classe fechada do barese. Esse mesmo

argumento nos leva a reconsiderar a conclusão a que havíamos chegado em relação a “pobre” na seção 2.1.4, uma vez que esse adjetivo também está manifestado nessa língua.

A comparação com o barese, portanto, nos dá indícios de que esses adjetivos realmente ocupam uma posição específica no DP. Todavia, diferentemente do que havia sido previamente proposto, essa não parece ser uma posição de intensificação propriamente dita, uma vez que essa propriedade por si só não seria capaz de dar conta da interpretação avaliativa desses adjetivos; a similaridade existente entre a intensificação e  $FP_{VALOR}$  provavelmente se deve ao fato de que, para figurarem nesta posição, os adjetivos precisam de alguma forma estarem esvaziados de seu conteúdo semântico, como descreveu Andriani (em termos de “fossilização”) e como também podemos ver no PB ao compararmos a interpretação desses itens lexicais na anteposição e na posposição.

Quanto à posição na estrutura que  $FP_{VALOR}$  ocuparia, o autor assume uma posição mais alta (como exemplificado em (461)) devido à maior parte dos adjetivos dessa classe ser originalmente de *qualidade* ou de *dimensão*. Em PB, temos evidência de que esses adjetivos preferem a posição mais próxima em relação ao nome comparados a outros adjetivos antepostos; se aceitarmos a proposta de que estes se encontram hospedados em TopP, porém, a análise de Andriani pode ser mantida.

Dados como aqueles em (455) poderiam contrariar essa proposta, a depender de como fossem interpretados. Se adotássemos a hipótese de que a leitura dos adjetivos antepostos é direcionada pelos pospostos por algum princípio pragmático ou de processamento, isso não implicaria em um problema para a análise aqui desenvolvida tal qual delineada; entretanto, se assumíssemos que essa diferença de leitura tem fundo sintático — e.g. em PB,  $FP_{VALOR}$  precisaria selecionar o NP diretamente, a relação não podendo ser intermediada por outros FPs como de *dimensão* ou *formato* —, poderíamos tanto hipotetizar que a posição dessa categoria é mais alta (e, portanto, não é projetada quando há a presença das categorias intersectivas) quando mais baixa (e então são as categorias intersectivas que não são projetadas na presença de  $FP_{VALOR}$ ). Considerando que, nos exemplos fornecidos por Andriani, os adjetivos de *valor* coocorrem com outros pós-nominais, talvez encontrássemos uma resposta mais econômica na primeira hipótese. O contraste entre o barese e o PB se explicaria, possivelmente, pelos adjetivos em PB não estarem tão esvaziados (ou mesmo gramaticalizados) em relação aos daquela língua.

Por último, se esses adjetivos não parecem ser propriamente intensificadores, talvez encontremos essa classe a partir de um outro conjunto de itens lexicais. Foltran & Nóbrega (2015) defendem que, à parte dos advérbios intensificadores prototípicos como “muito”,

“extremamente”, “completamente”, etc., também encontramos no DP adjetivos que funcionam como intensificadores. Eles dividem tais itens em quatro classes:

- I. **Adjetivos intensificadores inovadores:** adjetivos pospostos que passaram a ser empregados em posição anterior ao elemento modificado, denotando uma intensificação, ou seja, projetando uma escala de avaliação — *tremendo(a)*, *bruto(a)*.
- II. **Intensificadores com características nominais:** intensificadores que apresentam um correspondente nominal — *puta*, *senhor(a)* e *baita*.
- III. **Intensificadores de origem clássica ou inglesa:** intensificadores de origem grega, latina ou inglesa, comumente analisados como formas prefixais — *mega*, *hiper*, *super* e *big*.
- IV. **Modificadores adnominais escalares:** elementos que apenas modificam nomes escalares (e.g. *idiota*, *fumante*) — *verdadeiro*, *total*, *grande*, *completo* e *perfeito*.

(FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

Os autores seguem Morzycki (2012)<sup>158</sup> em distinguir os itens lexicais em IV dos adjetivos de I a III. Para ele, itens como “verdadeiro” não são realmente adjetivos: eles apresentam uma contraparte adjetival — no caso de “verdadeiro”, a interpretação oposta a “falso” —, mas, diferentemente delas, não podem ser usados predicativamente. Adicionalmente, veremos adiante que, apesar de compartilharem de muitas propriedades dos adjetivos intensificadores, o desempenho deles em um dos testes essenciais para a identificação dessa categoria é consideravelmente pior.

Foltran & Nóbrega identificam uma série de propriedades morfosintáticas e sintáticas dos intensificadores. Em primeiro lugar, em termos de ordem linear, intensificadores sempre aparecem antepostos ao nome:

(462) posição pré-nominal	posição pós-nominal
a. um <i>baita</i> homem	a'. *um homem <i>baita</i>
b. uma <i>bruta</i> chuva	b'. *uma chuva <i>bruta</i>
c. um <i>tremendo</i> vendaval	c'. um vendaval <i>tremendo</i>
d. um <i>puta</i> livro	d'. *um livro <i>puta</i>
e. uma <i>senhora</i> festa	e'. *uma festa <i>senhora</i>
f. uma <i>mega</i> promoção	f'. ?uma promoção <i>mega</i>
g. uma <i>hiper</i> declaração	g'. *uma declaração <i>mega</i>

<sup>158</sup> MORZYCKI, Marcin. The several faces of adnominal degree modification. In: CHOI, J. et al. *Proceedings of the 29<sup>th</sup> West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2012, p. 187-195.

- h. uma *super* festa  
(FOLTRAN&NÓBREGA,2015)
- h'. \*uma festa *super*

Com a exceção de (458c'), nenhum intensificador pode aparecer posposto. A razão para o comportamento diferenciado de “tremendo” pode se dever ao fato de esse adjetivo ser mais recente em termos de seu uso intensificador que alguns dos demais.

Uma segunda propriedade é a categoria lexical dos elementos modificados. Alguns adjetivos intensificadores podem modificar também outros adjetivos (cf. (460)), outros modificam apenas nomes (cf. (459)), e a classe III é capaz de modificar verbos (ainda que com uma leitura distinta de seu uso no DP) (cf (461)):

- (463) a. Ela comprou um *senhor* aspirador de pó.  
b. Eles tomaram um *bruto* susto.
- (464) a. Eu achei esses caras uns *baita* sacanas com a pobre menina.  
b. Ela está *mega* empolgada com a festa.
- (465) a. Eu *super* falo isso.  
b. Eu *mega* iria no show da Madonna.  
(FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

Ainda nesse sentido, dois intensificadores dificilmente podem modificar um nome juntos sem que haja uma pausa entre eles:

- (466) a. \*eu sempre tenho uma *puta mega* cólica.  
b. ?Ele tem um *senhor tremendo* emprego.  
c. \*Eles compraram um *mega baita* avião.  
d. \*Ela deu uma *super bruta* festa.  
(FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

A terceira propriedade listada pelos autores é a concordância. Ainda que haja uma razoável variação entre os adjetivos, a maioria deles para não exibir marcas de concordância — nem de número, nem de gênero:

- (467) a. Ela trabalha com uns *baita*/?*baitas* homens.  
b. Sempre acontece uns *tremendo*/*tremendos* vendaval(is) nessa cidade.

- c. Eles importaram uns *puta/\*putas* aviões.
  - d. Ele adora umas *mega/?megas* promoções.
  - e. Nós compramos uns *hiper/\*hiper(e)s* apartamentos.
  - f. Elas sempre vão a umas *super/\*super(e)s* festas.
- (468) a. Fez duas *senhoras* apresentações no Carnegie Hall.
- b. Ele levou uma *bruta* pancada.
- (FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

“Senhor(a)”, “bruto(a)” e “tremendo(a)” tem especial facilidade em exibir tanto concordância de gênero como de número, como é visível pelos exemplos acima.

Em termos dos tipos de sintagmas e sentenças em que os intensificadores poderiam aparecer, não parecem haver restrições em termos de sintagmas definidos ou indefinidos; todos os intensificadores podem aparecer em sentenças exclamativas (e.g. “Que *baita* peixe!”); e, à exceção de “tremendo”, nenhum dos adjetivos parece poder figurar em posição predicativa.

Por último, e mais importante, é a possibilidade de esses adjetivos aparecerem em construções com duplicação do determinante, uma vez que essa estrutura é particular a essa classe:

- (469) a. Um *baita* de um animal.
- b. Uma *bruta* de uma sacanagem.
  - c. Um *puta* de um carro.
  - d. Um *senhor* de um cargo.
  - e. Um *tremendo* de um vexame.
  - f. Um *mega* de um show.
  - g. Um *hiper* de um apartamento.
  - h. Uma *super* de uma oferta.
  - i. Uma *big* de um festa.
- (FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

É nesse teste que os modificadores nominais escalares, como “verdadeiro”, tiveram um desempenho que os distinguiu dos intensificadores propriamente ditos. Após conduzirem um teste de aceitabilidade online, os autores observaram que essa classe de uma maneira geral é pouco aceita nessa construção se comparada aos demais adjetivos.



Foltran & Nóbrega pontuam, ainda, que esses adjetivos intensificadores podem coocorrer em sintagmas com adjetivos pospostos:

- (470) a. Um *baita* homem musculoso.  
 b. Uma *bruta* chuva forte.  
 c. Um *tremendo* cara feio.  
 d. Um *puta* cara lindo.  
 e. Uma *senhora* cara feia.  
 f. Um *mega* carro esportivo.  
 g. Uma *super* ideia louca.  
 h. Um *hiper* desconto repentino.  
 i. Uma *big* festa animada.  
 (FOLTRAN&NÓBREGA,2015)

Em contrapartida, assim como esses adjetivos dificilmente coocorrem uns com os outros (cf. (462)), eles também não aparecem junto a outros adjetivos antepostos, sejam eles exclusivamente pré-nominais ou de posicionamento flexível:

- (471) a. \*um *baita belo* carro/\*um *belo baita* carro  
 b. \*um *baita incrível* homem/\*um *incrível baita* homem  
 (472) a. \*uma *bruta bela* chuva/\*uma *bela bruta* chuva  
 b. \*uma *bruta assustadora* chuva/\*uma *assustadora bruta* chuva  
 (473) a. ??uma *puta bela* dançarina/\*uma *bela puta* dançarina  
 b. \*um *puta incrível* atleta/\*um *incrível puta* atleta  
 (474) a. \*uma *senhora bela* festa/\*uma *bela senhora* festa  
 b. \*uma *senhora estrondosa* festa/??uma *estrondosa senhora* festa  
 (475) a. uma *mega bela* festa/?uma *bela mega* festa  
 b. uma *mega divertida* festa/uma *divertida mega* festa<sup>159</sup>

Considerando essa distribuição, teríamos que assumir que, de alguma forma, a projeção da camada que hospeda os intensificadores barra a projeção de outras camadas que

<sup>159</sup> As construções com os intensificadores do tipo III são boas aparentemente porque esses itens podem tanto modificar outros adjetivos como, de certa forma, se incorporar aos nomes. Em (471a), por exemplo, “mega” parece modificar “bela”, e não “bela festa”.

poderiam hospedar adjetivos na anteposição, tal como Foco ou Tópico. A restrição entre intensificadores e adjetivos intensionais/operadores presumivelmente seria causada por motivos similares. Na mesma linha de pensamento da sugestão de Prim (2015) de que FocP seja projetado somente em DPs quantitacionais, por exemplo, poderíamos imaginar que os DPs que hospedam adjetivos intensificadores possuem alguma propriedade que barra a projeção de outras categorias de adjetivos pré-nominais. Assim como outros pontos destacados ao longo dessa seção, entretanto, esse é um fenômeno que demanda estudos mais aprofundados.

#### 4.5. Alguns últimos dados potencialmente problemáticos

Em face de toda a teoria apresentada até agora, os dados de algumas línguas relacionados às AOR colocam em cheque alguns dos pressupostos assumidos ao longo desse trabalho — em especial, o pressuposto de que as AOR só se aplicariam a adjetivos.

Em japonês, de acordo com Watanabe (2010), as categorias de *material* e *nacionalidade* (relembrando, aquelas mais próximas ao nome-núcleo), que são codificadas por nominais (genitivos), estão sujeitas às AOR:

- (476) a. chiri-no      kin-no      kubikazari  
           Chile-GEN    gold-GEN    necklace  
           “Chilean gold necklace”  
       b. \*kin-no      chiri-no      kubikazari  
           gold-GEN    Chile-GEN    necklace
- (477) a. hokuoo-no              ki-no      isu  
           North-Europe-GEN    wood-GEN    chair  
           “North European wooden chair”  
       b. \*ki-no      hokuoo-no      isu  
           wood-GEN    North-Europe-GEN    chair
- (WATANABE, 2010:508)

A ausência de restrições de ordem para adjetivos em japonês é tradicionalmente atribuída ao fato de que os adjetivos nesta língua apareceriam somente em estruturas de modificação indireta (logo, não sujeita ao AOR); entretanto, as categorias nominais (*não adjetivais*) acima estarem sujeitas a este fenômeno sugere que a modificação direta é possível

e segue a ordem universal, mas não está acessível aos adjetivos, e sim a genitivos. Isso não apresentaria necessariamente uma impossibilidade à proposta de Cinque (2010), mas implicaria ao menos a necessidade de se flexibilizar que tipos de categorias podem figurar nas projeções funcionais.

Nesse mesmo sentido, Panayidou (2013, nota 7) relata que, em indonésio, somente um adjetivo pode figurar por vez em posição atributiva; um segundo adjetivo tem que necessariamente ser inserido por meio de uma oração relativa. Ainda assim, a ordem entre o adjetivo e a oração relativa respeita as AOR (na ordem espelhada):

- (478) a. piring *putih* yang *besar* itu  
 plate white which big that
- b. #piring *besar* yang *putih* itu  
 plate big which white that
- “O prato branco grande”  
 (PANAYIDOU, 2013:9)

A ordem em (478), em que o adjetivo de *dimensão* aparece antes do adjetivo de *cor*, só é possível em contextos em que o adjetivo de *cor* esteja contrastivamente focalizado.

Se essas estruturas em indonésio de fato configuram orações relativas, um grande problema se coloca para a hipótese de Cinque (2010), uma vez que a distinção entre modificação direta e indireta é um dos pilares fundadores de toda a estrutura proposta por ele e sobre a qual os trabalhos subsequentes se apoiaram.

Uma possibilidade é que o entendimento comum quanto à natureza da modificação indireta precise ser alterado; de fato, como já apontado a partir do mandarim, nem todo adjetivo em modificação indireta é predicativo (se considerarmos que os adjetivos seguidos por “de” em mandarim estejam em modificação indireta), e isso talvez signifique que a diferença entre a modificação direta e indireta não tenha por base esta ter como fonte orações relativas reduzidas. Por outro lado, abandonar esse ponto significaria deixar de lado a interessante correlação entre as leituras exibidas por adjetivos em posição predicativa e aqueles identificados como estando em modificação indireta.

De toda forma, ainda que não tenhamos certeza quanto a qual seja o impacto real desses dados na proposta de Cinque, consideramos que é essencial que esses dados sejam abordados em trabalhos futuros.

## Considerações finais

Este trabalho não teve como objetivo apresentar uma nova proposta analítica, e sim delinear, tão claramente quanto possível, quais são os dados e fenômenos envolvidos quando tratamos de adjetivos atributivos nas línguas naturais.

Começamos por apresentar quais são as propriedades da posição atributiva que a diferenciam da predicativa. Adjetivos em posição atributiva, de uma maneira geral, podem apresentar duas leituras distintas, sendo uma delas identificada com aquela da posição predicativa, e uma delas exclusiva aos adjetivos adnominais. Na literatura, convencionou-se, a partir do trabalho de Sproat & Shih (1991), chamar a esta de *modificação direta*, e àquela, de *modificação indireta*. Outro fenômeno exclusivo à posição atributiva são as Restrições de Ordenamento de Adjetivos, chamadas ao longo desse trabalho de “AOR”. Em muitas línguas, a sequência em que as classes nocionais de adjetivos figuram está sujeita a certas restrições; translinguisticamente, foi observado na literatura que o ordenamento resultante dessas restrições é sempre o mesmo na anteposição, podendo ser exatamente igual ou espelhado na posposição, o que levou alguns autores a chamarem essa ordem de “ordem universal”. Com alguma variação no refinamento, podemos descrevê-la da seguinte forma:

(479) Qualidade > Dimensão > Formato > Cor > Nacionalidade > N  
(CINQUE, 1994:26)

Apontamos ainda uma propriedade comumente negligenciada dos adjetivos atributivos que é sua possibilidade de, quando concatenados, apresentarem leitura paralela ou hierárquica. Na leitura paralela, cada adjetivo modifica o nome independentemente, similar a estruturas coordenadas; entretanto, a construção diferencia-se de coordenações por exibir marcas entoacionais distintas — ou, melhor dito, não exibir pausas entre os adjetivos. Em algumas línguas, como o Galês ou demais línguas celtas, esta é a leitura preferencial dos adjetivos adnominais. A leitura hierárquica, por outro lado, é aquela em que cada adjetivo tem escopo tanto sobre o nome quanto sobre os demais adjetivos abaixo de si. Em PB, esta parece ser a leitura preferencial.

Com o panorama translinguístico delimitado, passamos então para os dados dos adjetivos em PB. Retomamos os principais trabalhos feitos sobre essa classe de palavras para essa língua, como o estudo seminal de Borges Neto (1979) e os posteriores de Boff (1991),

Menuzzi (1992), Nunes-Pemberton (2000) e Müller, Negrão & Nunes-Pemberton (2002). Em geral, todos esses trabalhos, em maior ou menor grau, sublinharam as diferenças de interpretação entre as posições pré e pós-nominais, fornecendo subsídios para a compreensão desse fenômeno. Borges Neto (1979) demonstrou a possibilidade de que os adjetivos modifiquem não apenas a extensão, como também a intensão dos nomes, principalmente quando antepostos. Boff (1991), por sua vez, trouxe para o foco a leitura comumente avaliativa que os adjetivos em posição pré-nominal exibem. Menuzzi (1992) procurou explicar as diferentes propriedades de distribuição dos adjetivos a suas estruturas argumentais, especulando que todos os adjetivos antepostos precisariam ter ao menos dois argumentos. Nunes-Pemberton (2000), por outro lado, defendeu que nem todos os itens identificados como adjetivos na área à esquerda do nome pertencem, de fato, a essa classe, e sugeriu que alguns deles fossem reclassificados como quantificadores, dêiticos e intensificadores. Por último, Müller, Negrão & Nunes-Pemberton (2002) propuseram dois grandes feixes prototípicos de categorias que descreveriam o comportamento dos adjetivos em PB.

Após essa revisão, focamo-nos na seção 2.2 em aspectos mais refinados da sintaxe dos adjetivos, reavaliando a proposta de Perini (2007) e retomando os trabalhos de Guimarães (2011), Glienke (2013) e Deschamps, Glienke e Guimarães (2013). Ainda que a anteposição seja em larga escala determinada lexicamente, vimos evidências de que certas estruturas sintáticas, como peso, coordenações e modificação morfológica e sintática podem influenciar na possibilidade um adjetivo aparecer anteposto e, acrescentando aos trabalhos revisados algumas observações próprias, estabelecemos algumas generalizações quanto ao comportamento dos adjetivos em PB.

Uma vez que tanto os dados translinguísticos quanto os do PB haviam sido descritos tão bem quanto possível, trouxemos à discussão o trabalho de Cinque (2010), central na literatura sobre adjetivos. O autor propõe que a estrutura subjacente para os adjetivos em línguas germânicas e românicas é a mesma: cada classe nocional de adjetivos ocupa a posição de especificador de uma projeção funcional dedicada, e as diferentes ordens entre as línguas são derivadas por movimento — não apenas do nome ou do NP, mas também de constituintes maiores. Contemplamos brevemente algumas alternativas que procuram não enriquecer tanto a sintaxe, tentando ao invés disso acomodar as AOR em termos de semântica e cognição, como Dirven (1999) e Rosato (2013), mas concluímos que suas propostas são insuficientes para dar conta dos dados relatados. Discutimos também o estudo de Prim (2015) para o PB, o qual, apesar de fornecer alguns mecanismos interessantes — como a proposta de movimento

para Tópico e Foco — e assinalar alguns pontos até então negligenciados (nomeadamente, a influência dos determinantes na posição dos adjetivos, a maior facilidade de anteposição de adjetivos quando em contextos irrealis, assim como a relação entre leituras genéricas e a presença de modificadores adjetivais), tem sua abrangência empírica um tanto reduzida ao não considerar os dados translinguísticos, que sua proposta não consegue explicar. Realçamos na sequência algumas vantagens de propostas que colocam um peso maior na sintaxe, e apresentamos algumas questões que ainda necessitavam de mais elaboração.

O último capítulo é, em grande parte, um esboço de caminhos de pesquisa que podem ser traçados a partir daquilo que foi visto nos capítulos anteriores. Buscamos responder à crítica quanto à não fundamentação das projeções funcionais trazendo o trabalho de Svenonius (2008), que apresenta bases para ao menos algumas delas a partir da distribuição de classificadores em algumas línguas. Como não temos evidências (ainda?) para o número de projeções necessárias para comportar todas as classes nocionais sugeridas na literatura, especulamos que algum princípio sintático como o advogado por Mckinney-bock (2010) poderia ser o responsável pelo ordenamento de mais de um adjetivo adjungido a uma mesma camada; ressalvamos, no entanto, que assumir adjetivos como adjuntos impossibilita a derivação da ordem espelhada a partir de uma mesma estrutura.

Quanto à ausência de motivação para o movimento de constituintes na proposta de Cinque (2010), referimo-nos ao trabalho de Panayidou (2013), que propõe como solução que o movimento ocorra para garantir que todas as camadas na projeção estendida do nome apresentem o traço categorial [N]. Vimos também sua sugestão para a distinção entre a modificação paralela e a modificação hierárquica. A autora sugere que essa dicotomia tenha como base uma diferença estrutural: adjetivos poderiam ser núcleos ou especificadores de projeções funcionais dedicadas, e essas duas construções resultariam respectivamente nas leituras paralela e hierárquica. O dado trazido por Cheung (2012) de que essas leituras estão disponíveis a adjetivos em modificação direta em mandarim, porém, parece contrariar essa hipótese.

Na seção seguinte, expusemos uma análise alternativa que assume as mesmas projeções funcionais de Cinque (2010), mas que, ao invés de movimento, assume uma abordagem simétrica em que as projeções possam se ramificar ou para a esquerda, ou para a direita. Apesar de essa explicação também ser capaz de dar conta da maior parte dos dados, consideramos a partir do exemplo do CMA que ela é potencialmente mais custosa que a previamente apresentada, além de não fornecer embasamento para a generalização de que

línguas com adjetivos antepostos costumam exibir ordens mais rígidas que línguas com adjetivos pospostos.

Retomamos então algumas questões sobre a sintaxe dos adjetivos PB que haviam ficado em aberto: primeiro, que análise poderíamos fazer para os adjetivos nessa língua à luz do que havia sido apresentado no capítulo anterior; e, então, a necessidade de enriquecer a estrutura funcional à esquerda do nome com projeções que hospedem os superlativos, os intensificadores (como apresentados por Foltran & Nóbrega, 2015), e os adjetivos de *valor*. Fizemos também uma breve discussão sobre qual seria, afinal, a posição ocupada pelos adjetivos “operadores”/intensionais, e se seria possível considerar algumas construções com esses itens como instanciando a modificação paralela em PB.

Por último, apresentamos dados curiosos do japonês e do indonésio que parecem contrariar o pressuposto geral de que a modificação direta e as AOR estivessem relacionadas apenas a adjetivos.

Esperamos, ao longo desse trabalho, termos conseguido demonstrar que o panorama translinguístico em relação aos adjetivos atributivos é rico demais, e ao mesmo tempo coeso o suficiente, para que qualquer proposta seja feita considerando-se apenas uma única língua. Consideramos que a proposta de Cinque (2010), junto aos desenvolvimentos de Panayidou (2013), seja o melhor caminho de análise atualmente disponível na literatura (ainda que os pontos feitos na seção 4.4 precisem ser levados em consideração), e que os problemas eventualmente enfrentados por essa proposta não são ainda em tanta e tão considerável quantidade para que tenhamos que abrir mão da esperança de conseguirmos chegar a uma estrutura única e universal.

## Referências bibliográficas

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Noun Phrase in the Generative Perspective* (Studies in Generative Grammar 71). Berlin & New York: Mouton de Gruyter. 2007.

ANDRIANI, Luigi. Adjectival positions in Barese. Handout de artigo apresentado no 45<sup>th</sup> *Linguistic Symposium on Romance Languages*, UNICAMP, Campinas, 8 de maio de 2015.

ARCODIA, Giorgio F. The Chinese Adjective as a word class. In: SIMONE, R. & MASINI, F. (eds.). *Word Classes: Nature, typology and representations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. 2014. p. 95–118.

BOFF, Alvana. A Posição dos Adjetivos no Interior no Sintagma Nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica. 1991. 110p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

BORGES NETO, José. Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

BOSQUE, Ignacio; PICALLO, Carme. Postnominal adjectives in Spanish DPs. *Linguistics*, 32, p. 349-385, 1996.

BOUCHARD, Denis. *Adjectives, number and interfaces: why languages vary*. Oxford: Elsevier, 2002.

CHEUNG, Candice C. H. Adjectival Modification in Mandarin - Evidence for the Adjunction Analysis. *Studies in Chinese Linguistics*, vol. 33, n.º 1, p. 41-62, 2012.

CHOMSKY, Noam. *Current Issues in Linguistic Theory*. The Hague: Mouton, 1964.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA.: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht, Holland: Foris Publications, 1982.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CINQUE Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. In: CINQUE G.; KOSTER J.; POLLOCK J.-Y.; RIZZI L.; ZANUTTINI R.. *Paths Towards Universal Grammar*. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994. p. 85-110.

\_\_\_\_\_. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 2010.



\_\_\_\_\_. The semantic classification of adjectives. A view from syntax. *Studies In Chinese Linguistics*, 35, p. 3-32, 2014.

DESCHAMPS, Thais; GLIENKE, Anne Liese; GUIMARÃES, Maximiliano. *Fatores sintáticos alteradores da ordem canônica dos adjetivos atributivos pós-nominais em PB*. Rio de Janeiro, UFRJ: II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ, 2013. (Comunicação Oral)

DIRVEN, Rene. The cognitive motivation for adjective sequences in attribution. *Journal of English Studies*, I (1), p.57-67, 1999.

DIXON, Robert. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective. In: DIXON, Robert. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra. Y. (Ed.). *Adjective Classes: A Cross-linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press. 2004. p. 1-49.

FOLTRAN, M. J. G. D. ; NÓBREGA, V. A. . Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online). No prelo.

GLIENKE, Anne Liese. *Aspectos da Morfossintaxe Fina dos Modificadores Adjetivais do Nome*. Relatório de Iniciação Científica. Curitiba: UFPR, 2013.

GUIMARÃES, Maximiliano. *Restrições Morfo-Sintáticas sobre os APs internos ao DP em PB*. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: ABRALIN, 2011. v. 1. p. 3273-3283.

IHSANE, Tabea; PUSKÁS, Genoveva. Specific is not Definite. *Generative Grammar in Geneva*, 2, 2001, 39–54.

KEMMERER, David; WEBER-FOX, Christine; PRICE, Karen; ZDANCZYK, Cynthia; WAY, Heather. Big brown dog or brown big dog? An electrophysiological study of semantic constraints on prenominal adjective order. *Brain and Language*, 100, p. 238-256, 2007.

KEMMERER, David; TRANEL, Daniel; ZDANCZYK, Cynthia.. Knowledge of the semantic constraints on adjective order can be selectively impaired. *Journal of Neurolinguistics*, 2008. doi:10.1016/j.jneuroling.2008.07.001

KENNEDY, Chris; MCNALLY, Louise. Color, Context and Compositionality. *Synthese*, 174, p.79-98, 2010.

KUBO, Yoshihiro; TEI, Rai. A Note on Direct and Indirect Modification. *The bulletin of Central Research Institute Fukuoka University, Humanities, Series A*, p.27-37, 2013.

LAENZLINGER, Christopher. French adjective ordering: perspectives on DPinternal movement types. *Lingua*, 115, p.645–689, 2005.

LARSON, Richard K. Events and modification in nominals. In: LAWSON, A.; STROLOVITCH, D. (Eds.) *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT) VIII*, 145–168. Ithaca, NY: Cornell University, 1998.

MCKINNEY-BOCK, Katy. Adjective Ordering Restrictions: Exploring Relevant Semantic Notions for Syntactic Ordering. In *Proceedings of the Arizona Linguistics Circle 3*, 2010.

MCLAUGHLIN, F. Is there an adjective class in Wolof? In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *Adjective Classes: A Cross-linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press. 2004.

MENUZZI, S. Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos. 1992. 194p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

MÜLLER, Ana L.; NEGRÃO, Esmeralda V.; NUNES-PEMBERTON, Gelza. “Adjetivos no Português do Brasil: Predicados, Argumentos ou Quantificadores?”, in M. B. M. Abaurre e A. C. S. Rodrigues (orgs.), *Gramática do Português Falado*, vol. VIII. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002. p.317-344.

NEVINS, Andrew. Convergent Evidence for Rolling Up Catalan Adjectives. *Linguistic Inquiry*, 42(2), p.339-345, 2011.

NUNES-PEMBERTON, Gelza. M. *Os adjetivos antepostos do Português Falado no Brasil*. 2000. 94p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FFLCH, USP, São Paulo.

PANAYIDOU, Fryni. (In)flexibility in Adjective Ordering. Tese. London: Queen Mary, University of London, 2013.

PAUL, W. Adjectives in Mandarin Chinese: The rehabilitation of a much ostracized category. In: CABREDO HOFHERR, P.; MATUSHANSKY, O. (Eds.). *Adjectives: Formal analyses in syntax and semantics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2010. p. 115–152

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2009.

PRIM, Cristina. *A Sintaxe de Adjetivos nas posições Pré- e Pós-nominal*. 2010. 110p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. *A Sintaxe dos Adjetivos em Português Brasileiro*. 2015. 158p. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

ROSATO, E. *Adjective order in English: A semantic account with cross-linguistic application*. 2013. Dietrich College Honors Theses. Paper 189.

SCOTT, Gary-John. Stacked adjectival modification and the structure of nominal phrases. In CINQUE, Guglielmo (ed), *Functional structure in DP and IP*, 91–120. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SEGERER, Guillaume. *Closed adjective classes and primary adjectives in African Languages*. HAL - CCSD, 2008.

SHLONSKY, Ur. The form of Semitic noun phrases. *Lingua*, 114, p.1465–1526, 2004.

SPROAT, Richard; SHIH, Chilin. The cross-linguistic distribution of adjective ordering restrictions. In: GEORGOPOULOS, C. & ISHIHARA, R. (Eds.). *Interdisciplinary Approaches to Language. Essays in honor of S.-Y. Kuroda*. Dordrecht et alibi: Kluwer, 1991. pp. 565-592.

SVENONIUS, Peter. Adjective position in the decomposition of DP. In: MCNALLY, L.; KENNEDY, C. (Eds.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*, 16–42. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SOHN, H. The Adjective Class in Korean. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *Adjective Classes: A Cross-linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press. 2004. p. 223-241.

TEODORESCU, Alexandra. Adjective Ordering Restrictions Revisited. In BAUMER, D.; MONTERO, D.; SCANLON, M. (eds), *Proceedings of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics*, 399-407. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006.

TRUSWELL, Robert. Attributive adjectives and nominal templates. *Linguistic Inquiry*, 40, p.525–533, 2009.

WATANABE, A. Direct Modification in Japanese. *Linguistic Inquiry*. V. 43, n.º 3, p.504-413, 2012.

WILLIS, David. Against N-raising and NP-raising analyses of Welsh noun phrases. *Lingua*, 116, p.1807–1839, 2006.

WULFF, S. A multifactorial corpus analysis of adjective order in English. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8:2, p.245-282, 2003

## Glossário

As explicações aqui não são profundas e nem discutidas em detalhe. O objetivo desse apêndice é ajudar o leitor que possa eventualmente ter se perdido em meio aos conceitos a relembrar algumas dessas definições para que possa continuar a acompanhar o texto.

### Adjetivos Classificativos

São os adjetivos que definem subconjuntos do nome, sendo bastante comumente compreendidos quase como “uma coisa só” ao invés de estabelecerem uma relação de predicação tradicional — tanto que, apesar de restritivos, não podem ser usados em posição predicativa. Por exemplo, “marinho” em “biólogo marinho”.

### Classificador

Classificadores são palavras ou afixos utilizados em algumas línguas para “classificar” nomes (por exemplo, de acordo com sua “natureza”: “pessoa”, “animal”, “objeto”, etc), mas podem apresentar algumas outras funções, e estão relacionados geralmente à presença de numerais. São mais comuns em línguas do leste asiático.

### Contexto *realis*/*irrealis*

- *Contextos realis* são aqueles em que o falante indica algo como uma declaração ou um fato; são contextos em que a ação *acontece*. Em PB, temos

o *Modo Indicativo* (com presente, passado e futuro).

- *Contextos irrealis*, por outro lado, são aqueles em que as situações ou eventos descritos (ainda) não aconteceram (de acordo com o conhecimento do falante). Em PB, temos o *Modo Subjuntivo* e o *Imperativo*.

### Cópula

“Cópula” é o nome dado a uma palavra (geralmente um verbo) que serve para unir um sujeito a um predicado, sem ela mesma acrescentar muito à interpretação. Em PB, os verbos copulares tradicionais são “ser” e “estar”. Em inglês, o verbo “to be” faz as vezes de ambos.

### Especificidade

“Especificidade” é a propriedade de alguns sintagmas nominais de identificarem entidades/referentes como únicos em um determinado contexto, mesmo que o sintagma em si seja indefinido. Por exemplo: “Eu tenho *um amigo* que ama esportes”, em um contexto em que o falante tenha uma pessoa específica em mente.

### **Extensionalidade/Intensionalidade**

A “extensão” ou “intensão” de um nome ou adjetivo se refere aos indivíduos que ele seleciona no mundo (extensão) e às propriedades internas da própria definição (intensão). Como Borges Neto (1991) exemplifica, a *extensão* dos “bípedes implumes” e dos “humanos” é a mesma, mas a *intensão* desses dois sintagmas é distintas. Adjetivos que modificam a *extensão* do nome são adjetivos intersectivos (ou subsectivos), que não interagem com as propriedades do nome, e sim influenciam no conjunto delimitado por ele. Adjetivos *intensionais*, por outro lado, interagem com algum outro aspecto que não a extensão — por exemplo, “suposto”, em “um *suposto* assassino”, que faz com que o próprio pertencimento do referente à classe denotada pelo nome seja colocada em questão.

### **Individual-level/Stage-level**

Predicados “*individual-level*” são entendidos como denotando propriedades inerentes, não transitórias, enquanto predicados *stage-level* denotariam exatamente o contrário. Por exemplo: “as estrelas *visíveis*” pode ter tanto a leitura de “estrelas que são sempre visíveis/que têm a propriedade de serem visíveis” (individual-level) como “as estrelas visíveis nesse momento” (stage-level).

### **Intersectividade (adjetivos intersectivos, não-intersectivos, subsectivos)**

Dentro da teoria de Conjuntos, trata-se da propriedade de os adjetivos definirem um conjunto. Os adjetivos podem ser intersectivos, subsectivos ou totalmente não intersectivos.

- *Intersectivos*: adjetivos que conseguem delimitar um conjunto. Por exemplo, “vermelho” delimita “o conjunto das coisas com a propriedade de serem vermelhas”.
- *Subsectivos*: são adjetivos incapazes de delimitar um conjunto completo por si só, mas que conseguem delimitar subconjuntos dentro da extensão definida pelo nome. Por exemplo, “grande”, como em “uma formiga *grande*”.
- *Não intersectivos*: adjetivos que não podem ser compreendidos a partir da teoria dos conjuntos. Por exemplo, “falso”, como em “uma arma *falsa*” (o objeto não faz sequer parte do conjunto delimitado por “arma”).

### **Posição Atributiva/Predicativa**

- Adjetivos que aparecem dentro do DP, portanto junto ao nome, estão em *posição atributiva*. Por exemplo: “um brinco *vermelho*”.
- Adjetivos que aparecem separados do nome-núcleo por um verbo, ou não

formam com ele um sintagma, por outro lado, estão em *posição predicativa*. Por exemplo: “um brinco que é *vermelho*”, “o brinco é *vermelho*” ou “eu considero o brinco *vermelho*”.

### **Restritividade**

“Restritividade” em relação aos adjetivos está relacionada à forma como o adjetivo é interpretado em relação à extensão delimitada pelo nome. Por exemplo: “as *entendiantes* aulas” vs. “as aulas *entendiantes*”. Com o adjetivo posposto, a leitura preferencial do adjetivo é *restritiva*, ou seja, com o adjetivo delimitando o conjunto das “aulas entendiantes” dentro do conjunto maior “aulas”. Com o adjetivo anteposto, entretanto, a leitura preferencial é *não-restritiva*, i.e. todas as aulas são entendidas como sendo “entendiantes” (“entendiante” é compreendido como sendo uma propriedade de “aulas”).

### ***Small Clause***

“Small Clause” é o nome dado a construções que apresentam uma estrutura sujeito-predicado mas que não apresentam tempo e cuja constituência não é clara. Por exemplo: “Eu considero [a Maria bonita]”.